

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

FABRÍCIO SCHIAVO AVILA

**POLARIDADE E POLARIZAÇÃO NO SÉCULO XXI:
Impactos Políticos da Transição Demográfica.**

Porto Alegre, novembro de 2013.

FABRÍCIO SCHIAVO AVILA

**POLARIDADE E POLARIZAÇÃO NO SÉCULO XXI:
Impactos Políticos da Transição Demográfica.**

Versão final destinada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Políticas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Doutor em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Marco Cepik

Orientador:
Prof. Dr. Marco Cepik

Porto Alegre, 8 de novembro de 2013.

FABRÍCIO SCHIAVO AVILA

**POLARIDADE E POLARIZAÇÃO NO SÉCULO XXI:
Impactos Políticos da Transição Demográfica.**

Versão final destinada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Políticas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Doutor em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Marco Cepik

Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik (Orientador) - UFRGS

Dr. Alcidez da Costa Vaz - UnB

Dr. André Luís Reis da Silva - UFRGS

Dr. Luís Alexandre Fuccille - Unesp

Porto Alegre, 8 de novembro de 2013.

Para Maria de Lourdes Schiavo Avila.

Agradecimentos

Inicialmente, agradeço ao prof. Dr. Marco Cepik pela paciência e dedicação na orientação deste trabalho. Igualmente, ao prof. Dr. Fabiano Engellmann do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS. Não poderia deixar de agradecer aos professores Dr^a Maria Noll, Dr. Maurício Moya e Dr. André Marengo, do mesmo Programa, pelos ensinamentos. Não obstante, meus colegas de pós-Graduação, especialmente, aos meus amigos Gabriel Adams, Igor Castellano, Livia Arsego, Lucas Rezende, Marcelo Kanter, João Arthur Reis, César Lucianno Filomena e Alpha Diallo. Não poderia deixar de ser esquecido, Bruno Stéfani, secretário do programa.

Envio um agradecimento especial aos membros do Nerint/CEGOV, prof. Dario Texeira, prof. Dr. Paulo Vizentini, prof. Dr. José Martins e prof. Dr. Lucas Kerr pela dedicação especial na minha carreira acadêmica.

Envio outro agradecimento para duas pessoas que, sem elas, não teria chegado até aqui: à prof^a Dr^a Elizabeth Torresini e à ex-secretária UFRGS PPG RI Beatriz Accorsi.

Aos meus colegas de trabalho, especialmente, Anderson Borin, Carlos Guex, Mário da Silva, Gilberto Job, Paulo Souto, Rodrigo Ferreira, Antônio Accorsi, Sidney Barth e Wando Hilgert pela amizade e apoio.

Aos meus amigos, Felipe Bersh, Isabela Fruet, Khalil el-Asmar, Paulo Campos, Márcia Olive, Karina Golbert, Nígia Arsego, Rafael Wainstein, Ilzaglei Souza, Carlos Kakehke, Milena Farias, Bianca Costa, Cláudio Guimarães, Eduardo Soraes, Carla Havelha, especialmente ao Luiz Dornelles, Knulp Villar e Thiago Borne pelo apoio constante no caminho trilhado.

Aos familiares Verinha Berlitz, Ênio Berlitz, Aristóteles Mello, Liége Kuplich Voss, Antônio Avila, Wanderley Nunes, Ronaldo Nunes, Patrícia. Especialmente, Regina Rodrigues, Dino Schiavo (*in memoriam*), Beth Perez e Iazodhara Nunes.

Ao meu irmão Fábio Schiavo Avila e meu pai José Adão Nunes Avila (*in memoriam*) pelo exemplo de caráter e dever.

À minha querida esposa, Taciana Monteiro pelo carinho e amor constantes.

Dedico à minha mãe, Maria de Lourdes Schiavo Avila, minha primeira professora, que permitiu e incentivou a continuidade dos meus estudos, com sua inteligência e capacidade de observação, foi uma fonte de inspiração.

*"A vitória na Grande Guerra (1914-1918) será de quem possuir o último milhão de homens."
(Marechal-de-Campo Lord Kitchener, 1914)*

RESUMO

A política, no sistema internacional do século XXI, será impactada pelas mudanças na base demográfica dos países. Ao mesmo tempo, aumenta a necessidade de Estados com acesso a tecnologias de ponta, ou seja, de grande polaridade, de utilizarem os recursos humanos de países em crescimento para a maximização de poder. O processo impacta a polarização com novas alianças de países. O uso da força necessita de pessoas para a defesa e a garantia da sobrevivência do Estado na Anarquia. Principalmente, em um cenário de guerra sistêmica com a utilização de armas nucleares que constituem as fiadoras das operações convencionais. Concomitantemente, a quantidade de pessoas na força de trabalho é a base das políticas de dissuasão nuclear dos Estados devido a capacidade de sobrevivência a um segundo ataque.

Palavras-chave: conscrição, armas nucleares, polaridade, polarização, Waltz, Mearsheimer, Tilly.

ABSTRACT

The policy in the twenty-first century international system, will be impacted by changes in the demographic base of countries. At the same time, increases the need for States with access to advanced technologies, ie, high polarity, use of human resources for countries to maximize growth of power. The polarization process impacts of new alliances with countries. The use of force requires people to defend and guarantee the survival of the state in Anarchy. Especially in a war scenario with the systemic use of nuclear weapons which are the guarantors of conventional operations. Concomitantly, the number of people in the workforce is the cornerstone of nuclear deterrence policies of the states over the survivability of a second attack.

Key-words: conscription, nuclear weapons, polarity, polarization, Waltz, Mearsheimer, Tilly.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tempo para a Democracia.	41
Gráfico 2 - População dos Estados Europeus em 1836.	66
Gráfico 3 - Posição demográfica da Europa em relação ao mundo em 2050.	73
Gráfico 4 - Posição demográfica da Europa em relação ao mundo em 1950.	75
Gráfico 5 – Reservistas Estadunidenses (1990-2010).	75
Gráfico 6 - Crescimento anual da população continental 1950-2050.	76
Gráfico 7 - Imigração continental.	78
Gráfico 8 - Acréscimo na força de trabalho mundial até 2050.	81
Gráfico 9 - Decréscimo na força de trabalho mundial até 2050.	86
Gráfico 10 - População absoluta afegã e paquistanesa projetada para 2050.	88
Gráfico 11 - População absoluta indiana e chinesa.	89
Gráfico 12 - População dos Estados de Maioria Islâmica.	94
Gráfico 13 – População Absoluta de Uganda e Rep. Dem. do Congo.	105
Gráfico 14 - Pirâmide etária brasileira.	125
Gráfico 15 - População sul-americana.	131
Gráfico 16 - Fertilidade total brasileira.	132
Gráfico 17 - Relação entre rendimento de artefatos nucleares e densidade demográfica de alvos.	153
Gráfico 18 - Relação entre rendimento de artefatos nucleares e densidade demográfica de alvos.	154
Gráfico 19 - Armas nucleares táticas e tropas terrestres.	155
Gráfico 20 - Gráfico explicativo da tese.	183
Gráfico 21 - Homens na Força de Trabalho em Cabul, Afeganistão.	187
Gráfico 22 - Atrito Projetado de 2009 a 2050.	188

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Região do Rio São Lourenço em 1774.....	54
Mapa 2 – Populações de Origem Germânica na Europa em 1914.	67
Mapa 3 - Taxa de crescimento da força de trabalho.	77
Mapa 4 - Estimativa densidade da força de trabalho no mundo para 2050.	79
Mapa 5 - Mudança na força de trabalho no mundo para 2050.....	80
Mapa 6 - Estimativa da força de trabalho africana para 2050.	104

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Crise Hegemônica Estadunidense: colapso ou transição?	49
Figura 2: Hipótese de cercamento da África.	106
Figura 3 - divisões chinesas antes da modernização.....	117
Figura 4 - demonstração de ataque com JSOW.	118
Figura 5 - Perfil topográfico das linhas de Torres Vedras.	129
Figura 6 - Simulação de detonação de uma ogiva de 20kt sobre Mumbai, Índia. ...	139
Figura 7 - Posicionamento de tropas e armas nucleares táticas.....	156
Figura 8 - Localização da bases norte-americanas na Europa com armas nucleares táticas.....	157
Figura 9 - Trajetória inicial do ICBM.	158
Figura 10 - Exército regular iraquiano em 1991.	162
Figura 11 - Guarda Republicana Iraquiana em 1991.	168
Figura 12 - Hipótese de organização das tropas da <i>Al-Qaeda</i>	175
Figura 13 - Hipótese da origem da organização das tropas do <i>Hezbollah</i>	178
Figura 14 - Navios de Patrulha da Marinha Iraquiana 1991-2003.....	179
Figura 15 - Atrito projetado para a Rússia em 2009.....	186
Figura 16: Força de Trabalho e Atrito em Cabul, Afeganistão.....	189

LISTA DE TABELAS

Anexo A - Tabela 1 - Dados do Gráfico 1:.....	210
Anexo B - Tabela 2 - Dados do Gráfico 2:.....	211
Anexo C - Tabela 3 - Dados dos gráficos 3 e 4.....	212
Anexo D - Tabela 4 - Dados do Gráfico 5:	213
Anexo E - Tabela 5 - Dados do gráfico 6.	214
Anexo F - Tabela 6 - Dados do gráfico 7 (em milhares de imigrantes):	215
Anexo G - Tabela 7 - Dados do gráfico 8	216
Anexo H - Tabela 8 - Dados do gráfico 9:	220
Anexo I - Tabela 9 - Dados dos gráficos 10, 11 e 13.	222
Anexo J - Tabela 10 - Dados do Gráfico 12:	223
Anexo L - Tabela 11 - Dados do gráfico 14.....	225
Anexo M - Tabela 12 - Dados dos gráficos 15.	226
Anexo N - Tabela 13 – Dados do gráfico 16	227
Anexo O - Tabela 14 - Dados dos Gráficos 17, 18 e 19:.....	228
Anexo P - Tabela 15 - Dados do gráfico 20:	229
Anexo Q - Tabela 16 – Dados do gráfico 21:	234
Anexo R - Tabela 17 - Dados do Gráfico 22:.....	235

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

- ABM:** *Anti-Ballistic Missile*. Míssil anti-balístico.
- ACM:** *Advanced Cruise Missiles*. Míssil de cruzeiro avançado.
- ALCM:** *Air Launched Cruise Missile*. Míssil de cruzeiro lançado do ar.
- APC:** *Armoured Personal Carrier*. Veículo Blindado de Transporte de Tropas.
- ASAT:** *Anti-Satellite Weapon*. Arma Anti-Satélite.
- BEF:** *British Expeditionary Force*. Força Expedicionária Britânica (de 1914)
- CEP:** *Circular Error Problable*. Provável Erro Circular.
- CEE:** Comunidade Econômica Europeia.
- CFE:** *Conventional Forces in Europe*. Forças Convencionais na Europa.
- CIA:** *Central Intelligence Agency*. Agência Central de Inteligência (Norte-Americana).
- DEW:** *Direct Energy Weapons*. Armas de Energia Direta
- DF:** *Dong Feng*. Vento do Oriente. Designação dos mísseis chineses.
- EPL:** Exército Popular de Libertação, da República Popular da China.
- GPS:** Global Positioning System. Sistema de posicionamento global.
- HPM:** *High Powered Microwaves*. Microondas de alta-potência.
- ICBM:** *Inter-Continental Ballistic Missile*. Míssil Balístico Intercontinental
- INF:** Intermediate-Range and Shorter-Range Nuclear Forces. Forças nucleares de alcance curto ou médio.
- IRBM:** *Intermediate-Range Ballistic Missile*. Míssil Balístico de Médio Alcance.
- Kiloton (kt):** unidade de medida correspondede a uma explosão de 1.000 toneladas de TNT
- LACM:** *Land Cruise Missile* (Acrônimo). Míssil de cruzeiro lançado do solo.
- MAD:** *Mutual Assured Destruction*. Destruição Mútua Assegurada.
- MBT:** *Main Battle Tank*. Blindado Principal de Batalha.
- MIRV:** *Multiple Independent Re-entry Vehicles*. Veículo de reentrada múltipla independente.
- NMD:** *National Missile Defense*. Sistema Nacional de Defesa Antimísseis.
- OPEP:** Organização dos Países Produtores e Exportadores de Petróleo
- ONU:** Organização das Nações Unidas.
- OTAN:** Organização do Tratado do Atlântico Norte.
- PIB:** Produto Interno Bruto.
- PGM:** *Precision Guided Ammunition*. Munições Guiadas de Precisão.
- RMA:** *Revolution in the Military Affairs*. Revolução nos Assuntos militares.
- RPC:** República Popular da China.
- SLBM:** *Submarine-Launched Ballistic Missile*. Míssil balístico lançado de submarino.
- SRBM:** *Short-Range Ballistic Missile*. Míssil Balístico de Médio Alcance.
- SRF:** *Strategic Rocket Forces*. Força de Foguetes Estratégicos (Rússia).
- SS:** *Surface-surface*. Superfície-superfície.
- SSBN:** *Strategic Ballistic Missile Submarine, nuclear powered*. Acrônimo que designa submarino com propulsão nuclear equipado com mísseis balísticos.
- TBM:** *Theater (or tactical) Ballistic Missiles*. Mísseis (nucleares) Balísticos de Teatro (ou tático).
- TEL:** *transporter-erector-launcher (missile platform)*. Veículo de transporte e eretor-lançador.
- UAV:** *Unmanned Aerial Vehicle*. Veículo Aéreo Não-tripulado.
- URSS:** União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.
- WMD:** *Weapon of Mass Destruction*. Armas de Destruição em Massa.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	26
I – UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: CONFLITO E FORÇA DE TRABALHO. .	42
I.1 – A importância das variáveis contextuais no estudo da Política.....	44
I.2 – Estados Unidos da América e Canadá no século XVIII: população e origem do Federalismo moderno.....	51
I.3 – Populações Europeias, Estados ou Impérios?	63
II – OS EFEITOS DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA SOBRE A POLARIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL.	73
II.1 – Estudos de caso sobre Força de Trabalho e Polaridade.	74
II.2 – Sul da Ásia.....	84
II.3 – Arábia Saudita e Irã.	91
II.4 – Península Coreana.	95
II.5 – Israel e os recursos naturais.	98
III - OS EFEITOS DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA SOBRE A POLARIZAÇÃO NO SISTEMA INTERNACIONAL.	110
III.1 – Mudanças na Polarização.....	111
III.2 – Rússia e República Popular da China.	113
III.3 – França e Brasil.....	123
III.4 – EUA e Índia.....	135
III.5 – Reino Unido e Nigéria.....	140
IV – POPULAÇÃO E DEFESA: O PROBLEMA DO ATRITO NO SÉCULO XXI.	146
IV.1 – Como seria a guerra nuclear hoje? Inventários e emprego e dos armamentos.	147
IV.2 – Como seria a guerra convencional hoje? Mobilização e prontidão	159
IV.3 – Como seriam as guerras irregulares hoje? Combatentes e não-combatentes.....	172
CONCLUSÃO.	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	194
ANEXOS:	210

INTRODUÇÃO

“Eles (os gregos) sabiam perfeitamente que o calcanhar de Aquiles que qualquer Estado pequeno é sua fragilidade diante um grande Estado. Por mais criativos e corajosos que fossem na preservação de sua independência, os atenienses não conseguiram evitar a derrota pela superioridade das forças de Felipe da Macedônia em 322 a.C., nem os séculos de dominação estrangeira que seguiram. Quando o Estado Nacional centralizado começou a emergir, as restantes cidades-Estado estavam condenadas (DAHL, 2009: 127).”

Atualmente, o Sistema Internacional assiste uma transição demográfica acelerada.¹ As mudanças demográficas em curso são caracterizadas por tendências de crescimento do número total da população mundial, principalmente, nos países em desenvolvimento.² Concomitantemente, a desaceleração do aumento da população norte-americana e europeia reduz sua força de trabalho (TODD, 2002).³ A força de trabalho nos países em desenvolvimento aumenta, ao mesmo tempo, diminui nos países desenvolvidos a quantidade de trabalhadores disponíveis, impactando a capacidade dos Estados na guerra e, conseqüentemente, esta condição alteraria os padrões de amizade e inimizade no sistema internacional.

Apesar da posse de armas nucleares estratégicas, por parte de vários Estados, uma população reduzida, não garantiria a sobrevivência de nações em caso de guerra sistêmica. Juntamente com outras variáveis estruturais, tais como tecnologia, cultura e recursos naturais, a população constitui uma realidade irreduzível da política internacional, inexoravelmente (BOBBIO, 1986).

¹ A pesquisa enquadra-se na área de Política Internacional do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² População representa a quantidade de indivíduos residentes em um Estado, sendo naturais ou não do mesmo (BONAVIDES, 2007: 72).

³ O conceito de força de trabalho é bastante amplo. A presente tese aborda o conceito da força de trabalho como força produtiva (MARX, 1991). A mesma parcela da população que produz a cultura (como superestrutura), através dos meios de produção, também reproduz a infraestrutura econômica. A tese, apesar de trabalhar com o conceito de origem marxista, analisa a força de trabalho como estrutura no Neo-Realismo Estrutural para fazer a guerra.

Os temas da polaridade e polarização envolvem o debate da relação entre população e os impactos sobre a polaridade e a polarização.⁴ Dentro do Neo-Realismo Estrutural, Waltz (1979) aborda a população como característica de uma potência, contudo, esse fator não é trabalhado, devidamente. Na Teoria Neo-Realista, descreve as estruturas políticas no seu quinto capítulo.⁵ Waltz no capítulo sétimo, relaciona causas estruturais e efeitos econômicos (WALTZ, 1979: 129-160), levando em consideração a relação entre causas estruturais e efeitos militares no capítulo oitavo (WALTZ, 1979: 161-193). A demografia não aparece explicitamente como uma estrutura política. A pesquisa pretende relacionar a transição demográfica, enquanto estrutura política, seus efeitos militares e, de modo secundário, seus efeitos econômicos pela alteração da quantidade de trabalhadores.

O conceito de Estrutura, que atende este objetivo, é oriunda da Microeconomia para Waltz (WALTZ, 1979: 89). Na Microeconomia, o Mercado é a base e a maximização do mesmo é análogo ao Estado que pretende sobreviver e maximizar o poder.⁶ Da mesma forma que a Teoria Neo-Realista Estrutural define estrutura como causa da política, isoladamente, não refere-se a uma consequência da mesma (WALTZ, 1979: 87).

Robert Dahl, no livro, *Sobre a Democracia*, debate o fator tamanho do Estado (DAHL, 2009: 105). demonstra que o tamanho maior do Estado proporciona a construção e efetividade de instituições e, da mesma forma, favorece a representação e a Democracia. Igualmente, a tese proposta tenta recuperar o debate do impacto da quantidade de população para a Política.

⁴ Por polaridade entende-se a capacidade de do Estado em maximizar poder, compreendendo os meios de utilização da força na Política, e polarização a distribuição de intenções, com impactos nas alianças estratégicas (WALTZ, 1979).

⁵ Para Waltz, uma estrutura é composta por unidades que interagem ente si e que possibilitam pensar em conjunto. O problema, segundo Waltz que não foi resolvido pelos teóricos, consiste na definição livre de estruturas e da interação dessas unidades, omitidas na interação com o nível sistêmico (WALTZ, 1979: 79-101). Desta maneira, a Demografia aparece como uma estrutura onde as unidades seriam composta pelos quantitativos das forças de trabalhos dos Estados que interagem. Desta interação, surgem mudanças na Polaridade e Polarização e, consequentemente, no Poder do Sistema Internacional.

⁶ Poder, para o Estado é o exercício de sua soberania através da liberdade de auto-organização (BONAVIDES, 2007: 115-119). Dessa maneira, somente uma força de trabalho que, ao mesmo tempo produza riquezas e que consiga fornecer uma grande quantidade de conscritos para suas forças armadas pode garantir a sobrevivência do Estado e maximizar seu poder.

O problema do Estado, desde a Antiguidade consiste na mobilização de seu povo para a sua defesa. O Ocidente, nos gregos e, principalmente, romanos definiram a representação política a partir da organização militar, como as centúrias. Apesar do advento do Estado Nacional, em 1648, o problema do deslocamento de pessoas para a defesa persiste pois o uso da força requer uma grande quantidade de conscritos para a compensação de baixas.

O referente empírico da fica delimitado à pesquisa quantitativa da transição demográfica no século XXI. As bases de dados da ONU sobre população foram digitalizadas para a simulação e cálculos das variáveis do estudo, originando a premissa abaixo descrita.

A transição demográfica apresenta crescimento explosivo das populações jovens de países selecionados na periferia do sistema internacional. Juntamente com outras variáveis estruturais tais como tecnologia, cultura e recursos naturais, a população (*demos*) constitui uma realidade irreduzível da política internacional (CURTIS, 2006: 619-639). Principalmente, no uso da força são requeridas quantidades enormes de contingentes populacionais para a manutenção dessa força.

Os conflitos possuem a base quantitativa em jovens em idade fértil recrutados, matando outros jovens em idade fértil na disputa de um território.⁷ Neste sentido, ressalta-se de salientar o papel da demografia nos conflitos, novamente. A quantidade de população é muito importante na estratégia. Somente a tecnologia, isoladamente, não pode sustentar o esforço de guerra dos países. Apesar de Estados possuírem grandes capacidades de combate oriundos de suas capacidades econômicas, os recentes exemplos das operações norte-americanas no Iraque e Afeganistão demonstraram a necessidade de uma mobilização maior de contingentes militares para as operações militares.

⁷ Obviamente, um conflito não envolve somente a disputa de territórios. Inexoravelmente, território importará por se tratar de um espaço que não é a única causa de disputa política. Existe uma mudança nos padrões de conflito recentes, como a ciberguerra, por exemplo). A cerca de 5.000 anos o ser humano tenta ocupar o espaço terrestre, a 500 anos luta no espaço marítimo, a 50 está no aeroespacial e a 5 começa a se estabelecer no espaço virtual. Peremptoriamente, o território é salientado, enquanto substrato físico, porque está intrinsecamente ligado a sobrevivência do Estado, conseqüentemente, a teoria Neo-Realista de Waltz (1979). Porque o tamanho do território materializa o poder do Estado. Futuramente, a quantidade de força de trabalho deverá ser pensada como um espaço de poder.

A Segunda Guerra Mundial garantiu a hegemonia sistêmica dos Estados Unidos da América (ARRIGHI, 2008). A fim de alcançar esse objetivo, os norte-americanos mobilizaram uma quantidade imensa de soldados envolvidos nesse esforço. Somente o exército norte-americano mobilizou mais de oito milhões de homens em 1945. Atualmente, uma economia muito mais pungente e uma população maior não são movimentadas pelos norte-americanos, os quais não obtiveram sucesso no Iraque e no Afeganistão (GILPIN, 1987).

O problema, para o Estado moderno, consiste na realização de um esforço de guerra sustentável. O Conflito em Kargil, de 1998, demonstrou que um pequeno grupo de paramilitares quase colapsou a economia indiana.⁸ Comparativamente, os Estados Unidos da América, nas intervenções no Iraque e Afeganistão, não retirou uma grande quantidade de pessoas de sua força de trabalho para a mobilização na guerra e na convocação para as suas forças armadas. Entretanto, essas medidas não evitariam que o norte-americanos sofressem a crise econômica que arrasta-se desde 2008.⁹

Atualmente, a Rússia apresenta o exemplo da mudança de capacidades de travar a guerra e das alianças oriundos da transição demográfica. Mesmo possuindo a maior quantidade de armas atômicas produzidas, não apresenta uma dissuasão crível, devido aos problemas com suas taxas de reposição da população.¹⁰ A força de trabalho, ou seja, a quantidade de população que compreende mulheres e homens na faixa dos quinze aos sessenta anos importa na relação com a taxa de fertilidade.¹¹ Essa parcela da população que está apta para o trabalho é que, nas

⁸ A hipótese consiste no colapso econômico, devido aos gastos militares, caso o esforço de guerra indiano país ultrapassasse mais três dias que o término do conflito com os paquistaneses. (CHANDRAN, 2005).

⁹ Comparativamente, os estadunidenses, na Segunda Guerra Mundial, enviaram muito mais soldados para a Europa e Ásia. Paradoxalmente, a quantidade de pessoas mobilizadas para o conflito está diminuindo, mas os gastos podem gerar crise econômica nos Estados, apesar dos mesmos não retirarem muitos trabalhadores de sua força para o conflito.

¹⁰ Neste momento cabe uma observação a Emmanuel Todd. Ele elegera no livro, *Depois do Império* (2002), a Rússia como candidata a nova hegêmona no sistema internacional. Entretanto, esse pesquisador esqueceu os limites populacionais e o decréscimo que os russos vêm sofrendo que inviabiliza seu crescimento econômico, com a perda de 600.000 habitantes ao ano que não estão sendo repostos pelas taxas baixas de reposição.

¹¹ Força de trabalho é diferente da População Economicamente Ativa (PEA) porque compreende as pessoas aptas ao trabalho, sendo o componente de pessoas

devidas proporções, consegue repor a quantidade perdida, em caso de guerra, suportando o atrito.¹² Observa-se o fenômeno empírico de que a posse de artefatos nucleares, isoladamente, não consiste em uma dissuasão com credibilidade.

Invariavelmente, os conflitos consistem na morte de jovens em idade fértil para a defesa de um determinado território, diminuindo, capturando ou cooptando a mesma força de trabalho. Neste sentido, as armas nucleares, químicas e bacteriológicas aumentam a quantidade de baixas em relação ao tempo (BAYLIS, et al, 2006: 110). Desde o advento de novas tecnologias, na esfera das operações da Guerra do Golfo de 1991, o debate sobre a demografia nos conflitos tem sido preterido na agenda de pesquisa em segurança internacional.

Desde o século XVII até a metade do século XX, a Europa foi o ambiente que acolheu a maior parte das experiências políticas do mundo Ocidental. Os europeus possuíam, em 1950, cerca de vinte e um por cento da população mundial. O continente, sendo o teatro de duas guerras mundiais, não conseguiu repor sua população de maneira satisfatória. Exemplificando, somente na Primeira Guerra Mundial, a perda de quase seis milhões de homens, na força de trabalho, teve impacto profundo na defesa do Estado da França.¹³ Desde a Segunda Guerra Mundial, as taxas de crescimento demográfico não conseguiram repor a população, satisfatoriamente.¹⁴

A população europeia é projetada para ocupar sete por cento da população mundial em 2050. Desse modo, os europeus não poderiam dispor de tropas e

mobilizáveis em conflito (FARIA, 2004). A PEA possui um interesse em estudos econômicos e, geralmente, os Estados não a convocam para não colapsar seu esforço econômico de guerra. Entrementes, seria mais plausível a convocação do exército industrial de reserva para as operações militares, ou seja, de pessoas aliadas da produção econômica para a luta.

12 Atrito compreende o custo de pessoas na guerra de aniquilamento, ou seja, a capacidade do Estado de repor suas baixas de combate e de convocar reservas (DUNNIGAN, 2003).

13 Os franceses tiveram cerca de 1.300.000 militares mortos e 4.250.000 feridos e amputados, a maioria impossibilitada de voltar ao trabalho. Na segunda metade da década de 1930, a França estava com 40.000.000 de habitantes e a Alemanha possuía 70.000.000 (ALLCORN, et al., 2003: 6).

14 A quantidade de população não pode ser repostada com facilidade. Em termos de cálculos atuariais, mesmo com uma taxa de fertilidade total de 2,11 filhote por mulher, um país conseguiria em um prazo de 20 a 50 anos, repor uma população perdida em tempo de guerra. Comparativamente, uma taxa de 1,3 filhos por mulher, dependendo das condições econômicas do país, pode levar a sua extinção do Estado em um século. Como exemplo, os soviéticos perderam 20% da população na Segunda Guerra Mundial e 50% de 1991 a 2011, com o fim da URSS (TODD, 2002).

reservas para fazer qualquer tipo de intervenção nos locais do mundo onde as necessidades de demonstração ou uso da força são requeridas pelos seus interesses estratégicos, como foi no século XIX.

O Estado russo, norte-americano, francês e britânico, mesmo possuindo armas nucleares estratégicas, não poderiam lançar intervenções nos outros continentes para atender seus interesses estratégicos, impactando a polaridade desses Estados e, concomitantemente, o sistema internacional (JERVIS, 1997). Do outro lado desse panorama, a polarização também se modifica com o padrão da busca de aliados estratégicos que possuem muitas pessoas na força de trabalho.

No contexto de transição hegemônica, a mudança da economia mundial, pode ser expressa pelo grau de dependência e importância de toda a cadeia produtiva associada às tecnologias de informação e comunicação como parcela do PIB mundial (GILPIN, 1987). Conhecida como Revolução nos Assuntos Militares (RMA), as novas tecnologias, na esfera militar, favoreceram inicialmente o ataque e que implicou em novas políticas de defesa ofensivas, como a atuação do exército norte-americano na Guerra do Golfo de 1991.¹⁵ No século XXI, as eventuais guerras irregulares, convencionais ou nucleares que ocorrerem tendem a necessitar de grandes contingentes de combatentes e reservas com elevado nível de prontidão. Países cujas políticas de defesa incluem a conscrição militar e o treinamento extensivo de reservas tendem a estar mais bem preparados para a guerra atualmente. A mesma afirmação aparece na relação com as armas estratégicas.

O advento de novas armas estratégicas nucleares digitais e armas de energia direta, baseadas em raios *laser* e microondas de alta potência (HPMs) ampliam o debate sobre as políticas de defesa dos Estados.¹⁶ Neste sentido, a polaridade e a polarização ainda aparecem como temas centrais do Sistema Internacional, porque uma eventual guerra nuclear pode levar ao colapso do Estado (WALTZ, 1979).

¹⁵ Revolução em Assuntos Militares (RMA) compreende a mudança das forças armadas pelo avanço da tecnologia. Atualmente, a informática está mudando as forças armadas, fenômeno que começou nas norte-americanas. Entretanto, esse fenômeno não é novo, teóricos no período entre-guerras mundiais (1918-1939) demonstraram o avanço do poder aéreo e das forças mecanizadas. Da mesma forma que foram criadas forças aéreas e forças terrestres mecanizadas, nosso tempo observa novas organizações oriundas do avanço dos computadores no cotidiano militar.

¹⁶ Por política de defesa dos Estados entende-se a capacidade dos mesmos em maximizar poder e garantir sua sobrevivência (WALTZ, 1983). A dissuasão estratégica, com armas nucleares materializa essa política.

Equivocadamente, *deterrence* abrange todas as formas de dissuasão.¹⁷ Tal conceito abrange o contexto de equilíbrio de poder da Guerra Fria, no enfrentamento soviético-americano na bipolaridade.¹⁸

Porém, o espectro é mais amplo para a intimidação oriunda da posse de armamentos estratégicos. A dissuasão, segundo Freedman (2003) compreende quatro conceitos. A *Deterrence*, a dissuasão clássica, oriunda da bipolaridade da Guerra Fria. *Deterence*, que seria a aquisição de armas nucleares para deter um possível ataque com armamento convencional, como os norte-coreanos praticam frente aos sul-coreanos (FREEDMAN, 2003: 303-311). *Compellence* seria forçar, compelir um adversário a adotar políticas, como os Estados Unidos da América fizeram aos iraquianos no período de 1991 a 2003. Finalmente, *Dissuasion* é a ameaça de ataque preventivo como os iranianos vem sofrendo por causa de seu programa nuclear. A relação dos conceitos de contenção nuclear dos países com o possível emprego das novas armas estratégicas, dentro do debate da polaridade concentra-se na dissuasão, no nível estratégico dentro da pesquisa.

Ao mesmo tempo, o advento das armas de energia direta pode impactar o emprego das grandes armas estratégicas. O pulso gerado pelos raios *lasers* e microondas de alta potência (HPMs) pode desarmar os mísseis balísticos de alcance intercontinental (ICBMs), assim como, cegar e desligar satélites em órbita, destruindo a cadeia de comando, controle e comunicações (C³) do inimigo.

O custo político proibitivo do uso das armas nucleares estratégicas deixaria o conflito central na esfera das operações.¹⁹ Entretanto, a grande quantidade de

¹⁷ *Deterrence* refere-se ao enfrentamento bipolar de URSS e EUA, dentro da lógica do MAD. *Compellence* consiste em forçar um Estado a tomar decisões exigidas por outro país, como o Irã frente aos EUA, atualmente, sobre o seu programa nuclear. *Dissuasion* consiste no ataque preventivo, baseado no problema do desenvolvimento de WMD, como o Iraque em 2003. Finalmente, *deterence* é oriundo da estratégia francesa de deter um ataque convencional alemão a partir da posse de armas nucleares, como a Coreia do Norte frente Estados Unidos, Coreia do Sul e Japão (FREEDMAN, 2003).

¹⁸ Devido a complexidade da tradução e da possibilidade de equívoco oriundo da interpretação de conceitos, tomou-se a liberdade de não traduzir *deterrence*, *compellence*, *dissuasion* e *deterence*.

¹⁹ A guerra, geralmente, abrange três esferas a estratégica, as operações e a tática, respectivamente, de exércitos até grupos de combate. Em caso de guerra sistêmica, armas nucleares táticas poderiam impedir as operações, atacando rotas vitais de deslocamento. A mudança de armamento nuclear, de grandes para pequenos

armamento nuclear de baixo rendimento disponível e existente, se fosse utilizado para a interdição de rotas vitais para manobras, poderia deixar o cenário estratégico semelhante ao da Primeira Guerra Mundial, onde a artilharia impediu as manobras. Concomitantemente, a dissuasão está intrinsecamente ligada a sobrevivência dos Estados. Se por um lado existem forças preocupadas na contenção e uso de armas nucleares, por outro os Estados necessitam garantir a sua sobrevivência em um sistema internacional onde, cada vez mais a polaridade acompanha as mudanças das transições hegemônicas, impactando a polarização.

O conceito da política de dissuasão estratégica dos Estados são isoladamente centrados na quantidade e qualidade de armas nucleares. Contudo, o tema da política da estratégia de dissuasão é muito abrangente.²⁰ Notadamente, quando o termo dissuasão é mencionado, observa-se mais uma vez a *deterrence*, oriunda da relação da bipolaridade da Guerra Fria (1948-1991), onde norte-americanos e soviéticos mantinham um equilíbrio dentro de suas esferas de influência. Esse tipo de controle era mantido através do receio de uma aniquilação completa, através de uma guerra nuclear. Mas, a dissuasão abrange muitas especificidades que residem em outros tipos de relações. Talvez, o tipo de relação mais antiga existente seja a *compellence*, ou seja, um Estado sozinho ou agrupado força um país e aceitar suas exigências. Evidenciam tal condição muitos exemplos históricos.

O embargo da venda de produtos para o Estado, isolando-o do resto do sistema internacional, consiste no primeiro passo dissuasório. Esse tipo de atitude dissuasora precede um ataque. Nem sempre, na *compellence*, utiliza-se o recurso da força na obtenção do objetivo, mas é errôneo crer que não se trata de um tipo de dissuasão (FREEDMAN, 2003: 111). O Estado que impõe esse tipo de política pretende agir na polaridade, ou seja, na capacidade de o outro travar a guerra. Para esse objetivo, outrossim, o país atacante também utiliza-se da polarização, ou seja, nos acordos internacionais existentes do sistema internacional. (MARZO e ALMEIDA, 2006) Conclui-se que o caráter estratégico da dissuasão permanece na

rendimentos, deve-se ao comissionamento de novas tecnologias bélicas dos armamentos que agora passaram gradativamente para a defesa.

²⁰ Dissuasão teve sua origem, no início do século XX, no conceito de impedir a ação de criminosos nos Estados Unidos da América, através do desestímulo aos crimes oferecido pela ação da polícia e pelo porte de armamento poderoso (FREEDMAN, 2002: 66).

capacidade desse tipo de política atuar na polaridade de polarização, com o objetivo de garantir a sobrevivência do Estado. Apesar do caráter teórico realista desta tese, a *compellence* permanecerá como um resquício da escola teórica idealista.

A *deterrence* apresenta o outra situação de política de dissuasão estratégica abordada, apresentou inicialmente uma tendência isolada de a França deter uma invasão com a posse de armas estratégicas. A Alemanha representava a sua principal inimiga, onde a taxa de natalidade francesa não conseguia ser recuperada desde a Primeira Guerra Mundial. Na Segunda Guerra Mundial, a linha Maginot não impediria a invasão da França pela Alemanha.²¹ Atualmente, a Coreia do Norte utiliza essa política com o objetivo de conter um ataque convencional sul coreano ou estadunidense.²² Para uma melhor harmonização dos conceitos considerados na pesquisa, bem como, a definição temática apresenta limites na conceituação, concomitantemente, resultante da ampliação do debate do conceito de dissuasão.

O advento de novas tecnologias trouxe novas armas e, concomitantemente, a mudança das populações nos Estados causa outros fenômenos de intimidação pela ameaça do uso da força compreendendo a dissuasão, prioritariamente. A ampliação do debate das outras formas de dissuasão consiste em outra justificativa dessa pesquisa. Quando a dissuasão é mencionada, a imagem de armas nucleares aparece intrinsecamente ligada ao conceito da *deterrence*. Estudos apontam que essa relação não é direta. A política dissuasão estratégica ainda consiste de dois aspectos a serem debatidos, o rendimento e o alcance do armamento nuclear. Observa-se, portanto, que o armamento nuclear de baixo rendimento e curto alcance pode ter um papel estratégico.

Desde a Primeira Guerra Mundial, os políticos tentavam obter o controle da proliferação e do uso de armas químicas. A Segunda Guerra Mundial demonstrou de forma indelével os efeitos da utilização de bombas atômicas sobre o Japão e os

²¹ De 1927 a 1935 os franceses construíram uma extensa linha de fortificações de artilharia que a consideravam inexpugnáveis, na fronteira entre França e Alemanha. Em 1936 fora batizada de linha Maginot, em homenagem ao ex-ministro da Defesa André Maginot (ALLCORN et al, 2003).

²² Israel também estaria utilizando a *deterrence* para evitar outro ataque combinado de forças islâmicas hostis. Entretanto, a confirmação oficial da posse desses artefatos ainda não foi feita pelo Estado de Israel. Completando, os indianos desenvolveram o armamento nuclear com receio da China e os paquistaneses fizeram o mesmo para enfrentar a Índia. Mas, pelo fato dos três países possuírem artefatos nucleares, eles estão inseridos no conceito da *deterrence* (RAJAIN, 20009).

tratados posteriores, de limitação de armas nucleares, são baseados no alcance do armamento estratégico e no rendimento de suas ogivas. Exemplificando, os acordos levam em consideração a estimativa de dano de uma explosão nuclear pelo rendimento da bomba, mensurado em Megaton e pelo seu alcance, se possível, se ele pode alcançar continentes, destruindo potenciais alvos do Estado atacado.²³

Contudo, o fenômeno que se torna evidente no sistema internacional consiste na miniaturização das bombas nucleares, nas ogivas inseridas em mísseis de curto alcance, que poderiam possuir caráter estratégico (KRISTENSEN, 2005). Uma bomba de baixo rendimento, usada em uma cidade com grande densidade populacional, pode assumir um caráter estratégico em contexto de ataque contravalor. Devido a tais considerações, a relação entre demografia e tecnologia emerge na pesquisa. As armas estratégicas de energia direta que, também, podem ter emprego estratégico (KOPP, 1995). Sendo assim, as justificativas principais evidenciam a necessidade da retomada do estudo e debate da dissuasão, dentro do contexto do advento de novos armamentos estratégicos relacionados com a transição demográfica.

O desenvolvimento de sistemas de armas de energia direcionada e a mudança da quantidade da força de trabalho podem impactar, neste século, a polaridade e a polarização no sistema internacional. Os Estados, mesmo que possuam armamento estratégico, nuclear ou de energia direta, não conseguem obter uma dissuasão crível, se a sua força de trabalho não seja repostas. O desenho de pesquisa abrange a extrapolação de conflitos onde a aquisição de armamento digitalizados, na esfera estratégica, para a defesa, pode conter elementos dissuasórios. Por essa razão, será feita a análise crítica da bibliografia teórica sobre o conceito de dissuasão envolvendo Rússia, França, Estados Unidos e Grã-Bretanha, considerando também a simulação dos efeitos políticos e militares do uso de armamentos estratégicos na busca de reservas em aliados estratégicos.

Levando em consideração os pontos levantados, a pergunta que essa pesquisa pretende responder é **como as mudanças demográficas em curso, das grandes potências e das potências regionais, afetariam a distribuição de poder (polaridade), os níveis de conflito entre os países (polarização) no século XXI?**

²³ Megaton refere-se a um milhão de toneladas de Trinitotolueno (TNT).

Tendo em vista alcançar a resposta referente a tal questionamento, este estudo estará baseado na hipótese sob o argumento que a quantidade de pessoas disponíveis para a força de trabalho (de 14 a 60 anos) é variável importante da política de defesa dos Estados. A fim de sustentá-la, a primeira hipótese secundária considera que os desenvolvimentos tecnológicos, desde 1970, aumentaram a letalidade e precisão das armas nucleares e convencionais. Entretanto, longe de isso conferir uma vantagem permanente para os atacantes, cada ciclo de inovação foi seguido por fenômenos de difusão tecnológica e inovações defensivas que repuseram o atrito e o balanço ataque-defesa em novos patamares (DUNNIGAN, 2003). Junto com a proliferação horizontal das armas nucleares, Estados também ampliaram as formas de dissuasão conhecidas (SAGAN e WALTZ, 1995; FREEDMAN, 2002). Ao mesmo tempo, a Taxa de Fertilidade Total, indicada pela quantidade de filhos que uma mulher tem durante a sua vida, é um preditor consistente da instabilidade política nos países do Sistema Internacional (BATSON, 2008). Igualmente, entra no cálculo da densidade demográfica dos alvos também, sendo um importante preditor da taxa de atrito no emprego contra-valor (GLASSTONE e DOLAN, 1977). Como reflexo, a quantidade de população, principalmente das pessoas na força de trabalho, é um dos fatores que compõem o poder de um país (WALTZ, 1979; MEARSHEIMER, 2001; DAHL, 2009).

As mudanças econômicas, inicialmente, reduziram postos de trabalho e geraram desemprego em setores industriais tradicionais dos países capitalistas centrais, mas a sua difusão global implicou um uso extensivo de manufaturas de novo tipo beneficiando países com grande força de trabalho jovem. A mudança demográfica atual implica em um maior poder relativo para a China, Índia e países mais populosos da África, bem como em um menor poder relativo para os Estados Unidos e a Europa. As balanças de poder regionais também são afetadas pela mudança demográfica. Consequentemente, a dupla necessidade de reservas para a conservação dos Estados, em caso de primeiro ataque nuclear, e de conscritos para a guerra convencional, cada vez mais aproxima Estados com armas nucleares de nações com grande quantidade de pessoas na força de trabalho (TODD, 2002). Padrões bilaterais emergentes de amizade e inimizade entre potências de diferentes regiões podem ser explicados, em parte, pela disponibilidade de jovens em cada díade. Por esse motivo, são pesquisadas as relações e efeitos do atrito no século XXI. A densidade demográfica dos alvos contra-valor também é um importante

preditor da taxa de atrito em caso de ataque nuclear com armas táticas (GLASSTONE e DOLAN, 1977). A elaboração de cenários demonstra que a quantidade de baixas, com ataque de armas nucleares táticas de baixo rendimento, é muito grande e impacta na política.

A pesquisa desenvolveu um trabalho de elaboração de um cenário hipotético dos desdobramentos da política internacional, na esfera da estratégia do século XXI, para o problema do uso da força. A metodologia de utilização de cenários, talvez, seja a melhor opção encontrada para a pesquisa, porque esta necessita de uma visualização para melhor ser compreendida da realidade estratégica do século XXI.

A construção do cenário envolve importantes. A escolha do contexto da transição hegemônica impacta diretamente a discussão entre polaridade e polarização no sistema internacional do futuro.²⁴ A transição hegemônica compreenderia o ponto de mudança de polaridade no sistema internacional que impactaria diretamente a polarização e o poder no sistema internacional sob o questionamento da hegemonia norte-americana.

A pesquisa aborda a discussão teórica de dissuasão e a construção de cenários com perspectivas para o século XXI. O motivo da escolha do cenário do sistema internacional projetado para o ano de 2050 também se deve a dois motivos. Arrighi (1994), com a teoria dos ciclos sistêmicos, trata da crise da hegemonia estadunidense. Invariavelmente, essas transições são precedidas por uma guerra sistêmica que alteram o sistema internacional. Outro motivo, é que 1950-2050, compreende cerca de um século depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Praticamente, seria o mesmo tempo de paz entre o período napoleônico, no século XIX, até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O momento que estamos vivendo nos remete à evolução dos armamentos que ocorrera no decorrer do século XIX. Hipoteticamente, o progresso da tecnologia dos armamentos pode impedir as manobras militares, porque as forças mecanizadas seriam destruídas com mais

²⁴ Hegêmona, no sistema internacional, é aquele Estado que lidera a infra-estrutura tecnológica e de produção e, igualmente, possui legitimidade política na superestrutura. Entende-se como transição hegemônica a perda da capacidade de exercer a liderança no sistema internacional. Atualmente, os Estados Unidos da América é considerado o hegêmona em transição (ARRIGHI, 2008). Contudo, a legitimação está voltada para o público interno de um Estado porque, no Sistema Internacional, vigora a Anarquia para a Teoria Neo-Realista Estrutural (ausência de um poder superior organizador) (WALTZ, 1979).

facilidade. O advento de armas de pulso eletromagnético pode inviabilizar o sistema de comando e controle. Talvez, o ambiente estratégico de guerra contemporâneo seja análogo a guerra de trincheiras do início do século XX. No desgaste das tropas em teatros limitados, o componente demográfico assume uma grande importância e somente uma grande população na força de trabalho pode ter chances de ganhar um conflito.

Os indicadores relevantes para que se possa analisar a variação dos níveis de força ao longo da conjuntura de 2008-2010 é a quantidade de pessoas na força absoluta de trabalho de Estados. Para possibilitar a análise da distribuição de frequência das unidades de mensuração e comparar seus desempenhos relativos foi construído um banco de dados utilizando-se o programa SPSS 10.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*). A fonte principal é a análise da ONU sobre a variação da demografia de 1950 a 2050 (UNITED NATIONS, 2009) Definições intensivas são preferíveis a definições extensivas, porque as primeiras permitem decisões mais claras sobre se um novo objeto previamente desconhecido pertence ao conjunto definido por um ou mais critérios. No caso dos tipos de polaridade, a literatura diverge se os critérios elencados devem ser observados de maneira combinada (definição intensiva de tipo conjuntivo) ou se basta a presença de um ou mais critérios considerados primordiais (definição intensiva de tipo disjuntivo). Como permite apenas um nível de mensuração nominal (classificação), o problema dos critérios de classificação é decisivo para que se possa gerar uma taxonomia exaustiva e mutuamente excludente.

As hipóteses de trabalho foram testadas por meio da análise de tendências com dados projetados até 2050 (SPRINZ, e WOLINSKY-NAHMIAS, 2004; BAQUERO, 2009). As projeções são baseadas nos bancos de dados e relatórios da Organização das Nações Unidas (UNITED NATIONS, 2009). A polaridade (atributo estrutural), a polarização entre países, e as políticas de defesa dos países, são as variáveis que serão consideradas nessa análise. A pesquisa não visa a testar o peso relativo dos fatores populacionais ou tecnológicos, mas sim destacar a irreduzibilidade das realidades demográficas e como elas tendem a combinarem-se com os fatores tecnológicos associados à sobrevivência do Estado no século XXI; quando existem discrepâncias significativas entre os bancos de dados, públicos ou privados.

Tais discrepâncias são decorrentes não apenas do papel do segredo governamental e do papel ativo da desinformação como limitadores da pesquisa científica em Estudos Estratégicos, mas também da incerteza em relação ao desempenho que as armas estratégicas teriam em caso de guerra nuclear.

Portanto, para se avaliar a relação entre os quatro elementos da teoria explicativa proposta serão construídos cenários a partir de modelagem formal, aplicando-se teoria verbal e jogos de interação extensiva com múltiplos agentes (SPRINZ e WOLINSKY-NAHMIAS, 2004: 227-264). Estes cenários, beneficiando-se de exercícios anteriores de Kristensen (et al, 2006), Kopp (1995) e também Corpus (2003), funcionarão como guias para a descrição, explicação e teste das tarefas de trabalhos propostas.

A presente tese segue o desenho de pesquisa e seu avanço metodológico ao possuir quatro capítulos descritos brevemente. O primeiro capítulo, intitulado “Um Mundo em Transformação: conflito e força de trabalho” descreve as oscilações da quantidade de população projetadas para o século XXI. Historicamente, a Europa sofrera a transição demográfica na escala de milhões de habitantes através de séculos. Atualmente, o sistema internacional observa a transição na escala de bilhões de habitantes em décadas. As interações entre tecnologia, demografia e dissuasão surgem como a delicada equação da sustentabilidade dos Estados nos conflitos. Teoricamente, os estudos de populações, na Ciência Política, são oriundos das Ciências Sociais. Geralmente, as pesquisas possuem o foco nas eleições (TRINDADE e NOLL, 1991). No entanto, a tese especula a importância da quantidade de pessoas para os Estudos de defesa no formato de subcapítulos. O rendimento dos armamentos estratégicos nucleares, que impactariam a utilização da força na Política, igualmente, será analisado dentro do mesmo contexto da relação entre o progresso tecnológico e seu impacto nas populações na história da guerra de forma complementar.

O segundo capítulo intitulado “Os Efeitos da Transição Demográfica sobre a Polaridade no Sistema Internacional” constitui seu núcleo com o estudo das populações em fontes primárias (UNITED NATIONS, 2009). O capítulo é dividido em cinco estudos de caso onde é procurado demonstrar os impactos das transições demográficas em regiões do sistema internacional (WALTZ, 1979). No estudo sobre Polaridade o Sul da Ásia, Oriente Médio, Penínsulas Árabe e Coreana são estudadas sob o teste da hipótese que instabilidade política surgiria pela quantidade

de filhos por mulher (BATSON, 2008). Principalmente, como o aumento da população pode pressionar regiões de tensão no sistema internacional.

O próximo capítulo “Os Efeitos da Transição Demográfica sobre a Polarização no Sistema Internacional” trata das populações em transição e seu impacto na Polarização, a partir de quatro estudos de caso: Rússia e China no Acordo de Cooperação de Xangai; França e Brasil no Acordo de Cooperação de 2009 e a especulação da aproximação entre EUA e Índia no reconhecimento estadunidense de um Estado indiano como potência nuclear, respectivamente, e na aproximação Reino Unido e Nigéria. Nos estudos de caso mencionados existe o padrão da busca de Estados com a posse de armas nucleares por outros Estados com grande força de trabalho, porque necessitam de pessoas para as operações, de acordo com a hipótese de Mearsheimer (2001), as armas nucleares são as fiadoras das operações convencionais de guerra, segundo a qual o poder devastador das armas nucleares impediria que as forças convencionais sofressem algum golpe devastador.

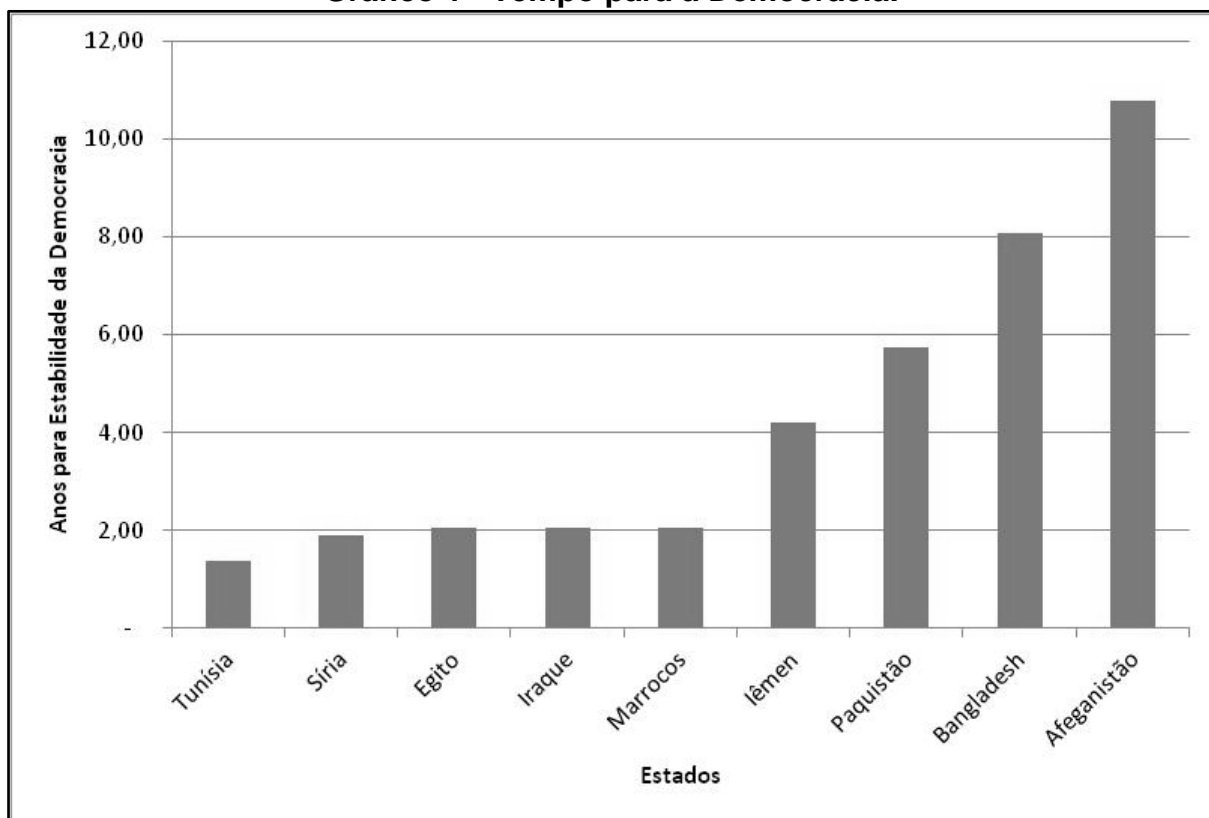
Como uma possibilidade, o quarto capítulo aborda “População de Defesa: o Problema do Atrito no séc. XXI”. Dessa forma, encontra-se dividido em três áreas de estudos e simulações que interage força de trabalho e a defesa dos Estados, dentro do atrito na guerra, subdividida em três temas (DUNNIGAN, 2003). A força de trabalho é estudada como a mobilização na guerra convencional e da necessidade de reservas através de estudos de caso históricos e cenários simulados do atrito na guerra nuclear, como poderia ocorrer no futuro. A contemplação, na esfera da estratégia, de guerra sistêmica é apresentada sob as querelas da conscrição no século XXI. Finalmente, a guerra moderna aparece no estudo do conceito da Guerra Irregular Complexa e Demografia.

A Ciência Política, dentro do conceito de inclusão na Poliarquia, geralmente, estuda a população sob a perspectiva da inclusão econômica e da liberdade de expressão, demonstradas pelo voto. Concomitantemente, as harmonizações dos estudos remetem ao referencial teórico-metodológico que a tecnologia, geralmente, é o objeto de pesquisa dos cientistas de Defesa e os cálculos atuariais dos Demógrafos. O risco do uso da força, sem objetivos claros, pode colapsar o Estado e comprometer sua existência (CLAUSEWITZ, 2003).

A força de trabalho sustenta as políticas de inclusão da Democracia. A crise política nos países islâmicos, em março de 2011, evidencia os limites da Cultura Cívica e do fenômeno de democratização dos Estados, após atingirem, renda per

capita de seis mil dólares por habitante (PRZEWORSKI et al, 2003: 22).²⁵ Essa renda, multiplicada pela população e dividida entre a população economicamente ativa, mostra o tempo que o país atingiria a renda necessária para a Democracia.

Gráfico 1 - Tempo para a Democracia.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED STATES, 2009.

Para os países islâmicos, a Tunísia está mais perto do objetivo e lá começou a instabilidade, de forma diferente do Afeganistão que, apesar dos esforços da ONU e da ocupação da OTAN ainda demoraria oito anos de trabalho.

Apesar de a tese tratar de assuntos de defesa, o objetivo ainda permanece de trazer, ao debate científico, a importância da força de trabalho e sua proteção para a sobrevivência dos Estados e de suas políticas de inclusão econômica, promovendo o progresso social e a estabilidade política.

²⁵ O valor é oriundo da renda per capita da Argentina, em 1992, de US\$ 5.000,00 para 1992, onde um Estado atinge o platô democrático de acordo com os estudos de Seymour Lipset. Para 2013, o valor corrigido é de US\$ 8.627,87, mas a renda per capita dos argentinos está estimada para outubro de 2013, pelo FMI, em US\$ 18.582,00. O valor de US\$6.000,00 foi mantido porque a relação temporal continua estabelecida.

I – UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: CONFLITO E FORÇA DE TRABALHO.

O sistema internacional observa a transição, na escala de bilhões, da quantidade de habitantes aumentando em décadas. As interações entre tecnologia, demografia e dissuasão surgem como a delicada equação da sustentabilidade dos Estados nos conflitos. Contudo, as transições históricas não são um fenômeno raro. As diferenças estruturais aparecem na escala do fenômeno e não na sua natureza. Entrementes, as experiências históricas mostram o alcance dos fenômenos sociais e as mudanças produzidas.

O capítulo explora a relação histórica entre população e tecnologia sob o uso da força na política. Os argumentos justificativos estão divididos em dois momentos. Primeiramente, a transição do mundo pós-Guerra Fria, depois de 1991, concomitantemente, passou pela alteração da quantidade de pessoas nos países. A demografia impactaria diretamente a polaridade e polarização no sistema internacional. A polarização seria afetada pela busca de reservas de combates em países em desenvolvimento.

Outra dimensão da demografia, e que esse trabalho ajuda a rever, é com o catastrofismo relacionado ao emprego do armamento nuclear.²⁶ As cidades japonesas atacadas no final da Segunda Guerra Mundial eram feitas de madeira e papel, porque desde 1941, os japoneses estocavam o amianto para a guerra. Felizmente, ainda não temos uma experiência de guerra nuclear em cidades modernas feitas de concreto (GLASSTONE e DOLAN, 1977). Ou seja, atualmente, a possibilidade da taxa de sobrevivência da população, protegida pelo concreto, seria relativamente alta. O primeiro ataque nuclear, seguido de uma resposta, criaria um pulso eletromagnético que impediria a utilização das outras armas nucleares, proporcionando uma proteção adicional aos sobreviventes.

O tamanho da população é um componente da estratégia no sistema internacional. No século XXI, a relação da política de defesa dos países torna-se

²⁶ Os efeitos das armas nucleares são maximizados e, geralmente, são associados com o extermínio da Humanidade (DAVIS, 1985: 59-96). Todavia, as tecnologias da informática aprimoraram as simulações. O armamento nuclear possui um efeito devastador. Uma guerra nuclear, certamente, destruiria a vida urbana e, infelizmente, a quantidade de dependentes como idosos e crianças seria praticamente exterminada e de pessoas em idade produtiva reduzida.

mais complexa com o advento das novas armas estratégicas, nucleares e de energia direta na estratégia. Desde a virada do séc. XXI, a tecnologia virou a base das pesquisas estratégicas, porque novos armamentos impactaram, sobremaneira, a comunidade científica e militar. Contudo, o arsenal nuclear dos Estados, isoladamente, não garante a sobrevivência nem a maximização de poder dos mesmos. A quantidade de pessoas na força de trabalho pode resistir a um ataque nuclear e, concomitantemente, garantir a sobrevivência das instituições. Atualmente, estariam mais bem preparados para a guerra na era digital, os países cujas políticas de defesa incluem a conscrição militar e o treinamento extensivo de reservas, como por exemplo a Rússia, onde todo homem apto ao serviço militar faz parte da reserva.²⁷

Os subcapítulos estão organizados para a exploração da relação entre tecnologia e população e seu impacto na política ao longo da História. No subcapítulo “*A importância das variáveis contextuais no estudo da Política*”, demonstra-se a relação entre as mudanças políticas da década de 1970 e as mudanças estruturais que moldam a conjuntura atual. Os fatos principais residem na economia, a escassez de matérias-primas baratas, e na política, as mudanças que causaram o fim a bipolaridade no Sistema Internacional.

“*Estados Unidos da América e Canadá no século XVIII: população e origem do Federalismo moderno*” traça um paralelo entre a América do Norte do século XVIII e as perspectivas para o continente africano no século XXI. Primeiro, o caso do Canadá é analisado a fim de explicar como esse Estado conseguiu sua independência apesar da população pequena. Segundo, estuda-se como o aumento da força de trabalho africana pode reorganizar a atual configurações dos Estados, sob o contexto do advento das nova armas estratégicas e do decréscimo da força de trabalho na Europa.

Finalmente, “*Populações Europeias, Estados ou Impérios?*” retoma a necessidade de estudos sobre a conscrição militar, mostrando que somente a tecnologia não ajuda os contingentes militares na diminuição dos efetivos dos

27 O problema reside no fato que cada vez mais as forças de defesa necessitam de soldados porque as Armas de Energia Direta poderão colapsar a utilização de tecnologias de ponta para a Guerra. As grandes reservas russas são oriundas da doutrina soviética que previa toda uma rede de defesa baseada na utilização de mensageiros. O pulso eletromagnético gerado por explosões atômicas de bombas norte-americanas impediriam a utilização de veículos e tecnologias de comunicação.

opponentes. O exemplo dos povos germânicos demonstram um tipo de ciclo onde no início do Estado Suiço até o fim da Segunda Guerra Mundial, a mobilização total da população foi utilizada na garantia da sobrevivência dos Estados mas não garantiu a consolidação da continuação do Sacro Império Romano-Germânico.²⁸ Ou seja, os exércitos eram fortes para a criação de Estados mas não conseguiam isoladamente impor uma unificação consistente para um projeto de império.

I.1 – A importância das variáveis contextuais no estudo da Política.

A conjuntura da transição demográfica permite uma pesquisa do processo envolvido na análise conjuntural do momento e dos seus impactos sistêmicos.²⁹ O mundo de 2050 foi moldado a partir dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais da primeira metade da década de 1970. O período corresponde ao fim dos ciclos político, econômico e social das Guerras Mundiais e o começo do questionamento dos progressos sócio-econômicos do Ocidente, sendo a maior consequência do período (SILVA, 2004).

No início da década de 1970, acontecimentos político-econômicos, futuramente, apresentariam consequências relevantes. Este seria o caso da Crise do Dólar de 1971. A crise na liquidez internacional da moeda estadunidense acarretou o fim do lastro em ouro da mesma, como a garantia dos pagamentos. Dessa forma o dólar começaria a obter lastro nas reservas cambiais em moeda. Na prática, a convenção de Bretton Woods foi colapsada (SILVA, 2004). Causara o advento do Capitalismo Financeiro, colocando a Economia mundial sob os movimentos financeiros das bolsas de valores nacionais e estrangeiras.

A República da China (Formosa ou *Taiwan*), em 1971, saiu do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e foi substituída pela República Popular da China (RPC) (PATRIOTA, 1998). Como resultado direto do

²⁸ O Sacro Império Romano Germânico existiu no séc. IX d. C. na Europa Ocidental e foi a primeira experiência de Estado organizado depois da queda do Império Romano no séc. V d. C.

²⁹ A teoria do sistema-mundo estuda os aspectos formativos do Capitalismo (FOSSAERT, 1994). Como exemplo de impacto sistêmico, o ataque napoleônico ao Egito em 1800 abriu o caminho da África e da Ásia para a expansão europeia. Concomitantemente, o seu Código Civil laicizou os contratos e com o conceito de comboios de carroças, o trem, organizou a logística terrestre de longo alcance.

aumento do número de países independentes, notadamente, de africanos na Assembléia Geral. Dessa maneira o Conselho de Segurança obtinha dois países de cunho socialista, RPC e URSS, contudo, fazia dez anos que estavam em crise e desse modo, não faziam um bloco unido para as votações. O impacto foi a retirada do ente político, o partido Kuomintang, que fazia parte dos países aliados na Segunda Guerra Mundial (BIN, 2006). Ao mesmo tempo, a ONU começava o processo de enfraquecimento da Assembléia Geral para a imposição de resoluções nos conflitos vindouros, como demonstrou vinte anos depois, para o Iraque, a Guerra do Golfo de 1991 (VIZENTINI, 1992).

Ainda em 1971, a Independência de Bangladesh direcionou o Paquistão para acelerar o programa nuclear, acelerando a proliferação nuclear horizontal no Sistema Internacional (SAGAN e WALTZ, 1995). Dessa maneira, temos o aumento da tensão no Sul da Ásia onde o episódio da guerra indo-paquistanesa de Kargil de 1999, aumentou a tensão na região (RAJAIN, 2005). Concomitantemente, a Índia, sob a tensão de armas nucleares paquistanesas e chinesas, acelerou seu programa. O episódio da independência de Bangladesh demonstrou a possibilidade de países, em desenvolvimento, de produzir arsenais de armas de destruição em massa para a garantia de sua sobrevivência. Atualmente, Israel, Coréia do Norte e Irã mantêm programas sob suspeita, apesar de a maioria dos Estados terem abandonado seus programas a partir de 1991, dado o risco de tornarem-se alvos de inspeções, embargos econômicos ou ataques preventivos. A *compellence* da unipolaridade estadunidense forçou esse abandono (FREEDMAN, 2003: 52). Atualmente, o risco da utilização das armas nucleares, na esfera das operações aumenta com a possibilidade de serem utilizadas na interdição, na criação de zonas brancas (KRISTENSEN, 2005).³⁰

A Primavera Croata foi o prenúncio do colapso da Iugoslávia, com a busca da autonomia pelos Estados que faziam parte da federação. Também em 1971, Hafez Assad começa a governar a Síria. O movimento demonstrou a tentativa da laicização no Oriente Médio (FERRO, 2008). Notadamente, era a representação da minoria

³⁰ Zona branca refere-se a área da destruição causada pela explosão de uma arma nuclear onde, por causa da contaminação radioativa, a vida humana torna-se impraticável. A área atingida pode ficar inutilizada por muito tempo, por gerações, como o caso da Ucrânia, em 1986, com o acidente nuclear da usina de Pripiat, em Chernobyl. Um raio de 30km tornou-se inabitável.

alauíta no poder sob a base sunita. O fenômeno chegaria ao Iraque, com Saddam Hussein, e a instalação de um regime que separava o radicalismo wahabista saudita no Oeste, os xiitas no Sul do Iraque e no Irã e os curdos no Norte, protegendo os sauditas e turcos, concomitantemente.

Já em 1972, dois acontecimentos tiveram impacto de longa duração: a visita do presidente Richard Nixon à República Popular da China e o Tratado Anti-míssil Balístico (ABM).³¹ Respectivamente, os acontecimentos alteraram a polarização e a polaridade no sistema internacional.³² A visita aproximou os Estados Unidos da América com a RPC, que àquela época alcançava um bilhão de pessoas na sua população (ARRIGHI, 2008). Essa aproximação foi o começo da inclusão da maior população do planeta no Capitalismo. O processo marcou ainda o começo do fim da União Soviética, porque desde 1960 existiam atritos na fronteira com os chineses. O acontecimento de 1972 reforça o argumento da pesquisa do quanto a quantidade de população é uma variável importante para a Política. As pessoas são, concomitantemente, força de trabalho, mercado consumidor e reserva militar. Dessa maneira, afeta a polaridade e cria padrões de polarização no sistema internacional (WALTZ, 1979). A complementação econômica que acontece hoje vêm dessa aproximação que alterou a polarização no sistema internacional. Guardadas as devidas proporções, a hegemonia norte-americana repete a hegemonia inglesa que precisava da Índia na complementação da sua economia. Dessa maneira, pelo menos, privou os soviéticos de um bilhão de pessoas no seu bloco, acelerando seu processo de colapso.

No mesmo ano, o Tratado ABM trouxe o congelamento dos conceitos concernentes ao debate sobre armas nucleares (FREEDMAN, 2003: 35-36). Neste sentido a polaridade, no sistema internacional, recebera a sua mensuração a partir

³¹ Os dois acontecimentos, na longa duração proporcionaram dois impactos diretos. O tratado ABM estabilizou a Guerra Fria, deixando o Sistema Internacional bipolar pela possível utilização de armas nucleares em uma guerra sistêmica. A grande quantidade de população chinesa proporcionaria a força de trabalho de baixo custo para os estadunidenses. A manobra, concomitantemente, colocou a União Soviética em uma corrida armamentista que não conseguiria competir economicamente com os Estados Unidos, principalmente, pela redução da força de trabalho do bloco socialista.

³² A Polaridade refere-se a capacidade do Estado em maximizar poder no sistema internacional e a Polarização corresponde ao seu sistema de alianças, dentro da teoria do Neo-Realismo Estrutural (WALTZ, 1979).

do conceito da posse de artefatos de fusão. O debate está centrado no alcance e no rendimento das armas nucleares que produziram os tratados de regulação das armas nucleares pelo receio de seu uso em alvos contra-valor.³³ Dessa maneira, o tratado ABM versa sobre a limitação e instalação de radares de sistemas de alerta antecipado e de mísseis que poderiam interceptar os Mísseis Balísticos de Alcance Intercontinental (ICBMs). Esse tipo de tratados são resquícios da preocupação dos países, na década de 1920, de ataques com armas químicas a partir de cruzadores estacionados no litoral que produziram os Tratados Navais de Washington para a limitação do deslocamento de belonaves (GARCIA, 2005).

As pesquisas apresentadas na tese tentam rever a idéia de catastrofismo inerente ao emprego do armamento nuclear (THOMPSON, 1985: 16-56). Ao mesmo tempo, retomam a importância do impacto das armas frente ao seu uso contra-valor ao equacionar o rendimento de acordo com a densidade demográfica do alvo (GLASSTONE E DOLAN, 1977). No uso contra-força, o estudo da possibilidade da interdição pelo uso de armas nucleares táticas (KRISTENSEN, 2005). A pesquisa baseia-se no contexto da obsolescência relativa das armas nucleares e no advento das armas estratégicas baseadas em energia direta (BEASON, 2005). Ressalta-se que o advento de novas tecnologias bélicas colapsaram a mecanização, mas, não acabaram com a necessidade da conscrição.

A Guerra do *Yom Kyppur*, de outubro de 1973, trouxe a Crise do Petróleo e a perspectiva de controle e aquisição de formas de energia para as economias dos Estados, muitas vezes, pelo uso da força (DUSTAN e LYLES, 2003). A guerra evidenciou também a importância do controle dos preços de matérias-primas no mercado internacional (SILVA, 2004). Recentemente, as crises que culminaram com a Guerra do Iraque de 2003, demonstram a importância do Oriente Médio como o centro energético mundial, apesar do seu declínio relativo. Dessa maneira a crise do embargo do petróleo pela Organização dos Países Produtores e Exportadores de Petróleo (OPEP), acabou com a liquidez do dólar no mercado internacional depois da crise dessa moeda e do fim do lastro em ouro (SILVA, 2004).

³³ Os alvos podem ser contra-força ou contra-valor. Alvos contra-valor consistem na infraestrutura do Estado como indústrias, bancos, represas, áreas agrícolas, entre outras. Alvos contra-força consiste nas tropas aeroterrestres estabelecidas no solo ou nas tropas aeronavais em frotas.

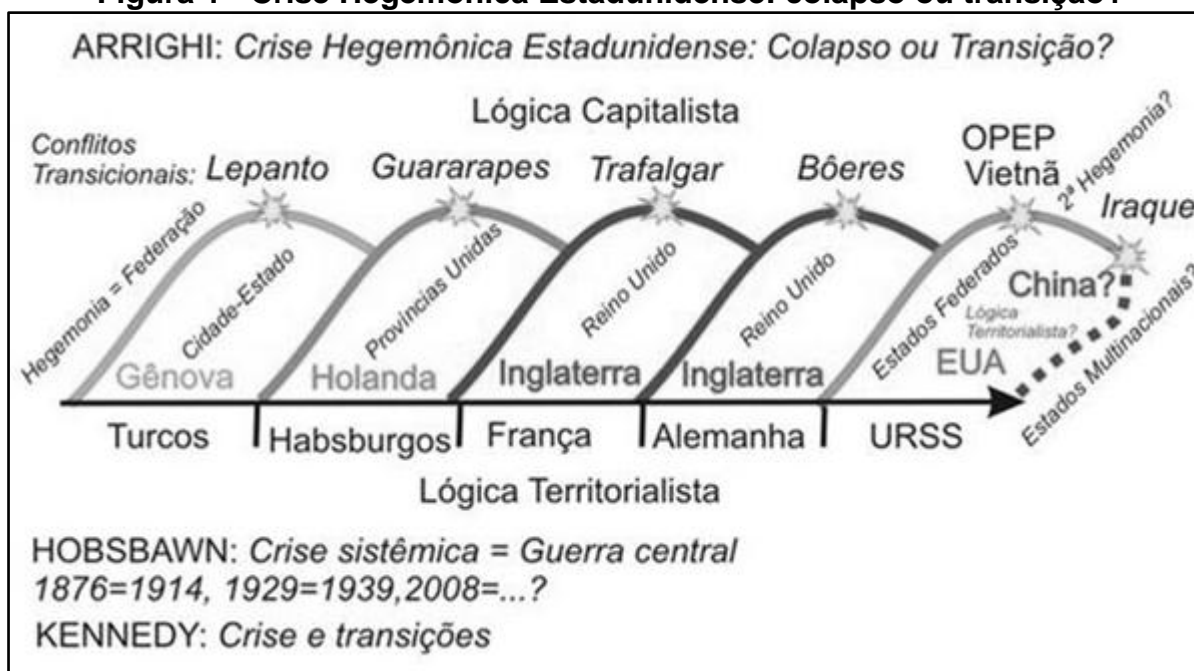
O ataque na linha Bar-lev retomou a idéia da massa de soldados atacando um objetivo específico, que era a retomada do Sinai, para a esfera da estratégia e das operações. O Acordo de *Camp David* de 1978 estabilizou a região (DUSTAN e LYLES, 2003: 91-92). Outrossim, a utilização de mísseis portáteis antitanque do modelo Sagger, oriundos da URSS, colapsou as forças mecanizadas israelenses como prenúncio do impacto de novas tecnologias sobre o predomínio da mecanização (DUSTAN e LYLES, 2003: 35-89). Novamente, a tese descorre sobre o colapso da mecanização e, principalmente, a necessidade da conscrição militar.

Outros três acontecimentos suscitariam o debate sobre o fim do ciclo de progresso sócio-econômico gerado após a Segunda Guerra Mundial. Em 1974 a Revolução dos Cravos, em Portugal, derrubou o, último regime oriundo do período do facismo na Europa (HOBSBAWN, 2005). As perspectivas de democratização, no plano da média duração, se estenderam da Europa para a América Latina e, atualmente, encontram-se no Oriente Médio e Norte da África (DAHL, 2009). No mesmo ano, o Caso Watergate, da espionagem governamental que causara a renúncia do presidente Richard Nixon, ascendeu a condição da imprensa livre como a fiscalizadora da Democracia e uma garantia de sua permanência. Finalmente, em 1975, a Queda de Saigon derrubou o mito da invencibilidade estadunidense (VIZENTINI, 1990). Depois desse acontecimento, as intervenções em países pobres, ou em desenvolvimento, demonstraram que, apesar do grande avanço tecnológico dos países, a população importa no contexto da assimetria na guerra. Um exemplo foi a intervenção soviética no Afeganistão (1979-1989) onde a densidade de soldados, no campo de batalha convencional moderno, não pôde ser o mesmo para aguentar o atrito na assimetria. Neste sentido, temos o problema dos limites estruturais das forças armadas e com a falta de objetivos políticos claros, o uso da força fica cada vez mais obtuso. Dessa maneira, o inimigo não se sente derrotado (CLAUSEWITZ, 2003).

O referido contexto de transição demográfica influencia na Política, porque causa estrangimentos à ação do Estado em garantir a maximização de poder. O impacto de média duração da conjuntura da década de 1940 reside no debate do contexto atual sobre a crise financeira que causaria o declínio relativo dos Estados Unidos da América (ARRIGHI, 2008). Notadamente, os problemas da acumulação de capital surgem na explicação da teoria da hegemonia (ARRIGHI, 1994).

O Capitalismo, como sistema econômico, passou por transições hegemônicas no Sistema Internacional. Inicialmente, o sistema operou em um sistema pequeno, ficando na dimensão de cidades com a hegemonia genovesa, passando por províncias na vez holandesa, aumentou ao acumular reinos como a Grã-Bretanha e, agora, a hegemonia reside em estados federados, como os Estados Unidos da América, ressaltando, de forma implícita a idéia da federação como variável importante da hegemonia. Igualmente, a tendência aponta para a mudança da escala de um mesmo fenômeno, neste sentido, o sistema internacional poderia contar com uma hegemonia oriunda de um Estado continental formado por países como a União Europeia.

Figura 1 - Crise Hegemônica Estadunidense: colapso ou transição?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Entretanto, a crise hegemônica estadunidense suscita em muitas hipóteses que as conjunturas demonstraram falhas por não oferecerem proteção ao núcleo (LAKATOS, 1978: 31-39). Obviamente, existe uma transição na hegemonia no sistema internacional, todavia, muitos teóricos elegeram a República Popular da China como a nova hegemona e apontaram a Guerra do Vietnã (1964-1975) como o conflito que desestabilizou a economia dos estadunidenses como hegemona (ARRIGHI, 2008). Ilustrando, não pode ser esquecido que o Japão fora projetado como o novo hegemona na década de 1980.

Os japoneses, por duas variáveis conjunturais, não alcançariam essa posição. A primeira refere-se a sua posição dentro do sistema capitalista, sendo em conjunto com os EUA, e Inglaterra, do mesmo ciclo estratégico de cercamento da URSS e o suporte do capitalismo na Ásia, como a Inglaterra era para a Europa (VIZENTINI, 1990). A outra característica é complementar a primeira e remonta a lógica capitalista do Estado nipônico, não sendo da lógica territorialista como a URSS e, com isso, não ofereceria um contraponto. Os soviéticos possuíam a lógica territorialista de organização, onde o Estado era um antagonista dos norte-americanos.

Cada período de transição é prenunciado pelo aparecimento de um conflito que exaure os recursos do hegemona e do seu rival. Os genoveses, na Batalha Naval de Lepanto (1571), derrotaram os turcos. Já os holandeses alcançaram a hegemonia rivalizando com o Império dos Habsburgos até a Segunda Batalha de Guararapes (1649) no Brasil. Os britânicos obtiveram maior êxito na conservação de sua hegemonia ao colapsar a França e a Alemanha, respectivamente, na Batalha Naval de Trafalgar (1895) e na Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902). A participação alemã foi indireta no conflito sul-africano, contudo, representa um marco que demonstrou o desgaste inglês na manutenção do seu império colonial.

Os Estados Unidos da América possuem uma vasta bibliografia de análise sobre a sua hegemonia. Os estadunidenses alcançaram sua hegemonia em 1945 e, até 1991, e os soviéticos foram os rivais à lógica capitalista norte-americana (ARRIGHI, 1994). A grande questão encontra-se nas opções da consolidação do Capitalismo. Os norte-americanos podem partir para outra hegemonia com a República Popular da China como rival, contrariando a tendência da bibliografia (ARRIGHI, 2008). Os movimentos não são isolados; o surgimento de uma hegemonia depende de fatores externos que estão ligados a regulação econômica e suas crises, intrinsecamente (FARIA, 2004).

A Primeira Guerra Mundial, teve como causa de média duração a crise mundial de 1876, a primeira crise econômica mundial, oriunda da escassez de matérias-primas e bens manufaturados (HOBSBAWN, 2009). A Crise Econômica Mundial de 1929, a mais conhecida, foi a crise da superprodução, causa de curta duração para a Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWN, 2005). A hegemonia estadunidense de 1945 a 1991 despontou dessa conjuntura. A Guerra do Vietnã (1964-1975) foi o conflito que exauriu os recursos estadunidenses que abriram as

portas a reação dos republicanos do governo de Ronald Reagan (1981-1989) (ARRIGHI, 2008).

O ponto de inflexão ocorre atualmente com a conjuntura que ocorre com os seguintes fatores. Os EUA aproximam-se da Índia, como a busca de mão-de-obra, para a manutenção de sua hegemonia, a mesma ação estratégica foi feita pela hegemonia britânica para a sua manutenção. Não pode ser esquecida que a aproximação de Nixon com a República Popular da China retirou força de trabalho do bloco socialista.

Os conflitos do Iraque e no Afeganistão, apesar de parecerem conflitos que podem exaurir os recursos norte-americanos, têm chances de constituir o início de um novo ciclo hegemônico estadunidense. É possível que o aprofundamento da crise econômica mundial que vêm desde 2008, tenha sido agravada pelos gastos dos conflitos estadunidenses. Os mesmos gastos impulsionaram a economia mundial e a aquisição de novas matrizes energéticas podem, a seu turno, dar o próximo passo à hegemonia.

A tendência do surgimento do hegêmona encontra-se em um Estado continental feito de países, corroborando a hipótese que a federação é a variável importante da hegemonia, porque representaria um aumento na força de trabalho e na capacidade desses Estados Continentais em fazer a guerra. Neste sentido, o continente sul-americano unificado apresentaria uma possibilidade de alcançar a hegemonia, dentro da hipótese da Federação, atualmente, de países como variável importante da hegemonia.

I.2 – Estados Unidos da América e Canadá no século XVIII: população e origem do Federalismo moderno.

O fator população é uma variável importante na Política. Os quantitativos populacionais são utilizados como a mensuração da expressão da vontade política na contagem de votos. Existiam pessoas no modo de produção escravista, feudal, mercantilista, industrial e capitalista (FARIA, 2004). As pessoas fizeram as formas de governo, como exemplo, a monarquia, o parlamentarismo, o presidencialismo, entre outras. Igualmente, criaram as experiências do liberalismo, socialismo, fascismo; como exemplo. Dessa forma a população compõe uma variável importante na História da Política. O estudo do contexto do Federalismo moderno torna-se

importante na compreensão da Hegemonia no Sistema Internacional.³⁴ Geralmente, os hegêmonas possuiriam um arranjo federativo que começou com cidades-estado genoveses e, atualmente, apresenta-se em Estados unidos na América. Gradativamente, quase todos os Estados do Sistema Internacional começaram a adotar o Federalismo como expressão do equilíbrio do poder central frente ao poder local.

Igualmente, na esfera da estratégia, quase todos os países do mundo são vizinhos dos estadunidenses dada a sua enorme projeção de força. Por isso, a importância do estudo do Canadá com a maior fronteira terrestre com os Estados Unidos da América, principalmente, por ter adotado o Federalismo no séc. XIX.

A História da experiência política provém da interação das diferentes populações e dos diferentes ambientes que produziram, nessas múltiplas interações, sistemas econômicos e experiências políticas diferentes. As populações diferenciaram-se pelo afastamento da metrópole, como demonstrou a colonização da América pela Europa. A base demográfica sustenta as experiências políticas. Como exemplo, a peste bubônica na Europa, conhecida como a Peste Negra (séc. XVI), colapsou o suporte da sociedade trifuncional de poderes privados escalonados. O impacto estrutural teve grandes consequências na História (HERBST, 2006: 649-663).

A consequência principal foi uma queda da capacidade de cavaleiros medievais, sob ordens dos senhores feudais, de coagirem os camponeses europeus a lutarem, devido a queda da quantidade de mão-de-obra na agricultura de subsistência (LEVINE, 2006: 597-618). Tal fator moldou o início do processo dos Estados nacionais, acabando na Paz de Westfália de 1648 (TILLY, 1996: 267-271). Desse modo, o Estado como instituição tornou-se dependente de sua trajetória. O fenômeno que, atualmente, acontece representa a mudança na escala da construção do Estado em várias regiões do mundo. Nesse processo, desde 1648,

³⁴ Por Federalismo entende-se a constituição de um Estado que represente os poderes locais (BONAVIDES, 2007: 193-202). Contudo, se o Federalismo for entendido como o balanceamento dos poderes locais, logo uma grande maioria da bibliografia apontará para a centralização e outra terá a tendência centrífuga. Hegêmona é o Estado que consegue, a partir de mudanças infraestruturais, causar mudanças superestruturais (ARRIGHI, 1994). Desta maneira, segue como paradigma na Economia e Cultura, respectivamente.

que começou na Europa, estendeu-se nas Américas e, depois da Segunda Guerra Mundial, espalhou-se pela Ásia e partes da África.

Tal processo, no continente africano continua em aberto, assim como em partes da Ásia. Os estudos sobre Demografia demonstram que o processo de consolidação de Estados nacionais acompanha o movimento de interiorização das economias (FOSSAERT, 1994). Um exemplo continua sendo a Bolívia que, mesmo rodeada de Estados com processos longos de construção, ainda passa por instabilidades que podem vulnerabilizar a região. Novamente, o debate recai sobre a capacidade do Estado que, para ser construído, precisa manter a sua coerção (KERTZER e AREL, 2006: 664-680). A capacidade ainda permanece como um tema controverso.

No uso da força, a capacidade vêm da interação entre a tecnologia e a demografia na infra estrutura. Não basta ser um país com grande população, precisa utilizá-la de forma eficiente. Notadamente, isto não impede que sejam democráticos, como a Jamaica (TILLY, 2007: 18). Contudo, as precisões dos problemas oriundos da construção do Capitalismo que vem com a construção do Estado impactam na formação do Estado como instituição, presos na sua trajetória. Talvez, o exemplo da construção do Estado do Canadá ofereça um ponto de defesa da hipótese.

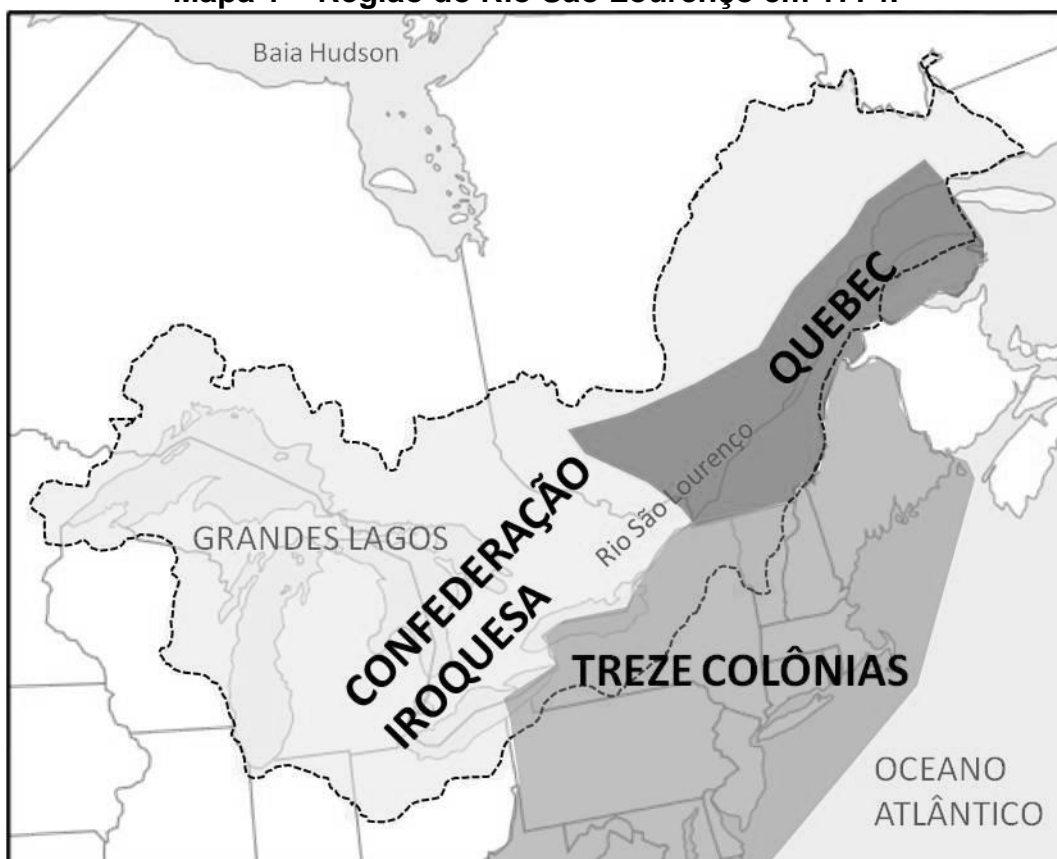
A pesquisa pretende explorar o ambiente político no século XVIII na América do Norte. A importância desse contexto está no momento de inflexão histórica onde surgem as duas nações que implementaram o Federalismo moderno, os Estados Unidos da América e o Canadá. O foco da reconstituição desse cenário é a interação entre os diferentes atores políticos existentes. Os britânicos estavam consolidando seu poder com a vitória na Guerra dos Sete Anos. Concomitantemente, os colonos rebeldes foram ajudados pelos franceses a conquistar sua independência. Britânicos e franceses constituem o Canadá. Igualmente, outros atores muito importantes na região foram os indígenas devido a sua quantidade de população que era objeto de disputa entre os colonizadores. Forças políticas complexas estavam no cerne da compreensão da consolidação do sistema político federalista.

O rio São Lourenço na região dos Grandes Lagos da América do Norte consiste no berço das experiências do moderno federalismo, notadamente, nos países do Canadá e dos Estados Unidos da América. No século XVIII, a território compreendia cerca de quatro regiões: o Québec de origem francesa, a província de Ontário, leal a Coroa Britânica, as treze colônias inglesas rebeldes do litoral Leste e

a Confederação da tribo dos Iroqueses. Este subcapítulo tenta demonstrar que o Federalismo moderno nasce justamente das interações entre as populações dessas regiões a partir da criação de um subsistema político dentro do colonialismo europeu da Idade Moderna (1453-1789).³⁵ No contexto do século XVIII, havia a necessidade de representatividade dos poderes locais para a construção do Canadá e Estados Unidos da América (EUA) modernos (MARSTON, 2002: 7).

Atualmente, a região dos Grandes Lagos compreende cerca de 200.000 km². O eixo central de colonização era o rio São Lourenço, que consistia na fronteira dos projetos franceses e britânicos, ou dos Estados canadense e norte-americano, respectivamente, e suas expansões para o Oeste. No contexto do século XVIII, na América do Norte, ainda compreende uma penetração russa no Oeste (Alaska atual) e espanhola (região Sul dos EUA).

Mapa 1 – Região do Rio São Lourenço em 1774.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de MORRISSEY, 2003: 7.

³⁵ A lógica Capitalista da Idade Moderna era o Metalismo, ou seja, o acúmulo primitivo de capital através do botim.

Esse rio foi o palco dos combates do contexto da Guerra dos Sete Anos (1759-1764)³⁶. Em termos de capacidade militar, os exércitos e milícias locais, de origem europeia, estavam aprendendo as técnicas de luta com arma de fogo. No ambiente hostil da América do Norte do século XVIII, as tribos dos índios iroqueses compreendiam um ator político importante na região.³⁷ A baixa densidade demográfica de populações oriundas do Velho Mundo, também contribuía para a importância das populações nativas (JOHNSON, 2003: 12).

A importância do estudo da História está na compreensão da origem dos processos políticos e sua dinâmica. A Confederação Suíça consiste na primeira experiência de federalismo no mundo.³⁸ Todavia, sua experiência possui um alcance limitado, sendo o federalismo norte-americano, o paradigma moderno do arranjo institucional. O exemplo foi seguido pelo Canadá que adotou o sistema em 1867. Cumpre salientar dois aspectos principais. O primeiro é a presença da religião calvinista na base social dos três processos.³⁹ Salienta-se que o Canadá sofrera a migração maciça de súditos leais ingleses depois de 1775, alterando a sua base social que era de católicos. Os três processos formadores de Federalismos são adquiridos a partir da representação política, que advém oriunda dos conflitos, baseados nos direitos cívicos.

Contudo, as preocupações canadenses diferenciavam-se das norte-americanas. Tudo indica que Canadá moderno foi baseado no Quebec e na migração de súditos ingleses que fugiam dos fanáticos calvinistas revolucionários das Treze Colônias (BOUCHARD e LAMONDE, 1997:162-165). O Québec possui características diferenciadas das outras configurações políticas regionais, praticamente, consiste em três. Primeiramente, uma existência separada, sustentada

³⁶ A Guerra dos Sete Anos foi, talvez, o primeiro conflito de envergadura global onde França e Inglaterra empreenderam uma luta para o domínio de rotas marítimas ao redor do mundo.

³⁷ Os índios iroqueses possuíam uma quantidade de população que somente pode ser estimada. Contudo, certamente, apesar de sua população não ser grande, apresentava-se maior que escassos contingentes de colonos europeus, franceses, notadamente.

³⁸ A Federação Suíça foi a primeira da História, porém, seu sistema é tão complexo que a viabilidade de consolidação deste, em outros países, é nula, praticamente.

³⁹ O Calvinismo surgira na Suíça no século XVI e rompia com a mentalidade católica de pecado no trato das finanças.

por um contraponto europeu. Além disso, uma existência separada sustentada por um nacionalismo interno. Certamente, foi um reflexo do mercantilismo francês sob a orientação de Colbert que orientou a política francesa para a colonização de povoamento (VALASKASKIS, 1990: 62-64).⁴⁰ Finalmente, a opção norte-americana que almeja uma integração parcial ou total aos Estados Unidos (VALASKASKIS, 1990: 61). Inicialmente, os norte-americanos possuíam uma intenção de integração do Québec. Esse objetivo político quase foi a anexação do Canadá com a invasão de 1775 (MORRISSEY, 2003).

As querelas internas decorrentes da consolidação da revolução norte-americana impediram a anexação do Québec pelas Treze Colônias. Inicialmente, a escala demográfica era uma grande preocupação dos francófonos, nesse território, no século XVIII. Os sessenta mil habitantes de Québec não podiam fazer frentes aos dois milhões de rebeldes das treze colônias na conflagração da Guerra dos Sete Anos na América do Norte (VALASKASKIS, 1990: 64). Até a metade do século XIX, a proporção ainda era de um canadense para cada vinte norte-americanos (VALASKASKIS, 1990: 66).

O Quebec ainda teve de cerca de cinquenta mil súditos ingleses que fugiam do processo revolucionário estadunidense. Essa mesma absorção de uma nova população de origem franco-inglesa e a assimilação do Canadá ao império colonial britânico causou outra mudança que também forçou uma tendência ao federalismo. O colbertismo foi gradativamente substituído pelos padrões de livre comércio. Novamente, a população de Québec, da cidade de Montreal, principalmente, manifestou sua vontade de anexar-se aos Estados Unidos para que continuassem recebendo ajuda estatal para seu desenvolvimento. Esse problema só seria resolvido gradativamente com o tratado de reciprocidade de 1854 com os Estados Unidos e a implementação do Federalismo em 1867 (VALASKASKIS, 1990: 68).

Apesar disso, o século XVIII já apresentava as configurações principais dos atores políticos que atuariam na região, os ingleses, os franceses os rebeldes das

⁴⁰ A colonização de povoamento foi diferente da colonização de exploração voltada para a exportação de matérias-primas em massa para a Europa. Consequência da implementação da acumulação de capital primitivo na França também foi dirigida por Colbert. Todavia, os franceses apostaram na acumulação de capital oriunda na produção de produtos de luxo e no acúmulo indireto de metais. Essa balança comercial deficitária foi uma das causas do colapso econômico que ocasionou a Revolução Francesa de 1789.

Treze Colônias e os indígenas iroqueses. Os ingleses estabeleceram-se no século XVII na América do Norte. A fundação de colônias de povoamento só foi possível com a fundação da capital da Virgínia, Jamestown, em 1607. Essa cidade garantiu o fluxo de força de trabalho escrava para as lavouras das colônias do Sul, enquanto que nas colônias ao Norte, a situação era diferente. A agricultura de subsistência proporcionou uma comunidade muito igualitária, ainda fundada em uma sólida base religiosa calvinista.⁴¹

Do outro lado, os franceses, em 1534, descobriram a foz do rio São Lourenço. Em 1608, fundaram os fortes de Quebec e Montreal. Seu plano consistia em criar um eixo de colonização, na América do Norte, que dividisse os espanhóis ao Oeste e os britânicos ao Leste. Oitenta anos depois, eles conseguiram, estabelecendo a cidade de Nova Orleans. Contudo, o contexto da Guerra dos Sete Anos e a perda do Canadá para os Britânicos, fez com que os franceses reagissem e ajudassem os rebeldes das Treze Colônias para a estabilização da região.

O exército francês, dessa época até 1939, foi considerado o paradigma para todas as tropas terrestres ocidentais (CHARTAND, 1998: 29-31). Foi o primeiro exército organizado e contou com um tipo de organização em armas e técnicas que superavam seus adversários. Entretanto, a nobreza, oriunda dos laços sociais feudais não permitia a mobilidade social das tropas. Essa situação seria modificada com a Revolução Francesa (1789).

Tanto franceses quanto ingleses possuíam uma arma que tornaria a guerra mais mortífera: o canhão leve. No século XVIII, no contexto da Guerra dos Sete Anos, houve uma melhoria substancial das armas de artilharia. Os canhões passaram a receber novos metais na fundição e a pólvora foi modificada. Juntamente com esse avanço houve o incremento e o invento de novos tipos de projéteis que destruíam as formações de combate dos regimentos em campo aberto.

A luta de regimentos enfileirados e agrupados era uma necessidade. No século XX, o advento do rádio permitiu que os soldados não fossem mais comandados por clarins, tambores e bandeiras. Concomitantemente, o surgimento

⁴¹ Praticamente, um século depois, os ingleses derrotariam os franceses na Guerra dos Sete Anos, consolidando sua expansão colonizadora. Contudo, as tropas inglesas que enfrentariam os rebeldes das Treze Colônias possuíam uma heterogeneidade que ficou difícil ser manobrável em campo de batalha. As tropas eram, em sua maioria, compostas de mercenários de origem alemã, da região da Saxônia (KATCHER, 1973).

da metralhadora portátil desfez as grandes formações táticas de batalha, porque o tiro era contínuo. No contexto da Revolução Norte-Americana, a tecnologia fez a diferença e os canhões do século XVIII causaram a morte de vários soldados em campo de batalha (KONSTAN, 2003: 38-43).

Os rebeldes das Treze Colônias, na sua revolta de independência, tiveram que enfrentar uma das maiores potências europeias. Os britânicos possuíam tropas veteranas da Guerra dos Sete Anos. Porém, os colonos norte-americanos conseguiram fazer uma estrutura dupla. Com a ajuda francesa, constituíram um exército regular para combater os ingleses. Ao chegar aos lugares de combate, eram reforçados pelas milícias *part-time*. Era a mobilização em massa dos colonos que enfrentavam a metrópole com suas armas de caça (ZLATICH, 1995: 7-40). Eles não venceriam pela condução de táticas brilhantes ou de armas modernas. Era a superioridade numérica que fazia a diferença naqueles campos de batalha.

Neste sentido, os exércitos do século XVIII, raramente, ultrapassavam uma quantidade significativa de combatentes.⁴² Talvez as grandes distâncias dificultassem a alimentação e a manutenção da qualidade de vida das tropas. Cerca de trinta mil soldados ingleses não teriam condições de enfrentar e ganhar de uma população de mais de um milhão de colonos rebeldes, que não necessitavam percorrer grandes distâncias para realizarem suas operações. Além disso, os norte-americanos possuíam praticamente a maioria dos navios de comércio da coroa britânica, o que garantiu sua logística.

Ao mesmo tempo, os indígenas da região, no século XVIII, eram os iroqueses, os quais já foram mencionados. Eram oriundos de uma cultura muito antiga, que foi originada no atual estado norte-americano de Ohio. Naquele contexto, esses índios formaram uma entidade política, chamada de Confederação Iroquesa (JOHNSON, 2003). Constituída de seis nações, tradicionalmente, aliadas dos ingleses. Essa população foi disputada pelos atores políticos oriundos da Europa. A sua importância residia em dois fatores principais. Era a população autóctone mais numerosa da região e poderia fornecer reservas para os exércitos combatentes e esses guerreiros conheciam a região, fator determinante para a consolidação dos processos de colonização. Contudo, após a vitória da independência estadunidense,

⁴² O contingente era constituído de regimentos de cerca de 2.000 a 3.000 homens. Demoraria séculos para que fossem mobilizados contingentes de milhões de homens, como demonstrado na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

muitos desses indígenas seguiram seus aliados ingleses e estabeleceram-se no Canadá. No século XVIII, as margens do rio São Lourenço consistiam a fronteira para os projetos de colonização franceses e ingleses.

Segundo Marston (2002), o desafio dos franceses era a manutenção do território de Québec, com setenta e cinco mil pessoas, contra treze colônias inglesas que somadas, perfaziam o total de um milhão e quinhentos mil habitantes (MARSTON, 2002: 7). Neste sentido, os problemas franceses eram maiores, porque, notadamente, os franceses constituíam-se como a maior potência militar da Europa Ocidental. Poderia fazer frente a praticamente todos os inimigos no continente de origem, mas no Novo Mundo a marinha exercia um papel fundamental, principalmente, para o carregamento de provisões e pessoas. Neste sentido, os ingleses estavam consolidando seu poder naval e os rebeldes norte-americanos detinham a maioria das naves inglesas.

A atual província canadense de Québec (do lado francês) possuía um complexo sistema de fortificações (CHARTAND, 2005: 11-30). *Québec, Trois-Rivières, Montréal e Louigsbourg* perfaziam o sistema. Contudo, esses magníficos fortes não conseguiram fazer frente às investidas dos anglo-saxões. Montreal era uma cidade de colonização francesa que possuía um forte nas margens do Rio São Lourenço. Possuía grandes baterias de canhões de tiro, mas no ambiente de combate em floresta e nas margens de rios, tornavam-se ineficazes. Neste sentido, os objetivos de Colbert do estabelecimento de uma colonização de povoamento na América ficariam insustentáveis pela falta de uma proteção efetiva e de uma marinha de suporte para a manutenção do suporte das habitações.

A margem sul do rio São Lourenço oferecia outra perspectiva de colonização. Existiam cerca de dois milhões de habitantes oriundos de perseguições religiosas na Inglaterra que emigraram e agora desenvolviam suas colônias a partir do comércio triangular do rum.⁴³ Desde o estabelecimento de grandes massas populacionais a partir do século XVII, as escaramuças eram frequentes entre ingleses e franceses. Não pode ser esquecido que os mesmos franceses apoiavam várias tentativas de

⁴³ O comércio triangular era uma prática comum na Idade Moderna. Os navios repletos de mercadorias locais que depois, seriam trocadas em portos escolhidos. No seu retorno eles traziam outras mercadorias, contudo, não existia liquidez monetária. Os colonos norte-americanos faziam o comércio triangular, levando rum para as Antilhas, onde era trocado por fumo e depois escravos (FOSSAERT, 1994).

desestabilização do poder inglês, como decorrência de uma estrutura de média duração que vêm desde a Guerra dos Cem Anos (século XV). Como exemplo, pode ser citada a influência dos franceses nas tentativas escocesas de independência.

As escaramuças tornaram-se conflito aberto quando houve uma mudança nos sistemas de alianças monárquicas da Europa. Os europeus estavam divididos em dois blocos, de um lado França, Rússia e Áustria e de outro, Inglaterra e Prússia. A tensão originou a Guerra dos Sete Anos (MARSTON, 2001: 7-15). O objetivo britânico era o desgaste da influência francesa em vários lugares do mundo. Vários lugares distantes foram palcos de lutas, como a Índia. Muitos historiadores consideram esse conflito como uma guerra de alcance, verdadeiramente, mundial. Praticamente, todos os Estados europeus da época estiveram envolvidos. Talvez, esses sete anos de guerra fosse um prolongamento da solução das questões da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) que consolida o modelo de Estado-Nação no continente europeu (LEVINE, 2006: 597-618). A campanha de 1759 foi decidida com a tomada de Quebec pelos ingleses; apesar de toda a qualidade do exército francês, a falta de uma marinha de guerra impossibilitou-os de receberem reforços (REID, 2003: 03). Não obstante, essa marinha de guerra inglesa era composta, notadamente, pelos colonos das Treze Colônias. Anos mais tarde, os súditos leais à Coroa Britânica buscariam refúgio no Canadá.

Todavia, o modelo de Estado-Nação expandiu-se para outras regiões, concomitantemente, com a expansão do modelo do colonialismo que advém do Mercantilismo. Este trabalho pretende mostrar a extensão do teste da hipótese da formação de Estados a partir de projetos de ocupação territorial por populações de outros lugares. As populações europeias reproduziram os fenômenos políticos em outros lugares onde estavam (FREEMAN, 2006: 636-648). O motivo consiste na gênese e expansão de dois modelos de Federalismo que estavam junto como modelo de Estado-Nação, constituída por descendentes de europeus. Neste sentido, o século XVIII apresenta o paradigma do iluminismo e sua implementação na política.⁴⁴

Os Estados Unidos da América, apesar de seu discurso apologético a liberdade individual e das Nações, desde sua origem, demonstrou uma forte

⁴⁴ O Iluminismo do séc. XVIII consiste no movimento que rompe com elementos da Idade Média. Concomitantemente, é a época dos enciclopedistas e a retomada dos autores considerados clássicos da política, como Jean Jacques Rousseau.

tendência expansionista. A decisão da invasão do Canadá em 1775 é uma prova dessa tendência (MORRISSEY, 2003: 14). A desistência dessa operação ocorreu com a retirada do apoio francês que sentiu a necessidade de proteger a população francófona do Canadá. Essa decisão provocou um ressentimento nos canadenses que é percebido até hoje, de serem vítimas de fanáticos religiosos calvinistas norte-americanos que colocaram em risco os projetos de colonização inglesa do continente americano. O século XIX mostrou que, na formação territorial dos Estados Unidos da América, russos, franceses e espanhóis sofreram perdas territoriais.

Todavia, as lógicas do processo e do sistema internacional no século XVIII, não correspondem ao atual processo da construção do Estado (LEVINE, 2006: 597-618). O sistema internacional ainda estava sofrendo os processos de sua formação. Igualmente, existe um lapso temporal entre a implementação do Federalismo nos Estados Unidos da América, ocorrido no final do século XVIII, no Canadá que ocorreu na metade do século XIX, por motivos diferenciados. Respectivamente, o primeiro modelo adotou-se para a construção de uma nação e o segundo consiste na diminuição das assimetrias fiscais entre províncias. Contudo, a descrição das forças políticas envolvidas no processo, no século XVIII, demonstra que a hegemonia norte-americana é dependente da sua trajetória, onde existe a hipótese do Federalismo como a variável importante da Hegemonia no sistema internacional (ARRIGHI, 1994).

Essa reconstituição breve do cenário político, do século XVIII, tentou mostrar os paradoxos dos caminhos políticos na construção do Estado. Primeiramente, a existência de atores políticos heterogêneos, com políticas heterodoxas, conduziria a solução do problema da representação dos poderes locais. Outrossim, o início da colonização do continente americano apresentava um poder local que possuía uma força que não é mensurável nos padrões atuais. As metrópoles coloniais ainda eram incapazes de cooptar os poderes locais para seus projetos pela baixa capacidade populacional e econômica da colônia, sendo a força militar coercitiva da metrópole ainda era modesta (KERTZER e AREL, 2006: 664-680).

Conseqüentemente, os ingleses fizeram um grande esforço para anexar o Canadá frente aos franceses, na Guerra dos Sete Anos. Todavia, esse lugar tornou-se o refúgio dos súditos leais que fugiram dos colonos rebeldes. Ou seja, desde a origem, o Canadá já apresentava uma tendência ao Federalismo para a

acomodação do fluxo de populações oriundas do deslocamento provocado pela imigração, colonialismo e conflito com os norte-americanos. A tendência dos Estados Unidos da América em comportar-se como uma submetrópole colonialista, ao empreender sua própria expansão territorial, como mostra a intenção de invadir o Canadá em 1775, apesar do discurso da liberdade. Essa expansão ficou evidente, no século XIX, quando as Treze Colônias atingiram o litoral do Oceano Pacífico.

O Federalismo moderno surge, então, em um ambiente de definição de Estados e, principalmente, onde o desafio apresentava-se duplo. Os Estados nascentes (Canadá e Estados Unidos da América) não conseguiam enfrentar o poder local e seria o poder local heterodoxo que construiria esses Estados. Entretanto, a hipótese da relação entre Federalismo e construção de Estados apresenta-se frágil, porque no século XX, este foi adotado por Estados já constituídos. O Federalismo espalhou-se pelo mundo devido a sua capacidade, como arranjo político, de equilíbrio entre a elite política local e a nacional.

Outra conclusão pode ser vislumbrada a partir de uma delimitação geográfica (DAHL, 2009: 105). Nesse sentido, suponho que o vale do Rio São Lourenço, na América do Norte, representa a mesma fronteira do debate que é oriundo da mesma matriz do Velho Mundo. Ingleses e franceses resolveram muitas disputas europeias nos campos de batalha do norte da América. Comparativamente, o Mediterrâneo ofereceu as experiências políticas anteriores das formações estatais modernas. Os nórdicos apostaram no *Thing* e na exarcebação do individualismo, com a forte presença da iniciativa privada.⁴⁵ (DAHL, 2009: 27) Esse movimento é análogo a motivação dos rebeldes calvinistas que ergueram os Estados Unidos da América. Os mediterrâneos como gregos e romanos, pelo contrário, tiveram suas experiências políticas estruturadas na forte presença do Estado, como fora a colonização nos moldes franceses, que originaria o Canadá (DAHL, 2009: 21). Nesse tocante, um cenário geográfico complexo pode gerar experiências políticas complexas.

Nesse sentido, o trabalho aponta para a origem do sistema federalista moderno em um complexo cenário político e geográfico. Os trabalhos em Ciência Política apontam para dois momentos da implementação do Federalismo. As experiências precursoras, de canadenses e de norte-americanos, apontam para a

⁴⁵ *Thing* corresponde a assembléia local e o *Althing* a assembléia geral ou real. Esse tipo de formação deu origem a maioria dos Parlamentos europeus monárquicos (DAHL, 2009).

federalização de sistemas políticos que precisavam da adoção do sistema para a construção do Estado. Os outros países que adotaram esse sistema estavam preocupados na representatividade de poderes locais e na administração de vulnerabilidades oriundas da ameaça de fragmentação territorial. Novamente, a população reaparece como um elemento da definição do arranjo continental entre projetos de Estados e de Impérios, respectivamente, as Treze Colônias frente ao nascente Império Colonial Britânico.

I.3 – Populações Europeias, Estados ou Impérios?

A guerra de 1991 foi o último conflito, no sistema internacional, de um exército possuidor de um grande contingente de militares. Estima-se que a Coalização liderada pelos estadunidenses para libertar o Kuwait enfrentou um exército de quase um milhão de homens. Ao mesmo tempo, foi a primeira grande demonstração do impacto de novas tecnologias, dessa vez, no ataque. Conseqüentemente, a alta tecnologia tomou lugar dos balanços de força que levavam em consideração os inventários e, principalmente, dos quantitativos de pessoal disponível. Os conflitos são constituídos de pessoas tirando a vida de outros. Essa pesquisa procura reavaliar a situação e inserir o debate sobre a importância dos quantitativos populacionais para a tomada de decisão estratégica. A experiência das populações de origem alemã, no continente europeu, oferece um exemplo consistente entre forças de unificação e outras que privilegiam o poder local.

Durante a guerra moderna e com a experiência de duas Guerras Mundiais no século XX, os conceitos de forças armadas organizadas mudaram sucessivamente. Contudo, a profissionalização crescente dos militares aumenta os custos financeiros dos conflitos e o atrito viabiliza a necessidade contínua de utilização de homens aptos para o serviço militar. A abolição do sistema de reservas e a substituição por soldados profissionais atende a modelos onde a escala demográfica é comprometida e a localização do país torna-o seguro. A Grã-Bretanha oferece um exemplo nos conflitos europeus, porque sendo uma ilha, fica protegida de incursões de potências estrangeiras.⁴⁶ Contudo, desde a Idade Média, seus soldados sempre

⁴⁶ Mearsheimer (2001) aponta como o poder parador da água, o isolamento oferecido pelos oceanos.

foram altamente especializados em tiros a longa distância, de arcos longos a franco-atiradores na Primeira Guerra Mundial (BARTHORP e TURNER, 1989: 10-27). Por outro lado, na Europa continental, os exércitos apresentaram especializações. Exemplificando, a posição de Portugal era mais vulnerável, porque sua pouca população mantinha uma fronteira, relativamente, grande com a Espanha. A solução foi enterrar e fortificar as peças de artilharia para causar o máximo de baixas no inimigo, como na Linha de Torres Vedras (FLETCHER e YOUNGHUSBUND, 2003: 12-39).

A Europa oferece muitas experiências históricas que demonstram a importância da conscrição militar. O *leveé em masse*, decretado pela Revolução Francesa constitui o conceito fundador dessa tentativa do Estado em organizar a sua população para a guerra (FISHER, 2001: 15-23).⁴⁷ Esse tipo de conscrição teve seu ciclo que durou do início da Revolução Francesa, em 1789, até o final da Primeira Guerra Mundial em 1918.

Inicialmente, as *Compagnies d'Ordonnance* do rei Carlos VIII fariam ressurgir, no Ocidente, os exércitos profissionais (EMBLETON e WISE, 1975: 9-13). O soldados profissionais são muito eficientes e caros, já que envolvem custos de manutenção e operação que um Estado muitas vezes não consegue manter. Ao mesmo tempo, o período coincide com a hegemonia de Gênova no Sistema Internacional, onde o Capitalismo está gestado na cidade (ARRIGHI, 1994). Notadamente, o exército francês, no início da Idade Moderna, organizou seus grupos de combate em *lances fournières*, o antepassado do grupo de combate moderno.⁴⁸ Cada cavaleiro possuía um escudeiro, um cavaleiro desarmado e três arqueiros (EMBLETON e MICHAEL, 1973: 4-16). Cerca de cem lances formavam uma Companhia. A mesma tentativa da monarquia francesa ainda acontece, atualmente, nos Estados modernos. Os países atuam na cooptação de grupos privados para as forças armadas do Estado ou na eliminação de grupos locais antagonistas.

⁴⁷ Os revolucionários franceses, em 1790, decretaram a mobilização geral de toda a população. Os mais jovens deveriam portar armas, os mais velhos levantar-lhes o moral, as crianças carregariam os alimentos e as mulheres forneceriam as provisões. Dessa maneira, conseguiram quase meio milhão de soldados. Comparativamente, a Prússia tinha 180.000 soldados. Se os prussianos mobilizados correspondessem a população francesa, haveria 2.500.000 soldados prussianos.

⁴⁸ Nos exércitos modernos, geralmente, o grupo de combate corresponde a 12 homens liderados por um terceiro sargento, sendo a base dos combatentes da infantaria.

A observância do fenômeno pode ser recuado até o século XIV, onde no embrião da Federação Helvética, os suíços ressurgiram a falange grega para lutar contra os Habsburgos na Europa e defender a Carta de 1291. A Suíça poderia colocar até cinquenta e quatro mil soldados em campo de batalha no século XIV com a adoção do *Landsturm* (MILLER e EMBLETON, 1995: 4). O conceito era a mobilização geral dos homens aptos a lutar oriundos dos cantões da floresta (*Waldstätte*) que compreendiam Uri, Schwyz e Unterwald. Apesar da quantidade não ser comparável aos exércitos atuais, representava uma grande massa de guerreiros no século XIV. Dessa maneira, os suíços conseguiram garantir sua autonomia e, gradativamente, expandiram a sua Federação. Os padrões alcançados pelos suíços em campo de batalha são cooptados e incorporados em outros exércitos europeus.

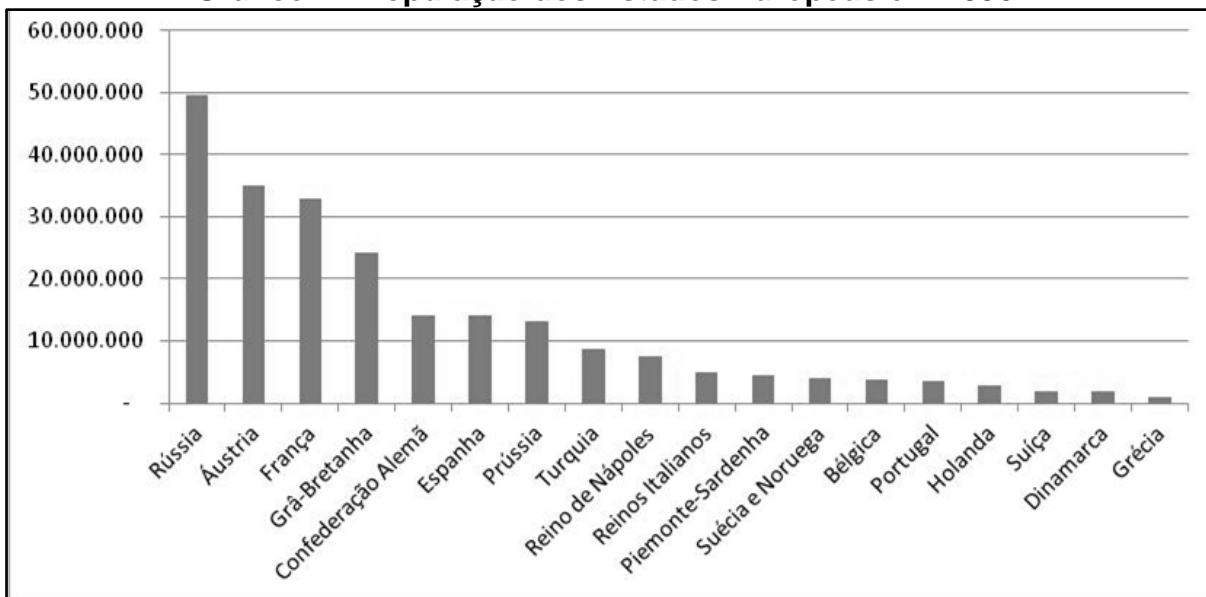
A adoção do padrão suíço, pela casa real dos Habsburgos deu origem aos *Landsknechts* (EMBLETON e DOUGLAS, 1976: 3-4). Esse tipo de soldado, posteriormente, foi a base dos *Tercios* espanhóis, como o embrião dos modernos regimentos de combate. Contudo, era basicamente um tipo de organização militar onde a disposição, de aspecto circense, tinha nas funções de apoio e logística uma imensa quantidade de mulheres, denominadas *tross*, porque todo o componente militar era móvel (EMBLETON e DOUGLAS, 1976: 5-15). As tendas, canhões, munições, lanças, alabardas e outras armas eram transpostadas em carroças e carretas, como serviço executado pelos próprios soldados que, geralmente, levavam suas famílias para a guerra. A realidade da Europa Central era de muita escassez e foi agravada pela Peste Negra (século XIV d. C.) que desorganizou a força de trabalho agrícola e marcou o declínio do Feudalismo (LEVINE, 2006: 597-618).

O grande avanço para o campo militar foi a possibilidade do estabelecimento de uma organização hierárquica que possuía o comando, controle e, a certo modo, as comunicações (C³). Neste sentido, apareceriam a figura do coronel, como mestre de campo, e dos sargentos que permanecem até hoje nas organizações militares como os principais elos da cadeia operacional. No campo de batalha, invariavelmente, o coronel continua sendo o comandante sênior do Terço (regimento de infantaria) que mantém contato direto com os sargentos que lideram os lances (grupos de combate) de cerca de doze homens, organizados na bandeira (companhia) (BRNARDIC e PAVLOVIC, 2009: 15). Notadamente, os níveis de organização militar são moldados para a acomodação do fluxo maior de pessoas. A sociedade europeia, no Mercantilismo, pôde contar com forças mais organizadas e,

nesse tempo, o regimento permaneceu como a força de combate através dos séculos, porque existe a questão do *spirit de corps* que manteve a coesão das tropas.

Esse tipo de organização teve seu apogeu no período formativo dos Estados nacionais europeus no período da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). O período coincide com a hegemonia Holandesa no Sistema Internacional (ARRIGHI, 1994). O conde Maurício de Nassau faz ressurgir, no Ocidente o conceito do revezamento das tropas, comparado aos romanos, fazendo da repetição dos tiros de arcabuzes e mosquetes (como as lanças tipo *pilum* romanas) o fim dos Terços (regimentos) organizados em piqueiros, análogo a falange grega (HOOK e ROBERT, 2010: 7-25).

Gráfico 2 - População dos Estados Europeus em 1836.



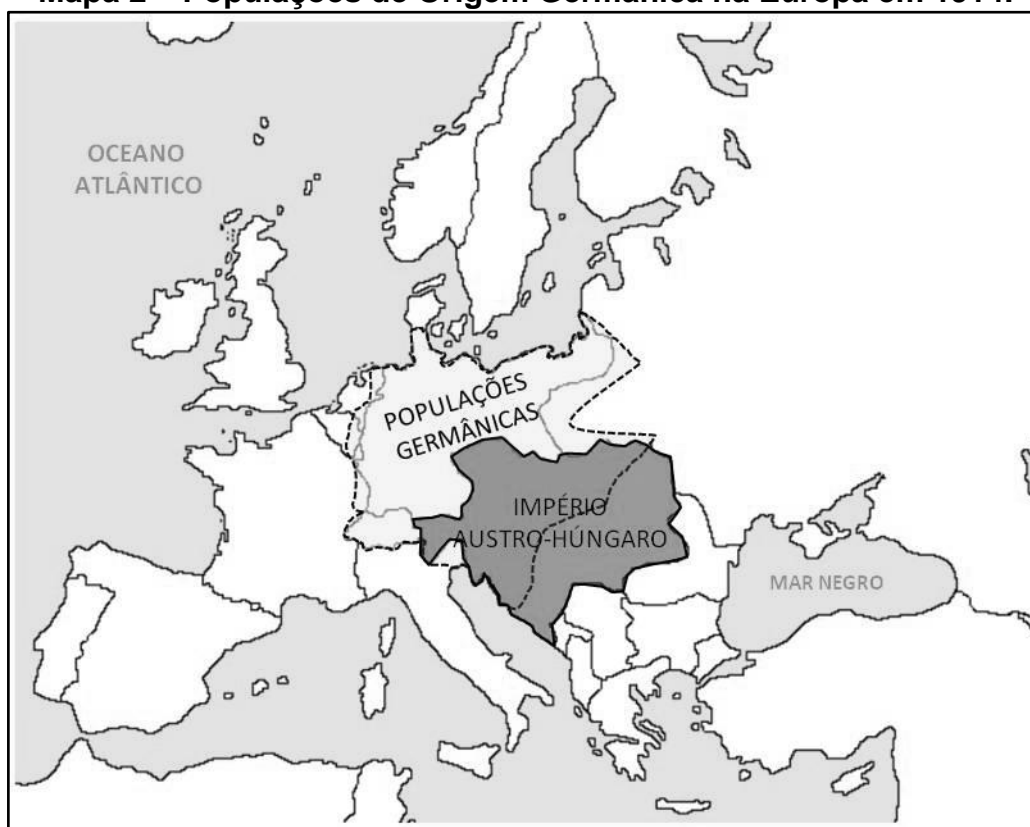
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de HOBSEWAIN, 2007

Quando o Capitalismo começou a se estruturar, os Estados começaram a preparar e organizar as suas populações mais eficientemente para os, e o tipo de recrutamento baseado no tributo compulsório de jovens do centro da Europa por agentes privados começou a declinar (BRNARDIC e PAVLOVIC, 2009). Os exércitos nacionais ficaram fortalecidos e, na região do Mar Báltico, a Prússia despontou como a organizadora do serviço de conscrição mais requintado (HOFCHRÖER e HOOK, 2003: 3-14). Com uma população de dois milhões de pessoas, seu exército possuía oitenta mil homens. Comparativamente, os franceses com dez vezes mais população conseguiu, com a convocação geral, mobilizar quatrocentas mil pessoas.

Proporcionalmente, os prussianos possuíam um exército maior e, com a idéia das classes de treinamento para reservistas, conseguiam manter sua população masculina pronta e organizada para os conflitos. Esse padrão foi mantido até a abolição do serviço militar na Alemanha, caminho que, atualmente, está sendo debatido até na Suíça.

Apesar da aparente descentralização política existente no centro da Europa da Idade Média até a Unificação Alemã em 1871, o padrão de utilização de tropas e exércitos permanecia. Durante o Período Napoleônico (1804-1815) os reinos da região aliaram-se aos franceses temendo a expansão prussiana, entretanto, não alcançariam seu objetivo. O Império Austro-Húngaro opôs-se a expansão alemã, mas a tecnologia da Segunda Revolução Industrial suplantou seus exércitos que eram numerosos.⁴⁹

Mapa 2 – Populações de Origem Germânica na Europa em 1914.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de SIMKIS, 2003: 14.

⁴⁹ O Império Austro-Húngaro, com uma população de 40.000.000 de habitantes, era um potência do século XIX até o final da Primeira Guerra Mundial em 1918 (HOBSBAWN, 2009).

Na Primeira Guerra Mundial, surge o conceito do *stormtrooper* (DRURY e EMBLETON, 1995: 3-7). Os grupos de combate conseguiam fazer ataques independentes das grandes formações com bons resultados. A penetração em longa distância, através do flanqueamento das posições defensivas do inimigo, foi a principal consequência da nova doutrina. A Batalha de Kaiserslautern demonstrou que esses homens armados conseguiriam uma penetração maior que meses de combate por atrito na guerra (GRAY, 2000).

O impacto político da mobilização na Guerra foi sentido com a possibilidade de cooptação desses grupos de combate para propósitos políticos.⁵⁰ Na instauração da República de Weimar, na Alemanha do pós-Primeira Guerra Mundial, aconteceu o fenômeno dos *Freikorps* (BUJEIRO e JURADO, 2001: 46-53). O Estado alemão não conseguiu desmobilizar seus soldados de maneira satisfatória. Muitos grupos de combate de doze homens andavam pelo país sem rumo e a vulnerabilidade econômica dessas forças condicionou sua participação na vida política do país. O mais famoso grupo foi o que serviria ao propósito da ascensão do Nazismo no poder na Alemanha (LITTLEJOHN e VOLSTAD, 1990: 3-7).

A aglutinação de grupos de combate garantiria o apoio necessário para a acomodação de elites e rearmamento das forças armadas da Alemanha, desmobilizadas depois da assinatura dos tratados no final da Primeira Guerra Mundial. Novamente, as forças armadas da Alemanha apresentaram um paradoxo estratégico. O período de 1939 a 1944 representa a fase da mecanização, onde mesmo as tropas na defensiva ainda não abandonavam seus princípios táticos de ruptura de linhas inimigas (ANDREW e THOMAS, 1997: 7-11). Por outro lado, os alemães nunca abandonariam o componente hipomóvel de suas forças, porque a mecanização das tropas exigia recursos que, geralmente, eram escassos em tempos de guerra, como o combustível (CHAPPEL e FOWLER, 2001: 3-7).

As forças armadas da Alemanha depois de 1944 e com a aproximação do final da Guerra eram muito diferentes (ANDREW e THOMAS, 1999: 5-10). Eram forças preparadas para o atrito e que possuíam o objetivo de salvar a chave de país e garantir um armistício pactuado com os aliados para fazer frente a URSS. As forças terrestres já não possuíam o apoio aéreo nem uma artilharia orgânica efetiva.

⁵⁰ A dimensão do impacto sistêmico da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ressurgiu, principalmente, na reorganização das forças produtivas da Europa e no começo do decréscimo estrutural de sua população (VIZENTINI, 2003).

Com isso, a aquisição do fuzil de assalto e de armas de carga oca, como o *Panzerfaust*, deu maior poder de fogo aos grupos de combate e lançou o conceito da artilharia portátil.⁵¹ Os primeiros caças a jato como o Me 262 entraram em serviço com a missão de abater os bombardeiros estratégicos que voavam a Alemanha. A situação alemã era tão precária que praticamente todos os militares da sua Força Aérea foram convertidos em elementos de combate no solo, temidos por carregarem um componente orgânico de armamentos maiores que os da infantaria comum (RUFFNER e VOLSTAD, 1990: 6-11).

As armas estratégicas surgiram para complementar o quadro.⁵² A V2 surgiu como o primeiro míssil balístico e ficou a cargo do exército (CALOW e ZALOGA, 2003: 14-33). Inicialmente, era encarado como um substituto da artilharia e que poderia ter emprego contra-força, entretanto, o atrito na guerra forçou seu emprego contra-valor, principalmente, contra as Ilhas Britânicas. A V1, o primeiro míssil de cruzeiro, com o objetivo inicial de causar o terror na população inimiga (LAURIER e ZALOGA, 2005: 37). Concebida para substituir os bombardeiros estratégicos, era uma arma para alvos contra-valor, porque seu baixo rendimento não possuía a possibilidade de emprego contra-força.

Novamente, aparece o grande receio aliado de que os alemães enterrem suas forças e que os norte americanos estivessem marchando para um cenário de guerra de trincheiras como fora a Primeira Guerra Mundial. Por isso, a pressa da chegada ao centro da Alemanha para a desarticulação de suas forças de combate e o abandono da questão política da tomada de Berlim que, tecnicamente, não constituía uma tomada significativa, se considerada a mobilização geral da população masculina de 15 a 60 anos de idade na milícia *Volkssturm* (Ó BRÓGÁIN e

⁵¹ Ilustrativamente, o fuzil de assalto é um tipo de arma que consiste no meio-termo entre o fuzil de combate e a submetralhadora, converge peso, poder de fogo e manuseio. Munição de carga oca é um tipo de explosivo que utiliza a deformação de polígonos de cobre para a produção de jatos de metal quente que podem furar a blindagem de veículos blindados.

⁵² Não pode ser esquecido que na Primeira Guerra Mundial já existia o submarino, armas químicas, bombardeiros estratégicos e canhões de cruzadores com 400mm. Uma arma alcança o nível estratégico quando, pelo seu alcance e carga explosiva, poderia colapsar estruturalmente o esforço de guerra inimigo e, nesse ponto, a V1 e a V2 oferecem essa perspectiva.

YELTON, 2006: 7-11).⁵³ O fenômeno, nas devidas proporções, encerra esse ciclo germânico de condução da conscrição de tropas, porque o *Volkssturm* alemão é análogo ao *Landsturm* suíço da Idade Média. Entretanto, os problemas do horizonte demográfico de populações germânicas foram aumentados com as enormes baixas causadas pelos dois conflitos mundiais.⁵⁴

Os números do atrito demonstram que a estratégia da guerra de trincheiras, com o uso de artilharia portátil pela infantaria e de mísseis de longo alcance, seria a forma de enfrentamento de exércitos mecanizados. Os soviéticos copiaram esse modelo alemão de atrito ao dar a infantaria o fuzil de assalto AK-47 e o lançador de projéteis de carga oca antitanque RPG-7, juntamente com lançadores de mísseis de curto alcance SCUD (ZALOGA, 1987: 3-23). Os russos possuem vasta experiência na guerra de atrito desde a Idade Média (NICHOLE, 1999: 3-24). A assimilação da estratégia soviética de guerra pelos Estados pobres vem do isolamento e do problema da logística no conflito, o que demonstra a rapidez da assimilação por essas forças.

Contudo, o outro lado do conflito é a tecnologia que, na Guerra do Golfo de 1991, demonstrou a vulnerabilidade das tropas iraquianas. Além disso, a computação tornou o debate científico e político concentrado na tecnologia, deixando o horizonte demográfico em um plano secundário de análise. Os conflitos são infelizmente marcados pela morte de pessoas e a quantidade de pessoas importa para o uso da força no sistema internacional. Indubitavelmente, a tecnologia possui um impacto muito grande nos conflitos mas o seu papel está superestimado. Novas tecnologias, em 1991, provocaram o colapso da mecanização, porém, não impactaram a necessidade da conscrição. Os Estados possuem a necessidade de grande quantidade de soldados para a condução da guerra.

As armas com componentes tecnológicos avançados exercem duas influências no uso da força. Primeiro, possuem a capacidade de aumentar o número

⁵³ A preocupação norte-americana na Segunda Guerra Mundial era a possibilidade dos alemães enterrarem suas forças e a guerra terminar em um atrito análogo a Primeira Guerra Mundial. Deste modo, os norte-americanos lançaram a ofensiva Red Ball de, literalmente, despejas a maior quantidade de armas e soldados dentro do território da Alemanha, destruindo suas forças terrestres. Desta maneira, o objetivo do Gen. Patton, de tomar Berlim, adquiriu um significado estratégico.

⁵⁴ Os alemães perderam 6.000.000 de pessoas na Segunda Guerra Mundial, 9% de sua população (VIZENTINI, 2003: 163).

de baixas em relação ao tempo. O Estado francês na Primeira Guerra Mundial, por exemplo, infligiu inúmeras baixas às forças alemãs em Verdun, em 1916, mas estas ocorreram durante meses de combate convencional.⁵⁵ Atualmente, a posse de armas estratégicas nucleares pelos franceses produziria essa mesma quantidade de vítimas em questão de horas. A tecnologia influencia os conflitos, mas não age de maneira a ser um componente determinante nos rumos do mesmo, porque sua posse não garante a vitória. Os Estados Unidos da América e suas intervenções em países como Vietnã, Iraque e Afeganistão demonstraram que a alta tecnologia deve ser utilizada com o emprego das forças, desde que atendam os objetivos do uso da força.

A outra influência mencionada é apresentada no impacto que a tecnologia possui na força de trabalho. Desde o advento das organizações estatais, uma grande questão diz respeito à capacidade de Estados ou organizações privadas de manter grupos armados. Na Antiguidade, o Império Romano conseguiu manter uma força profissional organizada e que possuía uma atuação intercontinental. Os grupos de combate modernos tiveram sua concepção nos manípulos romanos e na capacidade dos mesmos de sustentar essa máquina de guerra com uma economia agrícola, baseada na escravidão. O Feudalismo deixou os grupos de combate sustentados pelos poderes privados. O processo de aumento dos exércitos começou em 1648 e culminou na Segunda Guerra Mundial em 1945. Neste três séculos, a tecnologia aumentou muito e, concomitantemente, os Estados ficaram mais ricos e puderam organizar suas forças armadas no horizonte de milhões de homens. A mudança da tecnologia começa com a entrada de serviço, na União Soviética, dos primeiros ICBMs. Milhares de jovens retornaram à força de trabalho da União Soviética, ajudando seu Estado na reconstrução.

Atualmente, a dificuldade do debate acadêmico reside na adequação entre os limites da tecnologia e as variações das populações nos Estados. Dentro do Equilíbrio de Poder no Sistema Internacional, os problemas do uso da força apresentam no componente demográfico um de seus limites. Por mais poderosas as armas estratégicas que um Estado possua, este continuará dependente do tamanho

⁵⁵ Estimativas apontam para 61.000 mortos, 216.000 feridos e 101.000 desaparecidos no lado francês. A Alemanha perdera 142.000 homens mortos e 187.000 feridos. (MARTIN e GERRARD, 2001: 84-86) O somatório resulta em 678.000 baixas, em ambos os lados, de fevereiro a dezembro de 1916.

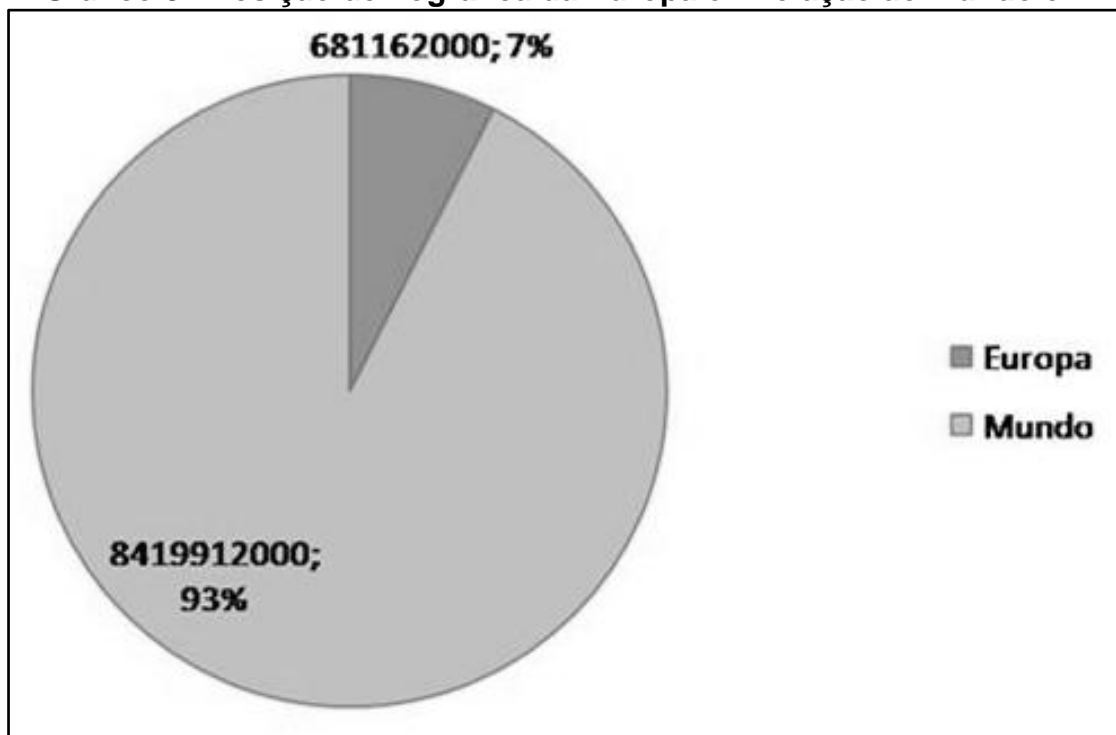
de sua população e, conseqüentemente, de sua froça de trabalho. Note-se que o exemplo do Império Austro Húngaro que entre 1815 e 1918, foi uma organização política poderosa da Europa, mas que sucumbiu frente ao aumento das populações dos outros Estados do continente (HOBSBAWN, 2007 e 2009). A experiência de constituição deste Estado foi a consolidação de um projeto de império para a população de origem alemã. A própria Alemanha, como herdeira do Sacro Império Romano Germânico, conseguiu manter seu Estado, apesar de tentar unificar a Europa nas duas Guerras Mundiais pela força. Talvez, a ascensão da Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a liderança alemã no estabelecimento do euro como moeda possa a Alemanha erigir um Estado Continental na Europa, nesta conjuntura de transição econômica.

II – OS EFEITOS DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA SOBRE A POLARIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL.

As populações, historicamente, variaram em seu tamanho, e essa variação acompanhou a polaridade dos Estados no Sistema Internacional. Um exemplo significativo, de média duração, foi o continente europeu. A Europa foi o palco onde os fenômenos políticos serviram de paradigma para Ciência Política. Durante cerca de quatro séculos, do XVI ao XX, os europeus desenvolveram sua civilização com avanços tecnológicos que possibilitaram sua expansão para outras regiões. Contudo, o avanço tecnológico também serviu para a dizimação de populações inteiras. Um ataque nuclear poderia continuar a sociedade de um Estado. Contudo, nem só o conflito diminui a população.

As mudanças nas populações mundiais projetadas para 2050 indicam uma redução da população europeia para sete por cento da população mundial, devido a queda nas taxas de fertilidade, notadamente, Itália, Grécia e Alemanha.

Gráfico 3 - Posição demográfica da Europa em relação ao mundo em 2050.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Neste sentido a população africana ocuparia o espaço da europeia, de vinte e um por cento da população mundial. Comparativamente, a África, na década de

1950, era de sete por cento. A pressão exercida pelas populações em movimento podem desestabilizar os Estados. Dentro de uma perspectiva histórica, a quantidade de população, em deslocamento, pode modificar as composições dos Estados. Se podem causar colapsos na área de assistência social, como saúde e educação, do outro lado, podem progredir a Economia, com um fluxo maior de trabalhadores. Para o presente estudo foram escolhidos casos que exemplificam o impacto da demografia na Polaridade do Sistema Internacional.⁵⁶

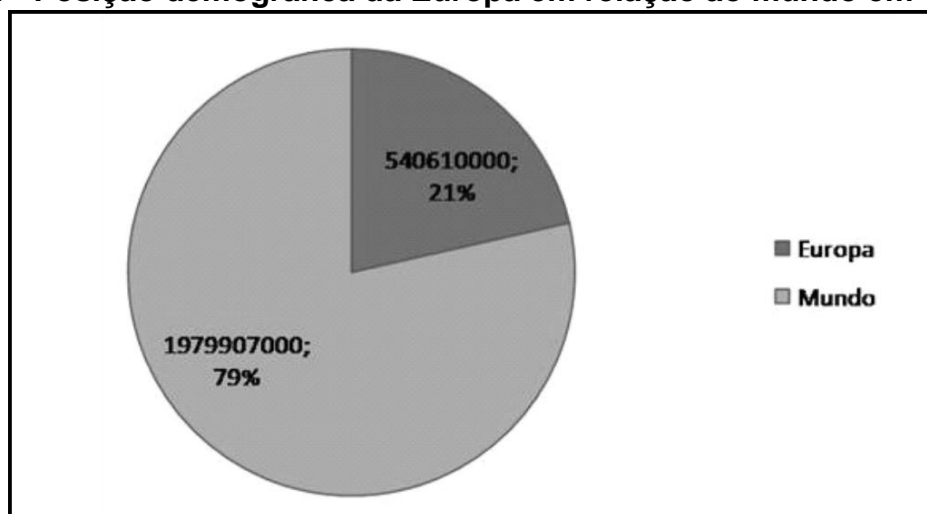
O Sul da Ásia concentra a região de maior Demografia no mundo. As realizações, na Política, podem definir os rumos dos exemplos para os Estados em formação na Ásia e África, principalmente, com a possibilidade de confronto entre China e Índia. No Oriente Médio, a Arábia Saudita e o Irã apresentam outra possibilidade de conflito. O Iraque é apresentado como a fronteira entre os sunitas árabes e os persas xiitas indo-europeus consistindo no possível campo de batalha (HUNTINGTON, 2010). Israel apresenta a possibilidade de enriquecimento e fortalecimento do Estado, desde que forneça cidadania à mão-de-obra de origem islâmica que aumenta o poder no Oriente Médio. As Coreias ilustram o dilema atual do debate sobre estudos estratégicos na Política. A Coreia do Sul aposta na modernização de suas tropas e em sistemas de mecanização, do outro lado, a Coreia do Norte permanece com o maior contingente de forças especiais do mundo como um reflexo de uma conscrição maciça.

II.1 – Estudos de caso sobre Força de Trabalho e Polaridade.

A Primeira Guerra Mundial foi o marco da longa duração, onde as perdas populacionais diminuíram a capacidade de reposição, talvez de forma perene. A Segunda Guerra Mundial reforçou a perda na capacidade de reposição, com o aumento significativo da perda de civis. Consequentemente, na década de 1950, os europeus eram vinte e um por cento da população mundial.

⁵⁶ O interesse da pesquisa consiste mais na descrição dos futuros impactos da transição demográfica que na prospecção de simulações para saber se o Sistema Internacional será do tipo unipolar, bipolar ou multipolar (MEARSHEIMER, 2001). Entretanto, Desse modo, neste período de transição hegemônica, a multipolaridade será dominante.

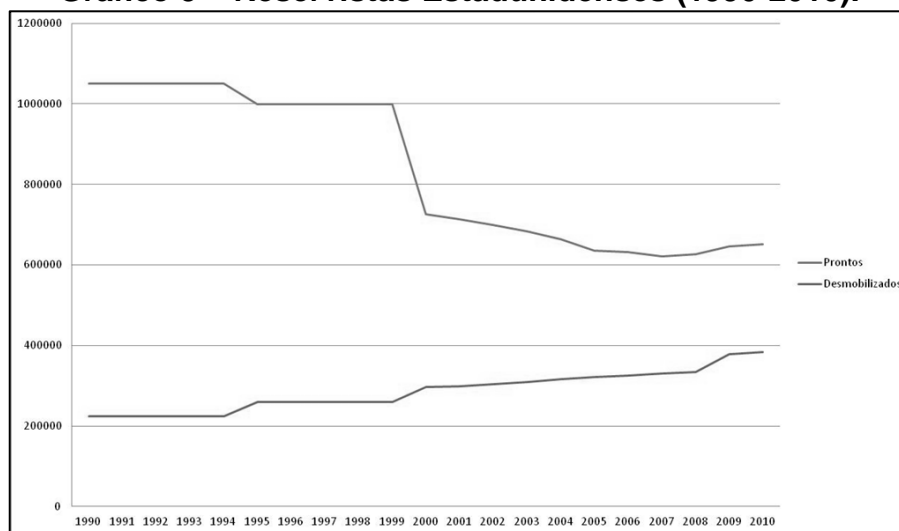
Gráfico 4 - Posição demográfica da Europa em relação ao mundo em 1950.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Concomitantemente, o continente africano possuía cerca de sete por cento da população mundial. A porcentagem europeia era representativa, na polaridade, no sistema internacional e isso impactaria na polarização. O arranjo do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas refletia essa tendência. Engana-se quem afirma que, somente, a posse de armas nucleares estratégicas seja a garantia da manutenção da polaridade no sistema internacional. O arranjo da instituição é oriundo da década de 1940, quando os Estados Unidos da América, incorporaram armas nucleares às suas forças armadas formadas por grandes exércitos de teatro.

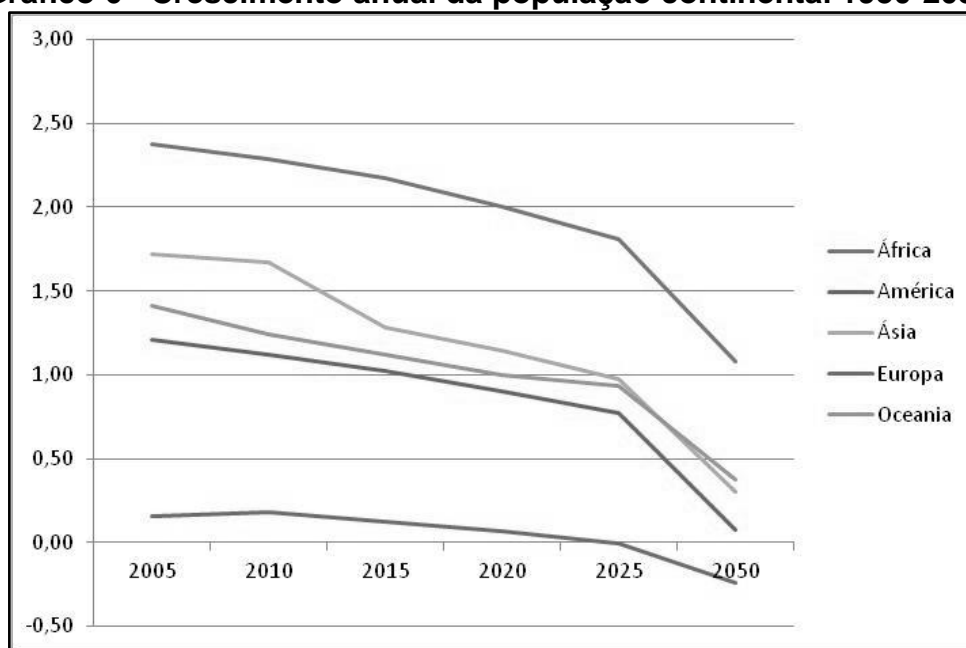
Gráfico 5 – Reservistas Estadunidenses (1990-2010).



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DMDC, 2011.

No campo do uso da força, no sistema internacional, a Guerra da Coréia (1950-1953) oferece um exemplo. A entrada de divisões de soldados chineses possibilitou o estabelecimento do armistício. A quantidade de soldados asiáticos excedia a munição das tropas da ONU. Os países, com alta polaridade no sistema internacional, preocuparam-se com o fenômeno. Os limites de capacidade dos países de enfrentar ameaças, aos seus interesses, passava pelo estudo da dimensão da demografia. Uma prova consiste na ineficácia, praticamente, das intervenções nos países em desenvolvimento como a intervenção estadunidense no Vietnã do Sul (1966-1973) e a Guerra do *Yom Kyppur* (1973) (VIZENTINI, 1990). A entrada da RPC no Conselho de Segurança da ONU, no lugar de Formosa (*Taiwan*), com o voto dos países africanos assinalou uma mudança de perspectiva.⁵⁷ Desta maneira, os Estados da África começaram, novamente, a demonstrar seu poder no Sistema Internacional. O crescimento da população no período de cem anos (1950-2050) compreende uma taxa anual projetada de dois vírgula cinco por cento ao ano.

Gráfico 6 - Crescimento anual da população continental 1950-2050.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

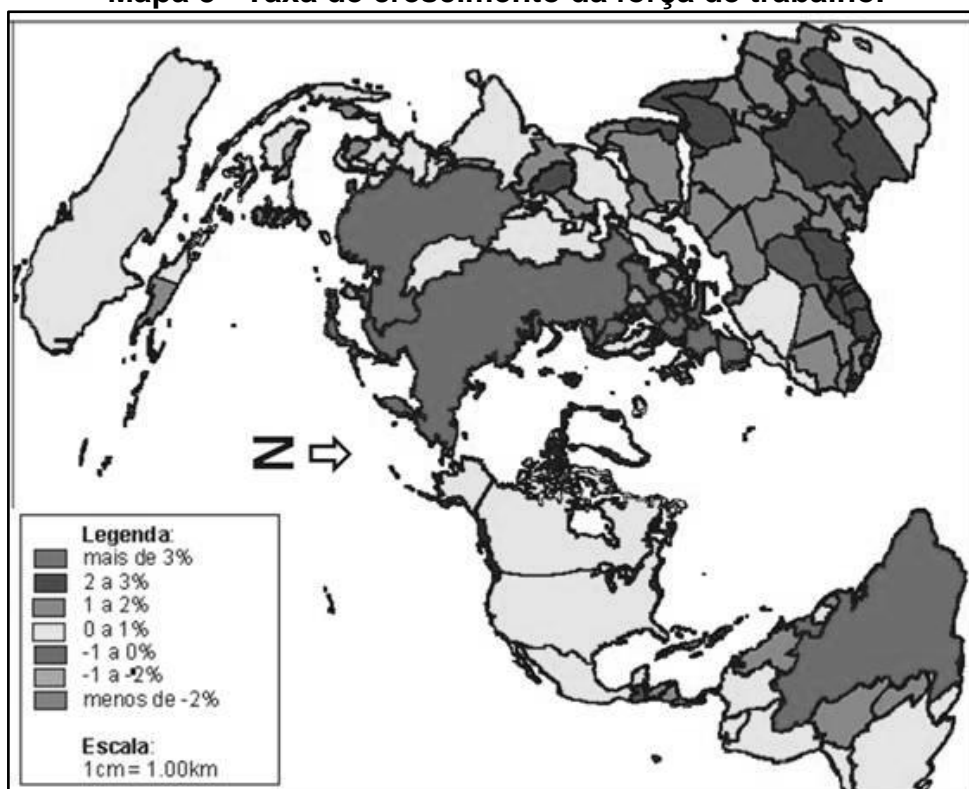
América, Ásia e Oceania mantêm uma taxa de um vírgula cinco por cento, enquanto a Europa mantém menos de um por cento. Notadamente, esse trabalho

⁵⁷ O presente trabalho utilizará a denominação de RPC para a RPC porque a ilha de Formosa (Taiwan) também é chamada de República da China.

leva em consideração a quantidade de pessoas nos continentes. A preocupação consiste na incapacidade de reposição dos Estados na manutenção da força de trabalho, quando a taxa de natalidade não garantir a reposição.⁵⁸

O crescimento das taxas é uma variável importante e também impacta o crescimento da força de trabalho. A distribuição do crescimento da força de trabalho no mundo ainda representa uma distribuição desigual. A Europa apresenta taxas muito pequenas. A Oceania, ainda possui com a Papua Nova Guiné certa reposição. Nas Américas, o Brasil possui uma taxa que diminui, mesmo assim, teremos a perda de dois milhões de possíveis trabalhadores, até 2050, nos sessenta e dois milhões de trabalhadores da Força de Trabalho de 2009.

Mapa 3 - Taxa de crescimento da força de trabalho.



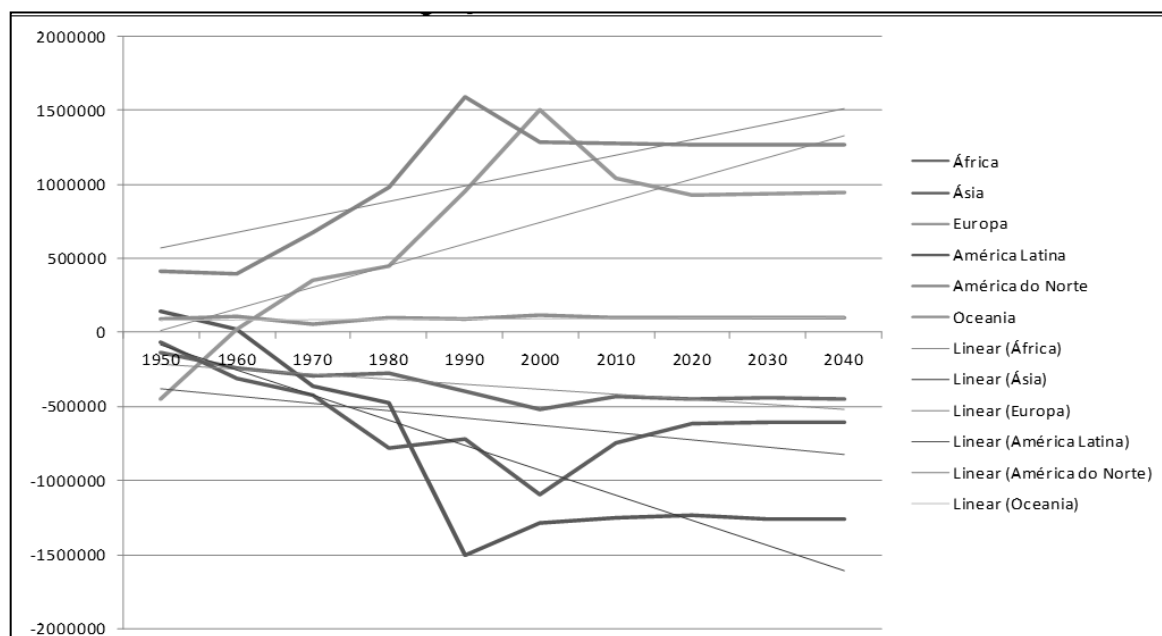
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

⁵⁸ A natalidade refere-se a quantidade de bebês dividida pela quantidade de mulheres de um país. A taxa de reposição refere-se a relação entre nascimentos e óbitos de uma nação e pode ser positiva, quando há crescimento e negativa, quando há perda. Atualmente, a Rússia é o Estado Ocidental que mais perde. O fim do sistema soviético reduziu a população russa para a metade (TODD, 2002: 149).

O Brasil será, juntamente com China, Índia, Estados Unidos da América e Paquistão, um dos Estados que possuirão mais de um milhão de jovens aptos para o serviço militar.⁵⁹ A Guatemala apresenta uma taxa de reposição alta que pode pressionar o Sul do México e, talvez, aumentar a pressão da imigração ilegal aos Estados Unidos da América.⁶⁰ Ásia, África e Américas, no plano geral, ainda mantém uma taxa de reposição estável.

As pressões demográficas de populações como força de trabalho podem alterar os fluxos migratórios para a compensação do decréscimo da população envolvida com o trabalho produtivo. No continente africano, a região que compreende o Níger e a Nigéria pode pressionar sobremaneira a região do Mar Mediterrâneo.

Gráfico 7 - Imigração continental



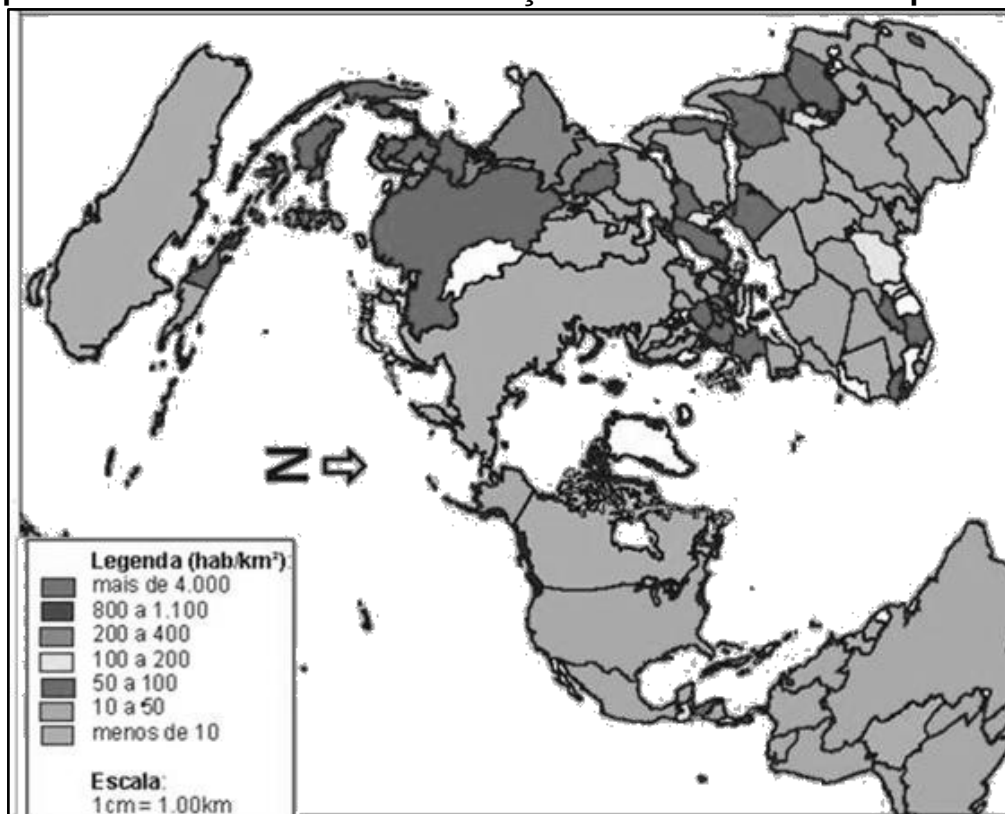
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

⁵⁹ Comparativamente, China possui 10.621.373 de jovens que atingem a idade militar, anualmente e a Índia 11.795.000. No outro nível temos Indonésia com 2.197.323, Estados Unidos com 2.196.124 e Paquistão com 2.089.936. Depois vem Nigéria com 1.697.030, Brasil com 1.690.031, Bangladesh com 1.538.865, México com 1.109.981 e Filipinas com 1.023.431. Os outros países do mundo possuem menos de um milhão. Fonte: USA. Cia World Factbook 2009. On-line (03/08/2009)

⁶⁰ O bônus demográfico é a quantidade de vezes que a força de trabalho de um Estado supera a quantidade de dependentes (QUEIROZ e TURRA, 2010). A hipótese é que a imigração legal ou ilegal, mantém esse bônus, artificialmente, fazendo a Economia norte-americana manter-se em vantagem em relação aos outros países.

Outra região que merece destaque é o Centro da África. Compreende os Estados da República Democrática do Congo, Ruanda, Burundi e Uganda. A alta taxa de fertilidade dos países e seu território limitado proporcionará um fenômeno análogo ao de Bangladesh, como uma alta concentração de força de trabalho.

Mapa 4 - Estimativa densidade da força de trabalho no mundo para 2050.



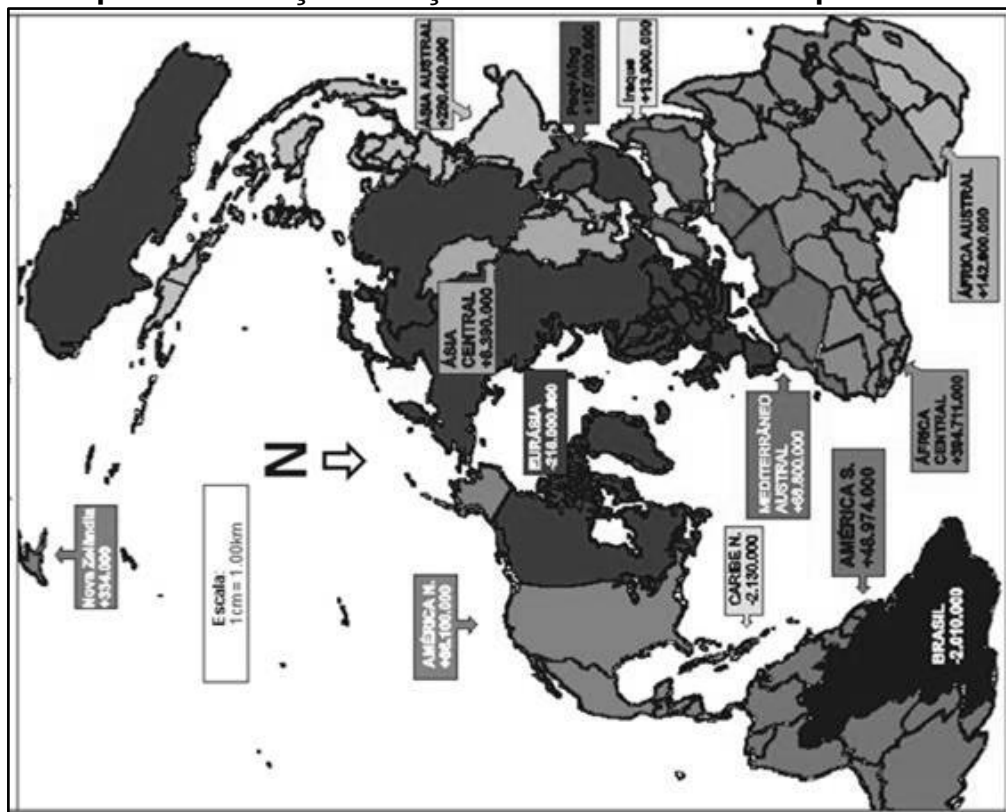
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Contudo, os países africanos possuem uma quantidade muito grande de dependentes para o sustento.⁶¹ A organização do arranjo do Capitalismo no território proporciona o tipo de acumulação que trará maior riqueza (FARIA, 2004). A força de trabalho deve acompanhar o modelo. A transição hegemônica e demográfica deixa instável o Sistema Internacional alterando a sua Polaridade e Polarização.

As alterações quantitativas no componente sistêmico para a metade do século XXI, são significantes. Ilustrativamente, o mundo perderá na força de trabalho cerca de duzentos e cinquenta milhões de trabalhadores.

⁶¹ Um exemplo extremo, fora da região, é o Níger, com 4.688.000 trabalhadores, aproximadamente (UNITED STATES, 2009). A força de trabalho possui cerca de mais de dois mil dependentes para cada trabalhador (UNITED NATIONS, 2009).

Mapa 5 - Mudança na força de trabalho no mundo para 2050.



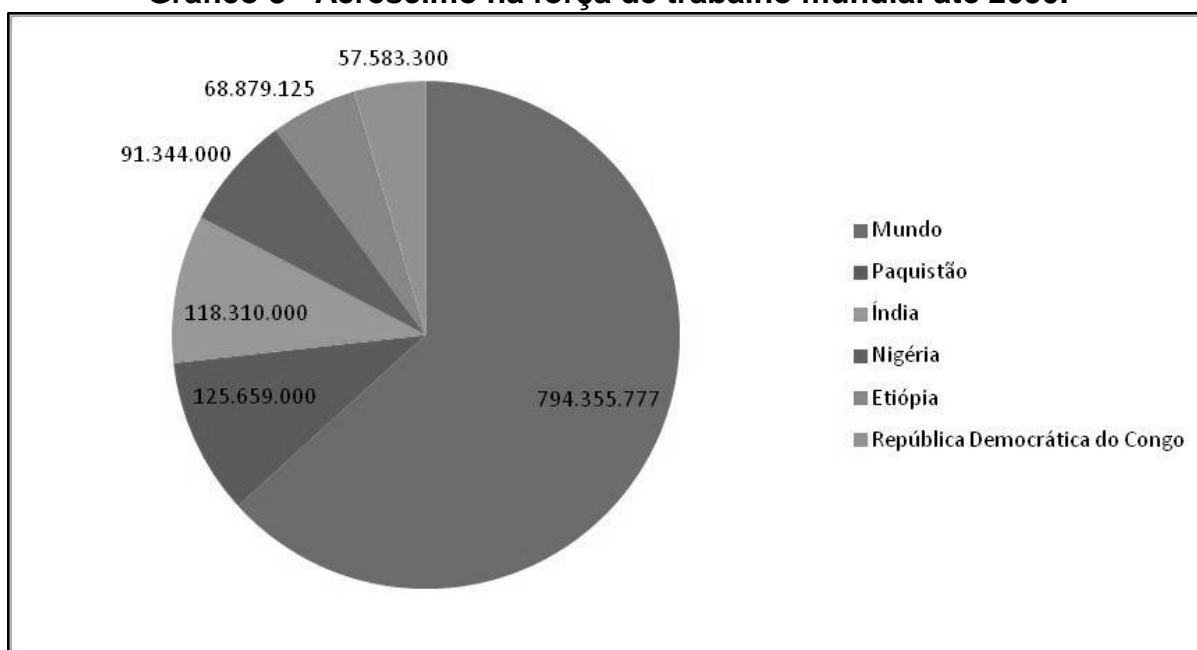
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

São pessoas que deixarão de nascer devido as taxas de fertilidade decrescentes dos Estados. O Estado que enfrentará problemas sérios, com sua política de um único filho é a RPC. Cerca de cento e cinquenta milhões de chineses estarão ausentes do mercado de trabalho, do total da perda mundial mencionada acima. A política de um único filho possui esse impacto sistêmico. O fenômeno pode atrapalhar, sobremaneira, a polaridade chinesa no sistema internacional e, principalmente seu crescimento.⁶²

O Sistema Internacional é dinâmico e as taxas de crescimento demográfico, apesar de apresentarem o padrão de tendência de decréscimo, o fenômeno é menor em certos Estados. Até 2050, o mundo contará com cerca de mais de um bilhão de pessoas a mais na idade de quatorze a sessenta anos.

⁶² Várias pesquisas, na década de oitenta do século XX, apontavam o Japão como o novo hegemona do sistema internacional, substituindo os Estados Unidos da América. O mesmo enfoque acontece com a RPC, atualmente (ARRIGHI, 2008).

Gráfico 8 - Acréscimo na força de trabalho mundial até 2050.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

A África e o subcontinente indiano terão maiores populações combinadas nos Estados. Os africanos terão três Estados que poderão pressionar regiões diferenciadas do Sistema Internacional. No Oeste Africano, a Nigéria contará com mais de noventa milhões de pessoas aptas para o trabalho. A direção dessa mão-de-obra pode, em menor impacto, ser barrado pelo Saara e, indiretamente, pressionar o Sul da Europa. O Brasil terá o decréscimo de dois milhões de trabalhadores e o fluxo de nigerianos poderia ser uma solução. Contudo, a presença do Oceano Atlântico ainda consiste em uma barreira.⁶³ O fluxo de trabalhadores pode encontrar com a República Democrática do Congo, outro Estado Chave que terá um acréscimo de quase sessenta milhões de trabalhadores. O Litoral Oeste africano pode sofrer de mudanças demográficas repentinas. A região poderá ser o corredor de passagem desse impulso na demografia. No Leste Africano, a Etiópia terá um acréscimo de quase setenta milhões de pessoas na força de trabalho. Contudo, a hipótese sobre esse aumento ainda permanece obscuro. O aumento poderia causar transtornos nas regiões geopolíticas em torno, como a Região dos Grande Lagos, o Vale do Nilo e pressionar a Península Arábica. A última

⁶³ Os oceanos oferecem uma defesa muito importante. O conceito Poder Parador da Água refere-se a possibilidade dos estadunidenses, geralmente, intervirem em vários pontos do mundo sem sofrerem retaliações (MEARSHEIMER, 2001).

especulação traria maior arcabouço teórico, porque a Arábia Saudita precisaria de mais trabalhadores mas seria difícil aceitar trabalhadores e origem cristão copta, concomitantemente.

Apesar de a Índia contar com uma população quase dez vezes maior que seu vizinho Paquistão, os dois países terão um acréscimo de cento e vinte e cinco milhões trabalhadores. Contudo, a área da Índia é quase quatro vezes maior que a paquistanesa. Ao mesmo tempo, os problemas avolumam-se com a proximidade paquistanesa com seu vizinho Afeganistão. A instabilidade regional pode agravar-se com a possível retirada das tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).⁶⁴ A região apresenta um desafio à Geopolítica.⁶⁵ O motivo consiste em uma década de operações da maior aliança militar do mundo que não consegue implementar, pelo uso da força, seus objetivos políticos.

A crença do Ocidente no emprego demasiado da tecnologia no ataque, a partir da Guerra do Golfo de 1991, reduziu a importância da quantidade de população para a Guerra. Como exemplo, afegãos e iraquianos, sob a intervenção estadunidense e de seus aliados, possuem uma quantidade extensa de jovens na idade de tornarem-se trabalhadores. Contudo, se o Estado é incapaz de absorver essa massa de pessoas no sistema produtivo, essa mesma força será, indelevelmente, absorvida por outros atores, como o crime organizado.

A Eurásia já passou por uma quantidade muito grande de mudanças de polaridade. Os impactos especulados para a segunda metade do século XXI dessas transições ainda merecem uma avaliação melhor. Percebe-se que a quantidade de pessoas na força de trabalho, potencialmente, explicaria a concentração de riqueza pela quantidade de mercado consumidor e, outrossim, na quantidade de soldados mobilizáveis. A mesma transição da demografia no plano sistêmico também afeta os países, os fenômenos não são isolados, porque a amostra foi construída a partir dos

⁶⁴ Operação Liberdade Duradoura (*Operation Enduring Freedom*) completou mais de uma década e o Afeganistão ainda não alcançou uma estabilidade política sustentável (IISS, 2011: 346-348).

⁶⁵ A OTAN não faz uso da minoria tadjique existente no Afeganistão, que era base da resistência ao Norte do país, contra o regime Talibã. Os tadjiques são os descendentes diretos dos persas sefávidas que, na região representam a laicização do Estado que influenciaram até a administração do Período da Índia Mongol do séc. XVI (FERRO, 2008: 101-104). Contudo, a população do atual Tadjiquistão de 7.349.145 habitantes não conseguiria assegurar uma ação política mais sustentável na região (IISS, 2011: 371).

dados. Os impactos são sentidos, também, nos Estados sob tensão no Sistema Internacional.

Concomitantemente, as transições que o Sistema Internacional alcançam os Estados. Atualmente, a transição Hegemônica compreende somente um aspecto do fenômeno. O presente trabalho reforça a importância do tamanho da força de trabalho dos Estados, dentro do Neo-Realismo estrutural, como a variável importante da Polaridade no Sistema Internacional.⁶⁶ Os exemplos da Guerra da Coreia e da Guerra do *Yom Kippur* demonstram que exércitos mecanizados podem sucumbir a massa de soldados organizados. Neste sentido, a população é concomitantemente reserva de mão-de-obra, força de trabalho e forças armadas.

As especulações sobre alterações sistêmicas foram tratadas. No entanto, faltou o enquadramento, em casos específicos, que ilustram a relação entre Polaridade e Polarização. Consecutivamente, o trabalho apontou para o componente demográfico como um dos maiores constrangimentos do uso da força do Estado.⁶⁷ Talvez seja um engano a eliminação da possibilidade de Guerra Mundial no futuro. Como exemplo, a Guerra do Irã-Iraque (1980-1988) e a Guerra da Bósnia (1992-1995), reviveram fenômenos como, respectivamente, ataque com massas humanas e de campos de concentração. Neste sentido, o trabalho trata de Estados que passam por problemas de tensão no Sistema Internacional.

Como exemplo, Paquistão, Arábia Saudita e Turquia são atores com características importantes no cenário internacional (TODD, 2002: 51-53). As três populações são islâmicas. O desafio da Arábia Saudita constitui na manutenção de sua viabilidade como Estado, mesmo mantendo uma pequena população relativa frente aos seus vizinhos. A política de manutenção de pequenos grupos insurgentes pode inviabilizar produção e o fluxo energético do centro da Eurásia.⁶⁸ Mas a médio prazo deixa o país vulnerável a tensões decorrentes das instabilidades dos países da região.

⁶⁶ Polaridade trata da capacidade do Estado em maximizar seu poder (WALTZ, 1979).

⁶⁷ Constrangimento é o limite imposto, estruturalmente, à polaridade do Estado (WALTZ, 1979).

⁶⁸ O conceito da Guerra Irregular Complexa abrange o problema dos papéis confusos dos atores políticos envolvidos no uso da força no Sistema Internacional (IISS, 2006: 411-429).

O problema paquistanês é o inverso. O Estado tenta conter a grande população composta por diferentes etnias e que possui diferentes ações políticas. Comparativamente, a população paquistanesa ainda é pequena em relação a Índia. Finalmente, a Turquia é o portal de entrada da Europa. Faz parte da OTAN e poderá ser importante na contenção do fluxo migratório de islâmicos para o território europeu. Apesar desse trabalho do Estado nesta contenção, o resultado frente a essa política, no médio prazo ainda não podem ser mensurados. O ressentimento do bloqueio desse fluxo migratório e a lembrança do império Turco-otomano podem, a seu turno, desestabilizar a Turquia.

A escala comparativa do tamanho das populações consiste no objeto de relação entre as díades. Os Estados com as maiores populações e com a posse de artefatos nucleares serão contemplados, como China e Índia. Em seguida, os países que são foco de tensão no Sistema Internacional como Coreia do Norte e Coreia do Sul. Finalmente, serão apresentadas as regiões do planeta que podem constituir-se em um foco de tensão, como a região dos Grandes Lagos Africanos. Contudo, o objetivo segue na demonstração da quantidade de pessoas como variável importante na polaridade. Talvez, para o conceito de dissuasão estratégica, uma grande população seja mais eficaz que a posse de arsenais de armas nucleares.⁶⁹ Ilustrativamente, foram escolhidos casos que exemplificam o impacto da demografia na Polaridade do Sistema Internacional.⁷⁰

II.2 – Sul da Ásia.

⁶⁹ Dissuasão compreende a ameaça explícita ou crível que um ataque será respondido com uma retaliação tão pesada que torne o custo de um primeiro ataque muito maior do que os benefícios que ele poderia gerar (JERVIS, 1979: 289). Contudo existe a diferença entre dissuadir e compelir (obrigar pela força) alguém de fazer algo. Ambos os conceitos adquirem sentido nos termos da teoria clausewitziana da guerra (BRODIE, 1974).

⁷⁰ O interesse da pesquisa consiste mais na descrição dos futuros impactos da transição demográfica que na prospecção de simulações para saber se o Sistema Internacional será do tipo unipolar, bipolar ou multipolar (MEARSHEIMER, 2001). Entretanto, aparentemente, neste período de transição hegemônica, a multipolaridade será dominante.

A RPC e a Índia constituem os Estados do globo terrestre com as maiores populações.⁷¹ Ao mesmo tempo, possuem a posse de arma nucleares estratégicas e permanecem na ascensão de sua condição econômica.⁷² Contudo, os dois países ainda possuem questões de fronteira ainda não formalmente resolvidas, como a região de *Aksai Chin* e a *Linha MacMahon*.⁷³ As simulações envolvendo uma guerra sistêmica que possa envolver a região são, geralmente, baseadas na análise de seu inventário militar.⁷⁴ Esses cenários são corretos e refletem os modelos que contemplam o deslocamento das forças dentro de um cenário de guerra convencional ou nuclear. No entanto, esse trabalho contemplará o impacto de um conflito, dentro do constrangimento da Demografia no Realismo Neo-Estrutural.⁷⁵

Os limites, alcançados na compreensão de conjunturas, levam em consideração os problemas econômicos e políticos de curta duração. As análises sobre populações apontam para a produção de estudos que consideram as estruturas de longa duração. Os dois países constituem os centros populacionais mundiais com uma capacidade de expansão limitada. Sincronicamente, a uma grande quantidade de pessoas disponíveis para o trabalho, na idade de convocação militar, torna a possibilidade do uso da força mais crível.

As populações demoram para aumentar, entretanto, a capacidade reprodutiva indo-chinesa não pode ser subestimada. O impacto da política de um único filho na sociedade da China será sentido no futuro. Isoladamente, esse país perderá na sua força de trabalho, cerca de cento e cinquenta milhões de habitantes.⁷⁶ Atualmente, o

⁷¹ A partir de 2020, a Índia começará a ultrapassar a RPC na quantidade de população absoluta em um território três vezes maior que o chinês.

⁷² O Segundo Corpo de Artilharia do Exército Popular de Libertação da República Popular da China, possui mais de cem mil militares e 66 mísseis nucleares de alcance intercontinental em (ICBMs) organizados em 7 brigadas (IISS, 2011: 399).

⁷³ O *Aksai Chin* compreende uma área de 30.000km² no extremo Oeste da China e a *Linha MacMahon* é uma faixa de terra situada acima do território indiano de *Arunachal Pradesh*.

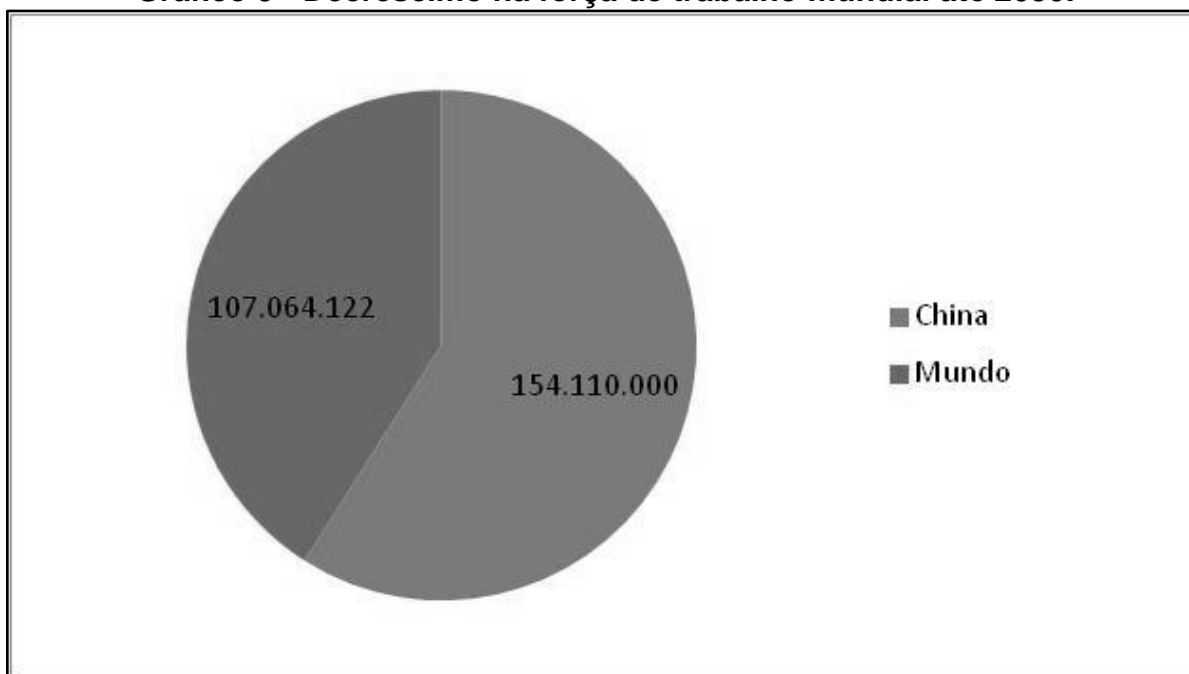
⁷⁴ Com 1.325.000 militares indianos e 2.285.000 chineses na ativa, Índia e China possuem grandes contingentes (IISS, 2011: 465-464).

⁷⁵ Waltz menciona os limites da maximização de poder dos Estados como constrangimento (WALTZ, 1979). A tese explora a Demografia como uma estrutura que consiste na variável explicativa da polaridade e impacta a polarização do Sistema Internacional.

⁷⁶ A quantidade consiste em 152.811.764 trabalhadores se colocarmos a taxa de reposição de um filho por mulher no período de 2010 a 2050 (UNITED NATIONS, 2009).

crescimento econômico chinês é proporcionado pelo grande volume de trabalhadores no mercado e na diminuição do número de dependentes.

Gráfico 9 - Decréscimo na força de trabalho mundial até 2050.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

O acúmulo de armas nucleares em uma corrida armamentista, mesmo em uma balança de poder regional, não necessariamente garantirá uma defesa eficiente. Ilustrativamente, os Estados Unidos da América (EUA) gastaram, entre 1945 a 1991, cerca de sete trilhões de dólares em arsenais nucleares que nunca foram utilizados.⁷⁷ Primeiramente, o ICBM foi a maneira soviética de deslocar pessoas do exército para a força de trabalho, depois, foi um dos fatores que contribuiu com o colapso do país, com o investimento maciço em defesa immobilizando investimentos em outras áreas.

A Ásia Central possui uma estrutura de longa duração de tensão, com o Tibete servindo de insulador, separando chineses e indianos de suas pretensões territoriais (BUZAN e WÆVER, 2003). Geograficamente, a região do Tibete possui altas altitudes e uma baixa densidade demográfica. O descompasso entre a necessidade de defesa e a ampliação das fronteiras econômicas, torna a região um

⁷⁷ O valor estimado é de US\$ 7.603.000.000.000,00. Compreende 12% em defesa antimíssil, 42% em vetores, 4% em ogivas e 42% em estruturas (SCHWARTZ, 1998).

foco de tensão. A guerra de 1962 foi o conflito sino-indiano mais intenso (GARVER, 2001).

A Índia apresenta um comprometimento maior de sua defesa possuindo duas frentes estratégicas: a chinesa e a paquistanesa (RAJAIN, 2005). A importância do Paquistão reside no fato de que esse país contribuirá com um aumento muito grande na força de trabalho, projetado para 2050.⁷⁸ O Estado paquistanês poderá pressionar zonas já conflagradas no Sistema Internacional como seu vizinho Afeganistão. A quantidade de trabalhadores disponíveis, também, para os conflitos pode tornar a região muito instável. Obviamente, o Irã deve ser mencionado.

O envelhecimento acelerado da população iraniana, escassa no Leste do país, compromete a segurança com a fronteira no lado paquistanês. O exército do Irã, apesar de ser altamente digitalizado, não poderia contar com duas frentes, mesmo operando dentro de linhas interiores, ou seja, sem a necessidade de deslocamento de tropas através de oceanos. Os exércitos modernos, mesmo com toda a tecnologia avançada não conseguem transpor esse obstáculo logístico. A pressão exercida pelos paquistaneses na região pode ser estimada.

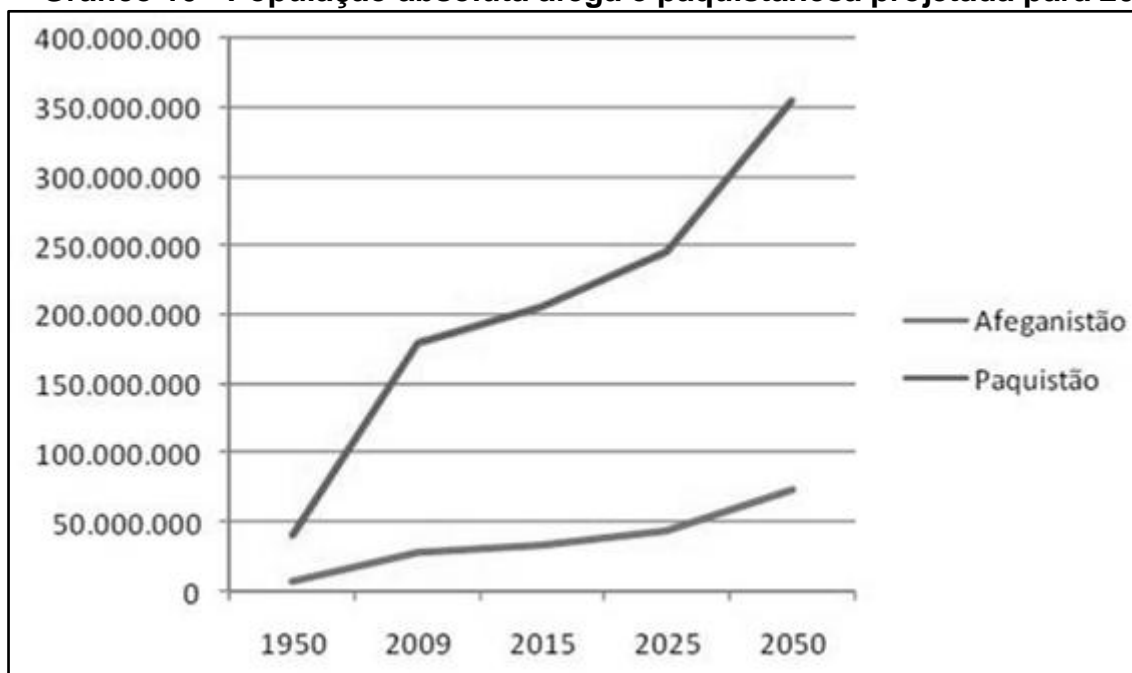
Comparativamente, o Afeganistão e o Paquistão decrescem a fertilidade total. Porém, está projetada para 2050 a população de quase cem milhões de pessoas para o Afeganistão e trezentos e cinquenta milhões de paquistaneses. Essa concentração da força de trabalho pode ser disputada por países que necessitariam destas para a continuidade da reposição de trabalhadores. Nesse ponto, o paradoxo é apresentado, o aumento da população pode não causar aumento da instabilidade, porque existe o decréscimo da taxa de fertilidade total com a diminuição do número de filhos por mulher. A população mundial começa a apresentar a tendência de estabilizar e envelhecer irreversivelmente.

Dentro do padrão dos Estados considerados, está havendo o decréscimo na fertilidade total. De uma taxa de seis filhos por mulher na Índia e três da China em 1975, o padrão aponta para o estacionamento em 2050 para dois filhos por mulher. A hipótese que segue consiste na verificação se a baixa da fertilidade e o aumento da idade média deixarão os países, politicamente, mais estáveis (BATSON, 2008:

⁷⁸ Serão 125.891.512 de trabalhadores projetados a partir dos dados sobre crescimento demográfico do Paquistão (UNITED NATIONS, 2009).

35-36). Porém, existe uma bibliografia que discute o enquadramento da Política doméstica da China e da Índia.⁷⁹ O desdobramentos políticos dessa região são importantes, porque constitui o centro da população da Eurásia.

Gráfico 10 - População absoluta afegã e paquistanesa projetada para 2050.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Notadamente, a Polaridade na Ásia é oscilante, porque RPC, Índia e Paquistão possuem armas atômicas (IISS, 2011). O tipo de conflagração a qual a região enfrentaria, pode gerar uma crise sistêmica devido a escala. A quantidade de artefatos nucleares é decrescente na ordem: RPC, Índia e Paquistão. Os efeitos de possíveis simulações de ataques nucleares apontam para a necessidade de estudo da relação do rendimento da arma nuclear com a densidade demográfica do alvo. As consequências de ataques nucleares serão nefastas para a economia da região e mundial, para o esforço de guerra.

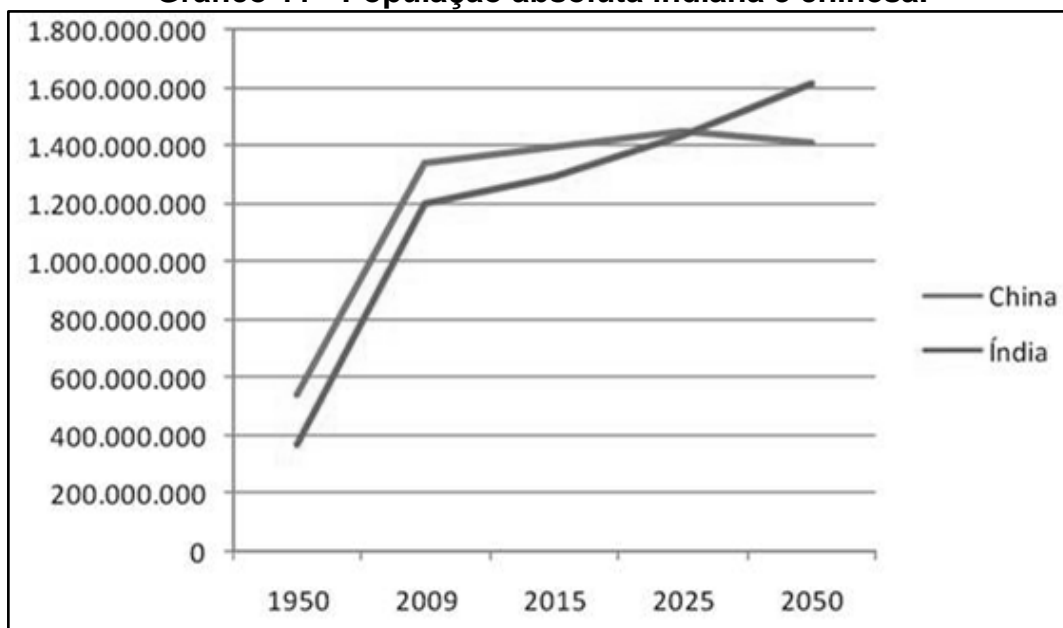
A ausência de grande número de instalações industriais e a existência de grande número de armas de baixo rendimento proporciona um aumento na intenção

⁷⁹ Dentro da Ciência Política, a literatura sobre Cultura Cívica debate o limite de seis mil dólares de *renda per capita* para a estabilidade Democracia nos Estados (PRZEWORSKI et al, 2000) Posteriormente, a tese discute o problema, para a força de trabalho dos países, da capacidade de geração dentro da inclusão, na Poliarquia, de Robert Dahl.

de utilização de artefatos nucleares, justamente, nos alvos contra-força, ou seja, contra forças militares. Esse salvos compreenderiam tropas ao ar livre, ou enterradas, e elementos mecanizados. Entretanto, o emprego contra-valor não pode ser descartado, porque um suposto ataque paquistanês a autoestradas e para a defesa frente a uma penetração indiana, poderia retardar algum tipo de operação convencional. Ou seja, na região, a densidade populacional é concomitantemente uma barreira de defesa e reserva de operações convencionais.

A projeção da população absoluta projetada para 2050 ainda apresenta uma mudança. A partir de 2020, a população indiana começa a superar a chinesa. A política de um único filho para a população começa a impactar, no médio prazo para um Estado, os seus desdobramentos de vinculação do aumento de pessoas disponíveis para o mercado de trabalho, não esquecendo que os trabalhadores em atividade são os consumidores em potencial.⁸⁰

Gráfico 11 - População absoluta indiana e chinesa.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Comparativamente, a projeção para 2050, aponta o aumento de cento e vinte milhões de indianos na força de trabalho enquanto a RPC perderá cento e cinquenta

⁸⁰ Para efeitos explicativos e comparativos, a população projetada, para 2050, do Paquistão foi excluída porque é cerca de quatro vezes menor que a população chinesa e indiana, aproximadamente (UNITED NATIONS, 2009).

milhões de possíveis trabalhadores. O impacto social, econômico e militar, no entanto, ainda não pode ser mensurado, mas estudos posteriores devem tratar desse tema.

Nesse contexto de transição hegemônica, a RPC foi tratada, por vários autores, como o Estado candidato a hegêmona, com seu crescimento econômico de cerca de dez por cento ao ano, superando a posição relativa dos Estados Unidos da América no Sistema Internacional (ARRIGHI, 2008). A ascensão chinesa contém fatores políticos de planejamento da economia. Dentro do debate sobre constrangimento no Neo-Realismo Estrutural, a demografia reaparece. Não pode ser esquecida que essa ascensão ocorre ao mesmo tempo em que os chineses atingiram seu bônus demográfico, projetado para 2010.⁸¹ Neste sentido, os impactos de uma população envelhecida na RPC merecem atenção, principalmente, na ocorrência de eventual guerra sistêmica.

Índia e RPC, como Estado, possuem grandes populações. Todavia, a distribuição dessas populações não é uniforme nos territórios. A densidade demográfica é alta em todo território indiano, o mesmo não ocorre com a RPC, onde a população concentra-se no litoral Leste do país, seguindo o curso dos maiores rios. No Oeste da RPC, as regiões montanhosas do Himalaia oferecem uma barreira natural contra deslocamentos de povos vindos da Ásia. Concomitantemente, a região chinesa constitui a sua parte mais vulnerável. O conceito de chave de país demonstra que a China sempre sucumbiu a invasões oriundas do Oeste (CLAUSEWITZ, 2003). Esse vazio demográfico deixa o núcleo da etnia *Han* exposta. Ilustrativamente, a primeira dinastia chinesa é oriunda de movimentos unificadores do Oeste.

A partir de 2009, os chineses começaram a acelerar o povoamento do Oeste, visando a estabilização da região. Na medida de esse movimento acentua-se nesse pólo de poder regional, a percepção de ameaça pela Índia aumenta, causando um princípio de instabilidade regional. O trabalho não entrará no debate da legalidade da ocupação chinesa no Tibete. Estrategicamente, a posse do território tibetano

⁸¹ Bônus demográfico corresponderia a quantidade de população de 14 a 59 anos maior que o somatório de dependentes, menores com menos de 15 anos e idosos com mais 60 anos (QUEIROZ e TURRA, 2010). Ilustrativamente, o Japão atingiu em 1941 e desafiou os Estados Unidos da América na Segunda Guerra Mundial.

pelos chineses é uma questão de defesa, porque fornece ao Estado uma distância aos chineses frente a outras populações asiáticas.

Novamente, aparece, nas questões de defesa, o impacto de um conflito sino-indiano. A posse de armas nucleares pela Índia e RPC aumenta os riscos de uma instabilidade na região que alastraria até o Paquistão. Entretanto o impacto, em termos estratégicos, deveria ser reconsiderado, porque os Estados, envolvidos no possível conflito, teriam condições de continuar o seu esforço de guerra em uma curta duração. As armas estratégicas são, eminentemente, armas contra o Capitalismo, porque consistem em um armamento contra as cidades.⁸²

Neste sentido, países com centros urbanos modernos e dependentes do capital são mais vulneráveis aos ataques. Hipoteticamente, uma utilização de armas nucleares norte-americanas contra o Vietnã do Norte, apesar do alto custo político, tinha o problema de ser usada em um país de economia predominantemente rural. A devastação de centros urbanos não afetaria, em um primeiro momento o esforço de guerra dos vietnamitas socialistas do Norte. A modernização econômica da China, neste sentido, apresenta o aumento de sua vulnerabilidade frente a um ataque nuclear indiano. Consequentemente, a questão do Tibete, do Aksai-Chin e da Linha McMahon, aparentemente, não terá uma conjuntura diferente na curta duração.

II.3 – Arábia Saudita e Irã.

Os problemas do Iraque refletem as vicissitudes do Oriente Médio que decide a aderência de suas populações para projetos de laicização dos seus Estados (FERRRO, 2008). A população xiita ao Sul, a sunita ao centro e curda ao Norte, reflete os fenômenos sociais contidos na região. A complexidade dessas relações talvez seja oriunda da experiência histórica desses povos. A Arábia Saudita, com a ascensão do *wahabbismo* como projeto de Estado, dentro da fé sunita é o centro árabe da região e talvez mundial, que contrasta com a cultura indo-europeia do Irã

⁸² As cidades, segundo Fernand Braudel, são os pequenos motores do Capitalismo (FARIA, 2004).

que professa a fé xiita.⁸³ Apesar das duas populações serem na sua imensa maioria islâmicas, a diferença histórica existe, quando da expansão do Islã no século VII d.C.

Apesar da organização do sistema mundial, desde a paz de Westfália em 1648, e a inclusão de diversos Estados, percebe-se uma estrutura histórica de longa duração.⁸⁴ Ainda temos a Arábia Saudita, com o legado do núcleo da expansão islâmica e o Irã como herdeiro das experiências do império persa e suas dinastias. Essa estrutura continuou, como experiência história, e temos o Paquistão atual como resultado do Império Mongol como herdeiro de sua burocracia estatal (FERRO, 2008: 38-40). Neste sentido e em escalas oscilantes, as tensões políticas que ocorrem nos países desse eixo, que começa na Turquia e termina no Paquistão, afetam todos os Estados na região. Ilustrativamente, os acontecimentos políticos no Norte da África afetam do Marrocos ao Egito, formando outro eixo que está inserido no Arco de Instabilidade.

Dentro dessa lógica, os iranianos estão, praticamente no centro do eixo asiático. A invasão iraquiana de 1980, trouxe consequências nefastas para a quantidade de população do Estado. O país foi um dos países que mais reduziram sua taxa de fertilidade no mundo, nas últimas décadas.⁸⁵ A queda da taxa de fertilidade total foi muito alta na região, sendo maior que a tendência mundial. Apesar de o país ser alvo de críticas pelo desenvolvimento do seu programa nuclear, este talvez resulte em uma mudança de matriz energética.⁸⁶

O conflito adquiriu um determinado tratamento, pelos Estados com maior Polaridade, que inviabiliza a visualização dos constrangimentos sistêmicos que, realmente, consistem em obstáculos

⁸³ Dentro do islamismo as correntes de laicização, nacionalismo e até socialismo não encontram respaldo na religião. Não pode ser esquecido que o Islã já possuía um planejamento de Estado e que sua origem, na Península Arábica, era urbana (FERRO, 2008: 105-167).

⁸⁴ Braudel, na teoria do sistema-mundo, demonstra a relação da construção do Estado e do Mercado e como esta moldaria o Sistema Internacional (FARIA, 2004).

⁸⁵ No período de 1975 a 2010, os iranianos reduziram a Taxa de Fertilidade Total de 6,50 para 1,83 filhos por mulher. (UNITED NATIONS, 2009: 34)

⁸⁶ O século XXI apresenta-se como uma encruzilhada política para os Estados islâmicos. As mudanças culturais, econômicas e tecnológicas podem favorecer o processo de laicização (FERRO, 2008: 191-209). Todavia, o Ocidente ainda vê os mesmos como ameaça a segurança internacional.

na busca de maximização de poder pelo Irã e Arábia Saudita. Na política, o programa nuclear iraniano ainda é tratado como corrida armamentista, principalmente, por Israel e Estados Unidos da América.⁸⁷ Contudo, os israelenses aparentam não levar em consideração no cálculo estratégico que os sauditas possuem cerca de quarenta mísseis chineses DF-3A que podem inviabilizar o Oriente Médio.⁸⁸ Apesar da existência do Iraque, as populações sauditas e iranianas podem precisar dos recursos hídricos dos rios Tigre e Eufrates para o uso doméstico e agricultura.

Os constrangimentos da localização geográfica impedem esses Estados de maximizar poder. A existência de várias áreas desérticas inviabilizam a agricultura em grande escala e a dependência de fontes externas de recursos alimentares pode causar grande instabilidade política interna, como demonstrou as recentes instabilidades nos países islâmicos, no ano de 2011. Os constrangimentos políticos, problemas de alimentação e falta de recursos financeiros são transformados em motivos políticos. A transferência da responsabilidade por danos ecológicos, para o homem comum, contribuirá para o aumento da instabilidade política dos países. A incapacidade dos Estados de fornecerem o bem estar básico para sua população, não faz dos cidadãos culpados pelos danos à Ecologia. O uso racional de recursos naturais devem fazer parte da rotina de serviços do Estado.

Comparativamente, a região sofreu com conflitos endêmicos, porque está na principal região de produção energética do mundo. Os efeitos desses conflitos são penosos, ainda mais para a população jovem do período, podendo dizimar gerações. A guerra Irã-Iraque (1980-1988) foi nefasta para os iranianos. As privações da geração começaram com o uso de humanos em ataques em massa de infantaria. Somadas ao embargo internacional e a falta de alimentos, a taxa de

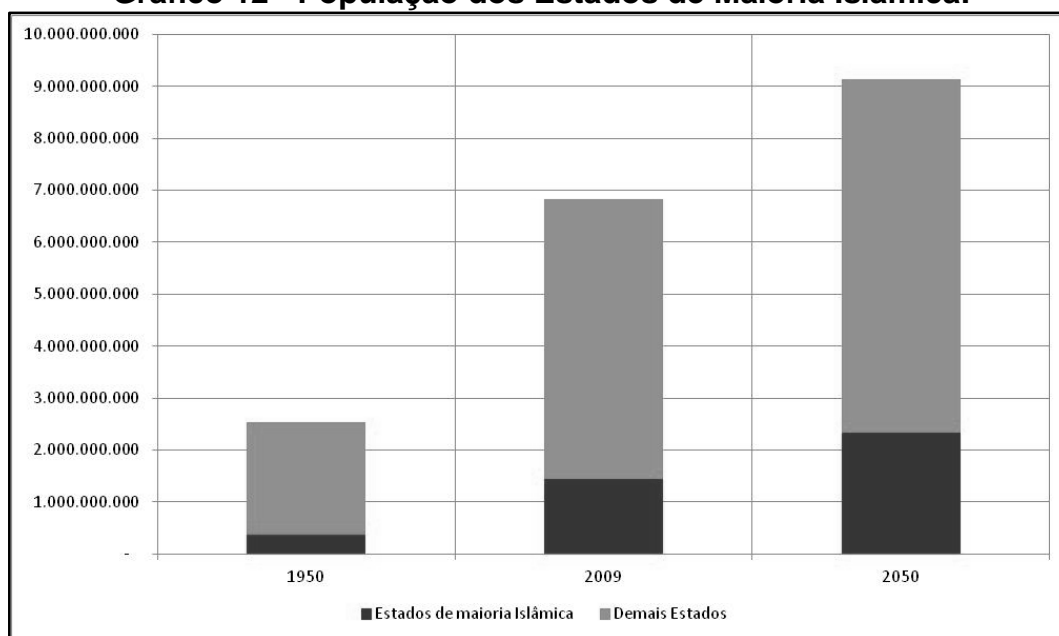
⁸⁷ Apesar de o trabalho estar enquadrado no Neo-Realismo Estrutural de Kenneth Waltz e debater a Demografia, como constrangimento sistêmico na Anarquia, aspectos do Marxismo não podem ser desconsiderados como ferramentas de análise. Karl Marx argumentou na sua obra, *A Ideologia Alemã*, que os detentores dos meios de produção (Infraestrutura) criam, ao seu modo, a cultura de sua época (Superestrutura) (MARX, 1991).

⁸⁸ O arsenal compreende 40 mísseis CSS-2 (DF-3A) chineses que podem carregar ogivas de até três Megatons (3Mt) (IISS, 2011: 270). Essas armas possuem alcance máximo de 4.000km, desse modo, podem atingir alvos na Índia, Rússia, Irã e Sul da Europa e comprometer o fluxo de petróleo e gás no planeta.

fertilidade total diminuiu. O impacto pode ser análogo ao dos franceses no período entre as Guerras Mundiais (1918-1939).⁸⁹

Os países necessitam de um período de recuperação de suas forças produtivas. Os conflitos desorganizaram a vida econômica do Estado e, muitas vezes causaram o colapso. O fenômeno da alta taxa de natalidade (*baby-boom*), depois das guerras, ainda é avaliado na observação do Irã. Mas as taxas de reposição de pessoas na população aparecem como declinantes, mesmo em Estados com graves problemas sociais e econômicos. Talvez, o fenômeno seja o resultado do modelo de acumulação de capital do período que possui, na produção em massa, o seu centro.⁹⁰

Gráfico 12 - População dos Estados de Maioria Islâmica.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Assim como na Europa, as populações árabes convivem com projetos de Estado ou Império, respectivamente, defendidos por iranianos e sauditas. De um

⁸⁹ Os franceses perderam seis milhões de homens, entre mortos e inválidos, na Primeira Guerra Mundial que não retornariam ao trabalho. Entre 1919 a 1939, a população francesa era de quarenta milhões de habitantes enquanto os alemães possuíam setenta milhões. A linha Maginot era um sistema de fortificações fixo, com artilharia enterrada que não conseguiu vencer a mecanização das forças da Alemanha (ALLCORN et al, 2003: 6).

⁹⁰ A produção em massa de bens de consumo gerou um conflito onde a capacidade industrial dos Estados seria o fator determinante (FARIA, 2004: 26).

lado, a ideia de um renascimento iraniano que poderá se estender para Iraque, Síria e Líbano e, de outro lado, o incentivo saudita para a criação de emirados no mundo árabe. Os Estados com mais da metade da população composta por islâmicos, em 1950, somavam trezentos e cinquenta milhões de habitantes e chegarão a dois bilhões em 2050.⁹¹ Talvez já estejam fazendo suas escolhas na Primavera Árabe.

Apesar do declínio da população saudita e iraquiana, outra disputa que poderá surgir consiste no controle dos recursos hídricos dos rios Tigre e Eufrates. A posse desses rios podem garantir a economia dos países com a agricultura irrigada em meio ao deserto. Talvez sauditas e iranianos necessitem de alimentação para os imigrantes paquistaneses que podem ser absorvidos na região. Concomitantemente, essa força de trabalho, se cooptada, pode resolver os problemas desses Estados frente os desafios das transições no Sistema Internacional.

II.4 – Península Coreana.

Tecnicamente, a Península Coreana está há sessenta anos em guerra. O Armistício de Panmunjon, assinado em 1953, estacionou o conflito que resultou no paradigma de guerra local e utilização da massa de infantaria como arma de assalto, geralmente, chamada de ondas humanas como na Primeira Guerra Mundial. A Península Coreana, fisicamente, representa o debate atual nos estudos estratégicos da utilização da tecnologia no ataque pela Coreia do Sul, como na Guerra do Golfo de 1991 pelos Estados Unidos da América, confrontando o exército organizado dos norte-coreanos que utilizam a massa de infantaria como arma de assalto. Talvez, o prolongamento do conflito e sua possível solução demonstrem o paradigma do uso da força na atualidade.

O povo coreano continua dividido em dois Estados. O país ao Norte da península possui orientação política marxista onde, isolado do sistema internacional, procura maximizar seu poder desenvolvendo técnicas militares para utilização da massa de pessoas como arma de assalto. Ao mesmo tempo, a assistência técnica a países isolados no sistema internacional como o Irã na Guerra do Golfo (1980-1988)

⁹¹ Em 1950 somavam 368.931.000 pessoas. As projeções para 2050 apontam para uma população de 2.339.542.000 pessoas (UNITED NATIONS, 2009: 6-10). A taxa de crescimento estimada consiste em 1,86% ao ano. Proporcionalmente, em um século, saíram de 14,59% para 25,57% da população mundial.

e, atualmente, Zimbábue e outros países africanos proporcionam certa sobrevivência ao Estado através do comércio compensado.⁹² Ilustrativamente, os norte-coreanos possuem um dos maiores contingentes de forças especiais no mundo.⁹³ Essa quantidade proporciona uma forma de dissuasão estratégica com a possibilidade da utilização destes em uma guerra local. Contudo, não pode ser esquecido que esse contingente possui o suporte de um grande contingente na ativa das forças armadas norte-coreana.⁹⁴

A Coréia do Sul, apesar do contingente expressivo nas forças armadas, está apostando na modernização das forças armadas, como conceito, para contrabalançar a aposta norte-coreana na utilização do conceito da infantaria como arma de assalto.⁹⁵ A modernização surgira na Coréia do Sul onde a população é maior que a norte-coreana. A resposta inicial consiste na hipótese que a desmobilização de pessoas nas forças armadas, para a força de trabalho, aumenta a riqueza econômica.⁹⁶ Aparentemente, parece inconsistente, porque o crescimento demográfico do Sul pode viabilizar uma força de trabalho maior.

Concomitantemente, a Coréia do Norte necessitaria da liberação de contingentes das forças armadas para a Economia, cujas mercado, não é o mesmo dos países que são capitalistas. Essa condição apresenta uma certa vantagem comparativa em dois aspectos. Primeiramente, os países, inseridos no Capitalismo, precisam negociar com moedas, trocando mercadorias por dinheiro e mantendo a

⁹² O comércio compensado trata da troca de mercadorias entre países sem o envolvimento direto de liquidez financeira. Foi proibido para os países inseridos no Capitalismo depois da Conferência de *Bretton Woods* de 1944 (SILVA, 2004).

⁹³ São 88.000 homens nas forças especiais norte-coreanas (IISS, 2011: 411).

⁹⁴ São 950.000 homens na ativa do exército norte-coreano e 600.000 reservistas (IISS, 2011: 411). Isto demonstra que os norte-coreanos mantêm uma proporção de 10% de suas forças especiais como parte do exército.

⁹⁵ A composição efetiva do conceito das *Strike Brigades* norte-americanas começou na Coréia do Sul a partir da década de 1990. Os estadunidenses estão abandonando as grandes formações em divisões e começaram a adotar o conceito de brigadas para o incentivo da manobra no campo da guerra moderna. Paradoxalmente, a organização do Exército Iraquiano, análogo ao brasileiro, já era desta maneira.

⁹⁶ Apesar da vitória da URSS, o custo humano do país teve consequências nefastas. Os jovens estavam mobilizados nas forças armadas e a nação necessitava ser reconstruída. A prioridade dos soviéticos era a pesquisa e a produção de uma nova arma que possibilitasse a desmobilização de um milhão e meio de homens. A resposta foi o desenvolvimento e comissionamento dos ICBMs (VIZENTINI, 1990: 24).

liquidez do mercado internacional. Os norte-coreanos podem exercer o comércio compensado, ou seja, a troca de mercadorias é feita em espécie. Esse tipo de comércio aproxima os norte-coreanos de países isolados por embargos. Concomitantemente, o envio regular de matérias-primas ajuda a Coréia do Norte a manter certo equilíbrio na manutenção do Estado.

O tamanho das forças armadas é outro fator que merece ser observado. Diferentemente do padrão dos países do Sistema Internacional, as forças armadas da Coréia do Norte representam e exercem uma função na sociedade. Não seria necessário a diminuição do tamanho da força, porque ela trabalha como as forças de trabalho capitalistas. Influenciam na vida econômica do país com o Estado presente na estrada, na indústria e na manutenção da infraestrutura da nação. Como exemplo, os militares trabalham nos meses quentes na colheita de produtos agrícolas.

No esforço da maximização de poder, os Estados necessitam do aumento da sua força de trabalho para a manutenção do crescimento econômico. A pesquisa não trata da quantidade de população na dimensão da Economia. O foco da pesquisa enquadra-se na possibilidade do emprego da força na Política.

Os países da região, RPC e Japão, principalmente, apresentam comportamentos que inviabilizam, a curto prazo, a reunificação da Península Coreana em um único Estado.⁹⁷ Os questionamentos sobre a capacidade sul-coreana de absorção da força de trabalho em um contexto de unificação aparecem, notadamente, na busca por terras cultiváveis no Norte para a alimentação da força de trabalho austral. A presença de uma fronteira física com a RPC e a ajuda em massa da força de trabalho chinesa deslocada para a península na Guerra da Coréia (1950-1953) ainda causa preocupação na percepção de segurança regional. O problema é agravado com a procura da posse de artefatos nucleares pelos norte-coreanos.

A posse de artefatos nucleares, contudo, não consiste em uma polaridade eficaz e nem na garantia de uma dissuasão crível.⁹⁸ O advento, na esfera da

⁹⁷ O significado estratégico da Coréia do Norte para a RPC consiste na presença de um insulador na península que pode, concomitantemente, amedrontar e afastar os japoneses e estadunidenses da região (DINGLI, 2006).

⁹⁸ O problema consiste na falta de reatores nucleares para a elaboração de uma quantidade de material físsil e na qualidade de seus vetores para as ogivas, baseados em

estratégia, das armas de energia direta e de armas nucleares digitalizadas torna as armas nucleares atuais, relativamente, obsoletas. Novamente, a quantidade de população absoluta e relativa impacta a relação, porque um Estado poderia resistir reconstruído com a população que pode sobrar de um ataque nuclear. A busca dos norte-coreanos demonstra que o país não está construindo uma política de dissuasão. O Estado torna-se mais alvo de críticas e embargo, no Sistema Internacional, com a procura de artefatos por agências internacionais que interferem na busca do país de procurar outras fontes de energia, como a nuclear. Os norte-coreanos precisam desse recurso mas não podem ampliar seu programa de utilização de energia atômica.

A força de trabalho na Península Coreana necessita, para questões de longa duração, será um ator importante no futuro. Apesar do apoio do Japão e dos Estados Unidos da América, a Coreia do Sul é muito dependente do mercado externo, principalmente, na busca de matérias-primas e na exportação de bens industrializados. Do outro lado da fronteira, a Coreia do Norte complementaria a economia do Sul, desde que fossem feitos investimentos maciços nas áreas de construção civil e agricultura de larga escala. Hipoteticamente, a reunificação seria benéfica para a população coreana nos dois países. RPC e Japão não aceitariam um rival econômico a altura na região, além do conflito resolvido retirar russos e norte-americanos, gradativamente, do cenário regional. Novamente, a quantidade de população é apresentada como a variável importante da polaridade no Sistema Internacional.

II.5 – Israel e os recursos naturais.

A política externa israelense mantém a observância do receio da aquisição de armas de destruição em massa pelo Irã (CORDESMAN, 2007). Estrategicamente, o Irã representa uma cunha que separa as tropas estadunidenses que possuem a necessidade de ocupar simultaneamente o Iraque e o Afeganistão. Isto onera muito os custos do conflito e compromete a logística das tropas. Entretanto, apesar dos

modelos soviéticos obsoletos e tecnologia autóctone. (BIN, 2006: 78 – 90) O que garante a sua defesa é um grande contingente mobilizado para as forças armadas. Talvez seja um equívoco utilizar armas nucleares para a garantia de operações militares convencionais (MEARSHEIMER, 2001).

discursos de líderes iranianos mencionarem a destruição do Estado de Israel, tecnicamente, as ameaças a existência do Estado israelense estão próximas das suas fronteiras. O subcapítulo trata da análise dos mísseis sauditas, da instabilidade no Egito e, principalmente, da Síria.⁹⁹ A fronteira Norte de Israel constitui a sua parte mais vulnerável. A região montanhosa controla a nascente do rio Jordão e o fluxo de água do Mar da Galiléia. Na fronteira Sul, os movimentos sociais recentes no Egito podem alastrar a instabilidade para Israel. Infelizmente, os israelenses enfrentam desde 1973 a ameaça de um ataque em massa de exércitos islâmicos que podem comprometer verdadeiramente a sua existência.¹⁰⁰

Aparentemente, a posse de mísseis DF-3A pelos sauditas, que podem conter armas de destruição em massa, não é levada em consideração no cálculo estratégico israelense (IISS, 2011: 270). A tensão é minimizada pela proteção que os Estados Unidos da América fornece aos israelenses, outrossim, os sauditas são grandes parceiros dos estadunidenses na região do Oriente Médio. Entretanto, os sauditas não possuem uma fronteira física com o Estado de Israel. Os mísseis sauditas constituem uma ameaça a existência de Israel, no plano estratégico. Outro receio contundente é o suporte saudita a movimentos radicais que podem desgastar a população israelense através de atentados. Aparentemente, na média duração, essa questão permanecerá estável. Os israelenses não enfrentarão essa ameaça crível, em ataques preventivos aos mísseis sauditas, com a possibilidade da perda do apoio estadunidense. Todavia, os sauditas não possuem fronteiras físicas com os israelenses como os egípcios ao Sul e os sírios ao Norte.

O Egito apresentava a sua fronteira mais estável, localizada ao Sul de Israel, desde a devolução do Sinai para os egípcios (FERRO, 2008). O aumento da população egípcia deve preocupar Israel. A demonstração da insatisfação popular e o advento dos militares no poder, recompõe a polarização na região, como o movimento de 2011 denominado de Primavera Árabe. O Estado do Egito está no

⁹⁹ A exclusão do Líbano na análise foi motivada pelo fato do grupo irregular *Hezbollah* fazer o papel de defesa do Estado libanês (CORDESMAN, 2006). Posteriormente, o assunto será retomado.

¹⁰⁰ A travessia do Mar Vermelho pelas tropas egípcias demonstrou, na guerra do *Yom Kippur* de 1973, que os israelenses eram vulneráveis. O conflito terminou, somente, com a ameaça norte-americana de entrar com armas nucleares na defesa de Israel (VIZENTINI, 1990). O episódio reforçou a percepção do bloco soviético que as tropas do Ocidente não eram invencíveis.

centro geográfico com do Arco de Instabilidade.¹⁰¹ As decisões políticas tomadas pelos egípcios influenciam toda a região. A possibilidade de remilitarização, da Península do Sinai, constituirá na preocupação israelense. A abertura da fronteira egípcia com a Gaza, pelo novo governo militar, representa um sinal claro de mudança.

Não pode ser esquecido o fato que a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) foi criada no Egito e que, até 1973 existiam brigadas de palestinos nos exércitos regulares egípcios, sírios e libaneses (CHAPPEL e LAFFIN, 1982: 29). Especulando, o fluxo de palestinos em Gaza pode, de certa maneira, repetir o fenômeno da cooptação de palestinos para exército regulares. Pode ser uma alternativa para a estabilidade na região. A laicização da conscrição pode ser a base da sobrevivência de Israel a longo prazo ao absorver a força de trabalho árabe da região.

O estudo de populações oferece-nos a perspectiva de que a pressão exercida por populações influenciam territórios distantes. Um exemplo histórico foi o colapso do Império Romano do Ocidente, marcado pela queda de Roma no ano 453d.C. As populações germânicas estavam pressionadas por eslavos que, a seu turno, estavam fugindo de populações asiáticas que culminou nos ataques dos hunos. No caso de Israel, a bacia hidrográfica do rio Nilo, e as populações e Estados que a compunham, constituirão foco de preocupação. A vulnerabilidade da fronteira Sul de Israel aumentará com a possibilidade de imigração de contingentes de trabalhadores africanos que poderão rumar para a Europa.

No começo dessa bacia hidrográfica, mesmo com os problemas de genocídio da década de 1990, a população apresenta a tendência de crescimento acentuado. Ruanda, Uganda, Burundi e República Democrática do Congo possuem somados, atualmente, em torno de cento e vinte milhões de habitantes. Para 2050, são projetados duzentos e oitenta milhões de habitantes (UNITED NATIONS, 2009). As dificuldades dos Estados do centro da África na sua própria manutenção, atualmente, são inúmeras. Mesmo com os problemas de violência e de falta de condições de vida e saúde, essa população do Centro da África se deslocará em busca de inserção em mercados que possam utilizar sua força de trabalho.

¹⁰¹ Arco de Instabilidade compreende os países ente os trópicos de Câncer e Capricórnio que possuem altas taxas de fertilidade total. A quantidade de filhos por mulher aumenta a população e o número de dependentes (BATSON, 2008).

A grande quantidade de população pode não consistir um entrave para o desenvolvimento econômico-social das nações. O que inviabilizaria essa utilização na produção é a incapacidade econômica de certos Estados em organizar essa mão-de-obra. Alguns Estados africanos, asiáticos e latino-americanos são muito mais vulneráveis a essas questões. A pressão de populações do centro da África, que podem deslocar-se, encontrarão populações que crescem concomitantemente. Na região do Chifre da África, os etíopes serão cento e oitenta milhões de habitantes (UNITED NATIONS, 2009). O impacto aumenta porque o continente asiático e africano contém, no Sul do mar Vermelho, o aumento populacional do Iêmen que aumentará para sessenta milhões de habitantes (UNITED NATIONS, 2009). Esse fluxo hipotético de africanos pode pressionar o Iêmen, que por sua vez, pressionaria os outros países da Península Arábica.

No Norte do mar Vermelho, o Egito terá uma população estimada de cento e quarenta milhões de habitantes (UNITED NATIONS, 2009). A pressão exercida pelo aumento da população é crível. O trabalho especula a hipótese de deslocamento da mão-de-obra. A tendência de imigração ocorre, porque o Egito ainda oferece perspectivas de crescimento e atrai esse força de trabalho. Essa população pode ser absorvida com uma reorganização econômica profunda mas que leve em consideração que essa força de trabalho poderá influenciar a polaridade dos Estados e, conseqüentemente, a polarização.

Notadamente, a população em deslocamento pode rumar para Israel em busca de emprego, alternado a composição demográfica do país. Uma análise conjuntural menos aprofundada especularia as conseqüências da abertura da fronteira entre Gaza e Egito entretanto, o acontecimento é muito recente.

As vulnerabilidades israelenses encontram-se resumidas na sua fronteira Norte. Os territórios nacionais reduzidos de Israel e Síria aumentam a densidade demográfica (UNITED NATIONS, 2009). Enquanto o resto do mundo apresenta a tendência de queda de seu crescimento demográfico, os israelenses apresentam taxas negativas. Os israelenses podem atingir, em 2050, dez milhões de pessoas que deverão, em caso de conflito, fazer frente a quase quarenta milhões de sírios. As colinas de Golã são as nascentes dos escassos recursos hídricos da região, por isso sua ocupação remonta a Guerra dos Seis Dias de 1967 (OREN, 2004). A população síria pressionará os israelenses na busca por recursos hídricos.

Israel deverá mudar a sua polarização, porque a recente posição dos Estados Unidos da América sinaliza com a aceitação da criação do Estado Palestino na região. Repetidamente, foi mencionado o aumento da população palestina frente a israelense. Os problemas do isolamento regional de Israel também compromete a sua própria segurança. A instabilidade recente do Egito priva Israel da segurança no Sudoeste. O período também apresenta a possibilidade dos israelenses coordenarem a pressão demográfica e a hipótese de fluxo migratório, organizando essa força de trabalho com a expansão de suas indústrias de alta tecnologia.

A aparente desestabilização regional, oriunda do aumento populacional, pode representar a possibilidade do aumento da riqueza da região. Fenômeno análogo à inserção, no Ocidente, da mulher no mercado de trabalho no século XX. A Anarquia no Sistema Internacional, todavia, força o Estado maximizar poder (WALTZ, 1979). As estruturas de coerção e formação de Estado possuem, no uso da força, a capacidade de exercer a coerção de forma mais eficiente (TILLY, 1996). Para esse objetivo o Estado necessita de numerosa força de trabalho para maximizar o seu poder coercitivo. As armas nucleares oferecem esse paradigma, porque causam um grande número de baixas em poucos minutos (FREEDMAN, 2003: 70).¹⁰²

A quantidade de pessoas aptas para lutar pode garantir o alcance dos objetivos políticos, porque é a base da coerção e, com isso, age na organização do Estado. Neste sentido, para a Política, a população torna-se importa para o uso da força (KERTZER e AREL, 2006: 664-680). A África oferece outra perspectiva de percepção de poder para a área de Política Internacional, com o aumento populacional, principalmente, da força de trabalho. Neste sentido, o continente africano será palco das novas experiências políticas do século XXI. Concomitantemente, os Estados africanos continuam com seu processo de construção. A Europa mostrou ao mundo o exemplo de construção de Estado, depois da Paz de Westfália, onde o território, como consequência do sistema feudal, era base da Geopolítica (COSTA, 1991). A História africana oferece-nos outro componente de poder nas Relações Internacionais que é a quantidade de pessoas.

¹⁰² As guerras convencionais demonstraram que o número de baixas pode ser consideravelmente superior, mas no intervalo de meses, o impacto político fica diminuído. A Batalha de Verdun em 1916, na França, causou um milhão de baixas alemãs e francesas (VIZENTINI, 2003). Comparativamente, uma arma nuclear poderia proporcionar esse valor em um dia, dependendo do seu rendimento e da densidade demográfica dos alvos.

As análises sobre poder no território africano, não mensuram corretamente a dimensão do poder, justamente, porque as quantidades populacionais são subestimadas na análise dos processos.

Entretanto, o conceito da polaridade pode ter a população como variável na sua relação da formação do poder. O cruzamento do poder com a demografia pode ser medido com a quantidade de pessoas na força de trabalho de uma nação. A quantidade de possíveis trabalhadores pode ser a garantida de manutenção e crescimento de um Estado, porque essas pessoas conseguem a reprodução de suas sociedades na infraestrutura e na superestrutura.

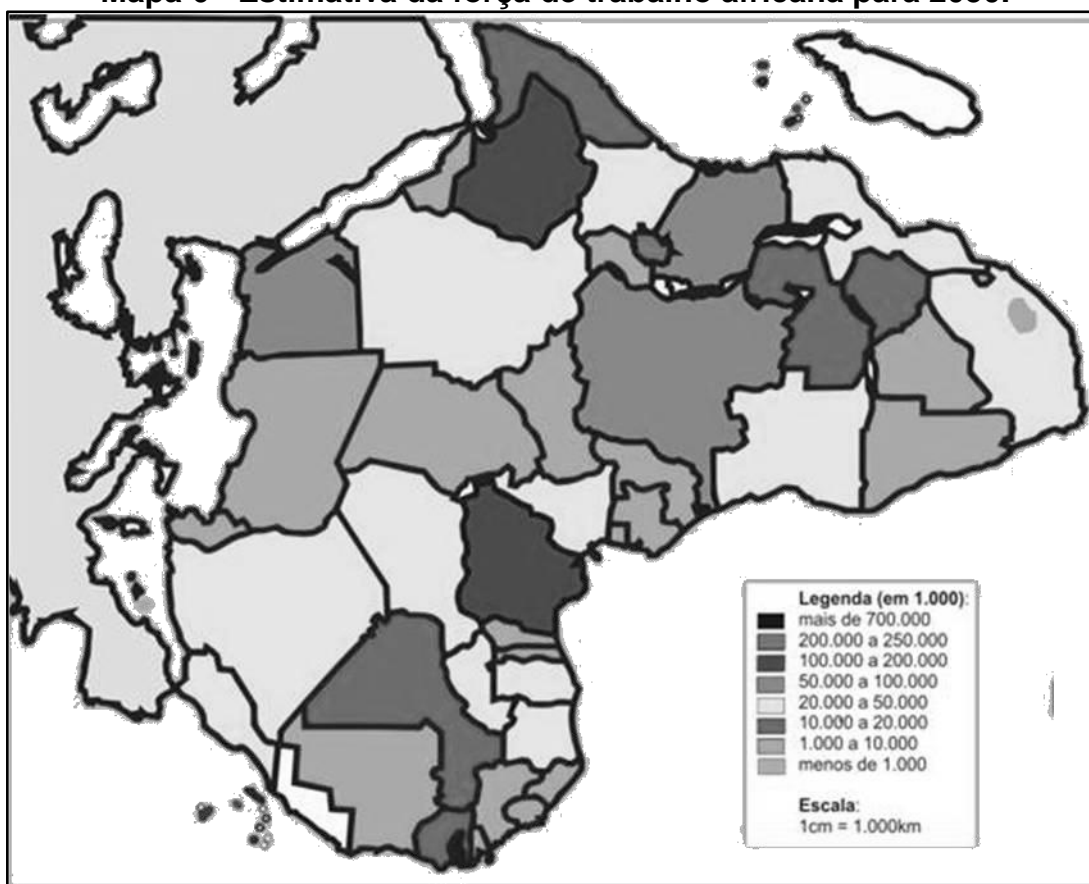
A questão reside na capacidade de geração de riqueza pelo trabalho ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de manutenção da permanência do Estado, em caso de utilização da força na Política para a sobrevivência. Ilustrativamente, o continente africano fornecerá, ao globo terrestre, cerca de meio bilhão de pessoas a mais na força de trabalho (UNITED NATIONS, 2009). Os processos de acúmulo de capital surgirão devido ao volume dessa força de trabalho e os africanos produzirão uma grande riqueza. Assim como existe a possibilidade de a África ser o grande laboratório da política no século XXI por conter imensa quantidade de trabalhadores jovens. Dentro da análise do fenômeno, Israel já abriga grande quantidade de cidadãos de origem etíope.

A complexidade do estudo da política africana reside no fato das possibilidades de utilização de outros parâmetros na construção de Estado e na manutenção destes (TILLY, 2007). Primeiramente, o continente africano foi o palco da expansão europeia no século XIX. Neste sentido, existe certa artificialidade de definição das fronteiras nacionais que não levou em conta as culturas locais. Grupos culturais foram divididos, assim como, culturas rivais foram colocadas dentro de uma mesma nação (VIZENTINI, 1990). O continente africano terá seiscentos milhões de habitantes a mais na força de trabalho em 2050, o que compreende mais de meio bilhão de pessoas entre 15 a 60 anos. Os bancos de dados mostram que a Tunísia permaneceria como a exceção do crescimento demográfico mais acentuado (UNITED NATIONS, 2009). Aparentemente, Chade e Líbia acompanham essa tendência. Desta maneira, os israelenses não ficarão ausentes do processo.

Continuando a análise, a quantidade de pessoas na força de trabalho em números absolutos, mostra que Nigéria e Etiópia concentrarão as maiores reservas de trabalhadores. Concomitantemente, a região dos Grandes Lagos terá um

aumento populacional que poderá trazer mais instabilidade política. Contudo, a variação da força de trabalho trará novas vicissitudes, assim como, novas possibilidade de crescimento para a África. O aumento da força de trabalho africana trará para o continente a proeminência na política internacional, assim como trouxe para a Europa no século XVIII. Não obstante, do processo poderá decorrer fenômenos de uso da força no sistema internacional.

Mapa 6 - Estimativa da força de trabalho africana para 2050.

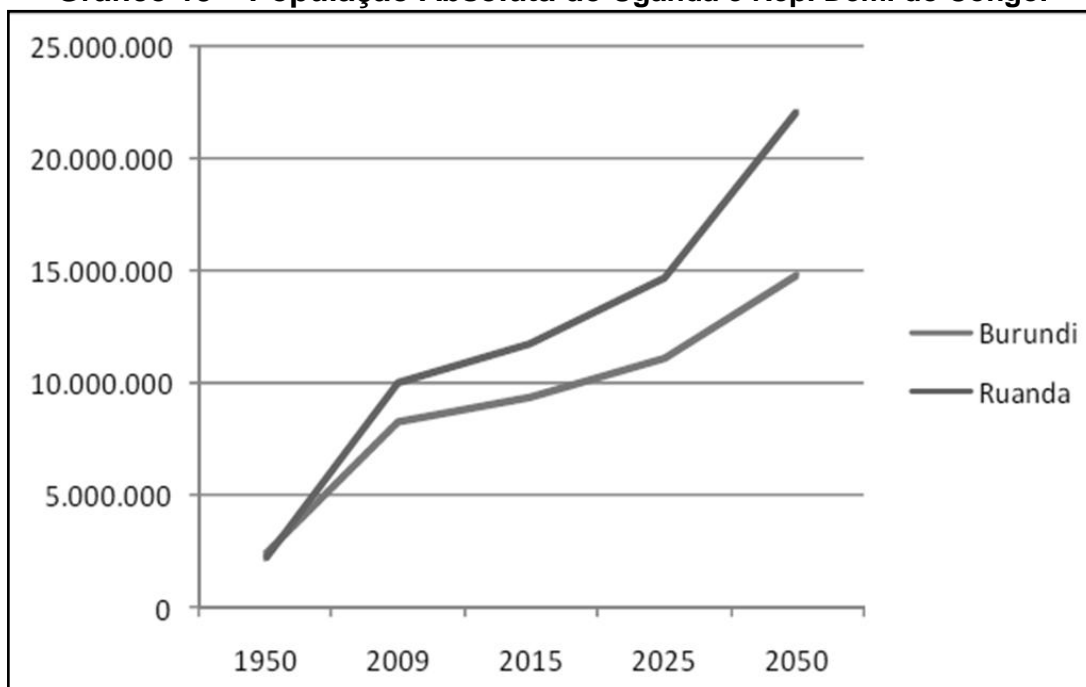


Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Exemplificando, a Europa está em crise, porque está em um processo de declínio relativo. No velho continente, ocorreram inúmeros conflitos no século XX que comprometeram a capacidade de reposição da força de trabalho. As imigrações para a América no século XIX, somente agravaram a crise. Os limites da capacidade de reposição da força de trabalho impactam a produção da riqueza dos Estados, em um prazo curto. Obviamente, a demografia não é o único fator que determinaria os conflitos ou daria a perspectiva da vitória, mas a quantidade de pessoas é importante pelo fato de garantir a sobrevivência do Estado.

Os países Ruanda e Burundi demonstram as possibilidades e vulnerabilidades do desenvolvimento da força de trabalho no continente africano. Não pode ser esquecido que os mesmo soldados deslocados para o cumprimento de obrigações militares são os trabalhadores dos Estados. Devido ao aumento da população e os desafios do desenvolvimento, o continente necessita de outra divisão política para seus estudos, levando em consideração a quantidade de pessoas. Mesmo com o genocídio de 1994, a população de Ruanda quadruplicará no período de 1950-2050.

Gráfico 13 – População Absoluta de Uganda e Rep. Dem. do Congo.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

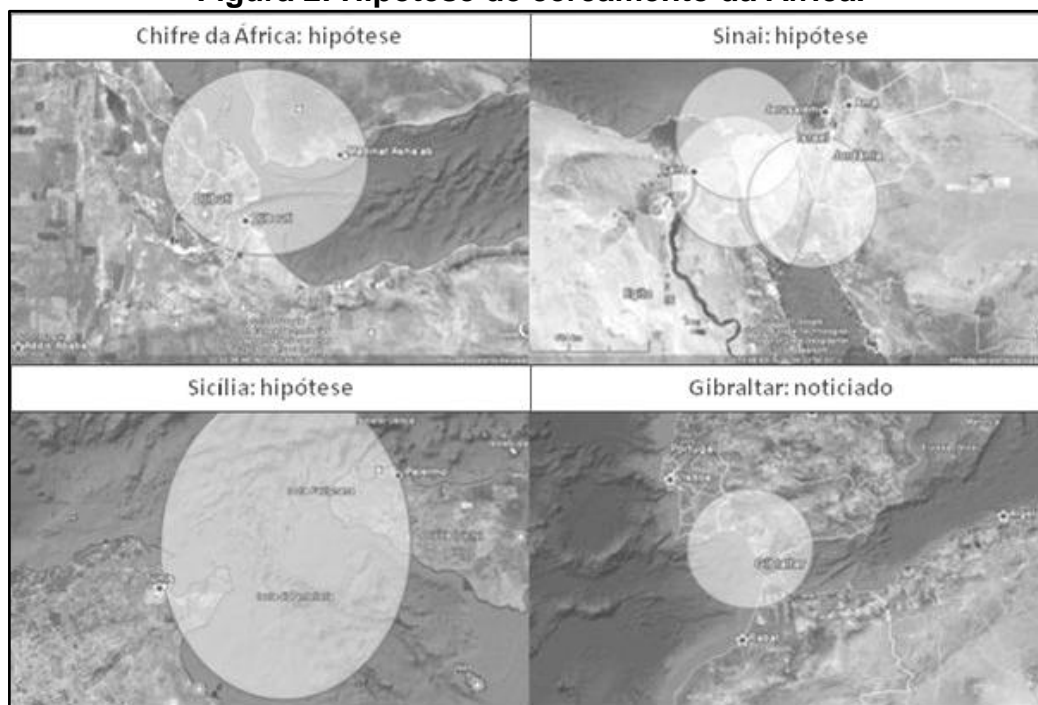
Essas pressões originam outras e a Segunda Guerra do Congo (1998-2003) foi um exemplo da instabilidade que o aumento da população pressiona a região. A realidade projetada para 2050 demonstra um aumento sensível da população absoluta na região.

Novamente, como descrito acima, os Estados do continente africano foram feitos com a artificialização das fronteiras, de acordo com o interesse europeu. Buzan e Weaver (2003), sob a Teoria dos Complexos Regionais de Segurança, tentaram dividir o continente africano, levando em consideração os problemas da defesa e a escala dos conflitos. Aparentemente, na África, a força de trabalho é o

componente móvel da Geopolítica que vai além dos determinantes territoriais como o mar e a terra (COSTA, 1991). Notadamente, essa divisão regional não ficaria enrijecida com a sua denominação a partir dos povos que habitam o continente.

A mobilidade da força de trabalho, através das migrações em massa, constitui a dimensão que pode impactar a Política. No sentido que as pressões do volume de deslocamento de pessoas estão localizadas em zonas de convergência populacional que se processa em zonas de deslocamento terrestre entre os continentes. Israel está situado na confluência continental da Eurásia, entre Ásia, Europa e África.

Figura 2: Hipótese de cercamento da África.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No continente africano de 2050, certas áreas farão pressões que poderão mudar o cenário político mundial. Gibraltar, mesmo sendo o ponto de contato mais próximo entre África e Europa, a pressão que será exercida terá mais controle, pela permanência de poder estatal. Os europeus precisariam da migração de africanos para a manutenção de sua força de trabalho e combater seu declínio relativo. Os outros dois pontos de contato compreendem duas entradas para a Ásia, o Sinai e

Djibouti. A OTAN poderia com o sistema de defesa embarcado AEGIS, monitorar o fluxo de imigração ilegal para a Europa, a partir de navios de guerra.¹⁰³

O Sinai poderá ser um ponto de migração, se conflitos envolvendo Sudão escalassem, para outras áreas continentais. A chamada Primavera Árabe de março de 2011 demonstrou uma grande crise, justamente, no centro do Arco de Instabilidade (BATSON, 2008). A abertura da fronteira da Faixa de Gaza com o Egito pode pressionar ainda mais Israel e deixar o Sinai como foco de tensão. Não pode ser esquecido que a criação do Estado egípcio na Antiguidade impediu a rota de deslocamento de humanos para fora do continente que vinha desde a Pré-História.

Apesar das taxas decrescentes de crescimento demográfico, a África terá uma população absoluta muito maior e continuará a rivalizar com a Ásia. Neste sentido, algum colapso devido a guerras internas do continente africano, pressionaria de tal modo populações vulneráveis que entrariam na região do Sinai. A polaridade de um Estado e seus arsenais não pode garantir a sua sobrevivência frente ao deslocamento de refugiados. Por mais capacidade de defesa que Israel possua, uma grande quantidade de força de trabalho afro-asiática deslocada pode colapsar o Estado. O fenômeno é análogo à queda do Império Romano no século V d.C.

Djibouti e Gibraltar aparecem como pontos de contato com Ásia e África, nessa ordem. Relativamente perto da região do Sinai, a outra porta de entrada para a Ásia seria o contato do Mar Vermelho com o Oceano Índico, na altura de Djibouti. A região apresenta a necessidade saudita de absorção de força de trabalho para a manutenção do Estado. Contudo, o apoio saudita pode seguir o caminho europeu para preservar o regime, isolando da imigração. Israel avança ao absorver cidadãos de origem etíope demonstrando um esforço no processo de laicização do Oriente Médio.

Como estrutura de longa duração, a História da Europa foi feita através da tentativa de barrar as invasões vindas da Ásia (COSTA, 1991). Geograficamente, a Europa é uma Península da Eurásia e os asiáticos foram, sempre, dois terços da quantidade de humanos no mundo. Gibraltar foi a porta de entrada dos islâmicos na

¹⁰³ AEGIS é um sistema embarcado de radares que pode rastrear mais de cem objetos na terra, no mar e no ar, proporcionando a defesa da frota (DUNNIGAN, 2003). A Marinha Espanhola possui as fragatas da classe Álvaro de Bazán com esta tecnologia, com base em Gibraltar.

Europa do século VIII. A variação da quantidade de humanos, ao longo da História produziu fluxos da Ásia e África para a Europa.¹⁰⁴ O aumento da população africana para 2050 demonstra que esse ponto de contato pode trazer instabilidade para a Europa que, paradoxalmente, necessitaria dessa mão-de-obra islâmica para aumentar seu crescimento econômico e ajudar a sair da crise econômica.

O acréscimo da força de trabalho, se for organizada e cooptada pelos Estados, dará ao continente africano lugar de destaque no sistema internacional. O acúmulo da riqueza produzida pela população excedente começaria a produzir uma classe média. Essa pequena burguesia poderia começar a estruturar o Estado de maneira autóctone, como a classe dos *Nepmen* da Revolução Soviética de 1917 (VIZENTINI, 1989). Em um futuro próximo, essa classe média africana poderá decidir sobre seu futuro e como as interações políticas podem dar ao mundo os exemplos de experiências políticas, assim como fora a Europa no século XIX.

A hipótese de guerra sistêmica ser originada de crises mundiais pode suscitar em um novo arranjo no sistema internacional. A crise da escassez de 1872 foi uma das causas da Primeira Guerra Mundial (HOBSBAWN, 2009). A Segunda Guerra Mundial teve na crise de superprodução de 1929 uma causa de média duração (HOBSBAWN, 2005). Não seria difícil supor que a crise originada em 2008 possa ser a causa de média duração de uma Guerra Sistêmica. Os contendores podem ser RPC e Índia apoiadas, respectivamente, por Rússia e Estados Unidos da América. A expansão indiana e chinesa, no continente africano suscita ainda debates e pesquisa.

Concluindo, os Estados africanos estão passando um processo de consolidação de seus Estados e, certamente, o aumento de sua força de trabalho será aproveitada, de acordo com o projeto de cada Estado e sua inserção no sistema internacional. O Egito ainda continua sendo importante. Tudo indica que existe um ciclo de modernização e ocidentalização que começa com Mehmet Ali

¹⁰⁴ A hipótese é a Europa possui ciclos de expansão migratória a cada 500 anos. No séc. XVI a. C. vieram os indo-europeus. No ano XI a.C. chegaram os chamados Povos do Mar. No ano VI a.C. começou da expansão Helenística, no séc. I d. C. o auge do Império Romano e no séc. VI os bárbaros germânicos. No séc. XI a Europa assistiu a expansão normanda, no séc. XVI os ibéricos começam a colonização das Américas. No séc. XX encerra-se o processo de expansão imperialista e muito da força de trabalho europeia fora perdida nas duas Guerras Mundiais. Estes ciclos poderiam ilustrar as transformações para o séc. XXII. Poderia ser afirmado que movimentos populacionais da Eurásia reinventam a Europa na Economia e Cultura.

(1805-1848) e consolida-se com Anwar Sadat (1970-1981) (HOBBSAWN, 2007: 204 e 205). O processo consistia na tentativa de aproximação com as instituições ocidentais para a laicização do Estado. A Primavera Árabe de 2010 pode o fim de um ciclo de instituições políticas originadas da História dos países no processo da consolidação dos Estados Africanos que poderá produzir um novo ciclo de arranjos políticos e construção de Estados.

Desta maneira, a maior ameaça ao Estado de Israel seria o colapso do seu projeto de laicização no Oriente Médio pelo recrudescimento da política de grupos interno e externos, diante do fluxo iminente de força de trabalho afro-asiática que rumo para a Europa. Paradoxalmente, neste contexto de crise conjuntural na transição demográfica, o Irã tenta manter um projeto de laicização limitado através de suas eleições questionáveis. Israel mantém sua preocupação com o programa nuclear iraniano. Ao mesmo tempo, aparentemente, a Arábia Saudita e o Catar continuam o apoio do estabelecimento de emirados islâmicos na região, aumentando o poder local frente ao central.

III - OS EFEITOS DA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA SOBRE A POLARIZAÇÃO NO SISTEMA INTERNACIONAL.

A população mundial passa por um período de transição. As projeções indicam que, na metade do séc. XXI, atingiremos em torno de nove bilhões de habitantes e depois, as taxas de fertilidade começarão a cair e a população começará a estabilizar.¹⁰⁵ A população é um dos componentes principais dos Estados, conseqüentemente, do Sistema Internacional. Contudo, o enfoque consiste na relação entre força de trabalho e polaridade e polarização como formadores de Poder dos Estados no Sistema Internacional.¹⁰⁶

Dentro da Ciência Política, os estudos sobre a população estiveram envolvidos na pesquisa de resultados eleitorais, geralmente (TRINDADE e NOLL, 1995). No entanto, os trabalhadores sustentam a riqueza, os dependentes e, principalmente, a capacidade de defesa dos Estados.¹⁰⁷ Por isso, a necessidade da relação da força de trabalho e da compreensão de seu papel na manutenção da Democracia e, contingencialmente do conflito, no sistema internacional, dentro do teste de hipóteses auxiliares (BAQUERO, 2009). A importância da quantidade de pessoas na Ciência Política é modelada a partir da interação de múltiplos agentes para diferentes zonas de tensão no Sistema Internacional (DAHL, 2009). Outro teste consiste na validação da hipótese que a Taxa de Fertilidade Total é a variável

¹⁰⁵ O valor estimado é de 9.149.984.000 habitantes para o planeta, de acordo com o relatório da ONU, tabela A.2 no original (UNITED NATIONS, 2009). Novamente, segundo a Marinha dos Estados Unidos da América a Taxa de Fertilidade Total, a quantidade de filhos que uma mulher tem durante a vida é a variável explicativa da instabilidade política dos Estados. Isto seria a base do conceito do Arco de Instabilidade que consiste em uma região que passa pelo Equador e chega a Indonésia. A crise política de 2011, nos países islâmicos, foi justamente no centro do arco (BATSON, 2008: 35-36).

¹⁰⁶ A força de trabalho compreende toda a população entre quinze e sessenta anos. A População Economicamente Ativa refere-se a quantidade de pessoas empregadas, formalmente (FARIA, 2004). A força de trabalho fora escolhida para o porque o enfoque consiste na defesa e a Economia aparece como uma realidade complementar da pesquisa.

¹⁰⁷ Esta é a hipótese principal da Tese. A força de trabalho, neste sentido, constitui uma variável importante da Polaridade e Polarização, como formadoras do Poder no Sistema Internacional. A População também é importante porque sua quantidade absoluta, aliada as taxas de fertilidade, influenciarão a Polaridade e a Polarização no Sistema Internacional. Futuramente, deveria ser pensada como um espaço de poder no Sistema Internacional.

importante da instabilidade política, principalmente, na América do Sul (BATSON, 2008). A pesquisa será apresentada no formato de díades.

III.1 – Mudanças na Polarização.

A polarização, na Anarquia, pode impactar na Polaridade, porque aumenta a capacidade de maximizar poder do Estado. As teorias de Balança de Poder demonstram que o balanceamento é baseado na capacidade dos Estados em influenciarem na sua região (MEARSHEIMER, 2001). A Primeira Guerra Mundial serve como exemplo, na direção do sistema de alianças francesas com russos e britânicos, para sustentar a resistência da França, frente ao ataque alemão de 1914. A Guerra Guerra foi o conflito que mobilizou, até seu acontecimento, contingentes de milhões de soldados nas frentes de combate. Somente o advento da mecanização na guerra, na década de 1930, colapsou a estrutura oriunda do período napoleônico.

A Geopolítica possui componentes de poder baseados nos constrangimentos geográficos. Mackinder sustentou que Europa, Ásia e África eram uma ilha, a ilha-mundo (COSTA, 1991: 76-89). Quem ocupasse seu centro, Rússia, dominaria o planeta. Talvez explicasse o Cercamento sofrido pela URSS. O poder naval, teorizado por Alfred Mahan, alastrou as alianças estadunidenses para a Inglaterra e Japão, as ilhas que serviam de pólos para o Capitalismo (COSTA, 1991: 68-76). A conquista de Moscou, como centro da ilha-mundo, seria a conquista do pivô geográfico mundial. A impossibilidade da conquista, levou ao cercamento dos soviéticos, no século XX, através de alianças entre países no seu entorno, como Estados Unidos da América, Reino Unido, Arábia Saudita, Paquistão, Japão, entre outros. O conceito é análogo a chave de país de Clausewitz onde sua ocupação garantiria a dominação (CLAUSEWITZ, 2003). Em 1941, para a conquista do espaço eurasiático, os alemães possuíam o domínio do centro geográfico da Europa (VIZENTINI, 2003). Os soviéticos possuíam o domínio do centro da Eurásia e, neste sentido, a Europa constitui um prolongamento da Ásia (COSTA, 1991: 79).

Historicamente, os movimentos de expansão e contração de populações organizadas para o uso da força, chamamos de exército. A Europa, infelizmente, dispersou gerações de jovens para alcançar objetivos políticos utilizando a força. Na

Primeira Guerra Mundial, a Força Expedicionária Britânica (BEF) era composta pelos melhores soldados do mundo (BARTHORP e TURNER, 1989: 10-27).

Desde o início do século XIX, a Grã-Bretanha fizera um exército composto de profissionais que tinha experiência em combate em escala mundial. O advento da mecanização e os grandes projéteis de artilharia, destruiu as forças profissionais britânicas na Batalha de Mons, 1914 (LOMAS, 2001: 83-87). A Grã-Bretanha foi forçada a conscrição em massa. A tributação de efetivos desagregou as comunidades dos países britânicos, principalmente, *Liverpool* onde toda a comunidade masculina foi dizimada em batalha. A conscrição possui seus limites e os britânicos tiveram que requisitar ajuda de suas possessões, principalmente da Índia (BARTHORP, e BURN, 1979: 3-15).

No início do século XX, existia a preocupação de forças navais deslocarem grandes quantidades de soldados, aumentando o papel do mar na Geopolítica (COSTA, 1991: 68-76). Igualmente, existiu a preocupação de navios cruzadores disparando ogivas em armas químicas em cidades costeiras. O Tratado Naval de Washington, de 1922, demonstrou essa preocupação. O Brasil percebeu as mudanças na guerra moderna trazidas pela mecanização na revisão do documento (GARCIA, 2005). O papel da Marinha foi substituído pela Força Aérea na Segunda Guerra Mundial e das armas químicas pelas armas nucleares.

A Guerra do Golfo de 1991, demonstrou uma percepção errônea da diminuição da necessidade da conscrição militar por causa da tecnologia bélica demonstrada pelas forças estadunidenses. Imagem reforçada pelo colapso do grande exército iraquiano de quase um milhão de homens. Porém, é esquecido que a quantidade de iraquianos mobilizados no Exército era maior que a quantidade de sauditas aptos a lutar (VIZENTINI, 1992: 172-210). Novamente, a análise dos quantitativos populacionais reforça a hipótese que a tecnologia não acabou com a quantidade da conscrição. Por exemplo, os russos estão preparados para uma eventual guerra sistêmica nuclear onde mantém cerca de vinte milhões de reservistas, atualmente (LIMA e HIRST, 2009: 98-99). A quantidade é enorme, contudo, os russos possuem a metade da população da antiga União Soviética (TODD, 2002).

Atualmente, os russos percebem que, apesar de o Estado conter várias armas nucleares, uma população pequena e poucas reservas militares não garantiriam a sobrevivência do Estado Russo. A República Popular da China, apesar

de possuir um arsenal moderno e crescente, necessitaria da consolidação de sua tecnologia. O Acordo de Cooperação de Shangai aproximou essas necessidades. Outrossim, as operações dentro de linhas interiores, consolida a aliança frente a unipolaridade estadunidense. Dessa maneira, a Europa nuclearizou-se para enfrentar a ameaça de reservas de infantaria chinesa ajudando Moscou contra um possível ataque da OTAN (SINODEFENCE, 2007). O estudo constitui o primeiro estudo de caso.

Para contrabalançar, os Estados Unidos da América reconheceram a Índia como potência nuclear. Dessa maneira, os norte-americanos mantêm o cercamento da Eurásia e, com os indianos, contrabalanceriam a Índia (MEARSHEIMER, 2001). Concomitantemente, Índia e RPC expandem-se na África e no Oceano Índico, colocando assim, o continente africano no centro das instabilidades futuras, como cenário da aproximação da Grã-Bretanha com a Nigéria. Dessa maneira, o Oceano Atlântico ressurgiu como uma possibilidade de complementação econômica dos países da região; como o Brasil que assinou um acordo militar com a França recentemente. Os três últimos estudos sobre as alianças possuem a característica das operações em linhas exteriores, renovando o espaço marítimo como área importante, mas o foco consiste na população como variável importante da polaridade e polarização em 2050. Atualmente, poucos países possuem mais de um milhão de homens que alcançam anualmente a idade militar o que acarretaria em mudanças nos padrões de alianças entre os Estados.¹⁰⁸

III.2 – Rússia e República Popular da China.

A Ásia enfrenta mudanças estruturais de conexão de grandes áreas territoriais e população ao Capitalismo. A integração econômica é, muitas vezes, sinônimo de integração política. O Acordo de Cooperação de Xangai de 2001, começa a atender essa demanda.¹⁰⁹ Na Anarquia, a Rússia, quando esteve como a

¹⁰⁸ Em 2008, os países eram os seguintes: Índia (11.592.516), China (10.760.380), Estados Unidos da América (2.186.440), Indonésia (2.181.303), Paquistão (2.062.065), Brasil (1.666.791), Nigéria (1.663.025), Bangladesh (1.311.850), México (1.110.544) e Filipinas (1.012.779) (UNITED STATES, 2009).

¹⁰⁹ A Organização para Cooperação de Xangai é um organismo internacional fundado em 14 de junho de 2001 por China, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), obtinha uma grande polaridade e exercia um eixo na polarização (VIZENTINI, 1990). Contudo, depois da crise da dissolução da URSS de 1991, os russos perceberam que não poderiam exercer mais o poder, principalmente, com a redução extrema da população (TODD, 2002). As opções seriam uma integração com a Europa Ocidental ou, como foi seguida, a procura do retorno para os territórios asiáticos. A opção de parceria com a RPC parecia pouco plausível no contexto da bipolaridade desequilibrada do sistema internacional (MEARSHEIMER, 2001).

Os problemas da opção chinesa sobre a Rússia demonstram a vulnerabilidade populacional dos russos, apesar do grande arsenal, de armas nucleares que os mesmos possuem. A preocupação com a vulnerabilidade do Estado reside nas perdas humanas sofridas na Segunda Guerra Mundial, por russos e chineses.¹¹⁰ Inicialmente, russos e chineses aproveitaram a parceria de 1949 até 1961 com a ruptura por atritos na fronteira. A aproximação dos chineses com os estadunidenses em 1971 distanciou-os até 1991.¹¹¹ A possibilidade da unipolaridade estadunidense do Sistema Internacional, e de um ataque preventivo para um desarme nuclear, uniu russos e chineses, novamente, na esfera da estratégia (LIEBER e PRESS, 2006).

O limitador, na esfera da estratégia, consiste na posse da população para suportar os ataques de armas nucleares. A quantidade da população determina a capacidade do Estado em sua reconstrução. Os chineses possuem a maior população mundial e não precisam de uma grande quantidade de pessoas nas forças armadas, porque a estrutura do campesinato chinês suportaria um ataque nuclear de grande escala. Apesar de não ser possível avaliar o fator sofrimento (o

Uzbequistão. Sua finalidade principal é a cooperação para a segurança na Ásia. Irã, Índia, Mongólia e Paquistão são observadores.

¹¹⁰ Os soviéticos perderam 25.000.000 de cidadãos e os chineses 10.000.000 de pessoas na Segunda Guerra Mundial (VIZENTINI, 2003: 163).

¹¹¹ O início da década de 1970 demonstra uma ruptura no Sistema Internacional com impactos de longa duração já mencionados. Relembrando, 1971: o padrão ouro do dólar caiu, inflacionando o mercado. 1972: os Estados Unidos da América aproximou a China de sua influência, isolando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, já cercadas pela OTAN na Europa Ocidental, de reservas asiáticas importantes. 1973: a Guerra do *Yom Kyppur* demonstrou que os exércitos nacionais dos países em desenvolvimento podem conter os exércitos de países desenvolvidos. Estes acontecimentos delinearão, na média duração, as conjunturas do séc. XXI (VIZENTINI, 1990).

que nem cabe a esse estudo) a perda de milhares de chineses representaria uma porcentagem pequena da população.¹¹² Novamente, aparecem os limites que a quantidade da população impõe. A quantidade de baixas e pessoas deslocadas para força de trabalho não atrapalharia, inicialmente, o esforço de guerra chinês.

Atualmente, os russos possuem uma população muito reduzida. O fim da URSS em 1991 diminuiu a população à metade. A fim de manter um nível aceitável de dissuasão convencional e suportar o esforço de guerra, a Rússia possui cerca de vinte milhões, de reservistas nas forças armadas, constituindo o maior contingente do mundo (LIMA e HIRST, 2009: 98-99). Esse grande contingente é fruto da experiência russa em conflitos anteriores onde, o país mais extenso do mundo, sofrera a tentativa de inclusão de seu território no Capitalismo pelos países da Europa Ocidental.

No período soviético, os russos demonstraram muita eficiência nas operações, principalmente, no uso da artilharia como arma de assalto e na utilização do atrito na guerra.¹¹³ Essas táticas serviram inicialmente na contenção da agressão do ítalo-alemã do Eixo que tinham recorrido a mecanização de suas forças. O sucesso inicial do Eixo deveu-se ao fato de a mecanização ter sido um fenômeno circunscrito a um pequeno grupo de exércitos. Quando os soviéticos, norte-americanos e britânicos apropriaram-se do fenômeno, a sua produção industrial fez a diferença e o Eixo fora derrotado.

A Segunda Guerra Mundial foi uma guerra de massas de exércitos que foram desgastadas através do atrito contínuo, proporcionado pela aquisição de novas armas que potencializavam a destruição, igualmente, de uma grande quantidade de pessoas. Atualmente o debate sobre defesa possui o foco na alta tecnologia. A esfera da estratégia possui a pauta do debate sobre a proliferação das armas nucleares (SAGAN e WALTZ, 1995). Durante a Guerra Fria (1948-1991) foi discutida a posse de armas nucleares e a estabilidade no sistema internacional. Nações com armas nucleares deixariam o mundo mais seguro ou o desarme preventivo teria o

¹¹² A estimativa de vítimas de um desarme estratégico pelo ataque norte-americano foi estimada em 100.000 mortos chineses, no primeiro momento (KRISTENSEN et al, 2006: 181).

¹¹³ O conceito de atrito refere-se a destruição de uma força armada como força organizada de combate (DUNNIGAN, 2003). A guerra só faz acelerar o processo de desgaste dos exércitos que seu próprio arranjo interno favorece essa destruição.

efeito estabilizador, contudo, a aproximação da unipolaridade uniu russos e chineses para enfrentá-la.¹¹⁴

Os Estados Unidos da América possuiriam condições de realização de um desarme estratégico preventivo contra os russos e chineses (LIEBER e PRESS, 2006). O advento das novas armas nucleares e de energia direta, porém, não livraria os estadunidenses de uma resposta. A capacidade dos russos e chineses de absorção de impactos de armas de destruição em massa é muito maior, porque possuem, russos e chineses, um vasto território e uma enorme população, respectivamente. O enorme território russo traz a esse Estado, uma grande capacidade de dispersão de suas forças no terreno, desse modo, consegue espalhar seus efetivos e veículos para que não se tornem alvos passíveis de destruição.¹¹⁵

A posse de uma grande população por parte dos chineses, pode trazer o benefício da constiuição de grandes exércitos e reservas que sejam aproveitadas em caso de conflito na manutenção do atrito.¹¹⁶ Antes dos processos de modernização do Exército Popular de Libertação (EPL), as forças armadas chinesas eram uma força análoga aos exércitos europeus voltados para o atrito, no padrão da Segunda Guerra Mundial, conforme demonstrou o conflito fronteiriço com o Vietnã em 1979. Superficialmente, tais forças pareciam ineficientes e anacrônicas. Entretanto, a RPC explorava a sua maior força que era baseada em uma grande quantidade de camponeses disponíveis para a conscrição militar.

A organização das divisões chinesas para infantaria demonstra que, primariamente, estão voltadas para a defesa.¹¹⁷ Na metade da década de 1980, os soldados chineses eram aproveitados em quatro tipos de divisões: costeira, defesa interna, de fronteira e de infantaria. A ordem do tipo de divisão torna-se importante nesse caso. As divisões de infantaria necessitam de uma grande quantidade de pessoas para surgirem, assim como sua montagem requer mais recursos. A

¹¹⁴ Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, conseguiu o desarme estratégico dos países muçulmanos com o ataque aéreo preventivo convencional (OREN, 2004: 213-222).

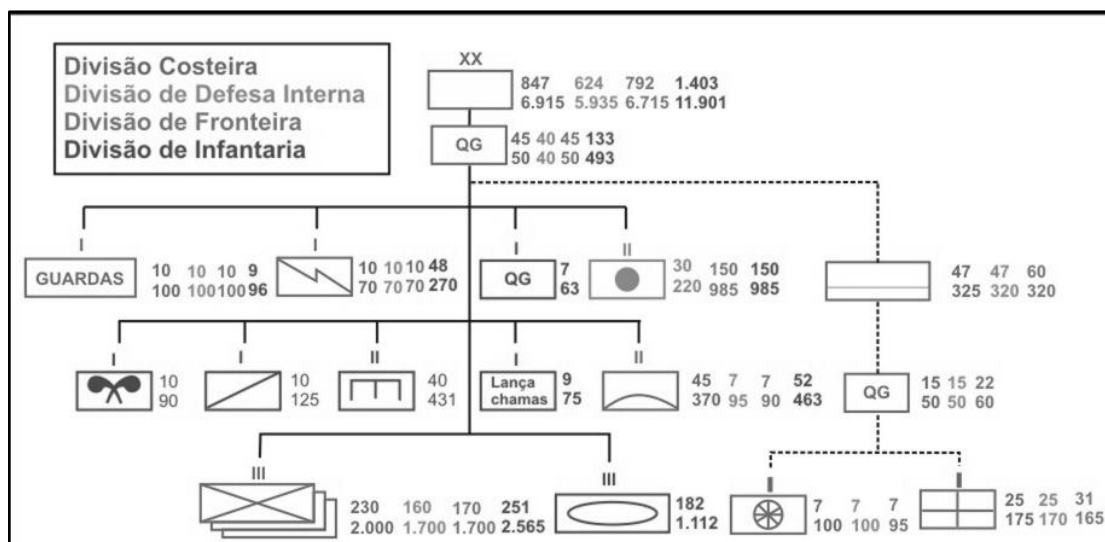
¹¹⁵ O território russo de 17.05.400km² proporciona uma enorme capacidade de dispersão para as Forças Aéreas.

¹¹⁶ Atualmente, 85 Estados possuem oficialmente efetivos em reservas militares (IISS, 2006).

¹¹⁷ A defesa consiste no tipo de guerra mais forte (CLAUSEWITZ, 2003). Novas tecnologias apareceram no ataque, na Guerra do Golfo em 1991, dando uma impressão errada da realidade.

capacidade de combate é maior, porque possui serviços especializados, como engenheiros e um componente blindado. As divisões de fronteira possuem menos efetivos, mas conservam um componente orgânico de artilharia e possui semelhança com a divisão de defesa interna que requer mais efetivos.

Figura 3 - divisões chinesas antes da modernização.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DIA,1984.

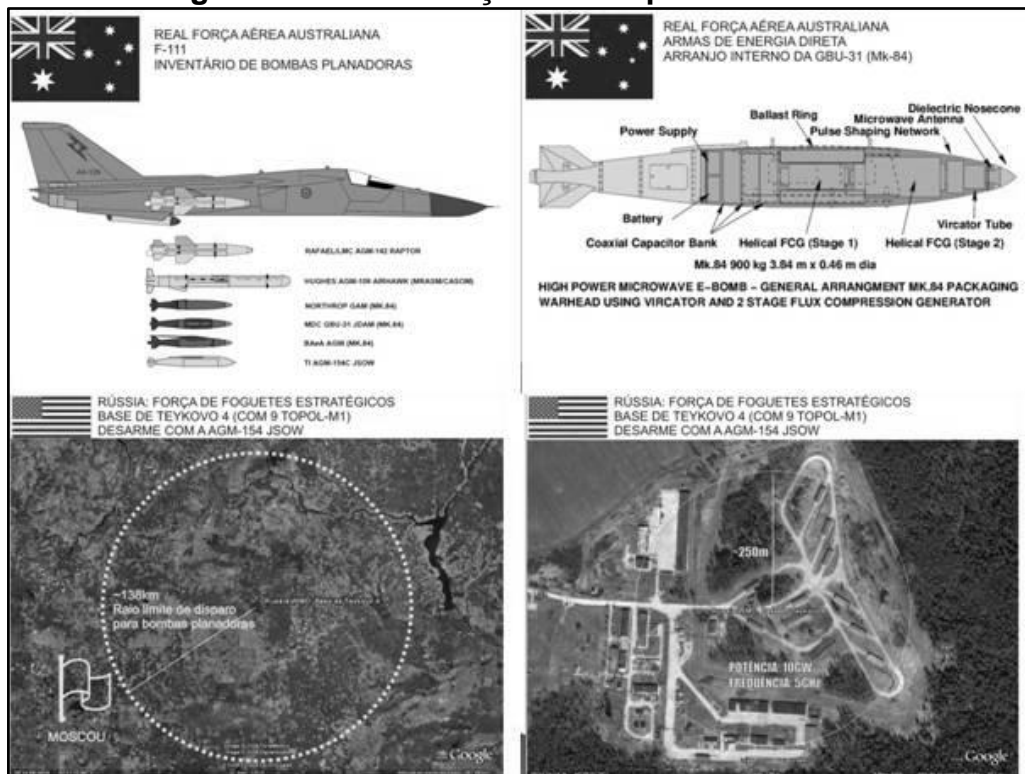
A divisão costeira demonstra a capacidade de organização militar para o atrito com baixo custo. Retirados os serviços especializados, o componente blindado, a artilharia orgânica, mesmo assim, os chineses ainda conseguiam montar divisões do tipo costeiras. Apesar de os efeitos da mecanização serem originários da metade do século XX, os chineses possuíam uma grande quantidade de cães, mulas e cavalos para o deslocamento de seus soldados.¹¹⁸ As divisões costeiras eram formadas com a preservação da capacidade de combate dos seus três regimentos de infantaria. Uma companhia de comunicações, um batalhão de defesa aérea e um destacamento logístico prestavam o apoio cerrado para as tropas.¹¹⁹ Apesar de obsoleta até para os padrões da época, esse tipo de organização militar demonstra, no limite, a capacidade do Estado em travar conflitos e manter seu esforço de guerra. Ilustrativamente, os alemães foram os arautos da mecanização do exército

¹¹⁸ Os chineses tinham em diferentes tipos de divisões de infantaria a média de 150 cavalos (DIA, 1984: apêndices C, P, Q e R).

¹¹⁹ As divisões costeiras compreendiam 847 oficiais e 6.915 alistados (DIA, 1984: apêndice R).

mas possuíam uma quantidade enorme de animais em suas divisões de infantaria (CHAPPEL e FOWLER, 2001: 3-7). O uso moderno e recorrente do uso de cavalaria em combate é demonstrado pelos *janjaweeds* do Sudão.¹²⁰ A questão da utilização de animais na guerra provém da hipótese de que, na guerra futura, cada vez mais as armas de Energia Direta serão utilizadas. Raios *laser* e mísseis de Microondas de Alta Potência (HPMs), certamente, colapsarão a utilização de veículos mecanizados, aeronaves e toda a rede de comunicação e controle informatizada através da geração de pulsos eletromagnéticos (KOPP, 1995).¹²¹

Figura 4 - demonstração de ataque com JSOW.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de KOPP,1995.

¹²⁰ Os *janjaweeds* são grupos paramilitares de ideologia pan-arabista, financiados pelo governo sudanês, para lutar na Guerra Civil do país (JOHNSON, 2004).

¹²¹ Os soviéticos também treinavam em um ambiente de pulso eletromagnético que seria gerado a partir de um ataque nuclear estadunidense (GARTHOFF, 1957). A luta seria mantida a través da utilização de mensageiros, soldados montados em cavalos, mulas para transporte e cachorros para reconhecimento. O advento de armas de energia direta permitiria o ataque preventivo com aeronaves armadas com o míssil AIM-109 JSOW, armado com geradores de pulso de microondas de alta potência (KOPP, 1995).

Somente na China, se levarmos em consideração a quantidade de jovens que atingem a idade militar, poderiam ser formadas quinhentas divisões ao ano. Obviamente, o orçamento impede a formação, pelo Estado chinês, de tantas unidades militares (UNITED STATES, 2009). Todavia, essa quantidade de jovens disponíveis para a mobilização militar pode ser mais dissuasora que a posse de armas nucleares, porque a população chinesa oferece a capacidade de resistência a um segundo ataque nuclear. Os arsenais foram o respaldo das operações militares convencionais das nações que as possuíam pelo temor do país atacado sofrer uma retaliação maior (MEARSHEIMER, 2001). Todavia, quanto mais população o Estado possui, sua a capacidade de resistência a ataques é aumentada. A Economia também é um fator limitante das operações. Um exemplo é a Índia, no conflito com o Paquistão em Kargil (1999), onde mais poucos dias de conflito poderiam colapsar a economia indiana (CHANDRAN, 2005).

Geralmente, um exército necessita de vinte mil homens para a formação de novas divisões de infantaria de combate (DUNNIGAN, 1993: 139). Calcula-se para manter e formar um exército de cento e cinquenta mil homens, duzentos batalhões que formariam vinte divisões são necessários (DUNNIGAN, 1993: 139). Depois de mobilizados para o combate, os combatentes conseguem, em média, permanecer duzentos dias em combate, chegando esse prazo a ser estendido a quatrocentos dias (DUNNIGAN, 1993: 482). Depois os veteranos são considerados inaptos para o combate, sendo retirados para serviços de suporte.

A experiência histórica mais recente de guerra sistêmica é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Contudo, as armas atômicas foram utilizadas no final do conflito e existem outros simuladores sobre seus impactos. As forças militares envolvidas na Segunda Guerra Mundial lutaram em diferentes paisagens ao redor do globo. A zona de combate de clima tropical torna-se um ambiente hostil para as tropas em operações. Um exército de cem mil homens apresenta uma taxa de perdas diária de duzentos a quinhentos homens por dia (DUNNIGAN, 1993: 479). Respectivamente, essas quantidades representam a perda de uma companhia ou um batalhão que, geralmente, é formado por três companhias. As causas de baixas são diversas, o ambiente é insalubre e requer uma força armada que possua um serviço de saúde estruturado.

Comparativamente, a malária causa cerca de duzentas baixas diárias, acidentes vinte baixas e a ocorrência de doenças venéreas quarenta ausências. Um

serviço médico e de saneamento de qualidade na guerra pode fazer a diferença no que se refere à vitória. O fato é que os serviços médicos melhoraram com o passar do tempo. (DUNNIGAN, 1993: 482). Historicamente, a Guerra da Criméia (1853-1856) foi a primeira que os soldados morreram mais pelo combate que por doenças. A utilização de novas tecnologias de evacuação de feridos e a utilização de antibióticos mudou o cenário da guerra moderna.

Como exemplo, os norte-americanos em 1846, possuíam a média de dez por cento de baixas por doenças até chegar ao índice de 1940, onde tinha-se zero vírgula seis por cento. A média de recuperação de um combatente era de noventa dias na década de 1940 (DUNNIGAN, 1993: 483). No mesmo período, os norte-americanos conseguiam uma taxa de retorno de baixas para o combate de sessenta e quatro por cento, enquanto que os alemães obtinham oitenta por cento. O fenômeno, talvez, ocorria por dois motivos. Primeiramente, os norte-americanos operavam em linhas exteriores, ou seja, tinham que lutar na Ásia e na Europa, enquanto os alemães poderiam tratar de suas baixas com maior rapidez, dentro de seu território. Segundo, os Estados Unidos, sendo uma Democracia, seriam mais flexíveis quanto à alegação dos militares pelas ausências no combate, diferentemente da Alemanha no mesmo período. Extrapolando a hipótese, talvez os soldados indianos possuíam maior capacidade de resistir ao retorno do combate, por tratar-se de uma Democracia. Supondo-se que, na Democracia, existe respeito pelos direitos individuais.

O EPL mantém uma reserva oficial de oitocentos mil reservistas (IISS, 2006: 400) Os chineses passam por um período de reformulação de suas forças armadas. Neste sentido, a balança de poder no Sul da Ásia e Leste Asiático sofreria desdobramentos nas estruturas históricas de longa duração. Outro aspecto do impacto da demografia em conflitos é a manutenção de efetivos paramilitares por parte de Estados constituídos. Os paramilitares possuem emprego em tarefas específicas de segurança da população. No caso brasileiro, constituem a polícia militar, chegando ao requinte das forças de segurança da antiga URSS que possuíam um componente orgânico mecanizado. Os chineses apresentam os maiores efetivos, com praticamente mais de três milhões de paramilitares (IISS, 2006: 400). A Índia apresenta praticamente a metade do efetivo da China (IISS, 2006: 400). Apesar do expoente quantitativo de forças dos dois países, esses

efetivos são muito pequenos, se comparados com a quantidade absoluta de suas populações.

Comparativamente, a dependência de homens para combate, pelos europeus, torna crítica a sua posição no Sistema Internacional e justifica a aliança russa na busca de aliados para o suporte do atrito. Ilustrativamente, a Rússia, que possui cerca de setecentos mil jovens que atingem a idade militar, constituindo no maior contingente do continente. Os outros Estados europeus concentram-se na faixa abaixo dos quatrocentos mil jovens. Devido essa escassez, os contingentes reduzidos na Europa apresentam um dilema estratégico (UNITED STATES, 2009). A Ucrânia, com cerca de duzentos e setenta mil homens jovens constitui um exemplo. Os ucranianos poderiam constituir uma defesa avançada para russos e turcos na Europa Oriental,, com quase setecentos mil jovens, concomitantemente, tornar-se uma vulnerabilidade, para os russos, se o Ocidente mobilizar essas reservas ucranianas para o ingresso na OTAN (BUZAN e WÆVER, 2003).

A taxa de crescimento da população europeia atual é reflexo das duas Guerras Mundiais que, em termos de longa duração, inexoravelmente, reduziram sua população.¹²² Como exemplo, na Segunda Guerra Mundial, os alemães perdiam, em média, seis combatentes na Europa Ocidental ao dia. Comparativamente, em 1991, os Estados Unidos tiveram uma morte para cada três mil e trezentos combatentes (DUNNIGAN, 1993: 487). Na Europa Oriental, os germânicos perdiam cerca de duzentos combatentes, contra a média soviética de perdas que consistia em quatrocentas baixas ao dia, perdas inegavelmente significativas.

Os franceses, em duas décadas (1918-1939), estacionaram nos quarenta milhões de habitantes e os alemães alcançaram o dobro, praticamente.¹²³ A França perdera, na Primeira Guerra Mundial, cerca de seis milhões de trabalhadores, praticamente, a mesma quantidade de baixas alemãs (ALLCORN, et al., 2003: 6). São soldados mortos e que possuíam ferimentos impossibilitando os mesmos de retornar ao trabalho, como camponeses ou operários. O rompimento do Tratado de Versalhes e o rearmamento da Alemanha foram fatos comprovados, mas somente o

¹²² Mesmo o fenômeno do *baby-boom*, após a Segunda Guerra Mundial, não recuperou a posição da população europeia frente à população mundial.

¹²³ A taxa de natalidade alemã era o dobro da francesa (ALLCORN et all, 2003: 6).

rearmamento alemão, sem o programa de incentivo a natalidade não traria os resultados esperado para a beligerância, desencadeada na Segunda Guerra Mundial. Erroneamente, os franceses apostaram sua estratégia na defesa estática e construíram a Linha *Maginot*. Os franceses resistiram um mês frente a ofensiva alemã no Ocidente que estava organizada sob a mecanização dos exércitos. Atualmente, a Rússia possui uma estratégia semelhante. Respectivamente, o seu arsenal nuclear comporta-se como a defesa estática da Linha Maginot. Porém, o decréscimo populacional da Rússia impede os mesmos de aplicarem suas reservas populacionais no ataque e uma fonte externa é requerida.

Neste sentido, em 2007, foi realizado o exercício conjunto "Missão de Paz 2007" onde soldados do EPL percorreram mais de dez mil quilômetros, demonstrando que poderiam lutar em um eventual teatro de guerra europeu, do mesmo modo que a URSS utilizou de tropas do Extremo Oriente para romper o cerco de Moscou (SINODEFENCE, 2008). Desse modo, as forças da OTAN começaram sincronicamente a flexibilizar o uso de armas nucleares norte-americanas em outros vetores de países não-nucleares com o conceito do *Nuclear Sharing*, violando tratados internacionais.¹²⁴ Essas armas nucleares apontam para a tendência do seu uso tático em batalha onde seriam usadas em alvos contra-força (KRISTENSEN, 2005).

O estudo sobre a aliança sino-russo aponta para a primeira tendência, no Sistema Internacional da confluência dos Estados frente as necessidades de maximização de poder. Os russos, apesar de possuírem uma alta polaridade, não conseguiram suprir seu declínio demográfico. Ao mesmo tempo, os chineses, frente a ameaça norte-americana de desarme nuclear estratégico preventivo, precisavam compensar sua assimetria com alta tecnologia. Os chineses tiveram seu bônus demográfico em 2010 e até 2050, haverá um grande decréscimo na força de trabalho.¹²⁵ Neste sentido, outros exemplos desse trabalho corresponderiam ao teste da corroboração desta hipótese. A História aponta uma década de duração

¹²⁴ *Nuclear sharing* consiste na vetorização de bombas nucleares norte-americanas a partir de aeronaves de combate de países da OTAN que não possuem armas nucleares (KRISTENSEN, 2005).

¹²⁵ A política de um único filho demonstrou que, em 2050, haverá 152.811.764 de trabalhadores a menos na Economia chinesa, aproximadamente (UNITED NATIONS, 2009).

dessa aproximação como pertencente a estruturas de curta duração. Todavia, a possibilidade de consolidação de uma aliança na Eurásia corrobora para a mudança de estruturas de longa duração.

III.3 – França e Brasil.

O Brasil possui uma população absoluta que não tem comparação com os outros países da região da América do Sul. A Nação conta com mais de um milhão de reservistas.¹²⁶ Comparativamente, somente México e Estados Unidos possuem um componente demográfico semelhante. Neste cenário, a mobilização de recursos humanos brasileiros podem, em caso de conflito, oferecer alguma possibilidade de defesa convencional crível. Entretanto, sabemos que não basta somente a quantidade de recursos humanos para o esforço de guerra. Os programas recentes de rearmamento do Brasil podem mostrar, no longo prazo, nova polarização no sistema internacional, principalmente na América do Sul.

Do outro lado, os franceses necessitam para suas necessidades de defesa e de exportação, respectivamente, da ampliação de sua base demográfica a partir de aliados e do escoamento de produtos bélicos de alta tecnologia. No dia 23 de dezembro de 2009, Brasil e França assinaram um acordo na área de defesa para o reequipamento das forças armadas brasileiras (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011). A cooperação na área da defesa, oriunda na tecnologia, progrediria para uma aliança que envolva a cooperação de envio de tropas para conflitos. Aparentemente, o padrão da busca da adequação dos Estados frente a maximização de poder continua. O Brasil busca alta tecnologia para a sua defesa e os franceses necessitam de jovens para manter suas forças armadas (BRASIL, 2008). O fenômeno segue o padrão da aliança sino-russa. As semelhanças seguem, dentro do padrão da busca da polaridade onde a população constitui a uma variável importante. As diferenças, outrossim, fazem parte da análise. A distância de deslocamento das tropas constitui o principal obstáculo. Russos e chineses possuem a grande vantagem de operação em linhas anteriores. No possível cenário de uma

¹²⁶ Os reservistas brasileiros compreendem 1.340.000 reservistas (IISS, 2006: 401)

eventual cooperação militar franco-brasileira, estrategicamente, o Oceano Atlântico é a base da estratégia de defesa marítima brasileira.¹²⁷

Apesar desse eixo principal, a estratégia nacional do Brasil também deve compor o domínio do espaço aéreo e exterior, ao mesmo tempo em que a consolidação do espaço terrestre ainda necessita da ocupação racional dos territórios vazios e, resposta aos seus dilemas (BRANDS, 2010). Apesar dos avanços na Política, como ciência, a população precisa de apoio e de proteção de sua mão-de-obra. A força de trabalho, indelevelmente, será um componente de poder no Sistema Internacional. A quantidade de pessoas não pode ser culpada pelas vicissitudes do Estado em proteger da falta de limites do Capitalismo e suas formas regulatórias.¹²⁸

As decisões produzidas na fase atual terão repercussões na longa duração. O ano de 2020 será um ponto de inflexão na História do Brasil. Este ano será o auge do bônus demográfico, onde o número de trabalhadores supera o de dependentes (crianças e idosos) (QUEIROZ e TURRA, 2010). A Economia do Brasil, atualmente considerada a sétima do mundo, está em processo de harmonizar as diferenças sociais que são distribuídas pelo país. Os limites da nossa sustentabilidade econômica aparecerão com a diminuição da força de trabalho, a diminuição da fertilidade e o envelhecimento da população. Como no século XIX, o Brasil precisará da imigração para a manutenção de seu crescimento. Todavia, o crescimento da população europeia foi comprometido por guerras sistêmicas que inviabilizaram, no longo prazo o crescimento de sua população (UNITED NATIONS, 2009).

O Brasil perderá cerca de dois milhões de habitantes na força de trabalho, até 2050, dos sessenta e dois milhões existentes, atualmente. Todavia, ainda permanecerá como uma das maiores forças mundiais disponíveis. As opções brasileiras de aquisição externa da trabalhadores, por meio de convite e flexibilização da legislação, podem vir do aumento de cinquenta e três milhões de

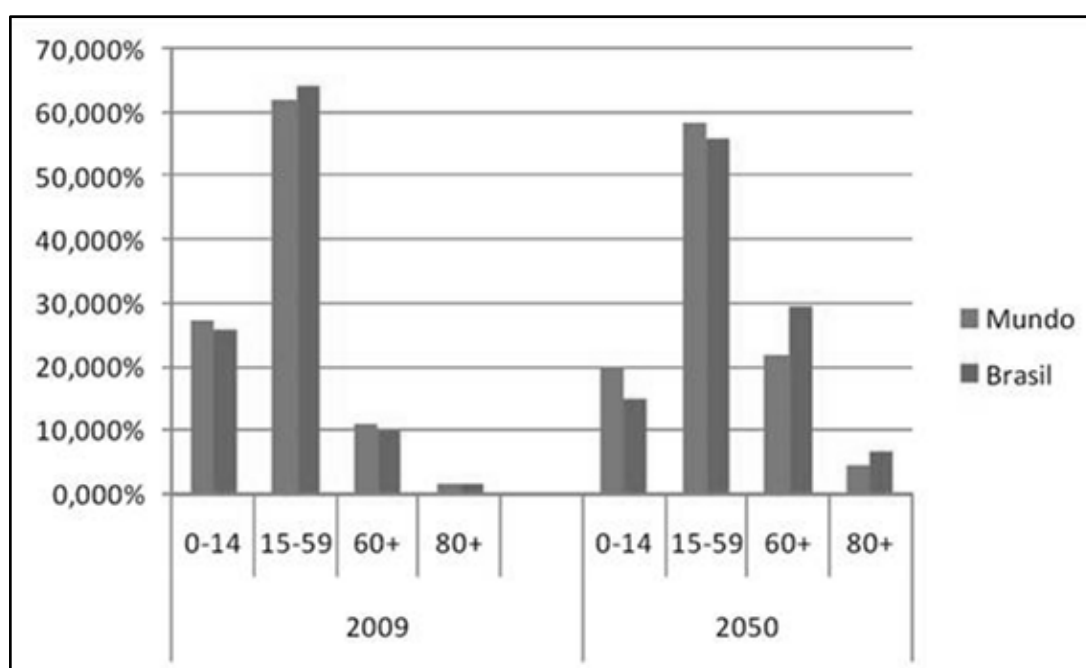
¹²⁷ O almirante estadunidense Alfred Tayer Mahan, no fim do século XIX, teorizou sobre os EUA e a projeção de poder naval que seria consolidada na segunda metade do século XX (COSTA, 1991: 68-76).

¹²⁸ A teoria do sistema-mundo de Fernand Braudel passa pela noção de hierarquia econômica entre Estados, baseados na relação centro-periferia (FARIA, 2004: 72-74). Contudo, a tese enquadra-se no Neo-Realismo Estrutural que é baseado no conceito da Anarquia do Sistema Internacional. Contudo, o sistema mostra-se economicamente autocentrado no hegêmona, aproximando dos estudos sobre a unipolaridade sob a hegemonia norte-americana.

trabalhadores na força de trabalho dos outros treze países sul-americanos.¹²⁹ A absorção dessa população poderia, no médio prazo, facilitar a ocupação de regiões da nossa faixa de fronteira. Outra população que poderia ser convidada a fazer parte de nossa força de trabalho seria dos países africanos que tiveram colonização portuguesa, principalmente, Angola. A África será o continente onde a população crescerá e haverá a possibilidade de ocorrência de novas experiências, no campo da Política do séc. XXI, assim como a Europa trouxe para o mundo até o século XIX.

Apesar de o eixo econômico mundial passar do Mar Mediterrâneo, para o Oceano Atlântico, o Sistema Internacional presenciou, no final do século XXI, a ascensão do Oceano Pacífico na liderança do fluxo do comércio mundial (ARRIGHI, 2008). Apesar da busca do Brasil, através de políticas de integração, obter acesso a essa rota; o Oceano Atlântico será a preocupação estratégica brasileira. O Estado brasileiro é uma tentativa incompleta da colonização lusitana, na busca da obtenção de uma saída para o Oceano Pacífico. Uma das causas do fracasso foi a pouca quantidade de portugueses disponíveis para tal intenção. Novamente, o debate sobre a Demografia aparece, nas estruturas de longa duração e, desta maneira, as Histórias de Brasil e Portugal ficaram mescladas.

Gráfico 14 - Pirâmide etária brasileira.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

¹²⁹ Este acréscimo ocorrerá no período de 2010 a 2050 (UNITED NATIONS, 2009).

Infelizmente, Portugal sempre teve uma população pequena, comparado a outros reinos da Europa. Para a colonização do Brasil concentrou sua reserva populacional no eixo entre Rio de Janeiro e São Paulo. No século XVI, as expedições conhecidas como Bandeiras espalharam o domínio português, praticamente, na área conhecida como pertencente ao Brasil.¹³⁰ Em 1750, o Tratado de Madrid fixou o contorno do Brasil, estabelecendo limites para a colonização espanhola na América do Sul.¹³¹ A Economia da época, baseada na exportação de grandes quantidades de produtos agrícolas, permanecia na dependência do comércio naval e a marinha, tanto a militar como a mercante, teve seu papel de preponderância na construção do Estado brasileiro de 1500 até 1865, do Descobrimento até a Guerra do Paraguai, respectivamente. Ainda existem resquícios físicos como a presença de fortificações históricas em foz de rios famosos, perto de centros urbanos mais antigos.

A Guerra do Paraguai apresenta um ponto de inflexão no conceito brasileiro de condução de conflitos.¹³² O Brasil foi invadido por forças paraguaias na década de 1860, a condução da guerra teve a predominância da Marinha de Guerra. O seu auge, foi na Batalha Naval do Riachuelo em 11 de junho de 1865, onde a alta tecnologia da época, das embarcações de metal movidas a vapor, dominou os rios da região.¹³³ Com o espaço marítimo e fluvial assegurado, com a garantia do envio de recursos para a manutenção do esforço de guerra, a Tríplice Aliança poderia

¹³⁰ As Bandeiras correspondiam a uma organização militar do século XVI, atualmente, seriam análogas as companhias de infantaria de um exército. Eram formadas nas Câmaras Municipais das colônias portuguesas e sua missão era o aprisionamento de indígenas para escravidão e a busca de minerais preciosos (FLORES, 2008: 77-79).

¹³¹ O Tratado de Madrid, de 13 de janeiro de 1750 entre Portugal e Espanha, praticamente, delimitou os contornos atuais do Brasil, apesar de ser anulado pelo Tratado de *El Pardo* de 1861 (FLORES, 2008: 365).

¹³² A Guerra do Paraguai foi o maior conflito sul-americano, durou de 1865 até 1869. Os paraguaios perderam 85.000 homens, praticamente, a população masculina do país. Os aliados perderam 39.390 militares, sendo 83,77% de brasileiros (FLORES, 2008: 288-290).

¹³³ As belonaves blindadas e movidas a vapor também foram utilizadas na Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865) sincronicamente (KONSTAM e BRYAN: 2001).

reorganizar suas forças terrestres de maneira satisfatória.¹³⁴ Coube ao então General Luís Alves de Lima e Silva a reorganização das forças aliadas.¹³⁵

As tropas aliadas estavam em condições sanitárias desgastantes com o problema da organização das reservas de pessoal que não existiam e do problema logístico a que estavam com a escassez de suprimentos. O militar percebera que o modo da condução do esforço de guerra estava mudando, no nível sistêmico e que, tacitamente, existia um modo lusitano na condução do esforço de guerra.

Dois conflitos demonstraram que a guerra tinha mudado: o advento da Segunda Revolução Industrial; os impactos na tecnologia e demografia; o que causou mudanças na Polaridade no Sistema Internacional (HOBBSAWN, 2009). A Guerra da Secessão Norte-americana (1861-1865) demonstrou o impacto dos novos armamentos, principalmente, dos novos canhões pesados e metralhadoras rústicas que dizimavam as formações de infantaria. Ao mesmo tempo, a ferrovia e os navios a vapor começavam a gerar rapidez para exércitos e esquadras, respectivamente, e o telégrafo possibilitava a comunicação a longas distâncias. A Guerra da Criméia, na segunda metade do século XIX, demonstrou a importância da higiene, saneamento e condições logísticas na condução do esforço de guerra. Até esse conflito, as baixas causadas por doenças eram maiores que causadas em batalha (DUNNIGAN, 2003). Essas mudanças cooperaram para expansão europeia no século XIX em direção a Ásia, África e Oceania e sua tecnologia estendeu-se da Guerra de Secessão Norte-Americana (1861-1865) até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Os exemplos acima ilustram a tentativa de equilíbrio da equação entre população e condução do uso da força na Política. A perda de soldados, na cultura portuguesa, pode ser um problema de limites da demografia e do crescimento social. Portugal precisou da ajuda de outros países para a consolidação de seu território, como demonstrou a Reconquista na Península Ibérica. A população pequena de portugueses sempre foi um entrave para a sua expansão colonial. A História do

¹³⁴ Tríplice Aliança foi um tratado formado, em 1º de maio de 1865, por Uruguai, República Argentina e Império Brasileiro para combater o Paraguai (FLORES, 2008: 587).

¹³⁵ Luís Alves de Lima e Silva (1803-1877) foi um dos maiores militares brasileiros. Em 16 de julho de 1868 assumiu o comando do exército até 17 de janeiro de 1869. Neste período curto liderou os brasileiros nas Batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, posteriormente, conquistando a capital do Paraguai Assunção. A 25 de junho de 1875 assume o gabinete ministerial e faz nova legislação sobre recrutamento e serviço militar (FLORES, 2008: 556).

Brasil registra a busca da artificialização da sua ocupação territorial, pelo aprisionamento de povos indígenas e pela escravidão de africanos. O domínio dos mares e a construção de fortalezas na foz dos grandes rios e garantiu a segurança da reserva populacional crescente do eixo Rio de Janeiro até São Paulo.

A preocupação portuguesa da perda de grandes contingentes populacionais é refletido na esfera da tática. Os portugueses sempre lutaram com a infantaria protegida. Na Batalha de Aljubarrota, em 1385, os infantes portugueses ficaram protegidos sob a massa de arqueiros ingleses, armados com arco longo.¹³⁶ Somente uma frente muito curta atraía os inimigos que seguiam para o atrito. Novamente, a tática foi repetida, no início do século XIX, com a expulsão dos franceses da Península Ibérica, pelos ingleses, comandados pelo Duque de Wellington (REID, 2004: 71-72). Os batalhões independentes de caçadores formaram a espinha dorsal do exército anglo-português na Guerra Peninsular (REID, 2004: 71-72). Os portugueses fizeram o uso da massa de infantaria leve, porque era um Estado pobre e estava ocupado. Os caçadores eram especialistas em tiros de longa distância e utilizavam o uniforme de cor cáqui para camuflar-se (CHARTRAND e YOUNGHUSBUND, 2000: 5-10). Este tipo de soldado evitava o combate a curta distância e poderia, ao mesmo tempo, proteger a artilharia. O uso de animais de tração e transporte estava restrito a movimentação das peças de artilharia.

A Guerra Peninsular foi montada sob a construção das Linhas de Torres Vedras.¹³⁷ A infantaria estava protegida, mas em vez de arcos longos, os ingleses protegeram seus canhões e utilizaram os mesmos contra as formações francesas. Napoleão Bonaparte foi um mestre na utilização dos canhões contra as tropas inimigas. De forma diferente dos ingleses, utilizava muitos canhões leves que eram fáceis de manobrar, podendo então organizá-los de forma eficiente no campo de

¹³⁶ Na Idade Média, os ingleses utilizavam o arco longo para desgastar as tropas inimigas. Os arqueiros eram protegidos por cavaleiros desmontados (CURRY, 2002). O advento da infantaria inglesa, suíça e escocesa no campo de batalha, foi uma consequência da Peste Negra no continente europeu.

¹³⁷ As Linhas de Torres Vedras foram 30km de linhas de fortes construídos, sigilosamente, para a defesa de Lisboa durante a Guerra Peninsular. Batizado com o nome da cidade vizinha de Torres Vedras, foram construídas pelo exército anglo-lusitano, sob o projeto de Sir Richard Fletcher, entre novembro 1809 e setembro de 1810, e usadas para interromper a ofensiva francesa de 1810 (FLETCHER e YOUNGHUSBUND, 2003).

batalha. Posteriormente, os ingleses copiariam a tática e o armamento (HENRY e DELF, 2002: 9-37).

Figura 5 - Perfil topográfico das linhas de Torres Vedras.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de **FLETCHER e YOUNGHUSBUND, 2003.**

D. Pedro II enviou o general Luís Alves de Lima e Silva para o campo de batalha para o projeto de reformulação das tropas da aliança. Como um homem de seu tempo, o militar utilizou as aquisições tecnológicas para a definição da guerra. Reformulou o sistema de saúde e criou uma rede de transporte para o abastecimento de víveres e munições para as tropas. Com o conhecimento da realidade do conflito e baseado na herança portuguesa da maneira de conduzir a guerra, convocou o reforço dos Voluntários da Pátria para serem utilizados em um teatro limitado.¹³⁸ A artilharia, no entanto, deu apoio aos combatentes através de

¹³⁸ Voluntários da Pátria foram 57 corpos de voluntários entre 18 a 50 anos, criados pelo Dec. nº 3.371 de 7 de janeiro de 1865, para combater os paraguaios. Formaram juntamente com a Guarda Nacional 75% do efetivo brasileiro e foram 45% das baixas do Brasil (FLORES, 2008: 612). Essa idéia de mobilização em massa teve lugar na Suíça, no século XIV, com o *Landsturm* (MILLER e EMBLETON, 1995: 4).

deslocamentos rápidos, porque estavam na ofensiva, utilizando a mesma tática napoleônica.

Os Estados Unidos da América, ao mesmo tempo, estavam passando pela Guerra da Secessão, com muitas baixas dentro do país onde os impactos sociais, da perda da força de trabalho, propiciou a flexibilização da legislação e a entrada de imigrantes, no início do século XX, onde os norte-americanos atingiram seu auge demográfico em 1901. Concomitantemente, O Brasil e aliados montaram uma estratégia ofensiva que culminou na Dezembrada e na ocupação da capital paraguaia Assunção.¹³⁹

A Guerra do Paraguai cooperou para o estabelecimento da República, porque a população brasileira sofreu uma transição histórica que teve impactos sociais. A diminuição do número de trabalhadores que formaram os batalhões de Voluntários da Pátria e da convocação forçada de escravos para as tropas trouxe problemas para o sistema econômico brasileiro da época. Ao mesmo tempo que os escravos ganhavam a liberdade, os militares ganhavam poder e os imigrantes eram requisitados para o trabalho nas lavouras. A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, foi a maior consequência dessa transição. O fenômeno parece análogo ao declínio do Feudalismo na Europa depois do período da Peste Negra com a diminuição da população camponesa.¹⁴⁰ Essas estruturas de longa duração, nas transições econômicas persistem nos Estados e o Brasil não seria uma exceção.

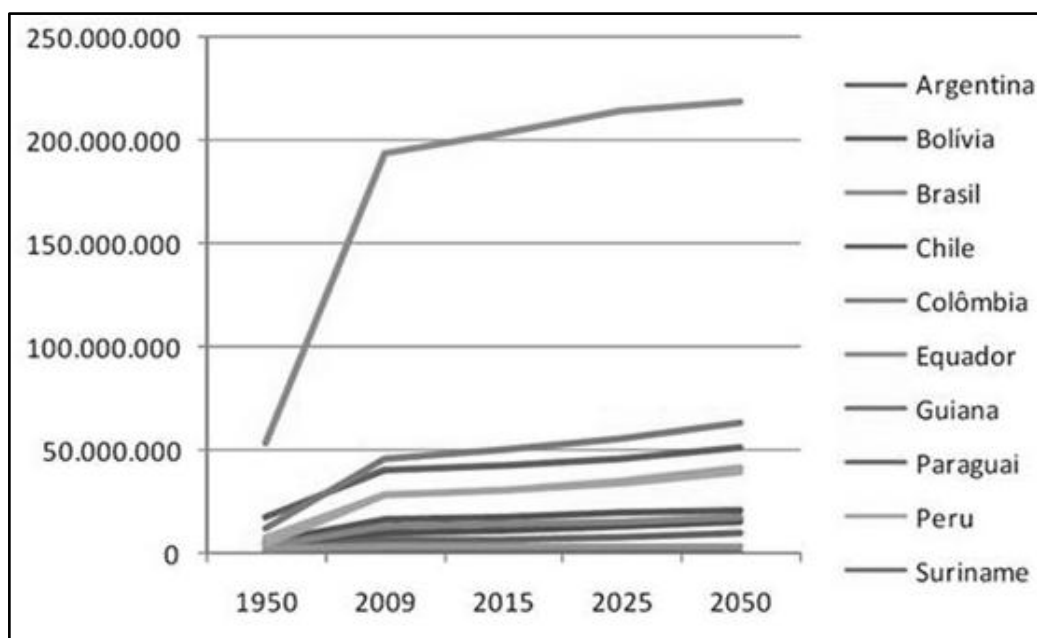
O continente sul-americano passará por uma redistribuição da quantidade de pessoas. Ao contrário de outras regiões do planeta, essas populações podem ser distribuídas de tal maneira que os impactos serão distribuídos. A economia do continente ainda precisa de um grande fluxo de pessoas para os processos de industrialização. A variação da população em um século, de 1950 até 2050, talvez não consiga superar sem o suporte externo de pessoas oriundas da imigração os

¹³⁹ Dezembrada é a denominação das operações militares em dezembro de 1868 que culminaram na ocupação de Assunção e na destruição do exército paraguaio (FLORES, 2008: 191).

¹⁴⁰ Robert Dahl, teórico da Poliarquia, onde no livro, Sobre a Democracia, debate o fator tamanho (DAHL, 2009: 105). Dahl demonstra que o tamanho maior do Estado proporciona a construção e efetividade de instituições e, concomitantemente, favorece a representação e a Democracia. Igualmente, a tese proposta tenta recuperar o debate do impacto da quantidade de população para a política.

desafios do crescimento econômico. (FREEMAN, 2006: 636-648) Novamente, a importância da imigração, para o Brasil é reiterada. Caberá a nossa capacidade de reorganização das forças na mudança de nossa população para a manutenção e crescimento de nosso bônus demográfico que pode ser mantido, indelevelmente, com o volume de pessoas recebidas pela imigração. Ao contrário de imigrantes europeus do século XIX, o Brasil contará, no século XXI, com pessoas oriundas da África e da América do Sul que contribuirão para nosso progresso econômico, social e cultural.

Gráfico 15 - População sul-americana.



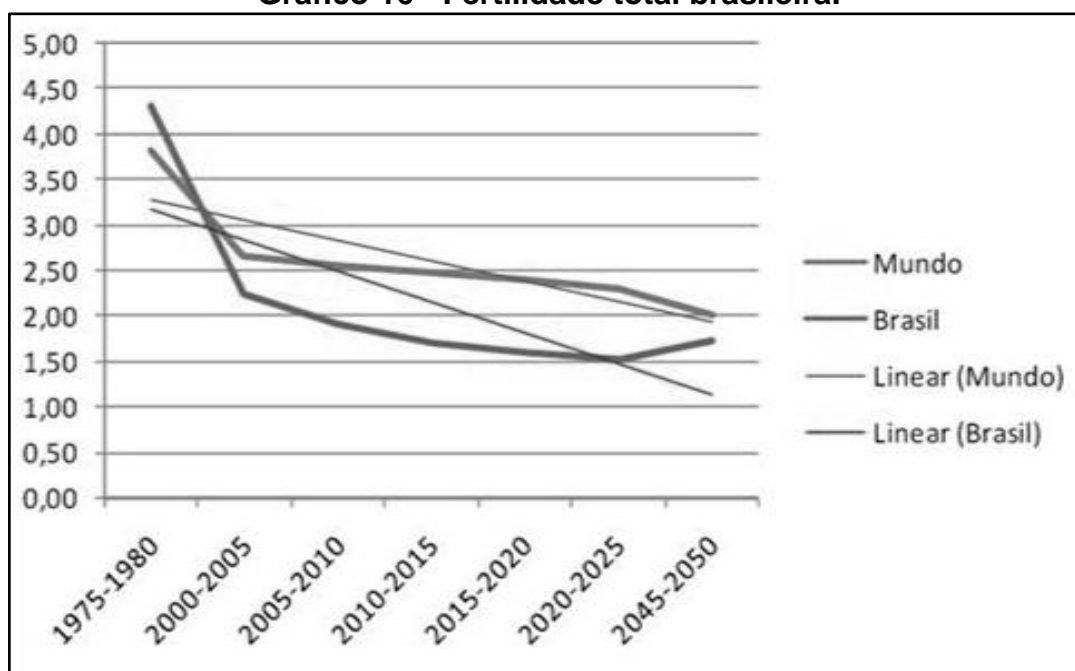
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

A América do Sul está no processo de envelhecimento, seguindo a tendência mundial. Os Estados da região tendem a estabilidade com a queda da fertilidade total. Porém, novamente, o centro do continente está no centro do debate (VIZENTINI, 2004). Assim como no século XIX, o Paraguai foi o foco de instabilidade, no século XXI, a Bolívia demonstra a maior taxa de fertilidade, conseqüentemente, trazendo a possibilidade de instabilidade política para o continente.¹⁴¹ A possível instabilidade boliviana pode desestabilizar os outros países da região. O país fora isolado pelos três centros de colonização: dois espanhóis, o

¹⁴¹ A taxa de fertilidade total pode ser uma variável importante, explicativa da instabilidade política (BATSON, 2008: 35-36).

Vice-Reino do Prata e do Vice-Reino do Peru; e um lusitano, o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Os problemas da segurança bolivianos passam pelo debate sobre a inclusão desse Estado na economia do continente, através de ligações fluviais e terrestres. Os blocos econômicos regionais, como o Mercosul, podem absorver o excesso da população boliviana nas suas respectivas forças de trabalho e incluir a sua economia nas trocas dos sistemas sul-americanos. A população boliviana terá uma grande quantidade de jovens e, que podem ser utilizados por forças regulares ou irregulares, privadas ou estatais de países do continente ou do exterior; sendo assim a maior fonte de instabilidade regional possível. Todavia, a inclusão desses jovens em economias da região pode cooperar com o progresso econômico continental.

Gráfico 16 - Fertilidade total brasileira.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Para enfrentar os diferentes desafios do futuro, o Brasil necessita do reequipamento das suas forças armadas, impreterivelmente. A aproximação com a França não solucionou a busca brasileira por um novo caça de superioridade aérea. Na defesa do espaço aéreo, o acordo de cooperação prevê a construção de

helicópteros.¹⁴² O Exército Brasileiro necessita de modernizações na área de infantaria e o acordo de cooperação prevê a produção de novos equipamentos para os soldados.¹⁴³ A principal preocupação do Brasil concentra-se na consolidação territorial do Oeste. A organização do espaço e a repressão ao crime não podem servir de obstáculo para os objetivos estratégicos do Estado na manutenção artificial do bônus demográfico, para a manutenção da economia brasileira. Para a vigilância desse espaço, o acordo também prevê a aquisição de sofisticados sistemas de vigilância até para plataformas petrolíferas.¹⁴⁴

Novamente, o assunto do poder marítimo aparece na estratégia de Estado do Brasil. Qualquer ação terrestre ou aérea do país passa pela necessidade da proteção de nossas costas para o envio de armas, munições e víveres e para evitar invasões.¹⁴⁵ Os gastos militares dos países da América do Sul estão crescendo proporcionalmente com o reequipamento das forças. O Brasil prevê a construção de submarinos nucleares.¹⁴⁶ Mas o projeto enfrenta fatores que podem comprometer a

¹⁴² Serão adquiridos 50 helicópteros de combate construídos pela empresa Eurocopter, em conjunto com a indústria brasileira, e custará cerca de dois bilhões de euros (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

¹⁴³ O pacote bilateral considera prioritário o Projeto Soldado do Futuro, denominado COBRA no Brasil e FELIN na França. Consiste em gerar um conjunto ótico combinando visão noturna, telemetria, rastreador térmico e sensor de atividade eletrônica para tropas das Forças Especiais. O programa prevê a criação de um chip de localização para ser empregado por tropas de selva, na Amazônia. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

¹⁴⁴ Como está descrito na matéria: “O Ministério da Defesa (do Brasil) está discutindo com a francesa Thales a aquisição de uma sofisticada rede eletrônica integrada para cuidar da vigilância de áreas estratégicas - por exemplo, das plataformas marítimas da Petrobras.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

¹⁴⁵ A defesa do espaço marítimo é de vital importância para as tropas terrestres. A experiência da Segunda Guerra Mundial demonstrou que os ataques de submarinos alemães, no Oceano Atlântico Austral, prejudicaria o abastecimento as tropas aliadas no Norte da África, concomitantemente, o comércio externo brasileiro (SANDLER, 2010: 105). Da mesma forma, os problemas enfrentados pela marinha alemã contribuíram para a sua derrota nas duas Guerras Mundiais.

¹⁴⁶ Sobre o acordo de 23/12/2009: “A empresa naval DCNS, filial da Thales, construirá para o Brasil a parte convencional de um submarino nuclear.”...“Incluem ainda um acordo para a construção de uma base de submarinos.”...“ Há poucas semanas o estaleiro DCNS, o agente do programa dos submarinos, apresentou ao Comando da Marinha do Brasil seus projetos de navios de superfície de desenho crítico, dotados de elevado índice de furtividade, dificultando a detecção por radar.”...“ A empresa revelou a disposição de abrir a tecnologia referente e produzir as embarcações no País, em parceria com estaleiros brasileiros.” O custo estimado é de seis bilhões de euros. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

sua viabilidade. Os submarinos nucleares precisam do controle eletrônico do espaço aéreo e sideral, uma flotilha de submarinos auxiliares, uma frota de navios de superfície de apoio e de uma força aeronaval que dê respaldo para suas operações. Ao mesmo tempo, o acordo franco-brasileiro prevê a construção de uma base de submarinos. Essa base pode tornar-se um alvo estratégico e sua construção ser demorada. Não obstante, a jurisdição da administração dessa base deveria ficar em mãos brasileiras.

A preocupação estratégica consiste no possível envolvimento da Marinha do Brasil nos assuntos franceses do Oeste da África, como demonstrou a recente crise na Costa do Marfim em 2011. Apesar do acordo, não pode ser esquecido o fato de a França pertencer a OTAN. O Brasil precisa de mísseis modulares para serem usados por forças aéreas, marinhas e terrestres.¹⁴⁷ No entanto, o exemplo histórico demonstra que os franceses ficaram do lado da Inglaterra no conflito, atrapalhando o esforço de guerra argentino (BRAYBROOK *et al*, 1990: 19-29). Outro receio consiste na utilização de nossa reserva de pessoal para composição de forças estrangeiras, sob a jurisdição de franceses. A França possui larga experiência histórica nesse tipo de tropa e a mais famosa é a Legião Estrangeira Francesa (BRABY *et al*, 1985: 3-45).

No assunto sobre as reservas, é imperioso que o Brasil mantenha seu programa de convocação e treinamento de reservistas. Talvez, seja esse o maior dissuasor estratégico, contrariando a perspectiva circulante, no meio militar, da posse de armas estratégicas. A possibilidade de enfrentar sessenta milhões de pessoas na força de trabalho e a existência de um milhão e meio de reservistas treinados, distribuídos em oito milhões de quilômetros quadrados, não seria uma tarefa fácil para qualquer inimigo.

A obsolescência das armas nucleares, pelo advento das armas estratégicas baseadas em *laser* e microondas de alta potência e da transição demográfica impacta a polaridade no sistema internacional. O debate da reforma política da ONU passa pelo mesmo drama da reforma efetuada na Liga das Nações (GARCIA, 2005: 117-132). Os cidadãos da época, também, não levaram em consideração que a polaridade mudou depois da Primeira Guerra Mundial, com a posse de armas

¹⁴⁷ Sobre o acordo de 2009: ...”O ministro (da Defesa, brasileiro, Nelson Jobim) também não quis comentar se estão previstas encomendas futuras de mísseis Exocet SM39 e torpedos MU90.” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

químicas, o surgimento das forças aéreas e de novos Estados que aumentaram sua força de trabalho e projetaram suas forças, como o Japão. Isto impactou a polarização com novas alianças. A experiência histórica demonstra que o Brasil ficou fora do Conselho de Segurança da Liga. A aproximação dos Estados Unidos da América e a escolha brasileira dos mesmos parceiros no debate, como a Alemanha, pode alijar-nos do nosso objetivo da conquista de um assento permanente, desta vez, no Conselho de Segurança da ONU.

III.4 – EUA e Índia.

Os Estados Unidos da América e a Índia ensaiam uma aproximação que pode ter desdobramentos estratégicos. O antecedente histórico recente consiste na aproximação estadunidense com a República Popular da China, na década de 1970, que ajudou no colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991. Novamente, a aproximação indo-americana força a mesma tentativa de cooptar, para os norte-americanos, a força de trabalho indiana para o hegêmona que enfrenta uma crise econômica e sistêmica.¹⁴⁸

A decadência relativa dos Estados Unidos da América ocupa uma parcela significativa do debate científico, atualmente (ARRIGHI, 2008). Hipoteticamente, os estadunidenses continuam seu crescimento econômico através do fluxo de imigração, legal e ilegal, que não reduz a sua força de trabalho. Os recentes conflitos no Iraque e no Afeganistão aproximaram os indianos dos norte-americanos, ainda mais que sofrem do problema do terrorismo e da instabilidade que ameaça os seus Estados pela ameaça de deslocamento de grandes massas de pessoas. Os Estados Unidos da América está apostando na contenção da imigração vinda do México e, concomitantemente, os indianos necessitam trabalhar o grande crescimento demográfico nas suas fronteiras no Oeste.

¹⁴⁸ A teoria do Neo-Realismo Estrutural, apresenta aspectos teórico-metodológicos do Marxismo que não podem ser descartados e; A longa duração de Braudel, reflete o período de tempo de séculos e que perpassa gerações. Concomitantemente, o sistema-mundo percebe o Capitalismo como um grande mercado e a História como o esforço de cooptação de forças de trabalho e mercado consumidores para o mesmo. Wallerstein classificou, dessa maneira, a cooptação da República Popular da China, nesses termos (FARIA, 2004). Contudo, os marxistas organizam hierarquicamente as relações entre Estados, enquanto os realistas teorizam sob a Anarquia.

O Estado indiano, desde a sua criação e, diferentemente do Estado norte-americano, aproxima-se muito mais de um caráter multinacional (BUZAN e WEAVER, 2003). Por séculos, os indianos combateram inimigos internos e tiveram que harmonizar diferentes povos em seu território (HEATH e PERRY, 1999: 12-33). O sistema de castas, oriundo do Hinduísmo, conseguiu manter a proporção desse território e conteve iniciativas de secessão através da assimilação da cultura dos locais conquistados (HEATH e PERRY, 1999: 36-37).

Do outro lado do planisfério, os Estados Unidos da América reprimem na sua fronteira sul a imigração de latinos, mas busca apoio na Ásia, principalmente, na contenção da expansão asiática da RPC. Apesar de a posição estadunidense parecer paradoxal, existem motivos para a busca de uma aliança estratégica com os indianos. A população indiana, distante do território continental dos Estados Unidos da América, não competiria por mercado de trabalho com a população norte-americana, como faz a massa de imigração latina. Além disso, poderiam cooperar com a economia estadunidense como mercado consumidor e força de trabalho adicional com a instalação de fábricas no território indiano.

As reservas populacionais indianas são imensas e podem fornecer as tropas que os norte-americanos precisam para a sua defesa e, principalmente, para as suas projeções de força no mundo. A barreira da língua parece ser muito minimizada, porque apesar da maioria dos indianos ter o inglês como segunda língua, praticamente, todos a conhecem. Finalmente, como experiência histórica, por muito tempo os indianos formaram a espinha dorsal do Exército Real do Reino Unido durante a ocupação da Índia (1756-1948).

O exército indiano era uma composição de forças locais já existentes e derrotadas pelos ingleses, posteriormente, cooptadas e comandadas por oficiais britânicos (BARTHORP e BURN, 1999: 4-8). O contingente populacional dos indianos foi utilizada, praticamente, em todas as áreas coloniais que formaram o Império Britânico. Os indianos lutaram até nas duas Guerras Mundiais, em quase todas as frentes de batalhas, acumulando uma experiência histórica incomensurável. Como resquício dessa época, os ingleses e indianos mantêm regimentos formados pela etnia *ghurka* em seus respectivos exércitos (NICHOLSON e ROFFE, 1974: 21-24). A convivência de tantas etnias juntas facilita a participação dessas tropas em alianças.

Outra vantagem desses cidadãos é que conseguem lutar em praticamente todos os ambientes geográficos, porque a Índia possui uma variedade muito rica de ecossistemas. O território possui florestas tropicais, desertos, montanhas de alta altitude e com temperatura polar. O tempo para adaptação do combate talvez seja muito minimizado.

A experiência histórica estadunidense de controle e comando de forças estrangeiras foi comprovada na Segunda Guerra Mundial. Historicamente, o Quinto Exército Norte-Americano, que lutava na Itália em 1944, era formado por poloneses, neo-zelandeses, sul-africanos, ingleses, entre outros, inclusive por brasileiros (VIZENTINI, 2003). A harmonização desse contingente era facilitada pelo fato de a maioria das tropas terem o inglês como língua oficial.

Em caso de uma guerra sistêmica, essas reservas indianas poderiam ser deslocadas, para a Europa, para a contenção de tropas sino-russas deslocadas para a Europa Oriental. Obviamente, a Marinha dos Estados Unidos da América faria seu papel de transporte de tropas como fez na Segunda Guerra Mundial. Dois problemas tornam-se evidentes: primeiramente, a Europa sofre o envelhecimento da sua população e tenta conter o fluxo de populações islâmicas do Oriente Médio e Norte da África. A opção que essa população islâmica fizer na Europa poderá decidir os rumos do esforço de guerra no continente.¹⁴⁹ O segundo fator está na capacidade da marinha estadunidense em deslocar tropas em um ambiente de guerra naval onde a tecnologia pode comprometer as tropas de superfície. Mesmo assim, a força de trabalho indiana pode servir, além de reserva militar. Economicamente, mantendo a produção das economias indo-americanas para o esforço de guerra, de maneira similar as Guerras Mundiais, onde houve a flexibilização das leis do trabalho em as mulheres mantiveram a produção industrial dos países envolvidos.

Tal fenômeno ocorre atualmente com o excesso da força de trabalho não absorvida pela economia do Paquistão.¹⁵⁰ O fluxo desses trabalhadores vai até o Marrocos, estabelecendo sua força, principalmente, nas economias dinâmicas dos países da Península Arábica. A fé islâmica e o aprendizado da língua árabe facilita a

¹⁴⁹ A população de islâmicos no mundo, projetada para 2050, gira em torno de dois bilhões de crentes. Dado obtido a partir da taxa de crescimento dos países islâmicos que é originado das altas taxas de fertilidade (UNITED NATIONS, 2009).

¹⁵⁰ Essa mão-de-obra não absorvida foi o que Karl Marx chamou de exército industrial de reserva (VIZENTINI, 2003).

comunicação desses povos e na região. Neste sentido, novamente é afirmado que a escolha dessas populações islâmicas podem decidir uma guerra sistêmica. Além disso é preciso mencionar sua importância como a controladora do fluxo energético do mundo, como ocorrera com a Crise do Petróleo de 1973.¹⁵¹

Os indianos entraram nesse estudo pela aproximação com os Estados Unidos da América, fenômeno análogo ao início do século XX (GARCIA, 2005). Os impactos de longa duração ainda permanecem na especulação e uma possível utilização ou alinhamento de arsenais norte-americanos e indianos não podem ser descartados. O arsenal nuclear indiano, apesar de pequeno, continua crescendo em quantidade e qualidade, relativamente.¹⁵² Os mísseis indianos podem enfrentar a ameaça paquistanesa de uma guerra nuclear localizada como foi o episódio de Kargil, dissuadindo qualquer ataque (RAJAIN, 2005). Todavia, a ameaça chinesa é mais contundente e um ataque poderia colapsar o Estado indiano. Por isso, não deve ser descartado a aplicação do conceito do Nuclear Sharing, já utilizado pela OTAN, para que aeronaves de combate da Índia possam ser vetores de bombas nucleares norte-americanas.

Contingencialmente, a Índia é um dos poucos Estados do mundo que conseguiria suportar um ataque nuclear, em grande escala, como a China. Sua grande população poderia fazer o país continuar a existir e, eventualmente, lutar. No entanto, a sua densidade demográfica compromete o esforço de guerra e lança uma nova questão para o debate sobre os tratados limitadores de armas estratégicas.

A densidade demográfica é uma variável importante do uso contra valor de armas estratégicas, como exemplo da hipótese é a cidade de Mumbai na Índia. Hipoteticamente, um artefato nuclear paquistanês de vinte quilotons (20kt) explodindo sobre a cidade com uma densidade demográfica de quase quarenta mil habitantes por quilômetro quadrado causaria a morte de setecentas mil pessoas

¹⁵¹ A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) fez um embargo internacional a venda de petróleo para o Ocidente para apoiar os países árabes na Guerra de Yom Kyppur contra Israel (VIZENTINI, 1990). Na Antiguidade, as populações árabes controlavam a área do planeta que mais possuía gramíneas, consequentemente, controlavam o fluxo de grãos para alimentação humana no Velho Mundo.

¹⁵² Em 2009, o arsenal era estimado ente 80 a 100 mísseis Agni-I a III, testados com sucesso (IISS, 2010: 359).

somente pelo fluxo térmico.¹⁵³ Seriam três quilômetros e meio de diâmetro da área atingida. Mas no subcontinente indiano, qualquer arma nuclear, mesmo sendo de baixo rendimento, possui o caráter estratégico pelo número de baixas produzidas. Como exemplo, os ataques nucleares em Hiroshima e Nagasáqui, em 1945, não colapsaram o Japão, estruturalmente. O efeito foi desmoralizante, destruindo sua vontade de lutar. Consequentemente, a vitória viria pela derrota do inimigo por sentir-se derrotado (CLAUSEWITZ, 2003).

Figura 6 - Simulação de detonação de uma ogiva de 20kt sobre Mumbai, Índia.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de GLASSTONE e DOLAN, 1977.

As reservas continuam sendo importantes na possibilidade de seu uso em caso de guerra sistêmica. Os Estados Unidos da América possuem um contingente de quase um milhão de reservistas.¹⁵⁴ Este contingente oferece uma quantidade menor a dos militares da ativa, que compreende um milhão e meio de pessoas. Os

¹⁵³ Fluxo térmico é a quantidade de calor em uma determinada área que pode causar danos mortais. A simulação resultaria em 748.144 vítimas (GLASSTONE e DOLAN, 1977). A densidade demográfica de Mumbai, Índia era de 38.900 hab/km² em 2007 (BATSON, 2008: 24).

¹⁵⁴ Os Estados Unidos possui 1.580.000 militares na ativa e 865.000 reservistas. (IISS, 2011: 462).

números indianos demonstram uma quantidade similar.¹⁵⁵ A manutenção de um efetivo muito baixo na reserva consiste no resultado do impacto da tecnologia e da confiança nos sistemas de alerta antecipado e de defesa estratégica contra mísseis hostis. A pouca quantidade de reservistas, para Estados que possuem armas nucleares, consistiria em uma vulnerabilidade estratégica (LIMA e HIRST, 2009). Ilustrativamente, os russos mantem cerca de vinte milhões de reservistas.

A longa duração na História demonstra que os países com alta capacidade militar precisam de mercado consumidor, força de trabalho e reservas para conscrição. Obviamente, a aproximação da Índia e Estados Unidos possuem a vantagem de busca de equilíbrio econômico, contudo, os Estados perseguem a maximização de Poder na Anarquia. (PETERS, 1999: 129) Neste sentido, essa aproximação não parece uma repetição do fenômeno da busca da Inglaterra da Primeira Revolução Industrial pela maximização de poder (HOBSBAWN, 2009). A polarização parece atender as necessidades da economia norte-americana, que ainda está na Segunda Revolução Industrial e passando por um momento de crise hegemônica.¹⁵⁶

III.5 – Reino Unido e Nigéria.

O Reino Unido necessita de uma economia complementar para o fortalecimento de sua economia reticente, a tendência de outros países europeus, de entrar na Comunidade Econômica Europeia. Durante os séculos XVIII, XIX e XX, o domínio britânico na Índia proporcionou o acúmulo de riquezas, mercado consumidor de produtos manufaturados, força de trabalho para produtos primários e, principalmente, reserva militares importantes (BARTHORP e BURN, 1979). O Estado Britânico chegou a tornar-se hegemona duas vezes no sistema internacional conseguindo derrotar dois opositores, franceses e alemães (ARRIGHI, 1994). Depois da Primeira Guerra Mundial, a hegemonia britânica começou o seu colapso, paulatinamente, até as políticas econômicas de redução do Estado do início da

¹⁵⁵ Os indianos possuem 1.325.000 militares na ativa, 1.155.000 reservistas e 1.301.000 paramilitares. (IISS, 2011: 464).

¹⁵⁶ A Primeira Revolução Industrial foi na base de máquinas a vapor. A Segunda foi originária do desenvolvimento da indústria química, elétrica, petrolífera e metalúrgica.

década de 1980. O decréscimo é sentido nas forças armadas. Ilustrativamente, a Marinha Real Britânica (*Royal Navy*) conta com dois porta-aviões e quatro SSBNs (IISS, 2011: 168 e 169). As obrigações britânicas oriundas do assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e a projeção mundial de força dos ingleses pode estar comprometido pelo limite da conscrição imposta pela transição demográfica.

A Nigéria, no continente africano, ofereceria, uma possibilidade de suprimento de conscritos para as forças armadas inglesas. Como experiência histórica, os europeus utilizaram tropas de outras nacionalidades, inclusive de asiáticos e africanos. Atualmente, as forças armadas britânicas possuem um contingente de três mil e quinhentos *gurkhas* nepaleses servindo em suas fileiras (IISS, 2011: 168). Esses soldados, oriundos do Nepal e Norte da Índia também servem na Índia, Brunei, Cingapura e Nepal (NICHOLSON e ROFFE, 1974); São recrutados a por suas características de combate e de marcialidade. A remuneração e as condições de serviço geram polêmicas pela alegação, dos nepaleses, referente aos valores menores em relação aos britânicos. Ilustrativamente, os gastos militares do Reino Unido estão em torno de sessenta bilhões de dólares ao ano.¹⁵⁷

Comparativamente, a Nigéria possui um gasto militar anual quarenta vezes menor que o britânico.¹⁵⁸ As necessidades de armamento e modernização são constantes e se tornaram estratégicas no momento que o Estado começa a projetar força no continente africano em missões de paz. O contingente britânico e nigeriano está em torno de cem mil pessoas. Obviamente, novas tecnologias bélicas está reduzindo o número de baixas, nos exércitos que estão ocupando os territórios estrangeiros mas o número de vítimas é desproporcional, mesmo dentro de um contexto de guerra assimétrica com armamentos convencionais. A presente tese preocupa-se com a possibilidade de uma guerra sistêmica onde os Estados, em vez de maximizar poder, lutarão pela sua sobrevivência. A importância da África, no início do século XXI consiste em um continente que não está ainda, totalmente,

¹⁵⁷ O gasto militar do Reino Unido foi de US\$ 71.400.000.000,00 em 2008 e US\$ 64.200.000.000,00 em 2009 (IISS, 2011: 168).

¹⁵⁸ O gasto militar da Nigéria foi de US\$ 1.330.000.000,00 em 2008 e US\$ 1.490.000.000,00 em 2009 (IISS, 2011: 319).

integrado no Capitalismo.¹⁵⁹ Mesmo a América do Sul e Leste da Ásia sofrem processos de interiorização dos mercados nos respectivos continentes.

Historicamente, os Estados Unidos da América passaram pela Guerra Civil (1861-1865) para consolidar a ligação do eixo econômico, Leste-Oeste, e para decidir se a Economia do Estado seria baseada na industrialização ou na escravidão do sul. Ou seja, foi um conflito envolvendo a decisão da infraestrutura econômica. A Nigéria, por outro lado, mantém uma infraestrutura econômica baseada na exportação de petróleo que não precisa de ajustes decisivos na esfera econômica (CLAPHAM, HERBST e MILLS, 2006). Entretanto, o Estado pode passar por uma guerra civil para decidir a sua Política. Metade da população é islâmica e a outra é animista ou cristã. Em 2050, a população projetada é de quase trezentos milhões de habitantes, o dobro da atual. Em caso de conflito futuro, cada lado terá igualmente o dobro da população atual. Apesar da economia complementar, experiência de tropas estrangeiras e língua semelhante a aproximação anglo-nigeriana pode ser comprometida por essa instabilidade.

A hipótese de um conflito nigeriano torna-se mais plausível porque muitas questões históricas africanas de longa duração podem ser resolvidas. Como exemplo, de 1967 a 1970, o estado de Biafra tentou a separação da Nigéria e o conflito terminou com a derrota dos separatistas e com a morte de várias pessoas.

A Nigéria é o ponto de contato de uma África do Norte islamizada e uma África Subsaariana de raízes animistas. A solução desse conflito pode ser o modelo de Estado africano para a interiorização do Capitalismo na região. Além disso, recentemente, Índia e China estão no processo de aproximação e investimentos nos países da região. Contudo, a inserção inglesa na África pode ser comprometida com a memória da colonização do século XIX.

Estrategicamente, o Reino Unido enfrenta duas condições conjunturais. A primeira, é o distanciamento das posições norte-americana e inglesa com a retirada britânica do Sul do Iraque, depois da intervenção de 2003. A outra relação está na posse de quarenta e oito ogivas, em SLBMs *Trident* de origem norte-americana. A dependência da segurança estratégica, nas mãos de outro Estado, pode comprometer a viabilidade da própria utilização de força de trabalho africana. Os

¹⁵⁹ A análises econômicas e históricas muitas vezes são reforçadas pela Teoria do Sistema-Mundo, já estudada e debatida por Braudel e Wallerstein (FARIA, 2004).

nigerianos podem optar por uma polarização que leve o fator da polaridade como consideração. Neste sentido, novamente, os Estados Unidos da América continuam o afastamento dos britânicos, ajudando de forma indireta, a Índia na sua inserção na África.

Os Estados do continente africano ainda estão em um processo de formação e acomodação de elites locais. Ao Sul do deserto do Saara, o Sudão apresenta um processo parecido com o nigeriano. O norte islâmico tentou consolidar o território com o afastamento do Egito no séc. XIX (FEATHERSTONE, 1993: 7-13). Os ingleses foram combatidos pelos mahdistas que, atualmente, encontram similaridade na figura dos *janjanweeds*.¹⁶⁰ Contudo, o processo culminou com a relativa paz e intervenção estrangeira na região do Darfur (fronteira com o Chade) e com a separação, através de plebiscito, da parte austral que formou o Sudão do Sul em 2011.

Obviamente, a importância de um cenário hipotético de polarização entre nigerianos e britânicos foi especulado para a preocupação da percepção brasileira na sua inserção nos mercados dos Estados africanos. A aliança crível pode comprometer ou ajudar o Brasil na proteção de seus interesses estratégicos no Oceano Atlântico. Ao mesmo tempo, apesar da aproximação pela similaridade do avanço econômico, os interesses brasileiros, indianos e chineses podem tornar esses países competidores no Sistema Internacional

A Polarização no Sistema Internacional apresenta paradoxos que aparecem com a tentativa tênue de equilibrar o fenômeno do advento de novos armamentos e a necessidade de adequar as forças armadas para a flexibilização dos recursos do Estado para a garantia do atrito, em caso de guerra sistêmica no século XXI.¹⁶¹

¹⁶⁰ Entre 1881 a 1888, *Mohammed Ibn Ahmed El-Sayyd Abdullah* proclamou-se como *Mahdi* ou “O Escolhido” e liderou uma revolta que expulsou o exército egípcio do país em 1883. Em 1884 os britânicos intervieram, derrotando os sudaneses em 1898 (FEATHERSTONE, 1993: 7-11). A similaridade com os *janjaweeds* sudaneses provém do fato de serem grupos paramilitares de ideologia pan-arabista, com o recrutamento feito a partir de bases tribais (JOHNSON, 2004). Foi neste período que Lord Kitchener verificou a importância dos exércitos possuírem tropas numerosas.

¹⁶¹ A combinação de alguns vetores termonucleares capazes de sobreviver a um primeiro ataque e o uso de armas de energia direcionada utilizadas contra a infraestrutura civil, industrial e de serviços da OTAN teriam um potencial dissuasório suficiente para evitar o desarme das demais grandes potências nucleares por meio de um primeiro ataque nuclear. Isso torna pouco provável que a primazia nuclear estadunidense seja obtida pela via militar ou diplomática nas próximas décadas, além de evidenciar o

Tanto Estados Unidos da América quanto a Índia possuem forças armadas numerosas, com recursos financeiros relativamente grandes e possuem armas nucleares. Entretanto, os países baseiam seus esforços de guerra na consolidação de aquisição de tecnologias e no seu desgaste. O número de reservistas é comparativamente pequeno e, na conjuntura de conflito sistêmico, talvez não conseguiriam obter os resultados necessários. O fato relevante é a participação estadunidense na Guerra do Iraque de 2003 e na intervenção no Afeganistão (2001-2011) onde a quantidade de soldados em campo de batalha faz a diferença para a garantia da posse do território.

Apesar de a República Popular da China possuir uma das maiores forças armadas do mundo, a força terrestre do Exército Popular de Libertação também reduz seus efetivos e iguala o seu número aos dos reservistas, aumentando o orçamento. As economias dos países em desenvolvimento comportam uma quantidade maior de efetivos, porém, não existe a possibilidade de sua manutenção. Não existe uma relação direta com a profissionalização das forças armadas regulares e a diminuição da quantidade de reservistas. Pelo contrário, a necessidade de profissionais aumenta mas os mesmo não podem ser retirados do mercado de trabalho, como demonstra Israel.

Contudo, a experiência histórica demonstra a importância da massa da infantaria leve nas operações militares. Possivelmente, dados os recursos econômicos do Oeste africano, a hipótese sobre a secessão nigeriana pode, novamente, impactar a polarização no Sistema Internacional. O conflito, necessariamente, apresentará a polaridade da utilização da massa de infantaria como definidora do campo e batalha. O Reino Unido e Nigéria juntos podem, de certo modo, dificultar nossa cooperação econômica com outros Estados africanos e no caso extremo, ameaçar nossa segurança na região do Oceano Atlântico. Concomitantemente, a penetração indiana e chinesa na África pode tornar esses Estados competidores do Brasil.

quanto a guerra nuclear, tão decisiva em toda a segunda metade do século XX, depende agora cada vez mais de condições operacionais que remetam à guerra convencional e, no limite, às balanças regionais de poder. Novamente, a quantidade de força de trabalho constitui uma variável importante no uso da força na Política (AVILA et al, 2009: 76).

Para a realidade brasileira, a manutenção dos efetivos da sua reserva apresenta um componente vital de dissuasão convencional crível.¹⁶² Apesar de poucos homens na ativa, o serviço militar obrigatório absorve, anualmente, dez por cento das pessoas que atingem a idade militar, mesmo assim, possuímos uma das maiores reservas do mundo. Um milhão e meio de reservistas, em oito milhões de quilômetros quadrados, não se constituiria uma tarefa fácil de dominação do território. A posse de armas nucleares só tornaria o Brasil um alvo de embargos e isolamento no sistema internacional. Por essa razão, os franceses sabendo da limitação da posse de armas nucleares e com a experiência da Linha Maginot, fizeram acordo com os brasileiros para uma futura aproximação de cooperação.¹⁶³ Comparativamente, o Brasil do século XXI é a Rússia do fim do séc. XIX para a França que buscava um aliado de grande população para contrapor o Império Alemão depois da invasão de 1871.

¹⁶² O Brasil possui 327.710 militares na ativa, 395.000 paramilitares e 1.340.000 reservistas (IISS, 2011: 69).

¹⁶³ A França possui 352.771 militares na ativa, 46.390 civis, 70.300 reservistas e 7.700 na Legião Estrangeira Francesa (IISS, 2011: 129).

IV – POPULAÇÃO E DEFESA: O PROBLEMA DO ATRITO NO SÉCULO XXI.

As considerações que demandam o estudo do uso da força, no sistema internacional, suscitam a análise das alterações da Polaridade. As condições econômicas porporcionam a tecnologia necessária para a condução do esforço de guerra. Contudo, a quantidade de jovens que o Estado dispõe para a maximização de poder torna-se uma variável importante da Polaridade no Sistema Internacional.

Aparentemente, os níveis de análise no quarto capítulo parecem estanques. O impacto do atrito, no século XXI, será analisado na esfera da estratégia, das operações e da tática. Respectivamente, a possibilidade de uso de artefatos nucleares, a conscrição no século XXI e o conceito de Guerras Irregulares Complexas serão os temas abordados.

Estrategicamente, ainda persiste a possibilidade de utilização de armas atômicas, em caso de guerra sistêmica. O risco de utilização aumenta com o armamento que possui novas tecnologias que aumentam seu rendimento e, concomitantemente, armas menores estão mais potentes. A argumentação continua com a discussão da introdução da variável densidade demográfica, para alvos contra-valor, saindo da concepção anterior de ameaça que consistia no alcance e rendimento dos artefatos.

Na esfera das operações, a conscrição militar é necessária. O debate sobre defesa é concentrado na tecnologia e os efeitos dessas concepções não traduz o papel do armamento no uso da força na Política, isoladamente. O envolvimento estadunidense no Iraque e Afeganistão demonstra a necessidade do grande contingente de militares para o domínio do terreno e do controle da insurgência. No contexto de Guerra Assimétrica, o comportamento dos grandes exércitos demonstra a capacidade de desgastar o inimigo, como os iraquianos. Mesmo após a invasão estadunidense de 2003, a assincronia na guerra manteve o atrito, mesmo com a destruição do exército iraquiano.

O conceito de Guerra Irregular Complexa é discutido no sentido que a demanda atual das pesquisas sobre o uso da força passa pela busca do enquadramento do papel dos atores na guerra moderna. A tecnologia trouxe a miniaturização das armas, dando um poder de fogo para as pequenas unidades que supera parâmetros históricos. O extrato do material empírico da pesquisa e das

simulações de cenários conjunturais para as próximas décadas demonstra os resultados das pesquisas. Notadamente, a importância do atrito, como o desgaste das tropas, reaparece na afirmação da força de trabalho como a variável importante da Polaridade no Sistema Internacional. Essa relação está presente nos níveis analisados na seção, a estratégia, operações e tática.

IV.1 – Como seria a guerra nuclear hoje? Inventários e emprego e dos armamentos.

Desde 1991, com o colapso soviético, o estudo sobre armas nucleares saiu da proeminência que ocupou na época da bipolaridade no Sistema Internacional (1949-1991).¹⁶⁴ Os arsenais nucleares ainda existem e a aparente redução da quantidade e tamanho de vetores não deixou o mundo mais seguro. Pelo contrário, observa-se uma ampliação horizontal com a entrada de novos Estados que, declaradamente ou não, possuem armas nucleares ou podem desenvolver a curto prazo como o Irã, Israel e Coreia do Norte (SAGAN e WALTZ, 1995). Concomitantemente, Índia e Paquistão, depois dos testes nucleares de 1998, tentam elevar seu status no Sistema Internacional. Embora esses países possam lançar mão de seus arsenais nucleares, caso decidam fazê-lo, só poderiam atingir países vizinhos e, ainda assim, com rendimentos limitados, que não assegurariam um resultado decisivo em caso de guerra local, alterariam muito menos a distribuição de forças no âmbito global. Em parte, isso decorre dos mesmos fatores políticos limitadores intrínsecos às armas nucleares como elemento de *compellence* e não apenas de *deterrence*. Ao mesmo tempo, as ogivas contendo Múltiplos Veículos de Reentrada (MIRV) de grandes mísseis nucleares cedem espaço para uma quantidade muito grande de ogivas vetorizadas em bombas comuns e transportadas por aviões de ataque e superioridade aérea e não mais por grandes bombardeiros. Atualmente, existem cinco países que possuem armas termonucleares e que correspondem ao Conselho de Segurança de ONU.¹⁶⁵

¹⁶⁴ A bipolaridade entre URSS e Estados Unidos da América existiu desde o comissionamento do primeiro armamento soviético em 1949 até o colapso da URSS em 1991.

¹⁶⁵ A arma termonuclear é também chamada de bomba nuclear de fusão. Os cinco países que possuem modelos são os EUA, Rússia, RPC, França e Reino Unido.

Percebe-se, com uma análise mais criteriosa dos quantitativos, que os Estados estão mudando o emprego de seu armamento, inicialmente, alvos contra-valor, obedecendo a antiga lógica da Destruição Mútua Assegurada (MAD). A miniaturização do armamento nuclear, cada vez mais suscita o seu uso, em caso de guerra sistêmica, em alvos contra-força (KRISTENSEN, 2005). Principalmente, contra forças convencionais ordenadas para o combate e na realização de interdição. Dessa maneira, apresenta-se como um processo crítico na esfera das operações, com a possibilidade da reavaliação do custo proibitivo do uso de armas nucleares e, dessa maneira, deixando o campo de batalha estagnado como foi a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Os problemas da utilização para alvos contra-valor, geralmente, atende a dois critérios, sendo o alcance do vetor e o rendimento da ogiva. Novamente, a lógica obedecida era do MAD e americanos e soviéticos utilizavam a diplomacia para minimizar os efeitos de um ataque nuclear que poderia destruir suas economias. Notadamente, essas duas variáveis são minimizadas com o a inserção da densidade demográfica do alvo que impacta nas vítimas. Apesar de o rendimento ser baixo, a densidade demográfica maximiza os danos e o número de vítimas. Dessa maneira, os armamentos nucleares devem ser reclassificados.

Comparativamente, os blindados passaram por uma alteração na sua classificação. Ou seja, os vetores das armas nucleares precisam de uma classificação que leve em consideração seu emprego. A sugestão é que sejam classificados como armamento de emprego contra força e armamento de emprego contra valor. Essa ação implicaria na mudança de posição do legislação internacional e controle. Neste sentido, o emprego contra cidades e indústrias seria controlado por legisladores e cientistas e, concomitantemente, a comunidade científica junto a militares controlariam o emprego contra força, por causa dos efeitos colaterais pela radiação residual no local atacado (KRISTENSEN et al, 2006).

Atualmente, os arsenais nucleares são monitorados pelos vetores. Contudo a diminuição do tamanho das ogivas para os MIRVs habilitaram o comissionamento de armas com grande poder destrutivo em pequenas bombas. Com o fim da URSS em 1991, o debate sobre armas nucleares saiu da agenda Política, todavia, ogivas e vetores continuam nos arsenais. Concomitantemente, houvera uma expansão horizontal com a possibilidade de comissionamento pos outros países. Os estadunidenses, atualmente, possuem quatorze SSBNs da classe Ohio com vinte e

quatro SLBM UGM-133A *Trident* D-5 cada na marinha.¹⁶⁶ A Força Aérea possui seis esquadrões de bombardeiros com setenta e um B-52H *Stratofortress* armados com mais de vinte AGM-86B nuclear *ALCM* ou AGM-129A nuclear *ACM* cada um. Dois esquadrões com dezenove B-2A Spirit com capacidade para dezesseis bombas de queda livre ou oitenta em diâmetros pequenos. Além disso, existem nove esquadrões de mísseis com quinhentos LGM-30G Minuteman III, com a capacidade de uma ogiva MIRV Mk12 ou 3 Mk12A. Dessa maneira, os Estados Unidos mantêm sua posição de líderes na esfera da estratégia. Contudo, Rússia e República Popular da China apresentam arsenais menores. Todavia, certos armamentos são superiores e ambos Estados conservam uma capacidade de resposta a um ataque norte-americano.

A Rússia, enquanto herdeira da URSS, possui oitenta mil militares nas Forças Estratégicas de Dissuasão.¹⁶⁷ As forças navais compreendem quatorze SSBNs com cinco submarinos Delta III, cada um com dezesseis SLBM RSM-50 (SS-N-18) *Stingray*. Seis Delta IV cada um com dezesseis SLBM RSM-54 (SS-N-23) *Skiff*. Dois submarinos *Typhoon* cada um com quarenta SLBM RSM-52 (SS-N-20) *Sturgeon*. Contudo, esses quantitativos continuam inoperantes. Os únicos SSBNs com capacidade crível de dissuasão estratégica são os da Classe *Typhoon* e, atualmente, a Rússia esforça-se em manter uma força convincente. Existem SSBNs em testes e construção, concomitantemente, o SLBM *Bulava* (SS-N-30) ainda continua em desenvolvimento e sua entrada em serviço não possui estimativa.

A Força Aérea possui o 37º Exército Aéreo com o Comando de Aviação de Longa Distância com duas divisões de bombardeiros pesados com quatro regimentos, operando em três bases com setenta e nove aeronaves (incluindo reservas) que carregam oitocentos e cinquenta e seis *ALCM*. São dezesseis bombardeiros Tu-160 *Blackjack* cada um com doze *ALCM* KH-55SM/RKV-500B (AS-15B *Kent*) nuclear. Trinta e dois bombardeiros Tu-95MS6 (*Bear* H-6) cada um com seis Kh-55/RKV-500A (AS-15A *Kent*) *ALCM* nuclear. Trinta e um bombardeiros Tu-

¹⁶⁶ Os dados sobre as armas estratégicas dos Estados Unidos da América foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 30).

¹⁶⁷ Os dados sobre as armas estratégicas da Rússia foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 222).

95MS16 (*Bear* H-16) cada um com dezesseis ALCM Kh-55/RKV-500A (AS-15A *Kent*) nuclear.

As Forças de Foguetes Estratégicos possuem três Exércitos de Foguetes operando em silos ou *TELS*. Compreendem quatrocentos e trinta mísseis e mil seiscentos e cinco ogivas organizadas em oito divisões. Cada grupo possui dez silos. Os quantitativos estimam sessenta e oito RS-20 (SS-18) *Satan* com dez MIRVs por míssil, setenta e dois RS18 (SS-19) *Stiletto* de três a seis MIRVs por míssil, cinquenta *Topol-M* (SS-27) baseado em silo e um regimento de RS-24 (MIRV). Existem cento e oitenta RS12M (SS-25) *Sickle* e cinco regimentos de *Topol M* (SS-27), com quinze *TELS*, que ficam percorrendo o território russo, diariamente. Esses mísseis continuam sendo a base da dissuasão estratégica da Rússia. O *Topol-M* é a arma mais avançada e contrasta com a obsolescência do arsenal estratégico do país. O Estado ainda possui uma quantidade relevante de ogivas, estimadas em torno de vinte mil, análogo aos Estados Unidos. A reorganização dos vetores pode, novamente, proporcionar aos russos a busca pela equiparação nuclear aos estadunidenses.

A República Popular da China possui o Segundo Corpo de Artilharia do EPL que organiza e comanda seus próprios arsenais. As tropas compreendem cerca de cem mil militares organizados em vinte e sete brigadas.¹⁶⁸ Os quantitativos apresentam uma brigada com doze *DF-31* (CSS-9), duas brigadas com vinte e quatro *DF31A* (CSS-9 Mod 2); uma brigada com dez *DF-4* (CSS-3) e três brigadas com vinte *DF-5A*, nos *ICBMs*. Os *IRBMs* compreendem cinco brigadas com oitenta *DF-21* (CSS-5); duas brigadas com trinta e seis *DF21C* (CSS-5 Mod 3) e uma brigada com dois *DF-3A* (CSS-2 Mod). Existem quatro brigadas de cento e oito *DF-11A/M-11A* (CSS-7 Mod 2) e seis brigadas com noventa e seis *DF-15/M-9* (CSS-6) para os *SRBMs*. Finalizando, existem 2 brigadas com 54 *CJ-10* (DH-10) *ALCM*. Neste pequeno balanço do inventário chinês, o que chama a atenção é a quantidade de mísseis de curto e médio alcance no arsenal e existe uma quantidade de bombas de queda livre que a força aérea não divulga.

No terceiro nível de detentores de armas nucleares aparecem França e Reino Unido. Apesar de possuírem armas termonucleares e assento permanente no

¹⁶⁸ Os dados sobre as armas estratégicas da República Popular da China foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 399).

Conselho de Segurança da ONU, os países passam por um fenômeno análogo aos russos de oscilação na quantidade e qualidade dos vetores próprios.¹⁶⁹ As Forças Nucleares Estratégicas da França compreendem, na área naval, dois mil e duzentos militares militares e três SSBN e *Triomphant* S 616 com dezesseis M-45 de ogiva TN-75, quatro tubos lançadores de torpedo de 533mm com dezoito F17 Mod 2 HWT/SM-39 *Exocet USGW* tático. O comissionamento de um novo submarino é brevemente esperado. A força aérea compreende mil e oitocentos militares com vinte e quatro *Super Etendard* e três esquadrões de ataque com sessenta M-2000N *Mirage* cada um com um míssil ASMP/ASMP-A, dois mísseis *Magic 2* com possibilidade de missões convencionais como MK82 e GBU.

O Reino Unido possui mil militares e quatro SSBNs 4 *Vanguard* cada um com quatro lançadores de 533mm para o torpedo pesado *Spearfish* e com dezesseis SLBM UGM-133A *Trident D-5*. Cada Submarino não carregará mais de quarenta e oito ogivas, apesar dos mísseis *Trident* aceitarem doze MIRVs ou serem arranjados para um emprego na área das operações. Isto rebaixa a estimativa das cento e setenta ogivas declaradas. Britânicos e franceses pertencem a OTAN e a possibilidade de primazia nuclear estadunidense no início da década deixou seus planos de defesa estratégica obtusos em uma análise primária. Entretanto, cumpre salientar que as armas nucleares britânicas foram feitas para a defesa do Mar do Norte de uma invasão soviética na lógica da Dissuasão clássica enquanto a força nuclear francesa foi feita como resposta a um possível ataque mecanizado convencional da República Democrática Alemã (FREEDMAN, 2003: 38).

Outro nível de classificação comporta Índia e Paquistão que realizaram testes nucleares e admitem a posse de armas nucleares. A Autoridade do Comando Nuclear da Índia compreende o Conselho Político, sob o comando do primeiro ministro e que autoriza o uso e o Conselho Executivo.¹⁷⁰ Desde 2003, o Comando das Forças Estratégicas possui cadeia de comando separadas para cada força armada que corresponde a um tipo de vetor. O exército é responsável pelos mísseis organizados em dois grupos, um para oitenta mísseis *Agni I* e outro para vinte mísseis *Agni II*. A força aérea possui *Mirage 2000H* e *Su-30MKI* para missões

¹⁶⁹ Os dados sobre as armas estratégicas da França foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 129).

¹⁷⁰ Os dados sobre as armas estratégicas da Índia foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 359-360).

estratégicas. A marinha está montando sua própria estrutura com o teste do míssil SS-350 *Dhanush*. Nos arsenais ainda existe a produção de vinte SRBMs SS-150 Prithvi I/SS-250 Prithvi II ao ano.

As forças nucleares do Paquistão possuem cerca de doze mil militares.¹⁷¹ As forças estratégicas do exército e força aérea são responsáveis pelos aspectos técnicos. Alguns caças F-16 podem ser designados para missões estratégicas. O Comando de Forças Estratégicas do Exército comanda todo o arsenal de mísseis táticos que compreende cento e cinco SSMs *Hatf-1; Abdali/Hatf-2*; cinquenta SSMs *Hatf-3* (PRC M-11); mais dez SSMs *Shaheen-1/Hatf-4*; e cerca de vinte e cinco SSMs *Hatf-5/Ghauri; Ghauri II*. O comando operacional das armas fica com a Autoridade do Comando Nacional que formula o emprego e doutrina.

Na última categoria de análise encontram-se Israel, África do Sul, Coreia do Norte e Irã. São Estados onde as informações sobre as capacidades militares instaladas são difíceis de obter. Os sul-africanos desmantelaram seu arsenal depois do colapso do regime do *Apartheid*. O Irã continua com suas pesquisas sobre a centrifugação para refino do seu combustível nuclear. Supostamente, os norte-coreanos devem possuir artefatos atômicos mas que obedecem a lógica da *deterrence* para impedir o ataque convencional sul-coreano apoiado pelos EUA. Especula-se que Israel possua vetores IRBM *Jericho 2* e SRBM *Jericho 1* e duzentas ogivas são estimadas em seus arsenais.¹⁷²

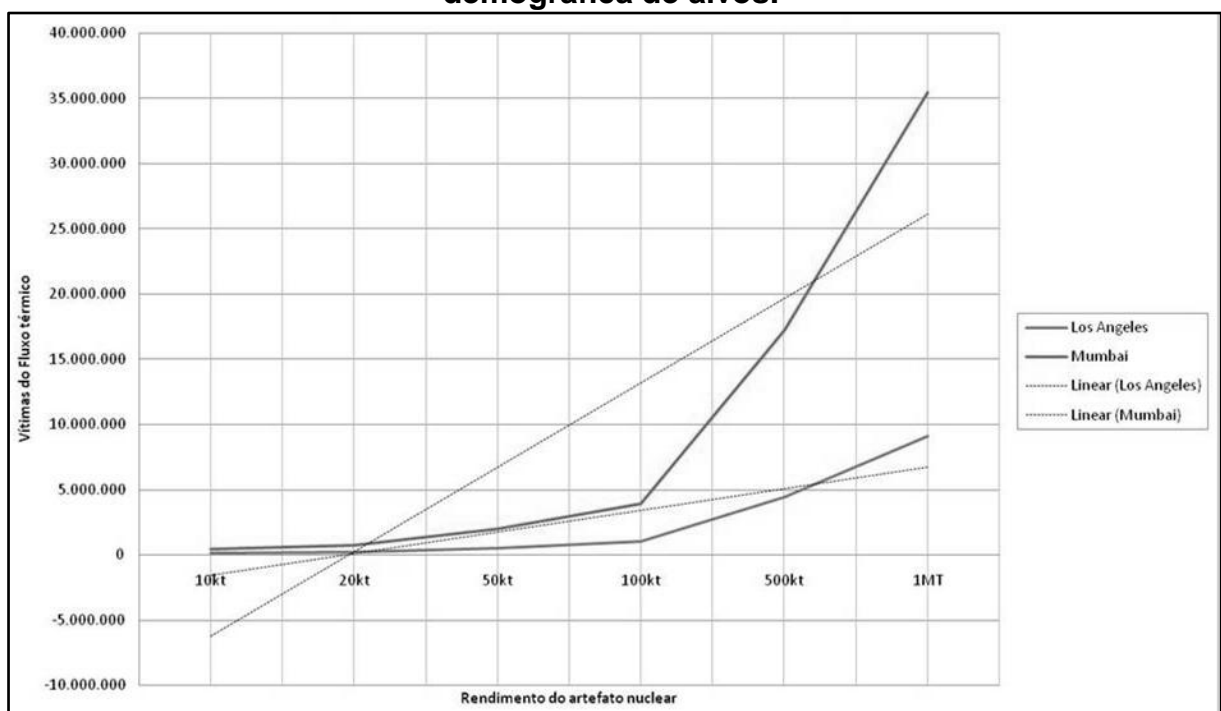
Como demonstrado acima, a quantidade de ogivas ainda é contabilizada lavando em consideração o comissionamento de ogivas em grandes vetores, como SLBMs, ICBMs e bombardeiros estratégicos. Entretanto, a grande dificuldade do levantamento do arsenal nuclear consiste nas ogivas comissionadas nas bombas de pequeno porte e que podem ser lançadas por veículos pequenos e, em casos extremos, serem portáteis. Atualmente, a literatura enfoca o problema do uso de artefatos nucleares por terroristas. Porém, a pesquisa estuda o problema da utilização desse armamento pelos Estados, consistindo em um emprego muito mais crível em caso de guerra sistêmica.

¹⁷¹ Os dados sobre as armas estratégicas do Paquistão foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 367).

¹⁷² Os dados sobre as armas estratégicas de Israel foram obtidos do *The Military Balance 2010* do *International Institute for Strategic Studies de Londres* (IISS, 2011: 255).

Novamente, aparece o debate sobre o conceito de armamento nuclear tático. Com o avanço do rendimento das armas nucleares, através da fusão nuclear, os artefatos de menor rendimento e de fissão foram classificados como armas nucleares táticas (DUNNIGAN, 2003). A diminuição do seu rendimento, na faixa *kiloton*, condiciona seu emprego para alvos contra-força. O rendimento estimado, na faixa de vinte *kilotons* das armas utilizadas no Japão, em 1945, colocaria esses artefatos na classificação atual de armas nucleares táticas. O rendimento, que parece reduzido, pode influenciar a análise dos danos e induzir ao uso.

Gráfico 17 - Relação entre rendimento de artefatos nucleares e densidade demográfica de alvos.

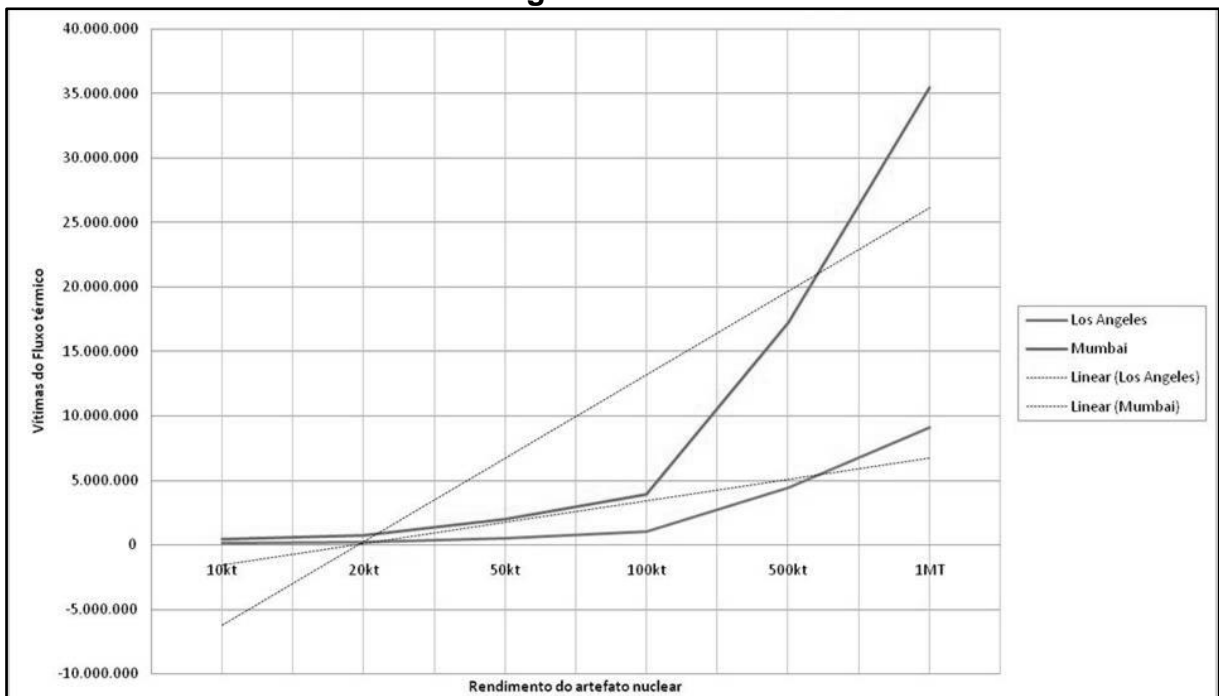


Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DUNNIGAN, 1993.

Em caso de simulação da utilização dos artefatos, se for feito o gráfico do rendimento como variável do número de vítimas, 20kt representa a eficiência máxima da linha e tendência, se comparado a artefatos de maior potência. As intervenções para a utilização em interdição parecem óbvias. Nesse sentido, uma interdição feita com as armas nucleares táticas consegue destruir pontos fortes do inimigo e pode parar as operações pelo perigo oferecido pela radiação residual. A dose dessa radiação diminui ao quadrado da distância (LAVOY et al, 2000).

Novamente, se uma simulação for realizada a partir de seu emprego, poderemos obter resultados distintos. Na situação de emprego de alvos contra força, a quantidade de baixas sofre impactos diferentes sobre tropas entrincheiradas e a céu aberto. O parâmetro de cálculo utilizado nas simulações da tese consiste no fluxo térmico, onde a altíssima temperatura gerada por uma explosão de artefato nuclear causa a morte dos seres humanos mesmo que estejam protegidos pelos outros efeitos (GLASSTONE e DOLAN, 1977).

Gráfico 18 - Relação entre rendimento de artefatos nucleares e densidade demográfica de alvos.



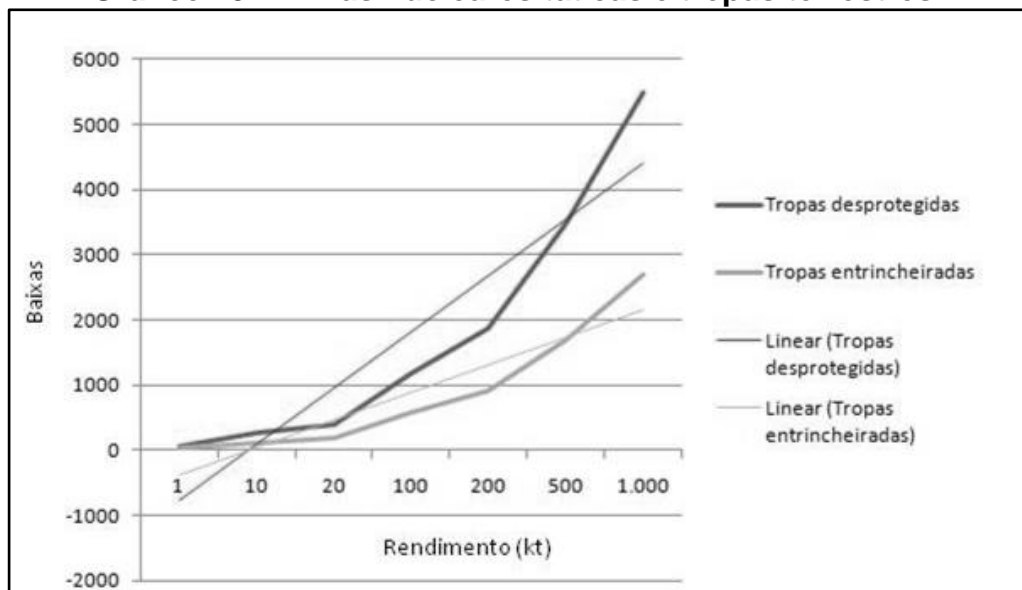
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DUNNIGAN, 1993.

Geralmente, os militares em combate apresentam uma densidade demográfica muito menor se comparado à população urbana. Mesmo as tropas desprotegidas apresentam um número de baixas, quantitativamente, mas que no total de combatentes, o dano causado é significativo, levando a perda da unidade como força de combate.¹⁷³ Uma divisão de combate coloca na linha de frente dois

¹⁷³ A densidade das tropas em combate tem caído ao longo do tempo. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) contava com 5.900 soldados por km². A Guerra do Golfo, de 1991, possuía a média de 0,4 soldados por km² (BEASON, 2005: 33). Atualmente, os norte-americanos possuem 75 soldados por km² no batalhão em campanha. São 900

dos seus regimentos, se utilizarmos o padrão triangular da Segunda Guerra Mundial. Nessa simulação foi utilizado o posicionamento das tropas norte-coreanas de infantaria, o qual é análogo à indiana que utilizava o sistema regimental britânico. Se uma bomba nuclear tática, possivelmente, de origem paquistanesa atingir uma divisão de infantaria regular dos indianos a perda seria de um regimento para cada divisão.

Gráfico 19 - Armas nucleares táticas e tropas terrestres.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DUNNIGAN, 1993.

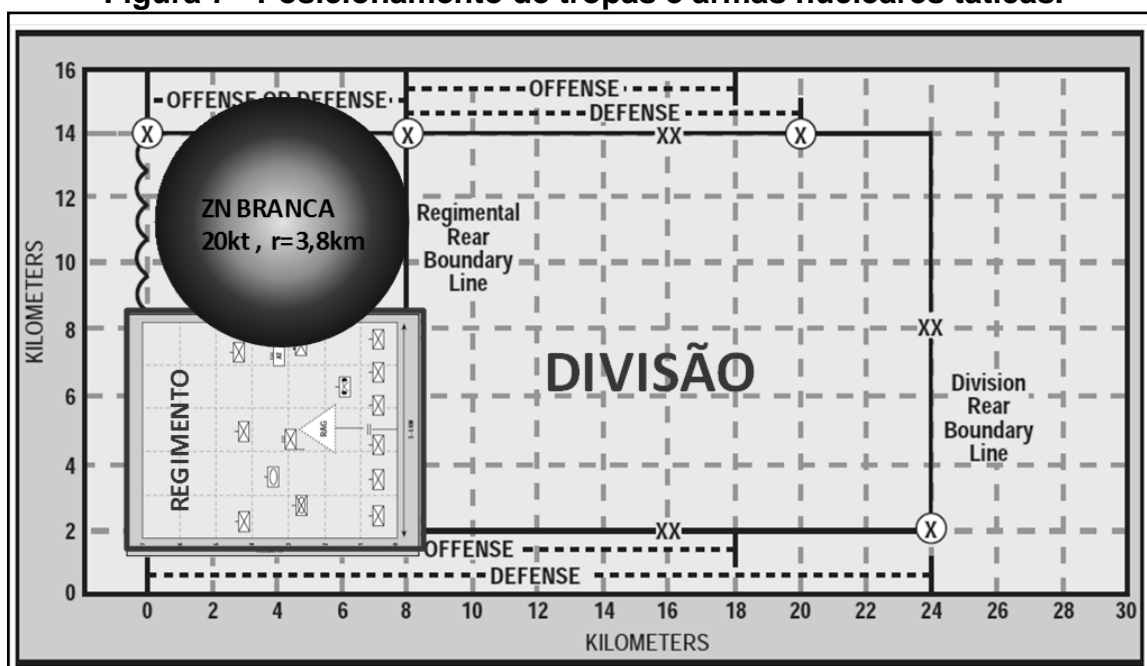
O impacto, na esfera da estratégia, não ofereceria a interrupção da divisão como força de combate, porque ainda restariam dois regimentos na prática. O dano maior seria a incapacitação de combatentes e, principalmente, de veículos e equipamentos eletrônicos (BEASON, 2005). O pulso elétrico gerado por uma explosão nuclear inviabilizaria a comunicação na região e, ao mesmo tempo, o controle do tráfego aéreo (KOPP, 1995). A guerra moderna teria o contratempo do impedimento do uso da tecnologia e, com isso, as baixas ocorreriam em menor porte.

O emprego das armas nucleares táticas para alvos contra valor produz outro cenário. Neste caso, a densidade demográfica do alvo produziria um número muito

soldados que ocupam 12km², equivalente a um raio de 1.954m (DUNNIGAN, 2003: 443).

alto de vítimas.¹⁷⁴ A simulação da detonação de um artefato paquistanês de 20kt sobre a cidade indiana de Mumbai, Índia, causaria a morte de mais de setecentas mil pessoas por fluxo térmico. Nesta simulação, em uma cidade com quarenta mil habitantes por quilômetro quadrado, aproximadamente, um artefato de 20kt assume um caráter estratégico. As armas atômicas constituem armamento contra as cidades que constituem os centros econômicos do Capitalismo.¹⁷⁵ Nas questões de Estratégia, o impacto na população será o colapso das instituições como conhecemos e, concomitantemente, a diminuição do rendimento das armas nucleares também reduz o número de vítimas o que aumenta o risco de seu uso para alvos contra valor, atualmente.

Figura 7 - Posicionamento de tropas e armas nucleares táticas.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DEPARTMENT OF DEFENSE, 1997.

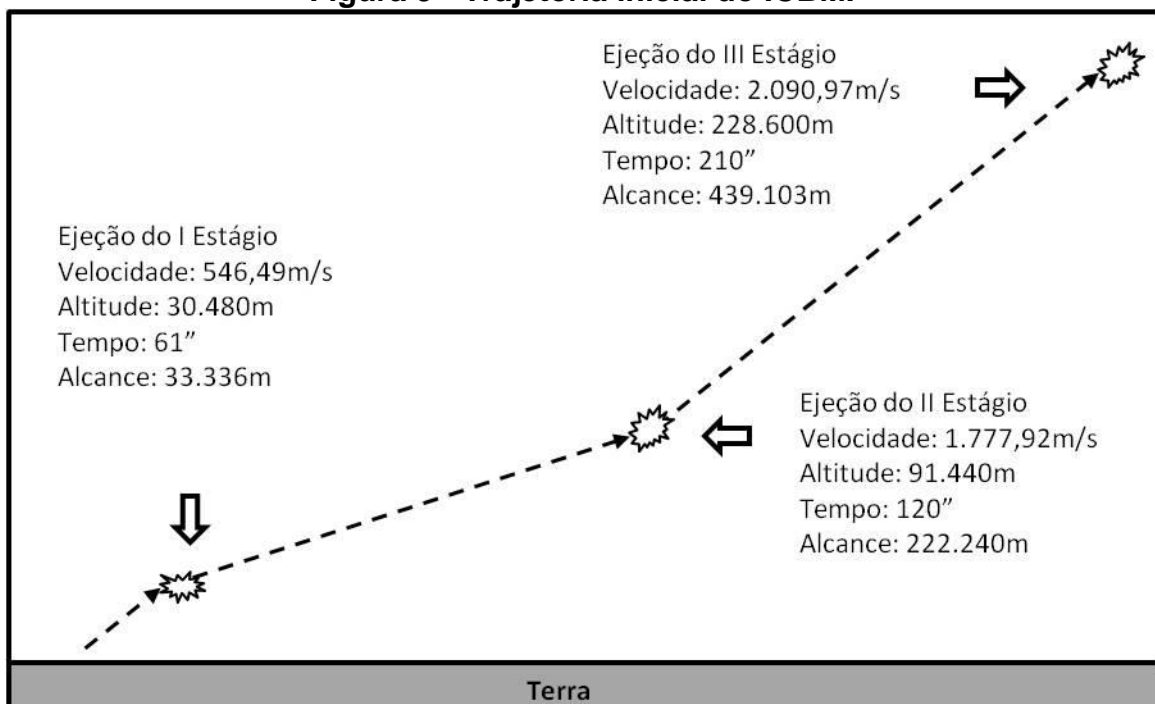
A política da OTAN é um exemplo dessa questão. Os norte-americanos, através do conceito do *nuclear sharing*, na prática, tornaram o continente europeu nuclearizado (KRISTENSEN, 2005). O conceito garante a entrega de artefatos

¹⁷⁴ Para uma densidade de 35 soldados por km², 20 kt causam 405 baixas para tropas desprotegidas e 199 para tropas entrancheiradas sob proteção improvisada (DUNNIGAN, 2003: 441).

¹⁷⁵ Segundo Braudel, as cidades são os pequenos motores do Capitalismo (FOSSAERT, 1994).

porque as reações químicas e físicas para a interceptação são menores que a do bôlido. Na sua trajetória inicial, em três minutos e meio, o MIRV estaria com a velocidade de dois quilômetros por segundo. As grandezas físicas que envolvem a guerra nuclear, na maioria das vezes, são imperceptíveis para a capacidade de reação do cérebro humano e, ao mesmo tempo, impacta a tomada de decisão estratégica. Sobre os quantitativos das armas, a proteção contra o ataque nuclear, seria insuficiente uma proteção efetiva, porque muitos MIRVs seriam protegidos por uma grande quantidade de chamarizes que seriam lançados juntamente com os armamentos reais. A guerra nuclear de grandes competidores possui o custo político e os problemas da inviabilidade técnica. Novamente, apresenta-se o problema do crescente receio da utilização dos armamentos com baixo rendimento e de vetores de baixo custo.

Figura 9 - Trajetória inicial do ICBM.



Fonte elaborado pelo autor com dados extraídos de BERHOW, 2005: 45.

Caças e *ALCMs* despontam como vetores que podem ter um vasto emprego. Os caças possuem a vantagem de serem menores que os bombardeiros e a sua grande velocidade a baixa altitude consegue, geralmente, atingir os objetivos de sua missão. Todavia, a presença de pilotos embarcados traz o problema das baixas militares. Novas tecnologias, com avançados sistemas de comunicação e guiagem,

torna possível a ausência de pilotos nas missões. Os Mísseis de Cruzeiro de Longo Alcance (ALCMs) substituem as aeronaves e o Erro Circular Provável (CEP) pode ser reduzido com a utilização de Veículos Aéreos Não-Tripulados (UAVs) para a guiagem dos mísseis. O seu baixo custo torna a plataforma acessível para Estados com baixa polaridade. Os mísseis podem conter Microondas de Alta Potência (HPMs) e, dessa forma, desorganizar a cadeia de Comando, Controle e Comunicações (C³) do inimigo para utilização de alvos contra força e contra valor. A capacidade de carregar ogivas nucleares é declinada pelo fato do alcance ser relativamente curto. Porém, a presente tese demonstra a importância da consideração da população no alvo.

As projeções dos bancos de dados da Organização das Nações Unidas (ONU), para 2050 sobre população, apontam para a diminuição da população europeia e para o aumento da quantidade de jovens africanos e asiáticos que podem causar instabilidade na Eurásia (UNITED NATIONS, 2009). Os exércitos obteriam um grande contingente ao mesmo tempo em que a nova tecnologia dos armamentos diminui seus custos. Na esfera da Estratégia, na Política Internacional, é delineada a possibilidade de os países, detentores de armas nucleares táticas, optarem pelo atrito nuclear, ou seja, a utilização desse armamento para interdição novamente inviabilizando a esfera das operações. O custo político de sua utilização deixa de ser proibitivo e possibilita o uso em alvos contra força a partir de ALCMs guiados por UAVs. Esta consequência é mais crível que o uso por forças irregulares, porque a utilização em alvos contra valor mantém seu custo como demonstrou a utilização desses artefatos contra os japoneses em 1945, o que atenuaria a tentativa de uso pelo terrorismo internacional pelo receio da retaliação.

IV.2 – Como seria a guerra convencional hoje? Mobilização e prontidão

O uso da força na Política apresenta o problema da mobilização da guerra moderna, atualmente. Comparativamente, o exército do Iraque, na Guerra do Golfo de 1991, enfrentou os Estados Unidos da América e seus aliados. O objetivo era a defesa do Iraque e a manutenção da invasão do Kuwait com a conscrição de quase um milhão de homens mobilizados, no exército iraquiano. O advento do processo da modernização das forças armadas estadunidenses, no ataque, causou impactos profundos nas concepções da guerra para o século XXI. Principalmente, houvera o

avanço dos estudos sobre a tecnologia e, concomitantemente, a conscrição militar nos Estados fora abandonada assim como suas reservas, gradativamente.

Entretanto, o conflito de 1991 suscita várias questões. Por que essa massa de iraquianos mobilizados não levou as tropas aliadas para o atrito? (Mesmo com a posse dos rios Tigre e Eufrates como insuladores de Bagdá?) Por que a defesa das tropas regulares de infantaria não foi feita pelas mecanizadas das tropas da Guarda Republicana do Iraque? Uma análise mais superficial do conflito e que foi demonstrada na época do mesmo, suscita a hipótese que a alta tecnologia militar dos estadunidenses suplantara as forças armadas iraquianas.

Vinte anos depois do conflito, e sob a análise das tensões do Oriente Médio, percebe-se que existem outros elementos na análise. A invasão do Kuwait, pelos iraquianos, fora gerada pelo Sistema Internacional depois do colapso da União Soviética do pós-Guerra Fria (VIZENTINI, 1992). A tese versa sobre a transição demográfica e a guerra moderna. A hipótese sobre o desenrolar do conflito é dividida em suas partes, porque demonstra que fora proveitosa para ambos beligerantes. Os Estados Unidos da América foram beneficiados pois testaram novos armamentos, descarregou estoques de munição da Guerra Fria, estabeleceu novos contratos de rearmamento, refez suas alianças e, de certo modo, amedrontou seus rivais China e Rússia.

Ao mesmo tempo, o Iraque eliminou a parcela da população que não seria absorvida pela desmobilização da guerra. As linhas de exclusão aérea deixaram os estadunidenses livres para a manutenção de sua condição de protetores dos sauditas no Sul e de controlar o avanço curdo na Turquia. O conflito de 2003 somente colocou os Estados Unidos na vanguarda da proteção de sauditas e turcos, porque o regime do Iraque não conseguia mais fazê-lo. Além disso, existiram pretensões de conflito com os iranianos, sob o mesmo pretexto das armas de destruição em massa. O Irã era um obstáculo logístico para as intervenções estadunidenses simultâneas no Iraque e Afeganistão.

Os parâmetros de análise sobre a guerra moderna recaem sobre o estudo da estrutura do exército regular iraquiano de 1991. A organização era estimada e as informações, em período de guerra são obtusas. A estrutura do período de 1991 era

de cinco corpos de exército.¹⁷⁶ Os corpos eram um tipo de organização que provia a distribuição regional das tropas em setores. O quantitativo de tipos de tropas foi reduzido depois de 1991 (DEPARTMENT OF DEFENSE, 2000). Geralmente, saiu uma divisão de cada corpo o que acarreta, mais ou menos dez brigadas. Cada divisão era composta, no período de (1991-2003), por três divisões blindadas, três divisões mecanizadas e nove divisões de infantaria. Com as exceções das divisões de infantaria, que possuíam três brigadas de infantaria, as divisões mecanizadas possuíam duas brigadas mecanizadas e uma blindada e a 6ª Divisão Blindada possuía duas brigadas blindadas e uma mecanizada para reconhecimento. Ao todo eram nove brigadas blindadas, nove brigadas mecanizadas e trinta e três brigadas de infantaria.

As considerações recaem no tipo de organização de tropa que reflete a quantidade de acessórios e de armamento que os países em desenvolvimento obtêm. O reflexo desses equipamentos demonstra a diversificação de fornecedores. Os iraquianos ficaram com uma dupla organização em suas brigadas do exército. Os soviéticos ensinaram a tradição da utilização de corpos em zonas determinadas para a utilização da artilharia como arma de assalto. A tradição inglesa das brigadas permanecia com a necessidade iraquiana de manutenção de operações combinadas nos setores.

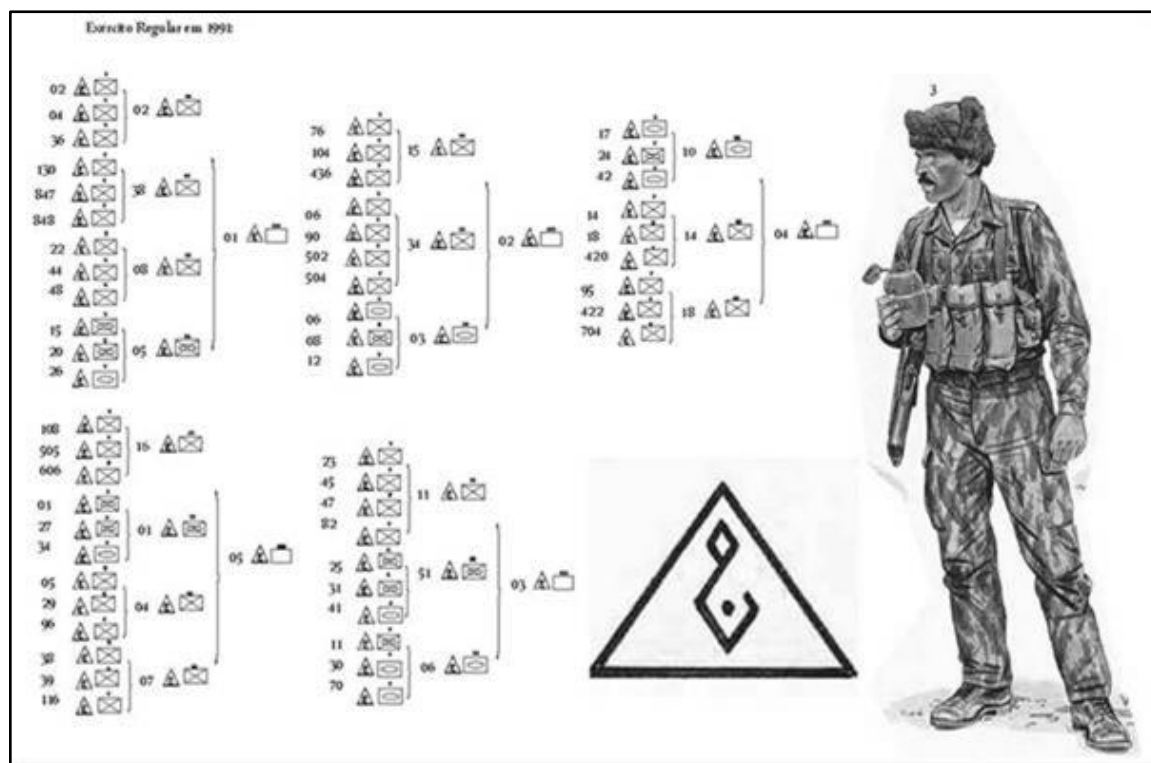
Militarmente, as zonas de exclusão aérea davam aos norte-americanos a administração dos conflitos com os curdos ao Norte, protegendo a Turquia e ao Sul, a contenção de xiitas protegia a Arábia Saudita. Os problemas aumentavam com a pressão do crescimento demográfico da região. Mesmo com todos os conflitos na região, as projeções indicam um aumento de quase quinze milhões de iraquianos na força de trabalho até 2050 (UNITED NATIONS, 2009).

Neste sentido, as projeções corroboram o Arco de Instabilidade que inclina ao reforço que o número de jovens aumenta a instabilidade política da região em questão. A pesquisa aborda o cenário do possível atrito e a perda da capacidade de manobra, pelas forças armadas convencionais, pelo crescente receio do atrito na esfera da estratégia nuclear. A miniaturização dos armamentos e das ogivas, assim

¹⁷⁶ A análise da tese é pautada sobre os exércitos regulares que possuem um grande componente de laicização de suas forças e que absorvem grandes quantidades de cidadãos. A Guarda Republicana do Iraque era um pequeno exército mecanizado de elite que possuía um vínculo político e étnico-religioso.

como os avanços da tecnologia, deixaram a guerra defensiva, novamente, como o tipo de guerra mais forte. Neste sentido, afirma-se novamente que a tecnologia corroborou para a obslescência da mecanização no campo de batalha moderno e não afetou a necessidade da conscrição.

Figura 10 - Exército regular iraquiano em 1991.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de ROTTMAN e VOLSTAD, 1993.

O recrutamento iraquiano refletiu na organização do Estado (GIDDENS, 2001: 249). A rede tribal e o partido *Ba'ath* impactaram no processo de aquisição de quadros. O Estado, como o exército, estava mergulhado em uma complexa rede social. A imprensa focava somente as interações das tribos sunitas da região de *Tikrit*. O que sabemos é que existiam cerca de três modelos de ocupação de cargos públicos, dentro de uma rede de tribos, unidas por casamentos (BARAN, 2003).

Os membros da *Beigat*, das tribos sunitas, eram os mais importantes. Faziam parte da tribo *Albou Nasser*, que compreendia quatro clãs. Os *Albou Abdul Ghafour*, do próprio *Saddam Hussein*, os *Albou Kattab*, dos seus meio-irmãos, *Albou Meslet*, da sua esposa e os *Albou Najm*, dos seus cunhados.

As relações de matrimônio dominavam a obtenção de cargos de elite dentro do Estado iraquiano. Isso satisfazia o modelo dos círculos concêntricos, da aliança

de clãs por casamentos (BARAN, 2003). O último sobrenome dos ocupantes dos cargos públicos comprova a hipótese. *Razzouqi Souleiman al Majid al-Nasseri*, comandante da Guarda Especial de Bagdá. *Mezahem Saab al-Hassam al-Khatab*, comandante da Artilharia Anti-Aérea. *Jamel Yassim Rashid al-Najm*, controlava o Partido *Ba'ath*. *Adnam Kheirallah Tulfah al-Meslet*, era o Ministro da Defesa. Porém, a extrema coesão tribal do executivo, oculto no regime, não transparecia uma perfeita harmonia entre os poderes locais e o poder nacional colapsando a implantação de um arranjo federativo viável.

O segundo modelo de ocupação de cargos era de tribos leais. Podiam compreender tanto sunitas como xiitas. *Izzat Ibrahim Khalid al-Douri*, um dos quatro vice-presidentes. A Força Aérea possuía como comandantes os generais *Hamed Raja Shelah* e *Hussein Zibin Zeidan*. Uma hipótese plausível, é que sua pouca atuação na Guerra de 1991, vinha dessa falta de prestígio, por não possuir membros da tribo de elite.

O terceiro modelo, provinha do prestígio adquirido por veteranos de guerra consagrados. Como o general curdo *Hussein Rashid Hassam Mohammed al-Windawi*, mentor da Guarda Republicana e sua forma ofensiva. *Abdul Sattar Abdul Qader Mohammed al-Ma'ini*, o tanquista de Tikrit. *Sultam Hashem*, negociador da rendição de 1991. Gen. *Salah Abboud Mahmmoud*, vice-ministro do Interior, entre outros. Saddam possuía em 2003, um Estado-Maior de grande qualidade, com competência comprovada em mais de vinte anos de guerras.

Essa organização que estava diretamente ligada ao poder impactava a conscrição, porque cria um tipo de organização das forças terrestres, em três camadas, nos países islâmicos. As ligações religiosas e tribais formariam a primeira camada que seria a elite. No Iraque de Saddam Hussein, o exemplo foi a constituição da Guarda Republicana. No período de 1991 a 2003, sua força foi reduzida mas dentro dos limites das zonas de exclusão aérea, ele conseguiam conter os oponentes ao regime.

O componente intermediário das forças armadas iraquianas era o exército regular laico, nos moldes ocidentais. Como ocorre na maioria dos conflitos da região, esse tipo de organização militar sucumbe frente organizações da elite social e da massa organizada pelo partido do regime, no Iraque era o *Ba'ath*.

A palavra *Ba'ath* significa renascimento em árabe. Esse partido tem origem no movimento de jovens oficiais árabes. Essa nova elite militar via em um tipo de

socialismo, a redenção dos problemas estatais pós-colonialismo. Pregavam a união de todos os islâmicos na construção de um novo Estado que atendesse seus anseios (GIDDENS, 2001: 249).

Porém, Cairo e Bagdá romperam politicamente em 1959. No Iraque, nessa época, o general *Kassem* era o presidente. Enquanto Bagdá aproximava-se do Ocidente, *Nasser* era um aliado dos soviéticos. Em 1958, o *Ba'ath* já era o principal partido da Síria, Iraque, Egito, Argélia e Iêmen. Dentro do mundo árabe de então, sabiam que Cairo, Damasco ou Bagdá, eram os únicos que poderiam aglutinar os Estados árabes em uma causa única. De 1958 até 1962, *Nasser* conseguiu anular a Síria, na República Árabe Unida (NASSER, 1963: 234-238).

Kassem no Iraque, até sua queda, conseguiu manter um equilíbrio entre os comunistas e o *Ba'ath*. A influência soviética estava evidente desde, o tratado de 16 de março de 1959, no mesmo ano, *Nasser* rompia com *Kassem*. Temendo uma possível revolução, os dirigentes do *Ba'ath*, conseguiram a criação de uma Guarda Nacional (sob o controle do partido), porque não confiavam no exército. Foi a origem do exército territorial com uma divisão de infantaria montada para as dezenove províncias do país. Este extrato intermediário das forças armadas serviria, quarenta anos depois, como a base da insurgência no Estado sob intervenção estadunidense.

Em fevereiro de 1963, o partido *Ba'ath* toma efetivamente o poder no Iraque e instala *Aref* na presidência (MANSFIELD, 1967). Esse acaba com as antigas pretensões de fusão com o Egito, prevista para 1966. Esse *Ba'ath* pró-ocidente, jogou o partido no Egito em uma perseguição ferrenha por parte de *Nasser* que estava sob influência soviética. O Iraque agora conseguia manter Síria e Iêmen como aliados diretos contra o Egito.

O presidente *Aref* era nacionalista árabe, mas não apoiava os comunistas. Ainda dentro de sua política, estabeleceu como metas à oposição dos vestígios coloniais e a luta contra Israel. O *Ba'ath* era socialista pan-arábico. Por isso, os iraquianos apoiariam as revoluções contra regimes conservadores.

Na Economia, a atuação deveu-se ao incremento da infraestrutura. O Estado do Iraque atuaria efetivamente nas indústrias pesadas, médias e de mineração, no comércio estrangeiro, nas companhias bancárias e de seguro, e nas terras aráveis. Somente a agricultura teria algum benefício direto para o povo. Os outros itens estão relacionados com a exploração, venda e transporte do petróleo.

Em 10 de novembro de 1969, assume *al-Bakr* como ditador efetivo do *Ba'ath* no Iraque. 1972 e 1973 são dois anos de transformações profundas no Oriente Médio (HOBSEAWM, 2005: 393-420). Os egípcios expulsam os soviéticos e fazem a Guerra do *Yom Kippur* contra Israel. O Egito não reconquista o Sinai, mas a crise do petróleo que a guerra provoca, muda a economia mundial. A política da região também muda. Sadat começa a aproximar o Egito dos Estados Unidos da América e sua relação com o Iraque passa a entrar em uma fase de entendimento.

A partir de 1975, o Irã entra em cena. Os iraquianos assinam com estes um tratado de fronteira no mesmo ano sobre as partilhas das águas do *Chatt-el-Arab*. Essa é a principal região de escoamento do petróleo desses países. Por esse mesmo acordo, os iranianos retirariam o apoio aos revoltosos dos Curdistão iraquiano. Em abril de 1976, receberiam anistia do governo de *al-Bakr* e poderiam retornar aos seus lares. Havia rumores de uma união sírio-iraquiana para julho do mesmo ano.

Al-Bakr renuncia, no dia 16 de julho de 1979, por motivos de saúde. Assume o governo *Saddam Hussein* e o projeto de união é desfeito, talvez pelos rumores que o *Ba'ath* sírio tenha ajudado *Hussein* a tomar o poder. Estoura, no mesmo ano, a Revolução Islâmica do Irã. Os soviéticos invadem o Afeganistão e outra conjuntura desponta na região. No dia 26 de novembro, os iraquianos atacaram a base aérea de *Narjeh*, no Irã.

Tornando esse panorama ainda mais complexo, no dia 7 de junho de 1980, a Força Aérea Israelense ataca e destrói a usina nuclear de *Osirak*, no Iraque, agravando a conjuntura. Dessa forma acaba com as possibilidades de construções de três ogivas, previstas para 1985. Depois de dois meses, no dia 17 de setembro de 1980, *Saddam* denunciou o Tratado de 1975 e invade o Irã. Os regimes pró-Occidente, conservadores ou liberais, estavam muito preocupados com os desdobramentos que a revolução Islâmica Iraniana poderia causar e apoiaram o Iraque.

Saddam Hussein reorganizou o Iraque para a guerra contra os iranianos. Antes do início da invasão ao Irã, dispunha de cerca de somente duzentos e vinte e

dois mil homens nas suas forças armadas e gastava dois bilhões de dólares ao ano, no orçamento militar.¹⁷⁷

Porém, para vencer a guerra contra o Irã, *Saddam* deixou sua Economia no limite. A Guerra Irã-Iraque apresentou duas fases distintas. Primeiro, uma guerra de movimento, onde as forças de Hussein invadiram o Oeste iraniano. A partir de 1982, a guerra apresenta uma reação iraniana (com a tomada da cidade iraquiana de Basra) e vira uma guerra de atrito que se prolongaria até 1988.

O ano de 1982 é importante, porque marcaria a descontinuidade do alinhamento do *Ba'ath* iraquiano do sírio. Depois de 8 de abril, os sírios fecharam a fronteira com o Iraque, por causa do apoio de *Saddam* à Irmandade Islâmica. No dia 24 de junho de 1987, rei *Hussein* da Jordânia iria até Damasco tentar aproximar os partidos. No entenato, a tentativa foi infrutífera. A Líbia começou também a hostilizá-lo, mas o rompimento das relações só viria em 26 de junho de 1985. Somente o escândalo *Iran-Gate*, reaproximaria os dois países, novamente.¹⁷⁸ Ainda no mesmo mês, *Tarik Aziz* (chanceler iraquiano), vai até a França, requisitar apoio financeiro para a reconstrução da usina nuclear de *Osirak*. Temendo o isolamento na região, o Iraque resolve no mesmo ano, os seus litígios de fronteira com os sauditas. Em 1983, receberia cerca de um bilhão de dólares das monarquias pró-Occidente na sua luta contra o Irã, mas sua situação continuava problemática. Aziz foi até o Cairo em busca de apoio.

A França continuava mantendo uma grande parceira do Iraque. Em 1984, o chanceler foi até Paris. Queria trocar quase quatro milhões de toneladas de petróleo pelo perdão da dívida de treze bilhões de francos, principalmente, devido à compra de aviões *Super Etendard* armados com mísseis *Exocet*. Tanto que, depois da guerra Irã-Iraque, os franceses seriam os principais credores dos iraquianos. A dívida era cerca de três bilhões de dólares, o equivalente a quatro milhões de toneladas de petróleo na época. No mesmo ano, os franceses forneceriam oito caças *Mirage F-1 EQ-5*, igualmente, armados com *Exocets*. Isso garantiu a

¹⁷⁷ Corresponderia a US\$ 24,93 dólares por dia por militar. Seus gastos militares já estavam na casa de 8,89% do Produto Interno Bruto (PIB) e mobilizava 1,8% da população nas forças armadas. Índices bastante altos, comparando com outros países do Oriente Médio.

¹⁷⁸ O caso *Iran-Gate* consistiu na venda secreta de armas norte-americanas para o Irã. A operação consistia na aquisição de recursos para o financiamento dos contras nicaraguenses que lutavam contra o regime sandinista (FERRO, 2008).

superioridade aérea frente ao Irã. No dia 26 de outubro de 1984, os iraquianos reatam relações com *Washington* as quais estavam rompidas desde 1967. Até essa data, o Egito tinha fornecido um bilhão e trezentos milhões de dólares em armamento e Saddam adquiria dois terços das exportações soviéticas de armas. O Ocidente já tinha enviado a Saddam cerca de seis bilhões de dólares em ajuda, todavia, a dívida externa crescia doze bilhões de dólares ao ano, por causa da guerra.

Quando a guerra acabou em 1988, *Saddam* havia montado um complexo militar invejável. Suas forças armadas possuíam cerca de oitocentos e quarenta e cinco mil homens e gastava em torno de treze bilhões de dólares para manter esse aparelho, anualmente, correspondia a quarenta e dois dólares por militar ao dia. Porém, os dados mostram que o Iraque era um país no limite de suas forças, com quase seis por cento de sua população total na ativa das forças armadas e os gastos militares representavam um terço do PIB.

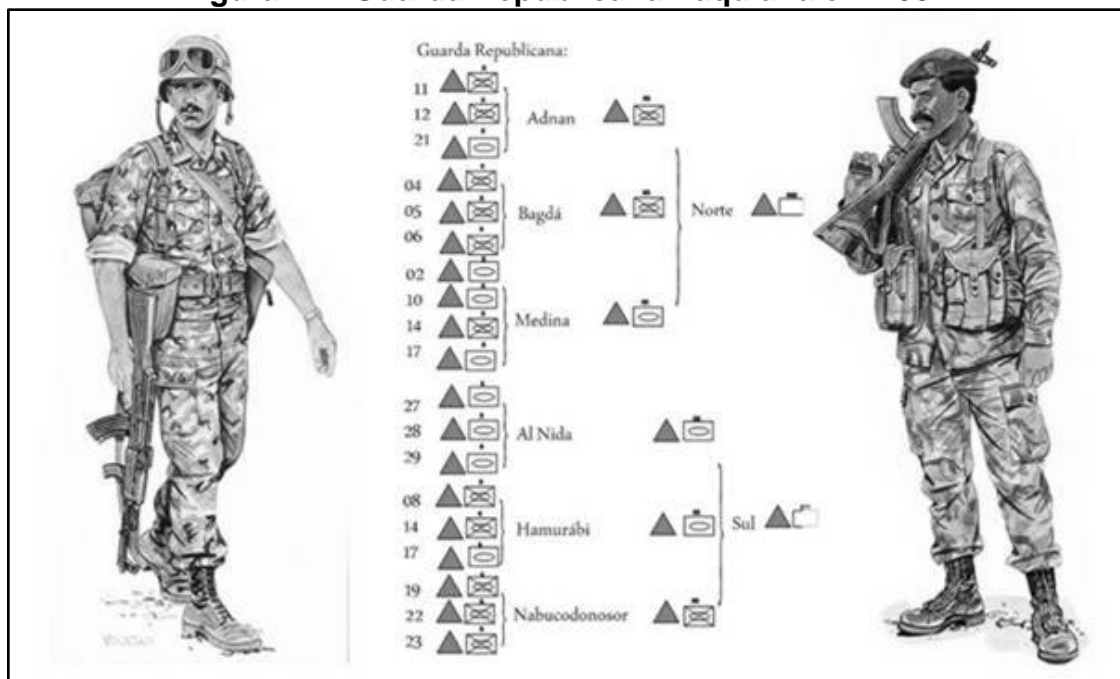
Por sua vez, o Irã, mesmo tendo em seu enalço a guerra, a desestabilização pela revolução e seu isolamento no cenário internacional, mostrou que conseguiu ficar aquém de seu limite em 1990. Conseguia gastar cerca de oitenta dólares por militar ao dia, demonstrando um fôlego maior de suas tropas no esforço e mantendo uma mobilização em torno de quase dois por cento de sua população na ativa de suas forças. Porém, como os iraquianos, gastavam um terço de seu PIB com suas forças armadas não havia recursos para a inclusão dos conscritos após a mobilização.

Essas forças militares terrestres iraquianas eram organizadas nos moldes soviéticos. A doutrina militar soviética tinha a guerra ítalo-abissínia de 1936, como base, para elaboração dos manuais de combate no deserto (GARTHOFF, 1957: 116). Os soviéticos recomendavam para a organização das divisões mecanizadas, treze mil homens. Estes seriam distribuídos em três regimentos, sendo um de tanques médios, outro de tanques pesados e outro de artilharia autopropulsada. Sua função era de exploração e perseguição do inimigo. Conseguiriam mantêr cerca de duzentos carros de combate. No entanto, a concentração de poder nos altos escalões não deixava a tropa flexível para realizar operações. Por influência inglesa, os regimentos no exército iraquiano seriam denominados de brigadas, notadamente, similar à organização das forças terrestres do Brasil. Mais de cinco mil MBT's e oito mil mil APC's (de modelo soviético) formavam essa força. Um problema grave

durante as guerras foi a manutenção de armamentos de origens tão diferentes, no período de 1980-2003. Existiam diversos manuais e inumeráveis fornecedores de equipamentos, inclusive de origem brasileira.

O Iraque possuía cinco corpos regulares, mais dois corpos da Guarda Republicana, no período de 1980-1991. Mesmo sendo consideradas como unidades blindadas de elite, suas divisões mecanizadas eram constituídas de três brigadas mecanizadas. Todavia, as divisões mecanizadas do exército regular possuíam duas brigadas mecanizadas e uma blindada (com poder de fogo superior). No nível da brigada mecanizada, tanto as unidades da guarda quanto as regulares mantinham cerca de três batalhões mecanizados e um blindado como força principal de ataque (CORDESMAN e WAGNER, 1999). Os iranianos tinham em cada brigada três batalhões blindados e cinco mecanizados. Comparativamente, no plano tático, a superioridade do Irã era evidente. Todavia, o Irã não abriu mão de ataques que levavam em consideração o ataque realizado com ondas humanas, principalmente, pela milícia política *Basj*.

Figura 11 - Guarda Republicana Iraquiana em 1991.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de ROTTMAN e VOLSTAD, 1993.

O conflito de 1991 é o fim do que seria o último grande exército oriundo das experiências com a mecanização do séc. XX. Talvez, suas causas mais imediatas

estariam dispostas no plano econômico, com reflexos diretos na política. Eric Hobsbawm (2004) explica seu conceito de complexo industrial-militar, onde cada Estado-Nação desenvolveria um grande exército, reflexo de sua capacidade econômica. Dentro da lógica capitalista, todo esse arsenal deveria ser destruído em uma guerra. A palavra industrial não pode ser aplicada no ambiente iraquiano. Seu armamento vinha do dinheiro que o petróleo proporcionava. Porém, seu comportamento foi igual aos outros complexos.

Saddam não podia desmanchar esse complexo de modo pacífico, tal era a absorção de mão-de-obra feminina e estrangeira em sua Economia. Em janeiro de 1985, por exemplo, as mulheres eram metade dos funcionários públicos, um terço dos trabalhadores no setor nacionalizado e um quinto no privado, sem contar a mão-de-obra estrangeira. O Iraque então se volta para um dos antigos inimigos do *Ba'ath*, atacou o Kuwait, sob o pretexto de pedir uma indenização.

O partido *Ba'ath* iraquiano sempre foi inimigo das monarquias islâmicas conservadoras pró-ocidentais. Com a apropriação do petróleo do país invadido, haveria mais dinheiro para pagar a dívida externa iraquiana crescente. Marrocos, Argélia e Líbano condenaram a ação. Sudão, OLP e Iêmen (talvez pela influência partido *Ba'ath*) apoiaram *Saddam*, assim como a Jordânia. Os jordanianos apoiaram o Iraque, talvez, proteger sua fronteira Leste e para acalmar os palestinos que habitam seu território.

Na ótica da coalizão, o Ocidente agiria em prol da liberdade de um Estado agredido. Os estrategistas sabiam que um enorme exército na região com capacidade de realizar operações externas, representava um perigo considerável aos seus interesses. A Rússia só agiria se existisse algum risco para o Irã que garantia a influência russa no Oceano Índico. O exército iraquiano, infelizmente, foi aniquilado. Como resultado, a coalizão garantia os sauditas e esse modelo conservador pró-ocidental, além disso, venderia bilhões de dólares em armamentos. O Iraque perdeu o excedente de efetivo militar mobilizado e agora podia agir para restaurar a ordem no seu território, frente aos xiitas do Sul e curdos ao Norte.

Dentro desses apontamentos, essa guerra demonstrou no primeiro enfoque estratégico, a guerra pela informação como fator decisivo da vitória (COULLON, 1992: 148-156). A capacidade do sistema de telecomunicações aeroespacial, na capacidade transmissão de dados e ordens a longa distância, como efeito direto das novas tecnologias dos armamentos. Os americanos conseguiram testar seu sistema

de desembarque de tropas na escala global. No plano tático, os ensinamentos mostraram que a superioridade aérea seria determinante no sucesso, assim como as forças especiais.

Os anos de 1991-2003, foram a época do embargo internacional e de decadência do regime de *Saddam*. O contingente de quatrocentos e vinte e nove mil soldados dividia um orçamento de um bilhão e meio de dólares. Isso representava dez dólares por militar ao dia. Porém, a pressão sobre a Economia e a população baixou consideravelmente. O PIB estava comprometido em três por cento do seu valor com as forças armadas e quase dois por cento da população estava na ativa das forças armadas.¹⁷⁹ O Iraque não conseguiria mais manter um nível operacional, justamente, nas áreas onde o gasto e o serviço técnico são mais exigidos. De acordo com especialistas americanos e israelenses, em 1998, os guardas republicanos sobreviventes de 1991 tinham dois terços de recursos e metade dos homens para operar com suas sete divisões completas. Comparativamente, dos seis mil e setecentos tanques da Guarda Republicana antes da guerra, somente dois mil e duzentos estariam aptos a operar aproximadamente. Os blindados no exército e os aviões ficariam parados e a marinha ficou totalmente fora de ação.

O colapso econômico do Iraque condicionou as forças armadas a lutar com poucos recursos financeiros. Invariavelmente, o contexto do conflito de 2003, levou os iraquianos para a guerra assimétrica contra os estadunidenses. A organização trifuncional de atores sociais intercalados acarreta a desmobilização do exército laico e se papel como constituição da nação (GIDDENS, 2001: 249). O país em desenvolvimento, em um contexto de atrito dentro de um conflito assimétrico, mantém uma tropa de elite do sistema político e a mobilização geral de suas tropas. Tal fenômeno é análogo ao da Alemanha, no ano de 1945, onde as tropas da milícia *Volkssturm* teriam a missão de conter os aliados. O exército regular, que necessita de recursos financeiros, não conseguia manter uma capacidade de combate sustentável.

Atualmente, a pirataria na costa da Somália oferece um exemplo moderno. A falta de navios, símbolos, salários e uniformes não denunciam a falta de comando, controle e comunicações que caracterizam as unidades militares. Os somalis, na

¹⁷⁹ Os números compreendem US\$ 9,58 por militar ao dia. O PIB estava comprometido em 3,08% e 1,86% da população estava mobilizada nas forças armadas.

Guerra Fria, tiveram assessoria militar estadunidense e soviética que proporcionou uma grande experiência na condução de conflitos.

Outro exemplo é o *Hezbollah*, no sul do Líbano que, em 2006, tornou-se de fato a força terrestre do Estado, apesar de não ser por direito (CORDESMAN, 2006). Além disso, essa organização lançou a mão de recrutamento de quadros para a garantia de suas operações militares. Os dados apontam que uma brigada, de três mil combatentes libaneses, conseguiu segurar cerca de quarenta mil israelenses mobilizados para o resgate dos dois soldados sequestrados. A mecanização trouxe para a guerra os sistemas de combate. A tecnologia está tornando os soldados tão eficientes quanto os sistemas e, concomitantemente, a baixa dos preços do armamento no mercado internacional aumenta o poder de fogo das pequenas unidades. Além disso, os novos aparelhos de comunicação permitem o comando e controle das pequenas unidades. A aviação israelense possui aeronaves de combate para a destruição de sistemas, porém, posse de armamentos digitalizados por soldados fornece certa invisibilidade para os mesmos.

Novamente, a pesquisa aponta para a afirmação que novas tecnologias bélicas tornaram obsoleta a mecanização, mas não diminuíram a necessidade da conscrição. O recrutamento militar e a quantidade de jovens, em campo de batalha, conseguem a obtenção desses objetivos políticos. O início do século XXI é análogo ao início do século XX com o ambiente de mudanças tecnológicas, econômicas, sociais e políticas. Os Estados em desenvolvimento que optam pelo atrito, em um conflito convencional, desenvolvem outros tipos de forças terrestres, no contexto da assimetria da guerra. Os exércitos zulus do rei *Shaka* oferecem um exemplo histórico consistente (KNIGHT, 1989: 13-50). Enfrentaram à sua maneira forças armadas, de molde europeu, e venceram.

Neste sentido, novas tecnologias proporcionarão o advento de novas organizações militares, mas organização proveniente das mudanças tecnológicas jamais substituirá a quantidade de tropas. A necessidade da conscrição vem da constituição de novos sistemas de combate e da necessidade da sobrevivência do Estado em caso de guerra sistêmica com o uso de armas nucleares táticas. A mudança visa gerar novas organizações militares, mas o núcleo do grupo de combate, de cerca de doze homens, permanecerá.

IV.3 – Como seriam as guerras irregulares hoje? Combatentes e não-combatentes

O conceito da Guerra Irregular Complexa encontra sua ilustração no período das Guerras Iugoslavas na década de 1990. Nesse período, a guerra mantinha-se irregular, devido aos grupos armados que lutavam no terreno montanhoso da Dalmácia. No entanto, a guerra tornara-se complexa, porque os papéis dos atores ficaram confusos. As tropas do Estado faziam papel de forças insurgentes, enquanto guerrilheiros atuavam como polícia em certas regiões. Os limites do conceito aumentam com a perspectiva da sua sofisticação. Um conceito sofisticado demais, normalmente, deixa prolixo o entendimento que o mesmo propunha (LAKATOS, 1978: 16).

A análise, contida nessa parte da tese, passa pelo princípio de que a base dos estudos sobre o uso da força consiste no retorno da massa de infantaria leve digitalizada. Vários conflitos demonstraram a importância desse tipo de soldado que sempre tomara parte nos conflitos. Geralmente, a infantaria leve teve origem nos guerreiros que possuíam menor capacidade econômica para lutar e não conseguiam utilizar cavalos ou armaduras. Atualmente, as novas tecnologias dos armamentos tornaram as pequenas tropas mais poderosas com a capacidade de miniaturização da artilharia. A Guerra das Malvinas, de 1982, demonstrou o efeito devastador da utilização, pelos britânicos, de mísseis anti-tanque na destruição de casamatas argentinas.¹⁸⁰

O debate internacional depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001, na área da Defesa, possui seu foco no combate ao terrorismo. Concomitantemente, os problemas na análise avançam com a sofisticação dos conceitos, oriundos dos estudos acadêmicos. Apesar do enquadramento conceitual de grupos em combate como insurgentes, paramilitares e soldados regulares, quantitativamente, a importância desses grupos refere-se a quantidade de grupos de combate de doze homens que líderes ou Estados detenham para seus propósitos. A política de defesa norte-coreana oferece um exemplo. O Estado norte-coreano, recentemente, tornou-se alvo das críticas quando realizou, recentemente, testes de artefatos nucleares. O país aposta na dissuasão, a partir do conceito da *deterrence*, onde a posse de armas

180 A batalha de *Goose Green* demonstrou a aplicabilidade do conceito (BRAYBROOK et al, 1990).

atômicas poderia evitar um ataque convencional.¹⁸¹ Entretanto, o Comando de Forças de Propósitos Especiais possui uma grande quantidade de combatentes que podem inviabilizar todo o esforço de guerra sul-coreano.¹⁸²

Apesar dos sul-coreanos contarem com armamento convencional mais moderno e que pode inviabilizar os centros de comando de controle e, concomitantemente, interromper uma invasão mecanizada; a grande quantidade de pessoas impõe um custo muito alto à Coreia do Sul. Todo seu esforço de guerra pode ser comprometido pela quantidade de militares norte-coreanos que poderiam destruir as instalações militares. A vantagem da quantidade de homens armados, infiltrando em pequenas unidades, consiste em uma certa invisibilidade assimétrica que torna essas tropas difíceis de serem notadas no ataque (CORDESMAN, 2006).

O limite do conceito de Guerra Irregular Complexa é justamente o papel dos atores nos conflitos do século XXI. Não obstante, os grupos de combate modernos é a mesma base dos *lances* do exército real francês da Idade Média, ou seja, persiste a cooptação ou eliminação de grupos de jovens armados, sob as formas que o sistema econômico adquire. O Mercantilismo começou sustentando as companhias militares chegando até os corpos de exército no século XXI. O impacto na relação ocorre quando essas tropas permanecem armadas. Esses grupos podem ser um exército normal, um grupo irregular ou mesmo criminosos comuns. O que varia é a capacidade do Estado em absorver a quantidade de jovens que, anualmente, entra em idade militar. Invariavelmente, jovens serão cooptados por outros grupos armados, porque o poder privado, apesar de não competir com o Estado, possui localmente muita força.

Os conflitos recentes demonstram esse problema de caracterização do papel dos combatentes enquanto atores, no plano tático, pela comunidade científica. O início dos debates apareceram com o colapso da Iugoslávia e seus conflitos. A

181 O conceito da *Deterrence* é originário da concepção francesa de impedir uma possível invasão convencional da Alemanha, Ocidental ou Oriental, com armas nucleares. O conceito difere da Deterrence que obedece a lógica da Destruição Mútua Assegurada (MAD). Consistia no acúmulo de armas nucleares que garantiria uma destruição maciça do oponente que o primeiro uso seria impraticável (FREEDMAN, 2003: 70).

182 O Comando de Forças de Propósitos Especiais possui 88.000 homens (IISS, 2011: 411). As forças armadas da Coreia do Norte são direcionadas para o desembarque desses comandos em minissubmarinos, aviões de transporte leve e túneis escavados e encontrados por sul-coreanos.

fragmentação do exército iugoslavo ocorrera em bases geográficas, étnicas e religiosas formando um ciclo de instabilidade de quase uma década nos Bálcãs (MIKULAN, et al, 2006: 31-44). Inicialmente, as tropas obedeceram a antiga geografia da região e foram ressurgidas os antigos Estados da Eslovênia e da Croácia. O desenrolar do conflito colocou as tropas em luta pelas bases étnicas de sua conscrição e, dessa maneira, a Sérvia e Bósnia-Herzegovina aparecem na luta, antecipando o crescente problema na Europa entre cristãos e islâmicos. Esses desdobramentos causaram a instabilidade em Montenegro.

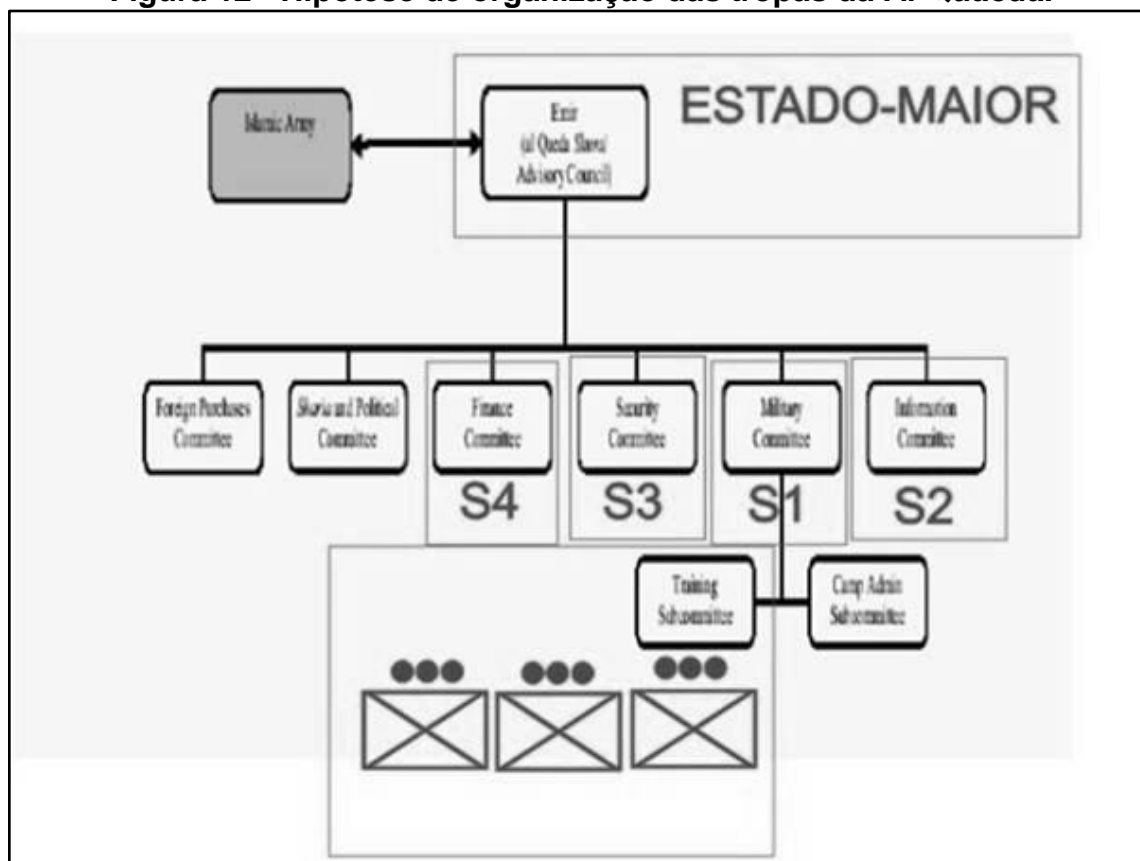
As tropas de origem sérvia ilustram o conceito das Guerras Irregulares Complexas. Em algumas regiões dos Bálcãs, estavam tropas regulares do Estado da Sérvia que cometiam crimes e operavam nos combates irregulares. Tropas irregulares, de origem sérvia, em outros lugares representavam presença do Estado. O comportamento paradoxal representado nessas tropas reflete a busca de definições que o conceito representa. O seu núcleo determina a falta de acuracidade nos papéis dos atores como determinante (LAKATOS, 1978: 23). As hipóteses que fazem sua defesa e a corroboram possuem seu limite na defesa do próprio papel que essas tropas possuem no conflito. O problema na defesa ocorre na falta dos objetivos claros no uso da força pelas tropas. As condições operacionais e a doutrina são moldadas para o cumprimento desses objetivos. A questão do debate do conceito parece estar fora de foco. O debate está focado no papel dos atores, mas não nos objetivos políticos. Entretanto, os objetivos políticos delineam o papel dos atores e impactam as ações dos tomadores de decisão.

As decisões, certamente, são afetadas pela sofisticação do conceitos e pela limitação do conhecimento dos outros atores, a partir da própria capacidade de combate.¹⁸³ A necessidade do combate ao terrorismo pelas forças da OTAN no Afeganistão suscita no debate sobre como as tropas insurgentes são constituídas. A bibliografia sobre o assunto foi muito extenso sobre as organizações assimétricas, contudo, algumas considerações devem ser feitas. A hipótese de organização de

183 Na área de inteligência, o conceito de *Mirroring Risk* ilustra a situação. O exemplo consiste nas decisões estadunidenses tomadas na crise dos mísseis soviéticos em Cuba no ano de 1962. Os militares e políticos norte-americanos tomaram as decisões baseados no inventário das suas forças e nas suas cadeias de comando e controle. O mesmo fenômeno ocorria com as forças soviéticas. (RENSHON, 2009: 315-338)

tropas insurgentes da Al-Qaeda demonstra as possibilidades da sofisticação dos conceitos sobre a guerra assimétrica (CORDESMANN, 2004).

Figura 12 - Hipótese de organização das tropas da Al-Qaeda.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de CORDESMANN, 2004.

A organização das unidades militares, na guerra assimétrica, aponta para a agilidade da organização dessas tropas. Os combatentes precisam da flexibilidade de deslocamento e da capacidade de comunicação de longa distância para a manutenção de sua dispersão. Inicialmente, a Al-Qaeda seria uma unidade militar do tamanho de uma companhia de um exército normal. Existiria um Estado-Maior (*Advisory Council*), seguido de comitês que corresponderiam as seções administrativas, de informação (S2), de operações (S3), financeira (S4) e pessoal (S1) de uma companhia de combate. A seção de pessoal seria responsável pelas células terroristas que equivaleriam aos pelotões ou grupos de combate dispersos no exterior. Seriam entre três pelotões ou de nove a doze grupos de combate. As comunicações modernas possibilitariam as operações no exterior e manteriam a dispersão dos grupos para a sua sobrevivência (CORDESMAN, 2004).

Assim como as companhias dos exércitos socialistas que possuíam comissários do partido para a defesa da revolução, as tropas islâmicas possuem religiosos que defendem a religião, geralmente. Não pode ser esquecido que a organização dos insurgentes *mudjaheddin* foram organizados para combater os soviéticos pelos Ocidentais, a partir de 1979, com a experiência do treino de insurgentes contra-guerrilha no Vietnã (ZALOGA, 1987: 23-25).

Dessa maneira, o suporte para as operações militares viria da capacidade do financiamento das forças por agentes externos. Comparativamente, a *Al-Qaeda* não seria montada se não tivesse o suporte financeiro saudita. As experiências históricas não podem ser esquecidas. Na Segunda Guerra Mundial, os britânicos montaram uma rede de insurgentes, contra a ocupação alemã, na França (CROWDY, 2007: 32-57). Os franceses lutavam contra os alemães baseados nas companhias de combates, as *Centaines*. Devido ao atrito na zona ocupada e aos equipamentos de comunicação, os insurgentes contavam com o apoio aéreo inglês para o lançamento de suprimentos. Com esse armamento, as ações eram coordenadas para a obtenção do efeito desmoralizante das tropas alemãs. O fenômeno foi análogo na Península Balcânica, onde forças iugolasvas, apoiadas pelos soviéticos e demais aliados ocidentais conseguiram expulsar os alemães. O impacto histórico maior foi a criação de um exército nacional, para a Iugoslávia, sob a origem da insurgência (MIKULAN et al, 2006: 31-43).

Concomitantemente, os britânicos criaram os comandos para a incursão no continente ocupado (MOREMAN, 2006: 9-32). Essas tropas de infantaria continham a quantidade mínima de administração e seus batalhões eram constituídos de grupos de combate reforçados que eliminavam o pelotão como a unidade de combate tático. No plano estratégico, eram guerrilheiros mantidos pelo Estado, dentro da estrutura das forças armadas convencionais, para operações de combate especiais onde os resistentes eram mais fracos, no continente europeu.

O contexto do advento da mecanização dos exércitos, no final da Primeira Guerra Mundial, fez surgir novas tropas dentro do seio da infantaria. Entretanto, o ambiente dos conflitos na Europa possuía o caráter convencional que possibilitaria novas organizações militares de maneira mais gradual. O Estado poderia fazer essas mudanças de acordo com o desenvolvimento do conflito, possibilitando a acomodação gradual desses novos tipos de tropas e o estudo de seus papéis no combate.

A Guerra Fria, no entanto, foi o período propício para o aparecimento de conflitos assimétricos, devido às intervenções de países desenvolvidos em Estados com baixa polaridade. Novas tropas surgiram fora da infantaria. Os *Dac-Cong* do Vietnã do Norte oferecem um exemplo (ROTTMAN, 2007: 55-58). As forças especiais do Vietnã do Norte eram oriundas da engenharia de combate. O país tinha a necessidade de enfrentar os norte-americanos a partir da proteção de suas tropas com fortificações improvisadas de campanha. O objetivo era a contenção de forças superiores e da capacidade de conduzir operações especiais sob território ocupado. Contudo, esse tipo de combatente ainda operava dentro da lógica da mecanização e possuía, na sua retaguarda, um grande exército convencional.

A hipótese consiste no estudo da formação do *Hezbollah* a partir da artilharia. Essa organização é oriunda do Irã, que na época da Guerra do Golfo de 1979-1988, teve seu suprimento de foguetes oriundo da Coreia do Norte, principalmente, nos chassis do lançador múltiplo de foguetes BM-21. Os soviéticos na Segunda Guerra Mundial utilizaram os foguetes como arma de assalto, técnica empregada por norte-coreanos e repassada aos iranianos.

O conflito de 2006 entre o *Hezbollah* e Israel suscitou a hipótese de que a organização fosse oriunda das unidades de artilharia de foguete, nos moldes norte-coreanos. O fornecimento de armas norte-coreanas para iranianos também pode ter moldado a organização de suas unidades. Os batalhões possuem quinze lançadores em três companhias, fazendo um total de duzentos e nove conscritos e dezessete oficiais. As fontes indicam que, no Líbano, entre o ano de 2000 até 2006, houvera o decréscimo da presença de iranianos de duzentos intrutores para dezessete no início do conflito (CORDESMAN, 2006). O dado ajuda a confirmar a hipótese que existia antes do conflito quase um batalhão de lançadores múltiplos do *pasdaran* iraniano, permanecendo somente os oficiais instrutores no ano do conflito.

Novamente, a discussão sobre os limites do conceito sobre Guerra Irregular Complexa surgem, porque a ausência de uniformes militares e veículos pesados camuflados não possui vínculo com a falta da cadeia de comando, controle e comunicações. Neste sentido, os combatentes do *Hezbollah* utilizaram a artilharia como arma de assalto como os soviéticos e, principalmente, como arma contra-valor para minar o moral da população civil israelense. As imagens dos noticiários mostravam homens, em roupas civis, colocando os foguetes em lançadores improvisados. Porém, os armamentos utilizados pela organização não foram de

primeira linha (CORDESMAN, 2006). Mesmo assim, as forças de defesa de Israel, que possuem um alto componente orgânico mecanizado, não conseguiram alcançar seus objetivos políticos, mesmo com o uso da força. O conflito demonstrou que a artilharia enterrada sob construções civis reforçadas parou o componente mecanizado israelense.

O *Hezbollah* fizera uso de um grande número de combatentes que conseguiram segurar o componente mecanizado israelense. Novas tecnologias dos armamentos, comunicações e cadeias de comando e controle estão gradualmente diminuindo a importância da mecanização no uso da força, porém, não acaba a necessidade da conscrição. A taxa de fertilidade total permanece alta nos países islâmicos que fornecerão uma quantidade considerável de conscritos para os conflitos. O uso de armas de destruição em massa, a seu turno, surge como alternativa do aumento da velocidade do número de baixas e, com a precisão dos armamentos digitais, o risco de serem utilizadas na esfera das operações aumenta, infelizmente.

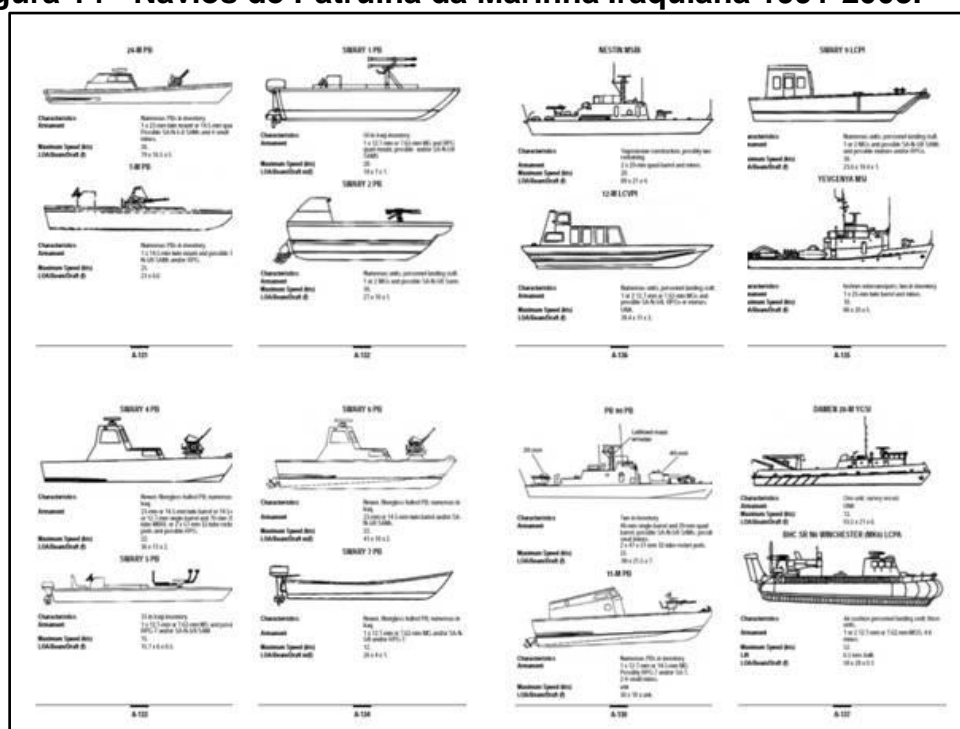
Figura 13 - Hipótese da origem da organização das tropas do *Hezbollah*.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de CORDESMANN, 2006.

A tecnologia dos armamentos trouxe uma padronização das operações que passaram de grandes exércitos convencionais para pequenas unidades de forças especiais. Essa padronização, porém, esquece do princípio que as unidades de elite não conseguiriam operar sem uma grande força de suporte. Os *commandos* britânicos da Segunda Guerra Mundial possuíam o exército aliado na retaguarda, os *Dac Cong* possuíam o apoio do exército regular do Vietnã do Norte e não possuíam vínculo com a guerrilha *Viet Cong* do Vietnã do Sul. A hipótese consiste na observância da *Al-Qaeda* como as forças especiais do regime do Emirado do Afeganistão que vigorou de 1996 a 2001, sendo reconhecido por Afeganistão, Paquistão, Emirado Árabes Unidos e Turquemenistão. Os talibãs eram a base do política do regime e, guardadas as proporções, poderiam tornar-se as forças convencionais desse Estado.

Figura 14 - Navios de Patrulha da Marinha Iraquiana 1991-2003.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DEPARTMENT OF DEFENSE, 2000.

O estudo sobre as novas organizações militares poderia abranger a hipótese que versa sobre a pirataria somali. Desde 2005, a pirataria somali aumentara muito na região Sudoeste da Península Arábica. A hipótese consiste na montagem de uma distração de forças somalis, para atrair as marinhas estrangeiras, e diminuir a

presença das forças da OTAN no Golfo Pérsico. Novamente, apesar da aparência, esse tipo de tropa pode ter a cadeia de comando, controle e comunicações, e dessa maneira, constituir uma marinha de guerra mesmo que assimétrica. Durante a Guerra do Golfo, de 1979 a 1988, os norte-coreanos forneceram para as forças navais do Irã vários vasos para a guerra no mar e no litoral. As embarcações foram utilizadas pelos *pasdarans*, a guarda revolucionária do Irã, no Sul do Iraque, para suas ações de combate.

A pesquisa dos inventários da Coreia do Norte e Irã demonstram o desaparecimento gradual desse tipo de vaso dos arsenais. As imagens dos mesmos aparecem nos noticiários sob a forma de navios da pirataria somali.

Formalmente, desde 1991, a Somália não constitui mais um Estado nos moldes ocidentais. Contudo, o mesmo fenômeno parece análogo ao emirado no Afeganistão de 1996 a 2001 onde o talibã, como o grupo religioso maior controlava grande parte do território. Neste sentido, o termo de pirataria pode ser equivocadamente aplicado. Essas forças navais podem constituir corsários agindo sob a proteção e a mando de um Estado, fenômeno análogo as Cartas de Corso do séc. XVI (KONSTAN, 2004: 3-7).

O conceito de Guerra Irregular Complexa possui a vantagem do aumento da possibilidade de análise do uso da força na inclusão da multiplicidade do papel dos atores como variável importante da mesma. O limite da análise está na tentativa de categorização do papel desses atores. Depois dos conflitos iugoslavos, no final do séc. XX, os problemas ficaram concentrados nos objetivos do uso da força pelas organizações, principalmente, com o advento da guerra ao terror e das intervenções humanitárias da ONU. A perseguição a grupos terroristas encontra o dilema de enquadrá-los como criminosos comuns ou de guerra, concomitantemente, isto é tarefa para um exército ou para uma organização policial internacional. Outrossim, as intervenções humanitárias da ONU aumentam a possibilidade de perpetuação do conflito com a interrupção do mesmo e o começo da procura de comandantes militares como criminosos de guerra para serem julgados por tribunais internacionais.

A pesquisa sobre a guerra irregular atual demonstrou que, para a tomada de decisão na análise estratégica, os fatores quantitativos são importantes. O Realismo estuda a maximização de poder do Estado e os fenômenos do uso da força são recorrentes na História. A precisão da análise do papel dos atores encontra respaldo

no enquadramento do contexto histórico. Tropas consideradas insurgentes podem ser embriões de novas organizações estatais. A probabilidade que essas experiências ocorram, na África e Oriente Médio, demonstra que o tipo de multipolaridade, do sistema internacional, passa pela adaptação dos atores na mesma acomodação de estrangimentos sistêmicos (TILLY, 1996). O continente africano possui várias experiências históricas que fogem do padrão europeu. Os exércitos de mamelucos egípcios, o exército zulu do rei *Shaka*, os *commandos* sul-africanos e o exército sudanês da revolta mahdi constituem exemplos. Os fenômenos não são novos na História e a mudança consiste na sua escala de tamanho e alcance. Atualmente, o contexto de transição hegemônica corresponde à mudança nos estudos estratégicos.

CONCLUSÃO.

“Na primavera de 1945, em todo o mundo, a presença de um esquadrão composto de 12 adolescentes, armados e uniformizados, causava terror no coração das pessoas. Quer fosse um esquadrão do Exército Vermelho em Berlim, Leipzig ou Varsóvia, quer um esquadrão alemão na Holanda, quer um esquadrão japonês em Manila, Seul ou Pequim, ele era sinônimo de estupros, pilhagem, roubo, destruição arbitrária, matança insensata (AMBROSE, 2008: 571).”

A presente tese tentou abordar as considerações pertinentes à população no âmbito do uso da força na política. Seu objetivo foi mostrar os problemas da transição demográfica para a defesa no século XXI. A tentativa foi, dentro do Neo-Realismo Estrutural, demonstrar que a Demografia é um componente do Poder do Estado e que impacta a Polaridade e a Polarização do Sistema Internacional (WALTZ, 1979).

Matematicamente, a tese poderia ser representada em um gráfico. Como variável no gráfico, a força de trabalho consistiria na taxa e fertilidade total de 2000 a 2005. Existe uma relação significativa com composição da força de trabalho na população em torno de 2050. Nesse sentido, a taxa de fertilidade total consiste em um predicativo de instabilidade política, porque reflete o aumento de pessoas disponíveis para o trabalho e, conseqüentemente, para a guerra (BATSON, 2008). Os dados empíricos demonstram que existirão dois tipos de Estados, os que estarão no bônus demográfico mantendo a sua capacidade de reposição e outro grupo, que mesmo estando sob o bônus demográfico não poderão manter esse crescimento.

Inicialmente, a intenção consistia na relação entre tecnologia e população e uso da força na política. A Economia demonstra essa capacidade do Estado de prover recursos e, na defesa de seu território, conseguir interagir com o inimigo a fim que exista a possibilidade da vitória. Como exemplo, a colonização da América do Norte, no século XVIII, fora marcada pela luta de poucos anglo-francófonos realistas que construíram o Canadá, face a muitos colonos norte-americanos. Na Europa, o exemplo da demografia aparece no exemplo de populações germânicas que constituíram o Império Austro-húngaro (1865-1918). Atualmente, Áustria e

Instabilidade, do Marrocos a Indonésia, onde a quantidade de filhos por mulher seria o indicador de instabilidade. Quanto mais filhos uma mulher gerar durante sua vida, mais instável é a política do país, porque possui mais dependentes para sustentar e jovens aptos para lutar, posteriormente, empobrecendo e aumentando a violência do mesmo.

A Polaridade seria afetada e, dessa relação, a análise do Sul da Ásia, Arábia Saudita e Irã, Península Coreana e da situação de Israel demonstraria os efeitos. O objetivo seria demonstrar que os conflitos no sistema internacional que, previamente, existiam, poderiam alcançar proporções dramáticas. Os exemplos citados configuram tensões que são problemas não resolvidos. Em caso de reordenação do sistema internacional, a quantidade de população influenciará o uso da força.

O impacto na Polarização representa outra consequência da transição demográfica. Os Estados que possuem armas nucleares percebem que a única defesa contra as armas nucleares consiste na quantidade de população que suportaria um segundo ataque.¹⁸⁴ O Sistema Internacional assiste o começo do padrão de busca, por parte de países com grande arsenal nuclear, de Estados que possuem uma grande quantidade de pessoas na força de trabalho.

A aproximação de Rússia e China parece oferecer mais solidez. Concomitantemente, Estados Unidos da América aproxima-se da Índia, em busca de reservas, como os britânicos os utilizaram no século XIX. França e Brasil ainda caminham para uma cooperação efetiva. Especulou-se as repercussões da aproximação entre Grã-Bretanha e Nigéria e a preocupação dos seus efeitos para o Brasil. Por trata-se de uma possibilidade, os estudos sobre as relações bilaterais dos países não foram aprofundadas e merecem maior estudo. As taxas africanas de aumento populacional suscitaram o cercamento eletrônico do continente. Existe, na Anarquia, o problema do uso da força e a quantidade de reservistas que chineses, indianos, brasileiros e nigerianos poderiam disponibilizar para a luta, no Sistema Internacional, que influenciará a capacidade dos países em travar a guerra no século XXI.

184 Na teoria do Balanço ataque defesa, quando se considera o problema das armas termonucleares, e particularmente dos mísseis balísticos, o que se afirma é que não há defesa contra eles. Não há dúvida de que os ICBMs e os SLBMs são os armamentos de maior mobilidade de todos os tempos. O máximo de vantagem do ataque equivale ao máximo de vantagem da defesa constitui em uma afirmação válida no contexto da bipolaridade. (JERVIS, 1978: 167-214).

O atrito na guerra, a perda da capacidade de fazer a guerra também sofrerá alterações com a introdução de novas variáveis. Na esfera da estratégia, atualmente, a guerra nuclear teria outros contornos. A lógica da Destruição Mútua Assegurada (MAD) consistia na destruição dos beligerantes, tacitamente, com o impedimento do segundo ataque. O conceito do *nuclear sharing* da OTAN identifica a tendência da miniaturização das armas nucleares e da ampliação horizontal das armas nucleares, com a portabilidade de armas por membros que não possuem oficialmente política de armas nucleares. Notadamente, as armas nucleares táticas voltam a ser proeminentes na esfera da estratégia.

Concomitantemente, os parâmetros de controle da proliferação das armas nucleares merecem uma revisão. O alcance dos armamentos e o rendimento devem passar pela equação que leve em consideração o impacto de alvos contra-valor. A densidade demográfica dos alvos seria o fator que convergeria os futuros tratados. Novamente, a quantidade de reservistas poderia moldar a análise dos conflitos.

Na esfera das operações da guerra convencional, a quantidade de força de trabalho permite que surjam possibilidades de defesa que requerem contingentes para esse fim. Como exemplo, a Rússia conseguiria defender em torno de meio milhão de quilômetros quadrados, em 2009, com a densidade de sessenta soldados por quilômetro quadrado. Seria um círculo com um raio de quatrocentos quilômetros.¹⁸⁵

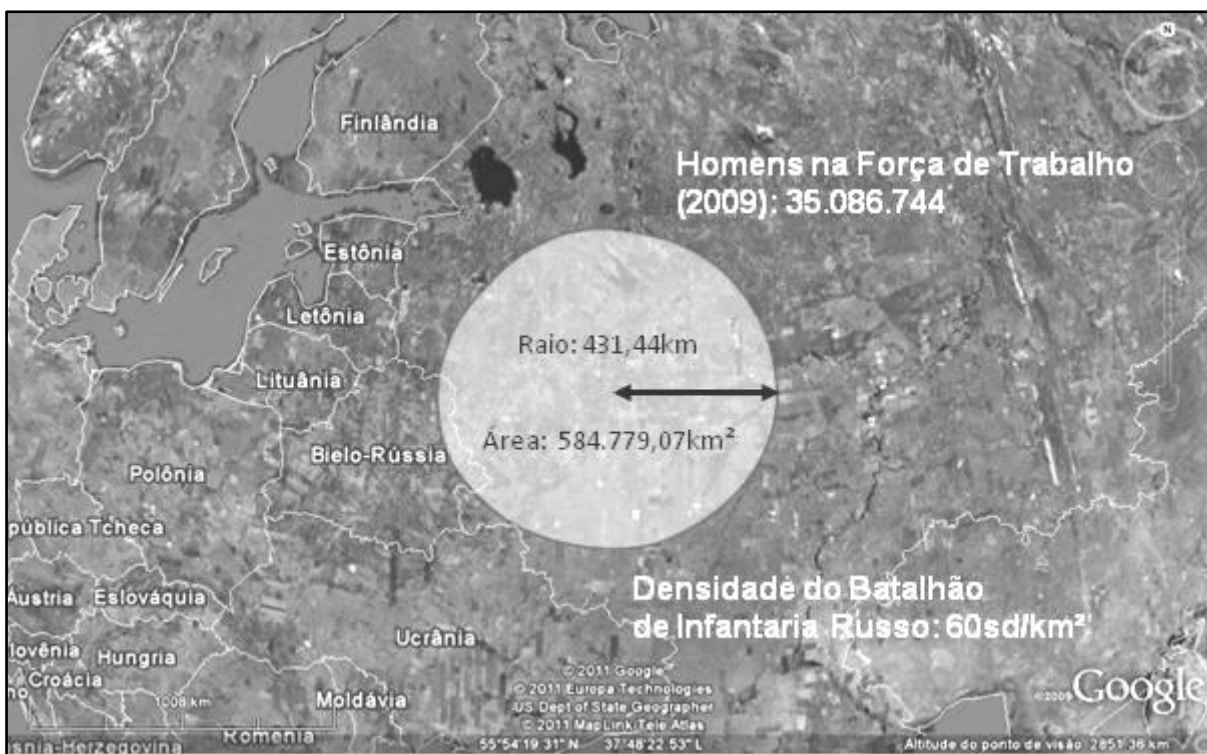
Os russos possuem cerca de vinte milhões de reservistas. Apesar da diminuição da população, a manutenção de um grande contingente de reservistas serviria ao ambiente de guerra nuclear, contudo, nas operações, a Europa cada vez mais necessitaria de contingentes estrangeiros para a sua defesa (TODD, 2002). O mesmo continente destruiu em duas guerras mundiais a capacidade de reposição de sua força de trabalho. Talvez seja um fator da aproximação da França em relação ao Brasil e, especulativamente, dos britânicos e nigerianos.

Ainda na guerra convencional, aparece, igualmente, o uso estratégico de armas de energia direta no colapso das economias (KOPP, 1995). Como exemplo, um ataque com mísseis JSOW produziria o mesmo desarme nuclear preventivo contra a Rússia (LIEBER e PRESS, 2006). O futuro próximo apresentará um

¹⁸⁵ Os valores para 2009, com a densidade de sessenta soldados por quilômetro quadrado, consistiriam na defesa de 584.789,77km² de território russo (UNITED NATIONS, 2009). Compreenderia um círculo de 431.44km de raio.

ambiente de combate de alta tecnologia. As armas de energia direta poderiam colapsar as cadeias de comando e controle do inimigo. Entretanto, as armas nucleares táticas poderiam ser utilizadas para alvos contra-força, principalmente, garantindo a imobilidade das mesmas e inviabilizando as operações.

Figura 15 - Atrito projetado para a Rússia em 2009.



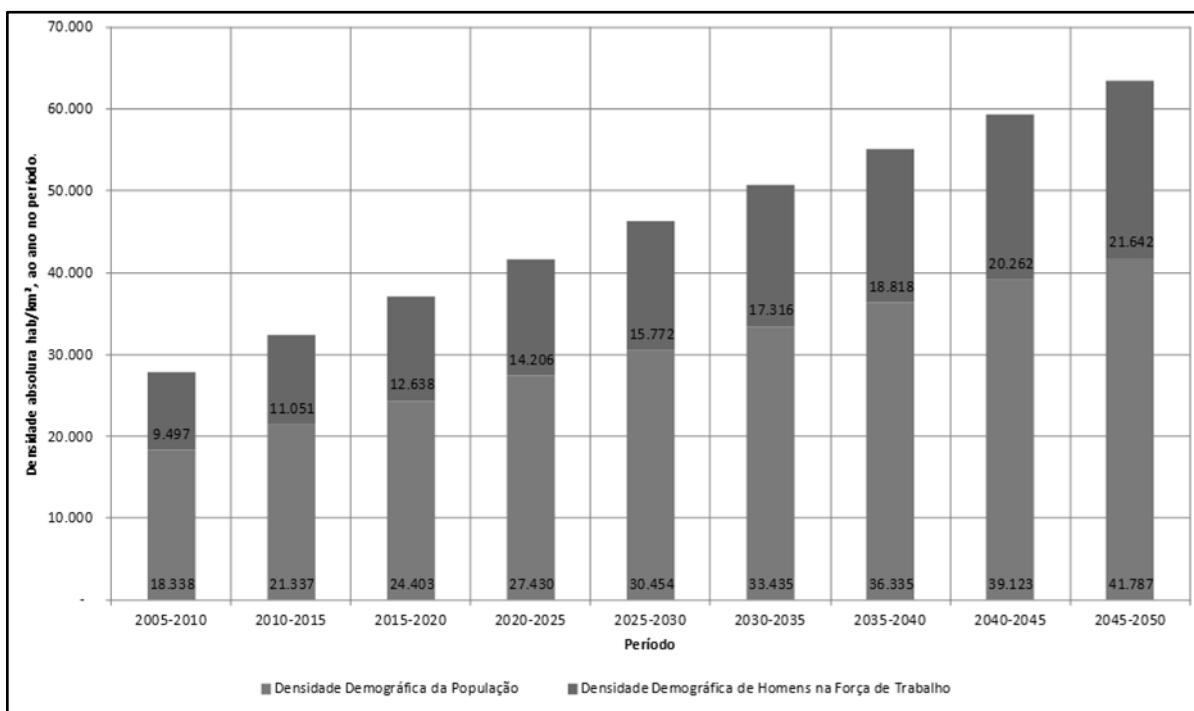
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

Se essa hipótese de utilização de armas de energia direta e de armas nucleares for plausível, a guerra irregular também ganha contornos diferenciados no século XXI. Cabul, capital do Afeganistão, oferece um exemplo consistente. Atualmente, existem mais de nove mil homens de quatorze a sessenta anos por quilômetro quadrado.¹⁸⁶ Os Estados Unidos da América colocam, em combate, um grupo de combate de setenta militares na mesma área. Relação consiste de cento e trinta e dois afegãos para cada militar norte-americano. Para 2050, a relação sobe para trezentos e sete trabalhadores de Cabul para cada estadunidense, porque a cidade terá cerca de vinte um mil homens por quilômetro quadrado. Grandes

¹⁸⁶ Atualmente, a densidade demográfica de Cabul consiste em 27.835 pessoas por km² (BATSON 2008: 24). A taxa de crescimento anual gira em torno de 1,84% (UNITED NATIONS, 2009).

contingentes urbanos imobilizados oferecem um obstáculo formidável para as tropas em campanha, desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O episódio de 1993 da queda do helicóptero norte-americano em Mogadíscio, Somália, demonstra a possibilidade de cenário dos conflitos vindouros. As cidades cooperam com a incapacidade das forças de combate de fazerem manobras. As cidades do século XXI seriam como as trincheiras da Primeira Guerra Mundial.

Gráfico 21 - Homens na Força de Trabalho em Cabul, Afeganistão.



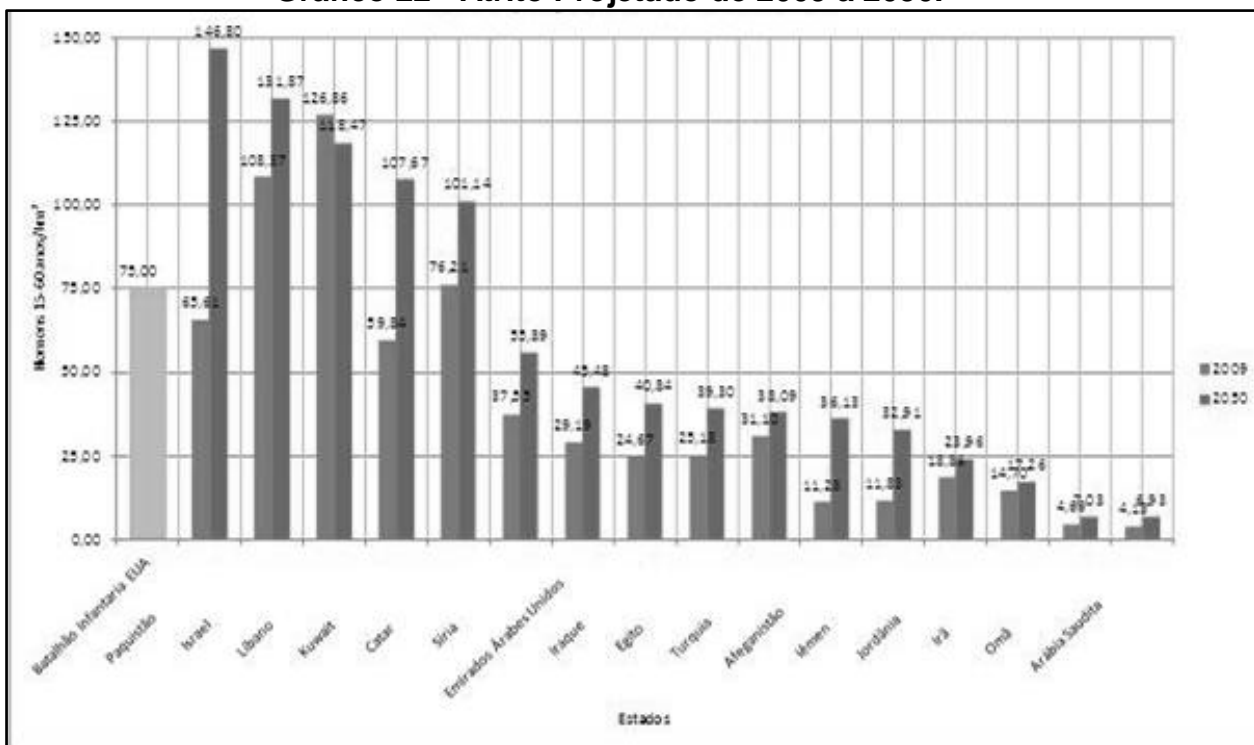
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de BATSON, 2008.

O Oriente Médio, apresenta um estado de beligerância contínua e foi utilizado como cenário para ilustrar outro fator importante do atrito. Atualmente, Israel consegue colocar cerca de cem pessoas da força de trabalho por quilômetro quadrado. Isto garante uma grande defesa do Estado frente aos inimigos regionais. Mesmo para 2050, os israelenses conseguirão manter a supremacia, frente ao Líbano, com cerca de cento e vinte pessoas.¹⁸⁷ No outro extremo, a Arábia Saudita saltará de cerca de quatro para quase sete pessoas por quilômetro quadrado. A

187 A Guerra de 2006, entre o *Hezbollah* e Israel, demonstrou novamente a importância das cidades para a defesa das tropas em combate (CORDESMAN,2006). Apesar da tecnologia militar israelense e de seu profissionalismo, a imobilidade das suas tropas e a ineficácia dos ataques aéreos, trouxe a derrota para Israel.

defesa saudita sempre foi periclitante e os aspectos demográficos reforçam a hipótese que o Iraque é o gendarme dos sauditas. O Iraque, com quarenta e cinco pessoas na força de trabalho por quilômetro quadrado para 2050, seria uma boa defesa contra vinte e três iranianos, caso haja um desenrolar dos problemas da região.

Gráfico 22 - Atrito Projetado de 2009 a 2050.



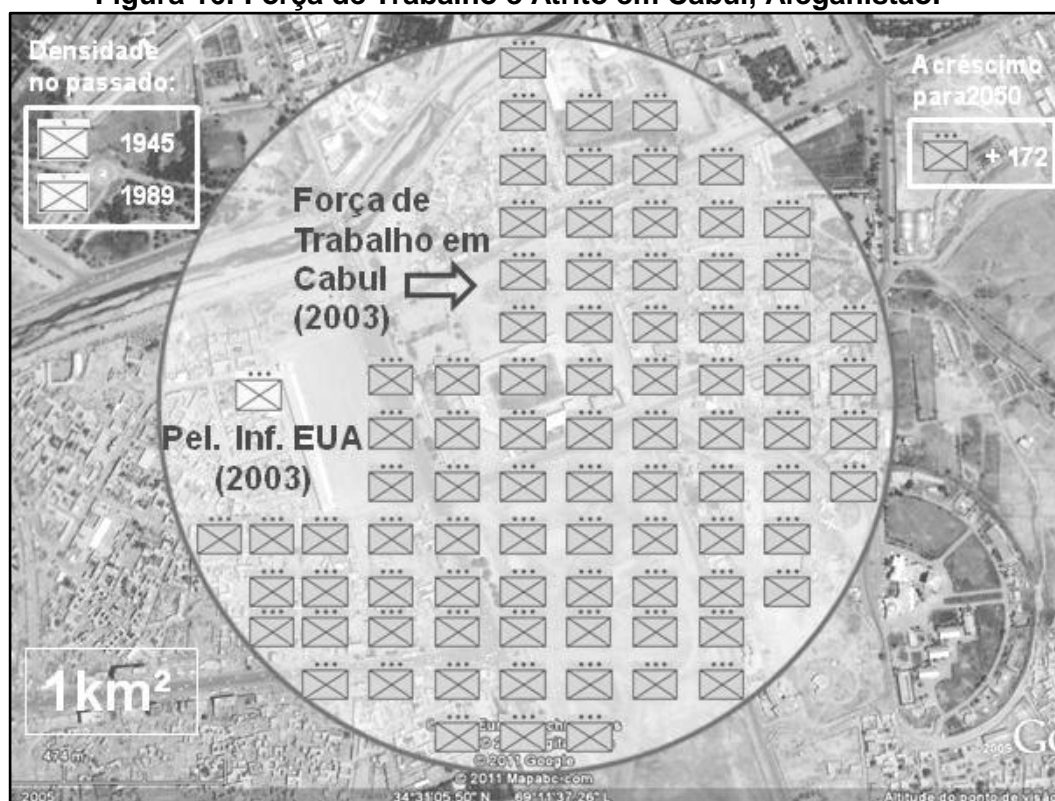
Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de UNITED NATIONS, 2009.

No âmbito da Ciência Política, na Cultura Cívica, surge a pergunta de qual motivo as sociedades mecânicas possuem maior capacidade na defesa, como o tipo de guerra mais forte para Clausewitz, contra sociedades orgânicas.¹⁸⁸ Suscita a hipótese que as mecânicas suportam os custos do atrito da guerra, tanto nas invasões convencionais quanto em conflitos irregulares. As transformações do Capitalismo e os recentes conflitos demonstram que os cidadãos de centros urbanos estão defendendo suas cidades e, dessa maneira, os exércitos nacionais estão com

¹⁸⁸ O questionamento aparece na relação entre renda per capita e estabilização da Democracia (PRZEWORSKI et al, 2000). Estados democráticos apresentam a tendência de possuir maior estabilidade na Política. Concomitantemente, Estados que ainda não consolidaram a Democracia apresentam tendência maior de entrar em conflitos, mas suportam melhor seus custos.

dificuldades de realizar operações por falta de conscritos. Desta maneira, a figura do guerreiro, na sociedade mecânica, pode continuar a guerra e não se sentir derrotado como os soldados de exércitos convencionais de sociedades orgânicas. Como exemplo, a Invasão Estadunidense do Iraque de 2003 demonstrou que o atrito ficou circunscrito a Bagdá. Notadamente, metade da população mundial vive nas cidades, atualmente, e muitos centros urbanos possuem mais população que muitos países, comparativamente (UNITED NATIONS, 2009). Por isso, a figura do insurgente islâmico toma força nesta conjuntura de mudança sistêmica.

Figura 16: Força de Trabalho e Atrito em Cabul, Afeganistão.



Fonte: elaborado pelo autor com dados extraídos de DUNNIGAN, 2003.

Talvez, explique a hipótese de Batson (2008), sobre taxa de fertilidade total e instabilidade política, demonstrando que o excesso de jovens também é quantidade de soldados para a guerra. Dependendo do conflito, tecnicamente, a intervenção estrangeira é caracterizada como guerra, mas aproxima-se de trabalho constabular, pelo lado do agressor. Os defensores, percebem que se trata de uma guerra assimétrica e reagem com a massa de combatentes. Como exemplo, um milhão de veteranos das forças armadas iraquianas, depois de trinta anos de guerra,

equivaleriam a oitenta e três mil grupos de combate de doze homens.¹⁸⁹ Os norte-americanos colocaram, em 2010, cento e vinte mil homens que compreenderia mil setecentos e quatorze grupos de combate de doze homens (IISS, 2011: 43a).

No futuro próximo, Estados com grandes contingentes populacionais serão arrastados para políticas de dissuasão nuclear de Estados que possuem armas nucleares, através de aproximações que desenvolvam acordos. Mesmo com a República Popular da China possuindo armas termonucleares, seu armamento estratégico é inferior ao da Rússia, por isso a comparação é válida. Respectivamente, indianos e estadunidenses oferecem a mesma comparação. Outro padrão fora estabelecido pelo acordo Brasil e França e, especulativamente, Nigéria e Grã-Bretanha.

Aparentemente, a hipótese que crise econômica mundial precede guerra sistêmica possui certa consistência (HOBBSAWN, 2005). A Crise Econômica Mundial da escassez de 1876 que originou a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a Crise da Superprodução de 1929 que foi um fator de curta duração da Segunda Guerra Mundial de 1939-1945 (NYE, 2002). Atualmente, no contexto de transição hegemônica e de formação de Estados continentais, a partir de países sob blocos econômicos, uma guerra sistêmica poderia reorganizar o sistema internacional (ARRIGHI, 2008). Hipoteticamente, seriam Rússia, China e Indonésia lutando contra Estados Unidos da América, Índia e Filipinas, respectivamente. Os territórios em disputa seriam o Pólo Norte, o Tibete, o Mar Amarelo e a África. Paradoxalmente, mesmo o Sistema Internacional buscando a reorganização em Estados continentais, futuramente, uma questão que o trabalho tentou despertar, dentro do Neo-Realismo Estrutural, seria o quanto as cidades com grande população estariam dispostas a lutar pelos seus respectivos Estados?¹⁹⁰ As mudanças demográficas não deixarão nenhum continente incólume. Aparentemente, a Anarquia que existe em nível sistêmico, poderia aparecer no nível de municipalidades, novamente.

189 Os trinta anos de guerra não foram ininterruptos. Compreenderiam a Primeira Guerra do Golfo (1980-1988), a Segunda Guerra do Golfo (1990-1991) e a Terceira Guerra do Golfo de 2003. Contudo, os Estados Unidos da América e aliados tinham a zona de exclusão aérea de 1991 a 2003. Atualmente, mesmo com a retirada oficial das tropas, existem contingentes militares estadunidenses no país.

190 A área de Tóquio compreenderia cerca de 32.000.000 de pessoas, sendo uma população maior de muitos países, comparativamente, a população atual do Iraque. Concomitantemente, existem, segundo a ONU, 13.000.000 de refugiados no mundo, o mesmo tamanho da população do Camboja.

O aumento do fluxo de imigrantes africanos na Eurásia, pode causar instabilidade no sistema internacional. Como exemplo, a tese abordou os problemas da taxa de fertilidade na região dos Grandes Lagos. A Segunda Guerra do Congo (2003) teve impacto para a África com a metade da população projetada para 2050. Especula-se o que acontecerá com as disputas religiosas na Nigéria, em 2100, quando o país poderá atingir cerca de setecentos e cinquenta milhões de habitantes, mantidas as taxas atuais de crescimento. Novamente, isto reforça a hipótese da aproximação da Grã-Bretanha que, pelo menos possuiria um contingente de apoio de trezentos e cinquenta milhões de cristãos.¹⁹¹

Esta polarização afetaria o Brasil, porque necessitamos da reposição de nossa força de trabalho. A perda de nossa força de trabalho projetada para 2050 é de dois milhões de pessoas, mas continuaríamos com sessenta milhões. Esta perda está tácita sob o bônus demográfico de 2020, onde teremos mais trabalhadores que a soma de dependentes, aparentemente, o Brasil não possui a necessidade imediata de reposição. Contudo, o Estado brasileiro por sua vez poderá, através de políticas de imigração consistentes, organizar o movimento espontâneo de trabalhadores oriundos de países que mantemos relações. Atualmente, o fluxo de pessoas vindas do Haiti, através do norte do país, ilustra o fenômeno. Os países da América do Sul somados terão para 2050, quarenta e oito milhões de pessoas a mais na força de trabalho, ou seja, importante recurso humano que o Brasil, na posição de quinta economia do mundo, poderá absorver e expandir.¹⁹²

O Brasil possui um legado do tipo de luta ibérico que consiste na artilharia protegida acrescida da massa de infantaria leve. Esta estrutura de longa duração vêm desde a Antiguidade, nos fundibulários das Ilhas Baleares, passando pelos arqueiros na Batalha de Aljubarrota (1385) e consolidando nas Linhas de Torres Vedras (1808-1809). O Brasil na Guerra do Paraguai (1865-1870), repetiu esse tipo de guerra ao mobilizar os batalhões de Voluntários da Pátria, suportados pelas canhoneiras da Marinha Imperial e da artilharia-revólver do Marechal Mallet. A capacidade do Brasil em fazer a guerra consiste na capacidade de mobilização desses trinta milhões de homens com capacidade de trabalho para o conflito. A

¹⁹¹ No passado, os nigerianos (1943-1945) lutaram na Birmânia compondo a 3ª Divisão de Infantaria Indiana, os Chindits do general Orde Wingate.

¹⁹² Serão 48.974.000 de sul-americanos a mais, na força de trabalho, para 2050 (UNITED NATIONS, 2009).

abolição da conscrição militar obrigatória colocaria, sobremaneira, a segurança do Brasil em perigo.¹⁹³ Concomitantemente, existe o risco de que esse contingente populacional seja utilizado como tropa por aliados.¹⁹⁴

As classificações dos conflitos, inexoravelmente, passam pelo controle da força de trabalho do adversário, diminuindo-a. As forças combatentes terrestres são geralmente compostas por grupos de combate de doze homens. A perda desses grupos destrói os recursos humanos para a luta e, conseqüentemente, a vontade de lutar (CLAUSEWITZ, 2003). O controle ou diminuição da força de trabalho do adversário constitui o objetivo das guerras na dimensão da infraestrutura.¹⁹⁵

Por mais recursos tecnológicos e econômicos que os Estados possuam, a quantidade de pessoas aptas para a luta ainda faz a diferença. Na estratégia, a perda das cidades de Hiroshima e Nagasáqui, pelo Japão, se levarmos em conta a sua importância populacional e econômica, os danos não destruiriam a capacidade dos japoneses de travarem a guerra. A derrota veio da percepção nipônica errônea que os norte-americanos possuíam mais armas nucleares (JERVIS, 1976).

O impacto das armas convencionais é mais profundo, entretanto, é mascarado pela velocidade de ocorrência das baixas. As perdas sofridas pela França na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) acabariam com a capacidade do país de repor suas tropas e possuir homens para a luta. Os governos franceses, depois de 1945, apostaram na capacidade das bombas atômicas de dissuadir um ataque convencional futuro dos alemães orientais (FREEDMAN, 2003: 38). Atualmente, os norte-coreanos estão adotando a mesma política de defesa.

Finalmente, a transição demográfica é um fenômeno recorrente na História. A diferença consiste na escala dos habitantes do planeta na escala de bilhões e seu alcance quando atinge todos os continentes. O presente trabalho abordou mudanças na Polaridade e Polarização no Sistema Internacional, oriundos de mudanças demográficas, tentando demonstrar que pode consistir uma estrutura dentro da

193 A tese reforça o conceito de dissuasão convencional do Gen. Golbery do Couto e Silva (COSTA, 1991).

194 Os franceses possuem a experiência de 150 anos da Legião Estrangeira Francesa (BRABY et al, 1985).

195 Dessa maneira, a diminuição e controle da força de trabalho inimiga é o objetivo do conflito, seja nuclear, biológico, químico, regular, assimétrico, irregular complexo, popular, local, insurgência, terrorismo, aeronaval, guerra civil, estático, entre outras classificações.

Teoria do Neo-Realismo Estrutural. Igualmente, o trabalho aponta para pesquisas que, futuramente, comecem a pensar a quantidade de população como um espaço de poder, tendo como exemplo, o espaço terrestre ou marítimo.

A História dos antigos hebreus demonstra a importância da força de trabalho. O mesmo povo que, diversas vezes, passara por migrações forçadas por questões climáticas ou invasões estrangeiras conseguiu, por diversas vezes montar um Estado.¹⁹⁶ A demonstração da consolidação de Israel demonstra a capacidade enorme de uma força de trabalho, saindo de campos de concentração nazistas na Europa. O país tornou-se uma potência regional, em duas décadas, com a vitória na Guerra dos Seis Dias (BUZAN e WÆVER, 2003).¹⁹⁷

Como na Antiguidade, “*E os filhos de Israel frutificaram, aumentaram muito, e multiplicaram-se, e foram fortalecidos grandemente; de maneira que a terra se encheu deles*” (Êxodo, 1:7). Inexoravelmente, a quantidade de população se revelou como um espaço de Poder para o Estado, ao mesmo tempo, constitui uma componente de ambos. As diferentes interações destes quantitativos populacionais formariam um relevo demográfico.

¹⁹⁶ Os Hebreus saíram do Egito no século XII a.C. e montaram um Estado na Palestina até 587a.C., quando foram cativos para a Babilônia. A segunda tentativa veio do retorno até 132 d.C., com a expulsão pelos romanos (BRIGHT, 1980). A terceira tentativa é estabelecida a partir de 17 de maio de 1948, com a independência do Estado de Israel (OREN, 2004).

¹⁹⁷ Os israelenses fizeram um ataque preventivo aos seus vizinhos islâmicos que destruiu as forças armadas que ameaçavam invadir o Estado de Israel em 1967 (OREN, 2004).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLCORN, William et al. *The Maginot Line, 1928-1939*. Oxford: Osprey Publishing, 2003.

ALEXANDER, John B. *Future War: non-lethal weapons in twenty-first-century warfare*. New York: Thomas Dunne Books, 1999. 264 p.

ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. *The Civic Culture*. Thousand Oaks: Sage Publications Inc., 1989.

AMBROSE, Stephen. **Soldados Cidadãos: do desembarque do Exército Americano nas Praias da Normandia à Batalha das Ardenas e à Rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945**/Stephen E. Ambrose; tradução, Milton Chaves de Almeida – 7ª ed. – Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2008.

ANDREW, Stephen e THOMAS, Nigel. *The German Army 1939-1945(1) Blitzkrieg*. Oxford: Osprey Publishing, 1997.

_____. *The German Army 1934-45(4): Eastern Front 1943-45*. Oxford: Osprey Publishing, 1999.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. Brasília, Editora UnB, 1986a. 928 p. 2ª edição.

_____. **Estudos Políticos**. Brasília, Editora UnB, 1985. 562 p.

_____. **Pensar a guerra, Clausewitz: A Era Européia**. (Tomo I). Brasília, Editora UnB, 1986b, 415p.

_____. **Pensar a guerra, Clausewitz: A Era Planetária**. (Tomo II). Brasília, Editora UnB, 1986c. 322p.

ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**. São Paulo, Ed. UNESP, 1994. 393 p.

_____. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ART, Robert e WALTZ, Kenneth. [editors]. *The Use of Force: Military Power and International Politics*. New York, Rowman e Littlefield, 1999.

AVILA, Fabrício S.; MARTINS, J.; CEPIK, Marco. **Armas estratégicas e poder no sistema internacional: o advento das armas de energia direta e seu impacto potencial sobre a guerra e a distribuição multipolar de capacidades**. Contexto int., Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, Apr. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292009000100002&lng=en&enrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2013.

BAHMANYAR, Mir. *Afghanistan Cave Complexes 1979-2004: mountain strongholds of the Mujahideen, Taliban e Al-Qaeda*. Oxford: Osprey Publishing, 2004.

BAQUERO, Marcelo. **A Pesquisa Quantitativa nas Ciências Sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

BARAN, David. *L'Etat-Major de Saddam Hussein*. Paris: Ifri, 2003.

BARKER, Kenneth W. *Airborne And Space-Based Lasers: An Analysis of Technological and Operational Compatibility*. Occasional Paper No. 9, Center for

Strategy and Technology Air War College, Air University, Montgomery (Alabama): Maxwell Air Force Base, Alabama, June 1999, 42 pp.

BARTHORP, Michael e BURN, Jeffrey. ***Indian Infantry Regiments, 1860-1914***. Oxford: Osprey Publishing, 1979.

BARTHORP, Michael e TURNER, Pierre. ***The Old Contemptibles***. Oxford: Osprey Publishing, 1989.

BATSON, Douglas. ***Registering the Human Terrain: a valuation of cadastre***. Washington: National Defense Intelligence College Press, 2008

BAYLIS, John e WIRTZ, James e COHEN, Eliot e GRAY, Colin. [editors]. ***Strategy in the Contemporary World: An introduction to Strategic Studies***. Oxford-UK, Oxford University Press, 2006.

BAYLIS, John e SMITH, Steve. ***The Globalization of World Politics***. 2nd. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BEASON, Doug. ***The E-Bomb: how America's new directed energy weapons will change the way future wars will be fought***. Cambridge, Da Capo Press, 2005. 256 p.

BERHOW, Mark e Taylor, Chris. ***US Strategic and Defensive Missile Systems, 1950-2004***. Oxford: Osprey Publishing, 2005.

BERKOWITZ, Bruce. ***The New Face of War: How war will be fought in the 21st century***. New York: The Free Press, 2003, 269 p.

BETTS, Richard [editor]. ***Conflict after the Cold War: Arguments on Causes of War and Peace***. New York, Longman, 2002.

_____. ***A Nuclear Golden Age? The Balance Before Parity***. International Security, The MIT Press Vol. 11, No. 3. (Winter, 1986-1987), 33p. (On-line). <http://links.jstor.org/journals/mitpress.html>

BIN, Li. ***Paper Tiger with Whitened Teeth***. *China Security*, Autum 2006, pp. 78 – 90.

BIN, Yu: ***What China Learned form its "Forgotten War" in Korea***. In.: RYAN, Mark; FINKELSTEIN, David e McDEVITT, Michael. *Chinese Warfighting: the PLA experience since 1949*. Armonk: M. E. Sharpe, 2003. P. 123-143

BLAIR, Bruce e YALI, Chen. ***The Fallacy of Nuclear Primacy***. *China Security*, Autum 2006, pp. 51 – 78.

BOBBIO, Norberto (et alli). ***Dicionário de Política***. Brasília: Editora da UNB, 1986.

BONAVIDES, Paulo. ***Ciência Política***. (14^a ed.) São Paulo: Malheiros, 2007.

BONEY, Richard. ***The Thirty Years War, 1618-1648***. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

BOUCHARD, G. e LAMONDE, Y. ***La Nation Dans Tus Ses États: le Québec en comparaison***. Montréal: Harmmatan, 1997.

BRABY, Wayne; LYLES, Kevin e WINDROW, Martin. ***French Foreign Legion Paratroops***. Oxford: Osprey Publishing, 1985.

BRANDS, Hal. ***Dilemmas of Brazilian Grand Strategy***. Carlisle: Strategic Studies Institute Publications, 2010.

- BRASIL. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, 2008.
- BRAYBROOK, R. (Org). **Battle for Falklands (3) Air Forces**. Oxford: Osprey Publishing, 1990.
- BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 1980. 2ª Edição
- BRNARDIC, Vladimir e PAVLOVIC, Darco. **Imperial Armies of the Thirty Years'War (1): Infantry and Artillery**. Oxford: Osprey Publishing, 2009.
- BRODIE, Bernard. **The Anatomy of Deterrence**. *World Politics*, XXVI (January 1974).
- BROWN, Michael E. [et al]. [editors]. **Theories of war and peace: an international security reader**. Cambridge-MA, MIT Press, 2000.
- BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- BUJEIRO, Ramiro e JURADO, Carlos. **The German Freikorps 1918-23**. Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- BUNN, George e CHYBA, Christopher F. **U.S. Nuclear Weapons Policy: Confronting Today's Threats**. Brookings Institution Press, 2006.
- BUZAN, Barry e WÆVER, Ole. **Regions and Powers: the structure of International Security**. Cambridge-UK, Cambridge University Press, 2003. 564 páginas
- CALOW, Robert e ZALOGA, Steven. **V-2 Ballistic Missile 1942-52**. Oxford: Osprey Publishing, 2003.
- CHANDRAN, Suba. **Limited War: revisiting Kargin in the indo-pak conflict**. New Dehli: India Research Press, 2005
- CHAPPEL, Jeffrey e FOWLER, Mike. **Axis Cavalry in World War II**. Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- CHAPPEL, Michael e LAFFIN, John. **Arab Armies os Middle East Wars, 1948-1973**. Oxford: Osprey Publishing, 1982.
- CHARTRAND, René e Younghusband, Bill. **The Portuguese Army of Napoleonic Wars (2)** Oxford: Osprey Publishing, 2000.
- CHARTAND, René. **Louisbourg – 1758: Wolfe's first siege**. Osprey Publishing, 1998. 94 págs.
- _____. **French Fortresses in North America (1535-1763): Québec, Montreal, Louisbourg and New Orleans**. Oxford: Osprey Publishing, 2005. 64 págs.
- _____. **Ticonderoga – 1758: Montcalm's victory against all odds**. Oxford: Osprey Publishing, 2000. 96 págs.
- _____. **French Army in the American War of Independence**. Oxford: Osprey Publishing, 1998. 47 págs.
- _____. **Colonial American Troops 1610 – 1774 (2)**. Oxford: Osprey Publishing, 2002. 48 págs.
- CHUN, Clayton e Taylor, Chris. **Defending Space: US anti-satellite warfare and space weaponry**. Oxford: Osprey Publishing, 2006.

- CIMBALA, Stephen. ***Nuclear Weapons and Strategy: the evolution of American Policy***. Routledge, 2005.
- CLAPHAM, Christopher, HERBST, Jeffrey e MILLS, Gregg. (Orgs.) ***Big African States***. Joanesburgo: Wits University Press, 2006.
- CLAUSEWITZ, Carl von. ***Da Guerra***. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CORDESMAN, Anthony H. e WAGNER, Abraham R. ***Lessons of Modern War: Volume IV (The Gulf War)***. Boulder-CO, Westview Press, 1999.
- CORDESMAN, Anthony H. ***Iran, Israel, and Nuclear War***. Washington: CSIS, 2007. (on-line) <http://www.csis/burke> Acesso em 01 abr. 2007.
- _____. ***Preliminary "Lessons" of the Israeli-Hezbollah War***. Washington-D.C. CSIS - Center for Strategic and International Studies, 2006.
- _____. ***The War after the War: strategic lessons of Iraq and Afghanistan***. Washington-D.C, CSIS - Center for Strategic and International Studies, 2004. 73 p.
- COSTA, Wanderley. ***Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder***. (2ª Ed.) São Paulo: Editor da Universidade de São Paulo, 1991.
- COULLON, Jean-Claude. ***Les Leçons de la Guerre du Golfe***. In.: *L'Année Stratégique*, 1992.
- CRAIG, Gordon e GEORGE, Alexander. ***Force and Statecraft***. New York, Oxford University, 1990.
- CREVELD, Martin van. ***Command in War***. Cambridge-MA, Harvard University Press, 1985.
- _____. ***Nuclear Weapons and the Proliferation of Conflict***. New York, Free Press, 1993.
- _____. ***Supplying war: logistics from Wallerstein to Patton***. Cambridge, UK, Cambridge University Press, 1977.
- _____. ***Technology and war: from 2000 BC to the present***. New York, The Free Press, 1989.
- _____. ***The Transformation of War***. New York, Free Press, 1991.
- CROWDY, Terry. ***French Resistance Warrior: France's secret army***. Londres: Osprey Publishing, 2007.
- CURRY, Anne. ***The Hundred Years War (1337-1453)***. Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- CURTIS, Bruce. ***The Politics of Demography***. In.: GOODIN, Robert e TILLY, Charles. *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 619-635
- DAHL, Robert. ***Sobre a Democracia***. Brasília: Editora da UNB, 2009.
- DAVIS, Mike. ***O Imperialismo Nuclear e Dissuasão Extensiva***. In.: *Exterminismo e Guerra Fria*. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985. p. 59-96.
- DELF, Brian e HENRY, Chris. ***British Napoleonic Artillery (1793-1815): Field Artillery (1)***. Oxford: Osprey Publishing, 2002.

DEPARTMENT OF DEFENSE. **1998 Army Science And Technology Master Plan** (On-line) <http://www.fas.org/man/dod-101/army/docs/astmp98/index.html> (29/08/2006).

_____. **North Korea Country Handbook**. Quantico: Marine Corps Intelligence Activity, 1997.

_____. **Iraq Country Handbook**. Quantico: Marine Corps Intelligence Activity, 2000.

DIA. **PLA Handbook**. Washington: DIA, 1984.

DINIZ, Eugênio. **Da teoria à análise política: guerra do Iraque ou do reordenamento unipolar?** *Cena Internacional*, ano 7, nº 2. 2005. pp. 4-27.

DINGLI, Shen. **North Korean's Strategic Significance to China**. In: *China Security*, Autumn 2006, pp. 19 – 35.

DMD. **Defense Manpower Data Center: Reserve Status and Branch of Service**. <https://www.dmdc.osd.mil/appj/dwp/reports.do?category=reportsesubCat=milActDutReg> (On-line) Acesso em 15 dez. 2011.

DOUGHERTY, James E. and PFALTZGRAFF, Robert L. Jr.. **Contending Theories of International Relations: A Comprehensive Survey**. New York, Longman, 2000.

DRURY, Ian. e EMBLETON, A. **German Stormtrooper 1914-1918**. Oxford: Osprey Publishing, 1995.

DUNNIGAN, James F. **How To Make War**. New York: Quill, 1993.

_____. **How To Make War: A Comprehensive Guide To Modern Warfare in The 21st Century**, (Fourth Edition). New York, Quill, 2003, 659 p.

DUSTAN, Simon e LYLES, Kevin. **The Yom Kippur War (2): the Sinai**. Oxford: Osprey Publishing, 2003.

EMBLETON, G; FOSTEN, D. e MARRION, R. **The German Army, 1914-1918**. Oxford: Osprey Publishing, 1978.

EMBLETON, G. e DOUGLAS, Miller. **The Landsknechts**. Oxford: Osprey Publishing, 1976.

EMBLETON, G. e MICHAEL, Nicholas. **Armies of Medieval Burgundy 1364-1477**. Oxford: Osprey Publishing, 1973.

EMBLETON, G. e WISE, Terence. **Medieval European Armies**. Oxford: Osprey Publishing, 1975.

ELMAN, Colin e ELMAN, Miriam. **Progress in International Relations Theory**. Cambridge: MIT Press, 2003.

ÊXODO. In: **A BÍBLIA: tradução ecumênica**. São Paulo: Paulinas, 2002.

FARIA, Luiz. **A Chave do Tamanho: desenvolvimento econômico e perspectivas do Mercosul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/FEE, 2004.

FEATHERSTONE, Don. **Khartoum, 1995: General Gordon's Last Stand**. Oxford: Osprey Publishing, 1993.

FERRO, Marc. **O Choque do Islã: séculos XVIII e XXI**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2008.

- FISHER, Todd. ***The Napoleonic Wars (1): the rise of the emperor 1805-1807.*** Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- FLETCHER, Ian e YOUNGHUSBUND, Bill. ***The Lines of Torres Vedras, 1809-1811.*** Oxford: Osprey Publishing, 2003.
- FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil.** 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- FOSSAERT, Robert. ***El Mundo em el Siglo XXI: uma teoria de los sistemas mundiales.*** Mexico: Siglo XXI, 1994.
- FREEDMAN, Lawrence. ***Kennedy Wars: Berlin, Cuba, Laos, Vietnam.*** New York: Oxford University Press, 2000.
- _____. ***Deterrence.*** Cambridge: Polity Press, 2003.
- FREMONT-BARNES, Gregory. ***The Napoleonic Wars (3): the Peninsular War 1807-1814.*** Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- _____. ***The Napoleonic Wars (4): the fall of the French Empire 1813-1815.*** Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- FREEMAN, Gary. ***Politics and Mass Immigration.*** In.: GOODIN, Robert e TILLY, Charles. *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis.* New York: Oxford University Press, 2006. p. 636-648
- GARCIA, Eugênio. ***O Brasil e a Liga das Nações (1919-1926): vencer ou não perder.*** 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- GARTHOFF, Raymond. ***A Doutrina Militar Soviética.*** Rio de Janeiro: BIBLIX, 1957.
- GARVER, John. ***Protracted Contest: Sino-Indian Rivalry in the Twentieth Century.*** Seattle: University of Washington Press, 2001.
- GEORGE, Alexander L. ***Forceful Persuasion: Coercive Diplomacy as an Alternative to War.*** Washington-DC, USIP Press, 1992.
- GIDDENS, Anthony. ***O Estado-Nação e a Violência.*** São Paulo: EdUSP, 2001, 377 p.
- GILPIN, Robert ***O desafio do capitalismo global: a economia mundial no século XXI.*** Rio de Janeiro: Record, 2004. 494 p.
- _____. ***A economia política das relações internacionais.*** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. 492 p.
- _____. ***Political Economy : understanding the international economic order.*** Princeton : Princeton University Press, 2001. 423 p.
- _____. ***The political economy of international relations.*** Princeton : Princeton University Press, 1987. 449 p.
- Glasstone, Samuel, e Dolan, Philip. ***The Effects of Nuclear Weapons.*** 3ª edição. Washington: U.S. Government Printing Office, 1977. 644p. (on-line) <http://www.princeton.edu/~globsec/publications/effects/effects.shtml> Acesso em 06 jun. 2013.
- GRAHAM Jr., Thomas. ***Common Sense on Weapons of Mass Destruction.*** Seattle-WA, University of Washington Press, 2004.

- GRAY, Colin. **Clausewitz Rules OK? The future is the past, with GPS.** In Cox, Michael Booth, Ken and Dunne, Tim [eds.]. *Interregnum: Controversies in World Politics, 1989-1999*. Cambridge-UK, Cambridge University Press, 1999 pp. 161-182.
- GRAY, Randal. **Kaiserschlacht 1918: the final German offensive.** Oxford: Osprey Publishing, 2000.
- GUDMUNDSSON, Bruce. **The British Expeditionary Force 1914-15.** Oxford: Osprey Publishing, 2005.
- GUNSTON, Bill. **Foguetes e mísseis da III Guerra Mundial.** Rio de Janeiro, Editora Ao Livro Técnico S.A., 1984. 192p.
- HARKAVY, Robert e NEUMAN, Stephanie. **Warfare and the Third World.** New York-NY, Palgrave, 2001.
- HEATH, Ian e PERRY, Michael. **The Sikh Army, 1799-1849.** Oxford: Osprey Publishing, 2005.
- _____. **The North West Frontier, 1837-1901.** Oxford: Osprey Publishing, 1999.
- HENRY, Chris. **British Napoleonic Artillery 1793 – 1815 (2): siege and coastal artillery.** Oxford: Osprey Publishing, 2003. 47 págs.
- _____. **Napoleonic Naval Armaments 1792 – 1815.** Oxford: Osprey Publishing, 2004. 48 págs.
- HERBST, Jeffrey. **Population Change, Urbanization, and Political Consolidation.** In.: GOODIN, Robert e TILLY, Charles. *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 649-663
- HOLLINS, David. **Austrian Napoleonic Artillery 1792 – 1815.** Oxford: Osprey Publishing, 2003. 47 págs.
- HOBBSAWN, Eric. “A história britânica e os Annales: um comentário” (1978). In: _____. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- _____. **A Era dos Impérios (1875 - 1914).** São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- _____. **A Era dos Extremos. O breve séc. XX.. 1914-1991.** São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- _____. **A Era das Revoluções (1789-1848) (22ª ed.)** São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- HOFCHRÖER, Peter. e FOSTEN, Brian. **Prussian Light Infantry 1792-1815.** Oxford: Osprey Publishing, 1995.
- HOFCHRÖER, Peter. e HOOK, Christa. **Prussian Specialist Troops 1791-1815.** Oxford: Osprey Publishing, 2003.
- HOLLOWAY, David. **Stalin e a Bomba.** Rio de Janeiro, Record, 1997, 602 p.
- HOOK, Adam e ROBERT, Keith. **Pike and Shot Tactics, 1590-1660.** Oxford: Osprey Publishing, 2010.
- HUNTINGTON, Samuel P. **Why International Primacy Matters.** *International Security*, The MIT Press Vol. 17, No. 4. (Spring, 1993), pp. 68-83.
- _____. **Clash of Civilizations and the Remaking of World Order.** New York: SIMON e SCHUSTER, 2010.

- IAEA. **Nuclear Non-Proliferation Treaty (NPT)**. Genebra, 1970.
- IISS. **The Military Balance, 2005**. Londres: Routledge, 2006.
- _____. **The Military Balance, 2006**. Londres, Routledge, 2007.
- _____. **The Military Balance, 2010**. Londres, Routledge, 2011.
- ISBY, David. **Russia's War in Afghanistan**. Oxford: Osprey Publishing, 1986.
- JANE'S. **Directed Energy Weapons And Sensors**. China's Aerospace And Defence Industry december 01, 2000. Chapter Eight. Jane's Information Group. (*On-line*). www.janes.com. Jane's Chem-bioweb,
- JERVIS, Robert. **Deterrence Theory Revisited**. *World Politics*, XXXI (April 1979).
- _____. **Cooperation under the Security Dilemma**. *World Politics*, vol 30, no 2, Janeiro, 1978. p. 167-214.
- _____. **American foreign policy in a new era**. New York: Routledge, 2005. 184 p.
- _____. **System effects : complexity in political and social life**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1997. 309 p.
- _____. **Perception and misperception in international politics**. New Jersey : Princeton University Press, 1976. 445 p.
- JOHNSON, Michael G. **American Woodland Indians**. Oxford: Osprey Publishing, 1995. 47 págs.
- _____. **Tribes of Iroquois Confederacy**. Oxford: Osprey Publishing, 2003. 48 págs.
- JOHNSON, Douglas. **The root causes of Sudan's Civil Wars**. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- JRAMCHIJIN, Alexandr. **Defensa Antimisiles de EEUU: retos virtuales y reales**. Moscú: RIA Novosti, 23/04/2007. <http://sp.rian.ru/analysis/20070423/64185317.html>. Acesso em 28 abr. 2007.
- KAHN, Hermann. **A Escalada**. Rio de Janeiro, Bloch Editores S.A. 1969, 459 p.
- KATCHER, Philip. **The American Provincial Corps (1775-1784)**. Oxford: Osprey Publishing, 1973. 40 págs.
- KARAVÁEV, Alexandr. **Moratoria Sobre El Cumplimiento Del Tratado Face: ¿Una reacción a la DAM en Europa?** Moscú: RIA Novosti. 08/05/2007. (*On-line*). <http://sp.rian.ru/analysis/20070508/65108432.html> Acesso em 11 mai. 2007.
- KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S.; HOFFMANN, Stanley. **After the Cold War**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- KERTZER, David e AREL, Dominique. **Population Composition as an Object of Political Struggle**. In.: GOODIN, Robert e TILLY, Charles. *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 664-680
- KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves/Universidade, 1999. 1005 p.
- _____. **Mis Memórias**. Buenos Aires: Atlântida, 1979. 1040 p.
- KNIGHT, Ian. **The Zulus**. Londres: Osprey Publishing, 1989. 48 págs.

- KOPP, Carlo. ***The Electromagnetic Bomb: a Weapon of Electrical Mass Destruction***. Air University Maxwell Air Force Base, 1995. (On-line). <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/kopp/apjemp.html> Acesso em 29 nov. 2006.
- KONSTAM, Angus e BRYAN, Tony. ***Confederate Ironclad 1861-1865***. Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- _____. ***Union River Ironclad, 1861-1865***. Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- KONSTAN, Angus. ***Russian Army of the Seven Years War (2)***. Londres: Osprey Publishing, 2003.
- _____. ***The Pirate Ship 1660-1730***. Londres: Osprey Publishing, 1996.
- _____. ***The Pirates 1660-1730***. Londres: Osprey Publishing, 2004.
- KRASNER, Stephen D. ***International Regimes***. Ithaca: Cornell University Press, 1983.
- KRISTENSEN, Hans. ***Korea and U.S. Nuclear Weapons***. September 28, 2005. (On-line). <http://www.nukestrat.com/korea/indexkorea.htm> Acesso em 01 abr. 2007.
- _____. (Org). ***Chinese Nuclear Forces and U.S. Nuclear War Planning***. Washington-D.C. Federation of American Scientists, 2006, 249 p. Disponível em: www.nukestrat.com/china/chinareport.htm (06/05/2007).
- _____. ***US Nuclear Weapons in Europe: a Review of Post-War Policy, Force Levels, War Planing***. Natural Resources Defense Council, 2005.
- LAKATOS, Imre. ***História da Ciência e suas Reconstruções Racionais***. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LAURIER, Jim e ZALOGA, Steven. ***V-1 Flying bomb 1942-52: Hitler's infamous "doodlebug"***. Oxford: Osprey Publishing, 2005.
- LAURIER R.; et al. ***Scud Ballistic Missile and Launch Systems, 1955 -2005***. Oxford: Osprey Publishing, 2006.
- LEVINE, David. ***Why and How Population Matters***. In.: GOODIN, Robert e TILLY, Charles. *The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis*. New York: Oxford University Press, 2006. p. 597-618
- LAVOY, Peter et al. ***Planning the Unthinkable: how new powers will use nuclear, biological, and chemical weapons***. Ithaca-NY, Cornell University Press, 2000.
- LEWER, Nick e SCHOFIELD, Steven. ***Non-Lethal Weapons: A Fatal Attraction? Military Strategies and Technologies for 21st Century Conflict***. Zed Books, 1997.
- LEWER, Nick. ***The Future of Non-lethal Weapons: Technologies, Operations, Ethics and Law***. Routledge, 2002.
- LIANGUI, Zhang. ***Coping With a Nuclear North Korea***. In: *China Security*, Autumn 2006, pp. 2 – 18.
- LIEBER, Keir e PRESS, Daryl. ***The End of MAD? The Nuclear Dimension of U.S. Primacy***. *International Security*, vol. 30, No 04 (Spring 2006), pp. 7-44.
- LIMA, M. e HIRST, M. (Orgs.) ***Brasil, Índia e África do Sul: desafios e oportunidades para novas parcerias***. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

- LIND, William S. et al. ***The Changing Face of War: Into the Fourth Generation***. Marine Corps Gazette, October 1989, Pages 22-26. (On-line). http://d-n-i.net/fcs/4th_gen_war_gazette.htm Acesso em 21 nov. 2006.
- LITTLEJOHN, David e VOLSTAD, Ron. ***The SA 1921-1945: Hitler's Stormtroopers***. Oxford: Osprey Publishing, 1990.
- LOMAS, David. ***Mons 1914: the BEF's tactical triumph***. Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- MackENZIE, Donald. ***Inventing Accuracy: An Historical Sociology of Nuclear Missile Guidance***. Cambridge-MA, MIT University Press, 1990.
- MANSFIELD, Peter. ***Nasser e o Nasserismo***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- MARSTON, Daniel. ***The Seven Years'War***. Oxford: Osprey Publishing, 2001. 95 págs.
- _____. ***The French Indian War (1754-1760)***. Oxford: Osprey Publishing, 2002. 95 págs.
- MARX, Karl. ***A Ideologia Alemã***. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MARTIN, William e GERRARD, Howard. ***Verdun 1916: they shall not pass***. Oxford: Osprey Publishing, 2001.
- MARZO, Marco e ALMEIDA, Silvio. ***A Evolução do Controle de Armas Nucleares: desarmamento e não-proliferação***. Rio de Janeiro, editora Ciência Moderna, 2006. 223p.
- MASTANDUNO, Michael. ***Preserving the Unipolar Moment: Realist theories and U.S. Grand Strategy after the Cold War***. *International Security*, 21(4) (Spring 1997).
- MAY, Robin. ***Wolfe's Army***. Oxford: Osprey Publishing, 1995. 48 págs.
- McNEILLY, Marc. ***Sun Tzu e A Arte da Guerra Moderna***. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002.
- McLAUGHING, Mark G. ***The Wild Geese***. Londres: Osprey Publishing, 1980. 40 págs.
- MEARSHEIMER, John J. ***The tragedy of great power politics***. W.W. Norton, 2001.
- MIDLARSKY, Manus. [ed.]. ***Handbook of War Studies II***. Ann Arbor-MI, University of Michigan Press, 2000.
- MILLER, Douglas e EMBLETON, G. ***Swiss at War (1300-1500)*** 9ª ed. Oxford: Osprey Publishing, 1995.
- MIKULAN, K (Org). ***The Yugoslav Wars (1): Slovenia e Croatia 1991-1995***. Oxford: Osprey Publishing, 2006.
- MOREMAN, Tim. ***British Commandos 1946-46***. Oxford: Osprey Publishing, 2006.
- MORGENTHAU, Hans J. ***A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz***. Brasília, DF: Editora da Unb, 2003.
- MORRISSEY, Brendan. ***Boston – 1775: the shot heard around the world***. Oxford: Osprey Publishing, 2000. 96 págs.

_____. **Monmouth Courthouse - 1778: the last great battle in the North.** Oxford: Osprey Publishing, 2004. 96 págs.

_____. **Quebec – 1775: The American invasion of Canada.** Oxford: Osprey Publishing, 2003. 96 págs.

_____. **Saratoga – 1777: the turning point of a revolution.** Oxford: Osprey Publishing, 2000. 100 págs.

NASSER, Gamal Abdel. **A Revolução no Mundo Árabe.** São Paulo: EDARLI, 1963

NEVILLE, Leigh. **Special Operation Forces in Iraq.** Oxford: Osprey Publishing, 2008.

NICHOLSON, J. e ROFFE, Michael. **The Gurkha Rifles.** Oxford: Osprey Publishing, 1974.

NICHOLE, David. **Armies of Medieval Russia (750-1250).** Oxford: Osprey Publishing, 1999.

NUSINOVICH, Gregory. **Modern Microwave and Millimeter-Wave Power Electronics.** Wiley-IEEE Press, 2005.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Ó BRÓGÁIN, Sean e YELTON, David. **Hitler's Home Guard: Volksturmman.** Oxford: Osprey Publishing, 2006.

O'CONNELL, Robert L. **História da guerra: Armas e homens.** Lisboa: Ed. Teorema, 1989.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Brasil e França assinam acordo na área de defesa de € 6 bi** <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,brasil-e-franca-assinam-acordo-na-area-de-defesa-de-6-bi,298251,0.htm> Acesso em 09 jun. 2011.

ONU. **Carta das Nações Unidas.** Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_carta.php> Acesso em 14 mai. 2006.

OREN, Michael B. **Seis Dias de Guerra: junho de 1967 e a formação do moderno Oriente Médio.** – Tradução: Pedro Jorgensen Jr.- 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

OZU, Hajime **The Illustrated Encyclopedia of World's Missile Systems, 1996.** (On-Line). <http://missile.index.ne.jp/cgi/misearch.cgi> Acesso em 05 set. 2006.

PAIVA, Paulo. e WAJNMAN, Simone. **Das causas às conseqüências econômicas da transição demográfica no Brasil.** Rev. bras. estud. popul., São Paulo, v. 22, n. 2, Dec. 2005 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0102- Acesso em 01 nov. 2013.

PARKER, Geoffrey [ed.]. **Illustrated History of Warfare.** Cambridge-UK, Cambridge University Press, 1998.

PATRIOTA, Antonio de A. **O Conselho de Segurança após a Guerra do Golfo: a Articulação de um Novo Paradigma de Segurança Coletiva.** Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

- PENNINGS, Paul et al. ***Doing Research in Political Science: comparative methods and statistics***. Londres, Sage, 2003.
- PETERS, Guy. ***Institutional Theory in Political Science***. Londres: Pinter, 1999.
- PFALTZGRAFF, Robert L. Jr. e SHULTZ, Richard H. Jr. ***War in Information Age: New Challenges for U.S. Security***. Washington/Londres: Brassey's, 1997
- PIKE, John. ***Nuclear Posture Review: extract from the 1995 Annual Defense Report***. http://www.globalsecurity.org/wmd/library/policy/dod/95_npr.htm (16/04/2009)
- POUPÉE, Karyn. ***Nascem as armas eletromagnéticas***. <http://diplo.uol.com.br/2003-02,a565> Acesso em 22 jun. 2006.
- POWELL, Robert. ***Stability and distribution of Power***. World Politics, No. 48. (January, 1996). p.239-267.
- PRESTON, Bob. ***Space Weapons, Earth Wars***. RAND Corporation, 2002.
- PROENÇA Jr., Domício. DINIZ, Eugênio. RAZA, Salvador Ghelfi. ***Guia de Estudos de Estratégia***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1999. 186 p.
- PRZEWORSKI, Adam, ALVAREZ, Michael, CHEIBUB, José e LIMONGI, Fernando. ***Democracy and Development: political institutions and well-being in the world, 1950-1990***. Cambridge: The Press Syndicate of the University of Cambridge, 2000.
- PRZEWORSKI, Adam; CHEIBUB, José Antônio; LIMONGI, Fernando. ***Democracia e cultura: uma visão não culturalista***. Lua Nova, São Paulo, n. 58, 2003. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000100003&lng=en&nrm=iso Último acesso em 01 nov 2012.
- QUEIROZ, Bernardo e TURRA, Cassio. L. ***Window of Opportunity: socioeconomic consequences of demographic changes in Brazil***. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2010.
- RAJAIN, Arpit. ***Nuclear Deterrence in Southern Asia: China, India and Pakistan***. New Delhi, Sage, 2005.
- RAPPERT, Brian. ***Non-lethal Weapons as Legitimizing Forces: Technology, Politics and the Management of Conflict***. Routledge, 2003.
- RAUDZENS, George. ***War-winning weapons: the measurement of technological determinism in military history***. *Journal of Military History*, vol. 54 (October 1990). p 403-433.
- REID, Stuart. ***Wellington's Army in The Peninsula, 1809-1814***. Oxford: Osprey Publishing, 2004.
- _____. ***Quebec – 1759: the battle that won Canada***. Oxford: Osprey Publishing, 2003. 96 págs.
- _____. ***18th Century Highlanders***. Oxford: Osprey Publishing, 1993. 46 págs.
- RENOUVIN, Pierre. ***Introdução à História das Relações Internacionais***. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- RENSHON, Jonathan. ***Mirroring Risk: the Cuban missile estimation***. In.: *Intelligence and National Security*. Vol. 24, nº 3, 315-338. Oxfordshire: Routledge, 2009.

- RICHARDSON, Doug. **Guerra Eletrônica**. Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1986. 76p.
- ROTTMAN, Gordon e VOLSTAD, RON. **The Gulf War Armies**. Oxford: Osprey Publishing, 1993.
- ROTTMAN, Gordon. **Vietcong Fighter**. Oxford: Osprey Publishing, 2007.
- _____. **World War II Infantry Assault Tactics**. Oxford: Osprey Publishing, 2008.
- RUFFNER, Kevin e VOLSTAD, Ron. **Luftwaffe Field Divisions 1941-45**. Oxford: Osprey Publishing, 1990.
- RUSSELL, James A. (Ed). **Proliferation of Weapons of Mass Destruction in the Middle East: Directions and Policy Options in the New Century**. Palgrave Macmillan, 2006.
- SAFRANCHUK, Ivan. **Beyond MAD**. *China Security*, Autumn 2006, pp. 90 – 98.
- SAGAN, Scott and WALTZ, Kenneth. **The Spread of Nuclear weapons: a debate**. New York, W.W. Norton e Company, 1995.
- SANDLER, Roberto. **O Brasil na Mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros por nazistas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAUER, Tom. **Nuclear Inertia: US Weapons Policy After the Cold War**. I. B. Tauris, 2005.
- SHELLING, Thomas C. **Abolition of Ballistic Missiles**. *International Security*, The MIT Press Vol. 12, No. 1. (Summer, 1987), 6p.
- SCRIBANO, Adrian. **Introducción al proceso de investigación en Ciencias Sociales**. Argentina: Editorial Copiar, 2002.
- SEVERSKY, Major A.P. **A Vitória Pela Força Aérea**. Belo Horizonte, Itatiaia. 1988, 307p.
- SCHWARTZ, Stephen. (ed.) **Atomic Audit: The Costs and Consequences of US Nuclear Weapons Since 1940**. Washington: The Brookings Institute, 1998.
- SIMKIS, Peter. **The First World War (2): the Western Front 1914-1916**. Oxford: Osprey Publishing, 2003.
- SIMONOV, Vladímir. **Rusia está por abandonar el Tratado sobre Fuerzas Convencionales en Europa** RIA Novosti. 27/04/2007. (On-line) <http://sp.rian.ru/analysis/20070427/64547287.html> Acesso em 28 abr. 2007.
- SMITH, Derek D. **Deterring America: Rogue States and the Proliferation of Weapons of Mass Destruction**. Cambridge University Press, 2006.
- SINODEFENCE. **PLA Troops Arrives in Russia for Joint Exercise**. (on-line) <http://www.sinodefence.com/news/2007/news07-07-28.asp> Acesso em 12 dez. 2007.
- SILVA, Heloísa. **Da Substituição de Importações à Substituição de Exportações: a política de comércio exterior brasileira de 1945 a 1979**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- SNOW, Donald M. **National Security for a New Era: Globalization and Geopolitics**. New York, St. Martin's Press, 2004.

- SOKOLOV, Anatoly. **Upgrading Army and Systems: Enhanced Capabilities at Lower Costs** In. *Defense Technologies*, v.1, n° 1, 2003. <http://www.arms-tass.su/data/Files/File/6.pdf> Acesso em 06 set. 2006.
- SOUZA, Phillip. **The Peloponnesian War 431-404 B.C.** Oxford: Osprey Publishing, 2002.
- SPRINZ, Detlef F. e WOLINSKY-NAHMIAS, Yael. [ed.]. **Models, Numbers e Cases: methods for studying international relations.** Michigan, The University of Michigan Press, 2004.
- STOKES, Mark A. **China's Directed Energy Weapons.** Appendix IV. In. STOKES, Mark A. *China's Strategic Modernization: Implications for The United States.* September 1999. (On-line) <http://www.fas.org/nuke/guide/china/doctrine/chinamod.pdf> Acesso em 06 jul. 2006.
- STRATMAG. **Russia showcases new electronic warfare weapons.** *Strategic Affairs*, n°. 0031/Issue: 01 de novembro de 2001. (On-line). <http://www.stratmag.com/issue2Nov-1/page02.htm#a06>. Acesso em 09 abr. 2007.
- SZAFRANSKI, Richard. **A Theory of Information Warfare: Preparing For 2020.** *Airpower Journal*: Spring 1995
- TERZUOLO, Eric. **NATO and Weapons of Mass Destruction: Regional Alliance, Gobal Threats.** Londres, Routledge, 2005.
- THING, Lowell. **Dicionário de tecnologia.** São Paulo: Futura, 2003, 1014 p.
- THORNBOROUGH, Anthony. **Modern Fighter Aircraft Technology And Tactics: Into combat with today's fighter pilots.** Londres: Patrick Stephens Limited, 1995, 204 p.
- TILLY, Charles. **Coerção, Capital e Estados Europeus: 990-1992.** São Paulo, EdUSP, 1996, 357 p.
- _____. **Coercion, Capital, and European States, AD 990–1992.** Hoboken: John Wiley Professional, 1992.
- _____. **The Politics of Collective Violence.** Cambridge-UK, Cambridge University Press, 2003.
- _____. **Democracy.** New York: Cambridge University Press, 2007.
- _____. **Why?** Princeton: Princeton University, 2006.
- _____. **Regimes and Repertoires.** Chicago: Chicago University Press, 2006.
- _____. **Credit and Blame.** Princeton: Princeton University, 2008.
- _____. **Contentious Performances.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- _____. **Work Under Capitalism.** New York: Perseus Books, 1998.
- _____. **Popular Contention in Great Britain, 1758–1834.** Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- _____. **Durable Inequality.** Bekerley: California University Press, 1998.
- _____. **From Mobilization to Revolution.** New York: McGraw-Hill Professional, 1978.

- _____. ***Trust and Rule***. Cambridge USA, 2005
- _____. ***Contention e Democracy in Europe, 1650–2000***. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. ***From Contentions to Democracy***. Lanham: Rowman and Little Field, 2005.
- _____. ***European Revolutions, 1492–1992***. Hoboken: John Wiley Professional, 1993.
- TODD, Emmanuel. ***Après l'Empire: essai sur la décomposition du système américain***. Paris: Gallimard, 2002.
- THOMPSON, Edward. **Notas Sobre o Exterminismo, o Estágio Final da Civilização**. In.: *Exterminismo e Guerra Fria*. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985. p. 16-56.
- TRINDADE, H. e NOLL, M. **Rio Grande da América do Sul: partidos e eleições (1823-1990)**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS)/Sulina, 1991.
- UNITED NATIONS. ***World Population Prospects: the 2008 revision highlights***. New York: United Nations, 2009.
- UNITED STATES. ***Cia World Factbook 2009***.
<https://www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/fields/2026.html?countryName=ParaguayecountryCode=paeregionCode=pa> Acesso em 03 ago. 2009.
- VALASKASKIS, K. ***Le Canada des Années 90: effondrement ou renaissance?*** Montréal: Publications Transcontinental Inc., 1990.
- VAN EVERA, Stephen. ***Guide to methods for students of Political Science***. Ithaca-NY, Cornell University Press, 1997.
- VASQUEZ, John. [ed.]. ***What do we know about war?*** Lanham-MD, Rowman e Littlefield, 2000.
- VEDOMOSTI (periódico) ***¿Está dispuesta Rusia a protegerse con el escudo antimisiles?*** Moscú: RIA Novosti (10/03/2005)
<http://sp.rian.ru/analysis/20050310/40560681.html> Acesso em 06 mai. 2007.
- VIZENTINI, Paulo G. F. ***Guerra do Vietname***. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1991. [Segunda Edição].
- _____. ***Segunda Guerra Mundial: História e Relações Internacionais, 1931-1945***. Porto Alegre, Ed. UFRGS: 1988.120p.
- _____. (Org.) ***A Revolução Soviética (195/1945)***. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- _____. ***Da Guerra Fria à Crise (1945-1990): as relações internacionais contemporâneas***. Porto Alegre, Ed. UFRGS: 1990.114p.
- _____. (Org.) ***A Grande Crise: a nova (des)ordem internacional dos anos 80 e 90***. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. ***As Guerras Mundiais (1914-1945)***. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

_____. “**As relações internacionais da Bolívia: os desafios da globalização e da integração**”. In: ARAÚJO, Heloísa. (Org.) *Os países da Comunidade Andina*. Brasília: IPRI/FUNAG, p. 343-386.

WALLING, Eileen M., **High Power Microwaves: Strategic and Operational Implications for Warfare**. Air University. Air War College. Center for Strategy and Technology. Occasional Paper No. 11. Montgomery, Alabama: Maxwell Air Force Base, February 2000, 40 p.

WALTZ, Kenneth. **Structural Realism after the Cold War**. *International Security*, Vol. 25, No. 1 (Summer 2000), pp. 5–41.

_____. **Theory of International Politics**. Londres: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.

_____. **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.

_____. **Theory of International Politics**. (2^a ed.) Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1983.

WANG, Zhongchun. **Nuclear Challenges and China's Choices**. *China Security*, Winter 2007, pp. 52 – 65

WILKINSON-LATHAM, Robert. **The Royal Navy 1790 - 1970**. Oxford: Osprey Publishing, 1977. 39 págs.

WILDEGGER-GAISSMAIER, Anna. **Aspects of thermobaric weaponry**. *ADF Health*. Vol. 4, number 01, 2003. pp. 03-06.

WILSON Clay. **High Altitude Electromagnetic Pulse (HEMP) and High Power Microwave (HPM) Devices: Threat Assessments**. CRS Report. August 20, 2004.

WOHLFORTH, William. **The Stability of a Unipolar World**. *International Security*. 24(1) (Summer 1999).

WOOD, Ellen. **Empire of the Capital**. New York: Verso, 2003.

ZALOGA, Steven. **Inside Soviet Army Today**. Oxford: Osprey Publishing, 1987.

ZHU, Feng. **Shifting Tides: China e North Korea**. In: *China Security*, Autum 2006, pp. 35 – 50.

ZLATICH, Marko. **Washington's Army 1779 – 1783: (2)**. Oxford: Osprey Publishing, 1995. 47 págs.

ANEXOS:

Anexo A - Tabela 1 - Dados do Gráfico 1:

Estado:	Força de trabalho:	População Absoluta:	Anos para a Estabilidade Democrática:
Afeganistão	15.000.000	29.863.000	10,77
Bangladesh	72.500.000	141.822.000	8,07
Egito	25.800.000	74.033.000	2,05
Iêmen	6.641.000	20.975.000	4,19
Iraque	8.175.000	28.807.000	2,05
Marrocos	11.460.000	31.478.000	2,06
Paquistão	55.880.000	157.935.000	5,75
Síria	5.772.000	19.043.000	1,92
Tunisia	3.730.000	10.102.000	1,38

Fonte: UNITED STATES, 2009: 1-10; PRZEWORSKI et al, 2003: 22 e UNITED STATES, 2009.

Anexo B - Tabela 2 - Dados do Gráfico 2:

Estados	População (hab):
Rússia	49.538.000
Áustria	35.000.000
França	33.000.000
Grã-Bretanha	24.273.000
Confederação Alemã	14.205.000
Espanha	14.032.000
Prússia	13.093.000
Turquia	8.600.000
Reino de Nápoles	7.622.000
Reinos Italianos	5.000.000
Piemonte-Sardenha	4.450.000
Suécia e Noruega	4.000.000
Bélgica	3.827.000
Portugal	3.530.000
Holanda	2.750.000
Suíça	2.000.000
Dinamarca	2.000.000
Grécia	1.000.000

Fonte: HOBSBAWN, 2007: 436-437.

Anexo C - Tabela 3 - Dados dos gráficos 3 e 4.

População Mundial de 1950 a 2050					
País/Ano	1950	2009	2015	2025	2050
Mundo	2.529.346.000	6.829.369.000	7.302.186.000	8.011.533.000	9.149.984.000
Albânia	1.215.000	3.155.000	3.256.000	3.395.000	3.303.000
Alemanha	68.376.000	82.167.000	81.346.000	79.258.000	70.504.000
Bélgica	8.628.000	10.647.000	10.878.000	11.191.000	11.493.000
Bielorrússia	7.745.000	9.634.000	9.355.000	8.851.000	7.275.000
Bósnia-Herzegovina	2.661.000	3.767.000	3.727.000	3.608.000	3.008.000
Bulgária	7.251.000	7.545.000	7.263.000	6.752.000	5.392.000
Chipre	494.000	871.000	925.000	1.014.000	1.175.000
Croácia	3.850.000	4.416.000	4.370.000	4.254.000	3.825.000
Dinamarca	4.271.000	5.470.000	5.523.000	5.590.000	5.551.000
Eslováquia	3.463.000	5.406.000	5.437.000	5.413.000	4.917.000
Eslovênia	1.473.000	2.020.000	2.044.000	2.050.000	1.054.000
Espanha	28.009.000	44.904.000	47.203.000	49.265.000	51.260.000
Estônia	1.101.000	1.340.000	1.337.000	1.321.000	1.233.000
Finlândia	4.009.000	5.326.000	5.432.000	5.533.000	5.445.000
França	41.832.000	62.343.000	63.900.000	65.769.000	67.668.000
Grécia	7.566.000	11.161.000	11.261.000	11.274.000	10.939.000
Holanda	10.114.000	16.592.000	16.915.000	17.348.000	17.399.000
Hungria	9.338.000	9.993.000	9.874.000	9.647.000	8.943.000
Irlanda	2.969.000	4.515.000	4.886.000	5.370.000	6.295.000
Itália	46.367.000	59.870.000	60.604.000	60.018.000	57.066.000
Letônia	1.949.000	2.249.000	2.197.000	2.101.000	1.854.000
Lituânia	2.567.000	3.287.000	3.143.000	2.985.000	2.579.000
Luxemburgo	296.000	486.000	520.000	582.000	733.000
Macedônia	1.230.000	2.042.000	2.045.000	2.037.000	1.857.000
Malta	312.000	409.000	417.000	426.000	413.000
Moldávia	2.341.000	3.604.000	3.462.000	3.291.000	2.764.000
Noruega	3.265.000	4.812.000	5.036.000	5.365.000	5.947.000
Polônia	24.824.000	38.074.000	37.788.000	36.964.000	32.013.000
Portugal	8.405.000	10.707.000	10.787.000	10.706.000	10.015.000
Reino Unido	50.616.000	61.565.000	63.528.000	66.601.000	72.365.000
República Tcheca	8.925.000	10.369.000	10.510.000	10.573.000	10.294.000
Romênia	16.311.000	21.275.000	20.787.000	19.961.000	17.279.000
Rússia	103.000.000	141.000.000	138.000.000	132.000.000	116.000.000
Sévia	6.732.000	9.850.000	9.828.000	9.720.000	9.193.000
Suécia	7.014.000	9.249.000	9.498.000	9.915.000	10.571.000
Suíça	4.693.000	7.568.000	7.736.000	8.020.000	8.514.000
Ucrânia	37.398.000	45.708.000	44.165.000	41.617.000	35.026.000

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10.

Anexo D - Tabela 4 - Dados do Gráfico 5:

Ano	Prontos	Desmobilizados
1990	1.049.579	223.919
1991	1.049.579	223.919
1992	1.049.579	223.919
1993	1.049.579	223.919
1994	1.049.579	223.919
1995	999.462	259.553
1996	999.462	259.553
1997	999.462	259.553
1998	999.462	259.553
1999	999.462	259.553
2000	725.771	296.004
2001	713.251	299.233
2002	699.548	304.524
2003	682.522	308.820
2004	663.209	315.477
2005	636.355	321.312
2006	631.856	325.288
2007	621.422	330.121
2008	626.892	334.258
2009	645.394	378.603
2010	651.098	383.220

Fonte: DMDC, 2011.

Anexo E - Tabela 5 - Dados do gráfico 6.

	2005	2010	2015	2020	2025	2050	Média
África	2,38	2,28	2,18	2,00	1,81	1,08	1,96
América	1,21	1,12	1,02	0,90	0,77	0,07	0,85
Ásia	1,72	1,67	1,28	1,14	0,97	0,31	1,18
Europa	0,16	0,18	0,12	0,06	0,00	-0,24	0,05
Oceania	1,41	1,25	1,12	1,00	0,93	0,38	1,01

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10.

Anexo F - Tabela 6 - Dados do gráfico 7 (em milhares de imigrantes):

Estado:	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010	2020	2030	2040
África	-137	-241	-296	-274	-402	-521	-431	-451	-446	-447
Ásia	146	23	-361	-473	-1.502	-1.286	-1.247	-1.229	-1.254	-1.256
Europa	-447	27	355	448	952	1.505	1.046	930	937	944
América Latina	-67	-316	-426	-784	-725	-1.099	-746	-619	-611	-613
América do Norte	418	398	675	984	1.591	1.286	1.280	1.268	1.273	1.270
Oceania	85	109	53	99	86	115	98	101	101	101

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 12.

Anexo G - Tabela 7 - Dados do gráfico 8

País	População 2009	Força de Trabalho	População 2050	Força de Trabalho	Acréscimo
Paquistão	181.000.000,00	56,10%	355.000.000,00	64,00%	125.659.000
Índia	1.200.000.000,00	58,70%	1.610.000.000,00	51,10%	118.310.000
Nigéria	155.000.000,00	46,60%	289.000.000,00	56,60%	91.344.000
Etiópia	82.825.000,00	51,50%	174.000.000,00	64,10%	68.879.125
República Democrática do Congo	66.020.000,00	53,50%	147.000.000,00	63,20%	57.583.300
Indonésia	230.000.000,00	61,30%	288.000.000,00	62,20%	38.146.000
Filipinas	91.983.000,00	59,60%	146.000.000,00	61,10%	34.384.132
Bangladesh	162.000.000,00	62,50%	222.000.000,00	60,60%	33.282.000
Tanzânia	43.739.000,00	67,10%	109.000.000,00	56,40%	32.127.131
Afeganistão	28.150.000,00	50,10%	73.938.000,00	61,10%	31.072.968
Estados Unidos da América	315.000.000,00	61,80%	404.000.000,00	55,60%	29.954.000
Egito	82.999.000,00	60,40%	130.000.000,00	60,20%	28.128.604
Níger	15.290.000,00	58,70%	58.216.000,00	60,20%	26.070.802
Sudão	42.272.000,00	55,40%	75.884.000,00	64,50%	25.526.492
Uganda	32.710.000,00	65,40%	91.271.000,00	51,20%	25.338.412
Iêmen	23.580.000,00	52,40%	53.689.000,00	64,00%	22.005.040
México	110.000.000,00	56,40%	129.000.000,00	63,40%	19.746.000
Burkina Fasso	15.757.000,00	50,40%	40.830.000,00	62,10%	17.413.902
Quênia	39.802.000,00	61,40%	85.410.000,00	48,30%	16.814.602
Angola	18.498.000,00	51,10%	42.267.000,00	61,80%	16.668.528
Costa do Marfim	21.075.000,00	53,30%	43.373.000,00	63,00%	16.092.015
Moçambique	22.894.000,00	57,30%	44.148.000,00	64,40%	15.313.050
Gana	23.837.000,00	55,90%	45.213.000,00	61,40%	14.435.899
Nepal	29.331.000,00	57,60%	49.028.000,00	63,60%	14.287.152
Iraque	30.747.000,00	68,90%	63.995.000,00	54,80%	13.884.577
Camarões	19.522.000,00	53,70%	36.736.000,00	62,80%	12.586.894
Malaví	15.263.000,00	63,00%	36.575.000,00	59,50%	12.146.435
Vietnã	88.069.000,00	61,80%	112.000.000,00	59,30%	11.989.358
Arábia Saudita	25.721.000,00	63,10%	43.658.000,00	62,40%	11.012.641
Turquia	74.816.000,00	64,50%	97.389.000,00	60,70%	10.858.803
Malásia	27.468.000,00	52,50%	39.664.000,00	62,80%	10.488.292
Guatemala	14.027.000,00	51,70%	27.480.000,00	64,10%	10.362.721
Venezuela	28.583.000,00	56,10%	42.042.000,00	62,30%	10.157.103
Madagascar	19.625.000,00	65,50%	42.693.000,00	52,70%	9.644.836
Guiné	10.069.000,00	52,10%	23.975.000,00	62,10%	9.642.526
Benin	8.935.000,00	51,90%	21.982.000,00	61,90%	8.969.593
Somália	9.133.000,00	60,20%	23.522.000,00	61,20%	8.897.398

Irã	74.196.000,00	64,20%	96.975.000,00	57,70%	8.320.743
Colômbia	45.660.000,00	62,50%	62.877.000,00	58,50%	8.245.545
Zâmbia	12.935.000,00	65,60%	28.957.000,00	56,60%	7.904.302
Mali	13.010.000,00	66,00%	28.260.000,00	58,00%	7.804.200
Zimbábue	12.523.000,00	49,00%	22.178.000,00	62,40%	7.702.802
Senegal	12.534.000,00	63,60%	26.102.000,00	59,20%	7.480.760
Tailândia	67.764.000,00	58,10%	73.361.000,00	63,80%	7.433.434
Peru	29.165.000,00	58,50%	39.776.000,00	61,00%	7.201.835
Síria	21.096.000,00	62,90%	36.911.000,00	53,50%	6.478.001
Camboja	14.805.000,00	61,00%	23.795.000,00	62,70%	5.888.415
Argélia	34.895.000,00	65,90%	49.610.000,00	57,50%	5.529.945
Serra Leoa	5.696.000,00	52,50%	12.446.000,00	63,60%	4.925.256
Argentina	40.276.000,00	60,30%	50.943.000,00	57,30%	4.903.911
Togo	6.619.000,00	50,20%	13.196.000,00	61,30%	4.766.410
África do Sul	50.110.000,00	62,40%	56.802.000,00	63,30%	4.687.026
Ruanda	9.998.000,00	64,80%	22.082.000,00	49,70%	4.496.050
Burundi	8.303.000,00	57,30%	14.846.000,00	62,30%	4.491.439
Reino Unido	61.565.000,00	63,40%	72.365.000,00	60,10%	4.459.155
Uzbequistão	27.488.000,00	59,00%	36.436.000,00	55,80%	4.113.368
Eritreia	5.073.000,00	54,40%	10.787.000,00	62,70%	4.003.737
Haiti	10.033.000,00	57,20%	15.485.000,00	61,70%	3.815.369
Bolívia	9.863.000,00	56,70%	14.908.000,00	62,50%	3.725.179
República Dominicana	10.090.000,00	49,10%	13.441.000,00	63,50%	3.580.845
Honduras	7.466.000,00	56,50%	12.402.000,00	62,80%	3.570.166
Papua Nova Guiné	6.732.000,00	61,20%	12.871.000,00	58,70%	3.435.293
Myanmar	50.020.000,00	63,10%	63.373.000,00	54,50%	2.975.665
Líbia	6.420.000,00	52,40%	9.819.000,00	62,50%	2.772.795
Sri Lanka	20.238.000,00	50,80%	21.705.000,00	59,90%	2.720.391
Libéria	3.955.000,00	64,40%	8.841.000,00	57,20%	2.510.032
Paraguai	6.349.000,00	56,90%	9.867.000,00	62,00%	2.504.959
Equador	13.625.000,00	59,70%	17.989.000,00	58,60%	2.407.429
Congo	3.683.000,00	53,80%	6.863.000,00	63,10%	2.349.099
Tadjiquistão	6.952.000,00	61,90%	11.111.000,00	59,60%	2.318.868
Austrália	21.293.000,00	61,90%	28.724.000,00	53,80%	2.273.145
Emirados Árabes Unidos	4.599.000,00	78,90%	8.253.000,00	68,50%	2.024.694
Canadá	33.573.000,00	64,00%	44.414.000,00	52,60%	1.875.044
Nicarágua	5.743.000,00	57,30%	8.143.000,00	63,10%	1.847.494
Laos	6.320.000,00	72,80%	10.744.000,00	58,10%	1.641.304
Suécia	9.249.000,00	55,20%	10.571.000,00	63,00%	1.554.282
Irlanda	4.515.000,00	54,20%	6.295.000,00	63,00%	1.518.720

República Centro-Africana	4.422.000,00	60,10%	7.603.000,00	54,70%	1.501.219
Gâmbia	1.705.000,00	52,80%	3.763.000,00	63,40%	1.485.502
Panamá	3.454.000,00	50,70%	5.092.000,00	62,60%	1.436.414
Kuwait	2.985.000,00	60,00%	5.240.000,00	61,50%	1.431.600
Guiné-Bissau	1.611.000,00	52,00%	3.555.000,00	61,60%	1.352.160
Quirguízia	5.482.000,00	53,10%	6.882.000,00	61,90%	1.349.016
Marrocos	31.993.000,00	63,20%	42.583.000,00	50,50%	1.284.839
Mauritânia	3.291.000,00	66,10%	6.061.000,00	56,80%	1.267.297
El Salvador	6.163.000,00	57,70%	7.882.000,00	60,70%	1.228.323
Noruega	4.812.000,00	52,60%	5.947.000,00	63,10%	1.221.445
Israel	7.170.000,00	63,10%	10.649.000,00	51,70%	981.263
Jordânia	6.316.000,00	56,90%	10.241.000,00	44,60%	973.682
Omã	2.845.000,00	61,70%	4.878.000,00	54,30%	893.389
Gabão	1.475.000,00	57,50%	2.471.000,00	63,10%	711.076
Namíbia	2.171.000,00	65,20%	3.588.000,00	58,40%	679.900
Uruguai	3.361.000,00	47,30%	3.637.000,00	61,60%	650.639
Costa Rica	4.579.000,00	65,00%	6.373.000,00	56,40%	618.022
Botsuana	1.950.000,00	60,90%	2.758.000,00	64,10%	580.328
Guiné Equatorial	676.000,00	54,80%	1.445.000,00	61,70%	521.117
Sévia	9.850.000,00	53,10%	9.193.000,00	62,50%	515.275
Djibouti	864.000,00	58,60%	1.469.000,00	63,50%	426.511
Lesoto	2.067.000,00	57,00%	2.491.000,00	62,80%	386.158
Catar	1.409.000,00	82,00%	2.316.000,00	66,20%	377.812
Chile	16.970.000,00	64,50%	20.657.000,00	54,80%	374.386
Nova Zelândia	4.266.000,00	63,30%	5.349.000,00	56,90%	343.203
Turquemenistão	5.110.000,00	67,20%	6.796.000,00	55,20%	317.472
Barein	791.000,00	70,00%	1.277.000,00	59,40%	204.838
Mongólia	2.671.000,00	68,10%	3.446.000,00	58,00%	179.729
Butão	697.000,00	62,40%	1.013.000,00	59,80%	170.846
Azerbaijão	8.832.000,00	67,20%	10.579.000,00	57,40%	137.242
Brunei	400.000,00	67,60%	658.000,00	60,90%	130.322
Belize	307.000,00	59,10%	506.000,00	61,40%	129.247
Maldivas	309.000,00	49,00%	445.000,00	62,40%	126.270
Cabo Verde	506.000,00	58,40%	703.000,00	59,90%	125.593
Cazaquistão	15.637.000,00	66,20%	17.848.000,00	58,60%	107.234
Suíça	7.568.000,00	58,80%	8.514.000,00	53,30%	87.978
Chipre	871.000,00	64,10%	1.175.000,00	54,10%	77.364
Trinidad e Tobago	1.339.000,00	54,40%	1.278.000,00	62,50%	70.334
Luxemburgo	486.000,00	63,80%	733.000,00	51,80%	69.626
Malta	409.000,00	52,00%	413.000,00	62,00%	43.380

Fiji	849.000,00	60,80%	910.000,00	61,30%	41.638
Bahamas	342.000,00	64,50%	455.000,00	56,60%	36.940
Suriname	520.000,00	61,70%	619.000,00	52,50%	4.135

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10.

Anexo H - Tabela 8 - Dados do gráfico 9:

País	População 2009	Força de Trabalho	População 2050	Força de Trabalho	Decréscimo
China	1.350.000.000,00	67,90%	1.420.000.000,00	53,70%	154.110.000
Japão	127.000.000,00	60,00%	102.000.000,00	58,30%	16.734.000
Alemanha	82.167.000,00	60,80%	70.504.000,00	47,90%	16.186.120
Coréia do Sul	48.333.000,00	68,10%	44.077.000,00	47,80%	11.845.967
Ucrânia	45.708.000,00	64,40%	35.026.000,00	58,00%	9.120.872
Polônia	38.074.000,00	65,10%	32.013.000,00	57,20%	6.474.738
Rússia	141.000.000,00	53,90%	116.000.000,00	61,10%	5.123.000
Chade	11.206.000,00	49,80%	2.776.000,00	61,40%	3.876.124
Espanha	44.904.000,00	62,90%	51.260.000,00	47,70%	3.793.596
Romênia	21.275.000,00	63,00%	17.279.000,00	57,90%	3.398.709
Cuba	11.204.000,00	65,50%	9.275.000,00	49,50%	2.747.495
Bielorrússia	9.634.000,00	67,10%	7.275.000,00	51,60%	2.710.514
Bulgária	7.545.000,00	62,40%	5.392.000,00	47,50%	2.146.880
Itália	59.870.000,00	58,00%	57.066.000,00	57,10%	2.139.914
França	62.343.000,00	58,90%	67.668.000,00	51,20%	2.074.011
Brasil	194.000.000,00	64,20%	219.000.000,00	56,00%	1.908.000
Hungria	9.993.000,00	63,00%	8.943.000,00	52,20%	1.627.344
Grécia	11.161.000,00	61,80%	10.939.000,00	48,80%	1.559.266
Portugal	10.707.000,00	60,50%	10.015.000,00	52,30%	1.239.890
Eslováquia	5.406.000,00	67,40%	4.917.000,00	50,40%	1.165.476
Geórgia	4.260.000,00	64,30%	3.267.000,00	52,10%	1.037.073
Bósnia-Herzegovina	3.767.000,00	65,80%	3.008.000,00	49,10%	1.001.758
Áustria	8.364.000,00	62,20%	8.515.000,00	50,20%	927.878
Coréia do Norte	23.906.000,00	64,10%	24.562.000,00	58,70%	905.852
Holanda	16.592.000,00	60,80%	17.399.000,00	52,90%	883.865
Croácia	4.416.000,00	61,80%	3.825.000,00	50,50%	797.463
Eslovênia	2.020.000,00	64,30%	1.054.000,00	48,70%	785.562
Macedônia	2.042.000,00	75,80%	1.857.000,00	46,10%	691.759
Cingapura	4.737.000,00	68,50%	5.221.000,00	49,20%	676.113
Lituânia	3.287.000,00	63,40%	2.579.000,00	57,90%	590.717
Bélgica	10.647.000,00	60,20%	11.493.000,00	51,60%	479.106
Tunísia	10.272.000,00	69,00%	12.711.000,00	52,90%	363.561
Jamaica	2.719.000,00	59,50%	2.683.000,00	47,40%	346.063
Finlândia	5.326.000,00	59,30%	5.445.000,00	52,30%	310.583
Estônia	1.340.000,00	62,40%	1.233.000,00	51,40%	202.398
Dinamarca	5.470.000,00	58,80%	5.551.000,00	54,60%	185.514
Albânia	3.155.000,00	63,10%	3.303.000,00	54,70%	184.064
Líbano	4.224.000,00	63,80%	5.033.000,00	50,00%	178.412

Guiana	762.000,00	61,20%	558.000,00	57,30%	146.610
República Tcheca	10.369.000,00	59,90%	10.294.000,00	59,10%	127.277
Armênia	3.083.000,00	56,30%	3.018.000,00	53,60%	118.081
Moldávia	3.604.000,00	51,00%	2.764.000,00	62,80%	102.248
Letônia	2.249.000,00	54,30%	1.854.000,00	62,80%	56.895
Barbados	256.000,00	67,80%	237.000,00	49,40%	56.490
Antilhas Holandesas	198.000,00	64,00%	192.000,00	46,80%	36.864

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10.

Anexo I - Tabela 9 - Dados dos gráficos 10, 11 e 13.

População Mundial de 1950 a 2050					
País/Ano	1950	2009	2015	2025	2050
Afeganistão	8.151.000	28.150.000	34.246.000	44.970.000	73.938.000
China	544.951.000	1.345.751.000	1.395.998.000	1.453.140.000	1.417.045.000
Índia	371.857.000	1.198.003.000	1.294.192.000	1.431.272.000	1.613.800.000
Paquistão	41.177.000	180.808.000	205.504.000	246.286.000	355.195.000
República Democrática do Congo	12.184.000	66.020.000	77.419.000	98.123.000	147.152.000
Uganda	5.158.000	32.710.000	39.710.000	53.406.000	91.271.000

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10.

Anexo J - Tabela 10 - Dados do Gráfico 12:

País	1950	2009	2050
Albânia	1.215.000	3.155.000	3.303.000
Afeganistão	8.151.000	28.150.000	73.938.000
Arábia Saudita	3.201.000	25.721.000	43.658.000
Argélia	8.753.000	34.895.000	49.610.000
Azerbaijão	2.896.000	8.832.000	10.579.000
Bangladesh	43.595.000	162.000.000	222.000.000
Barein	116.000	791.000	1.277.000
Brunei	48.000	400.000	658.000
Burkina Fasso	4.080.000	15.757.000	40.830.000
Catar	25.000	1.409.000	2.316.000
Cazaquistão	6.703.000	15.637.000	17.848.000
Chade	2.429.000	11.206.000	2.776.000
Djibouti	62.000	864.000	1.469.000
Egito	21.514.000	82.999.000	130.000.000
Emirados Árabes Unidos	70.000	4.599.000	8.253.000
Gâmbia	258.000	1.705.000	3.763.000
Guiné	2.619.000	10.069.000	23.975.000
Iêmen	4.316.000	23.580.000	53.689.000
Indonésia	77.152.000	230.000.000	288.000.000
Irã	16.913.000	74.196.000	96.975.000
Iraque	5.719.000	30.747.000	63.995.000
Jordânia	472.000	6.316.000	10.241.000
Kuwait	152.000	2.985.000	5.240.000
Líbano	1.443.000	4.224.000	5.033.000
Líbia	1.029.000	6.420.000	9.819.000
Malásia	6.110.000	27.468.000	39.664.000
Maldivas	82.000	309.000	445.000
Mali	4.268.000	13.010.000	28.260.000
Marrocos	8.953.000	31.993.000	42.583.000
Mauritânia	651.000	3.291.000	6.061.000
Níger	2.462.000	15.290.000	58.216.000
Nigéria	36.680.000	155.000.000	289.000.000
Omã	456.000	2.845.000	4.878.000
Paquistão	41.177.000	181.000.000	355.000.000
Quirguízia	1.740.000	5.482.000	6.882.000
Senegal	2.416.000	12.534.000	26.102.000
Serra Leoa	1.944.000	5.696.000	12.446.000
Síria	3.536.000	21.096.000	36.911.000
Somália	2.264.000	9.133.000	23.522.000

Sudão	9.190.000	42.272.000	75.884.000
Tadjiquistão	1.532.000	6.952.000	11.111.000
Tunísia	3.530.000	10.272.000	12.711.000
Turquemenistão	1.211.000	5.110.000	6.796.000
Turquia	21.484.000	74.816.000	97.389.000
Uzbequistão	6.314.000	27.488.000	36.436.000
Total	368.931.000	1.437.714.000	2.339.542.000
Demais Estados	2.160.415.000	5.391.646.000	6.809.542.000

Fonte: UNITED NATIONS, 2009 : 6-10.

Anexo L - Tabela 11 - Dados do gráfico 14.

Pirâmide Etária 2009 e 2050.								
Ano	2009	2009	2009	2009	2050	2050	2050	2050
País/distribuição	0-14	15-59	60+	80+	0-14	15-59	60+	80+
Mundo	27,20%	62,00%	10,80%	1,50%	19,60%	58,40%	21,90%	4,30%
Brasil	25,90%	64,20%	9,90%	1,40%	14,70%	56,00%	29,30%	6,50%

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 22.

Anexo M - Tabela 12 - Dados dos gráficos 15.

População Mundial de 1950 a 2050					
País/Ano	1950	2009	2015	2025	2050
Argentina	17.150.000	40.276.000	42.548.000	45.883.000	50.943.000
Bolívia	2.714.000	9.863.000	10.854.000	12.368.000	14.908.000
Brasil	53.975.000	193.734.000	202.866.000	213.802.000	218.512.000
Chile	6.082.000	16.970.000	17.926.000	19.266.000	20.657.000
Colombia	12.000.000	45.660.000	49.385.000	54.920.000	62.877.000
Equador	3.387.000	13.625.000	14.596.000	16.074.000	17.989.000
Guiana	423.000	762.000	754.000	732.000	558.000
Paraguai	1.473.000	6.349.000	7.007.000	8.026.000	9.867.000
Peru	7.632.000	29.165.000	31.197.000	34.528.000	39.776.000
Suriname	215.000	520.000	547.000	586.000	619.000

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10.

Anexo N - Tabela 13 – Dados do gráfico 16

Fertilidade Total (filhos por mulher)							
País/Ano	1975- 1980	2000- 2005	2005- 2010	2010- 2015	2015- 2020	2020- 2025	2045- 2050
Mundo	3,83	2,67	2,56	2,49	2,40	2,30	2,02
Brasil	4,31	2,25	1,90	1,70	1,60	1,52	1,72

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 35.

Anexo O - Tabela 14 - Dados dos Gráficos 17, 18 e 19:

	Rendimento (kt)	1	10	20	100	200	500	1.000
	Densidade (km ²)	Quantidade de vítimas:						
Tropas desprotegidas	35	55	255	405	1.185	1.881	3.465	5.500
Veículos e aeronaves	5	3	13	21	61	97	178	283
Tropas entrincheiradas	35	27	125	199	581	922	1.698	2.695
Veículos blindados	5	2	7	12	34	54	100	159
Estruturas de concreto	20	0	1	2	7	11	20	31
Perdas civis	250	193	894	1.418	4.147	6.583	12.127	19.250
Estruturas inabitáveis	85	262	1.215	1.929	5.640	8.953	16.492	26.180
Civis desabrigados		770	3.573	5.671	16.583	26.323	48.488	76.969
Raio da zona branca (m)		1.400	3.016	3.800	6.498	8.187	11.112	14.000
Área da zona branca (km ²)		6,15	28,56	45,34	132,58	210,46	387,72	615,44

Fonte: DUNNIGAN, 1993: 422-425.

Anexo P - Tabela 15 - Dados do gráfico 20:

País	Pirâmide Etária 14-60 anos (200-2005):	Fertilidade Média, Filhos por mulher (2045-2050):
Afeganistão	61,10%	7,35
África do Sul	63,30%	2,80
Albânia	54,70%	1,99
Alemanha	47,90%	1,35
Angola	61,80%	6,63
Antilhas Holandesas	46,80%	2,09
Arábia Saudita	62,40%	3,81
Argélia	57,50%	2,53
Argentina	57,30%	2,35
Armênia	53,60%	1,72
Austrália	53,80%	1,75
Áustria	50,20%	1,39
Azerbaijão	57,40%	2,00
Bahamas	56,60%	2,11
Bangladesh	60,60%	2,80
Barbados	49,40%	1,50
Barein	59,40%	2,51
Bélgica	51,60%	1,64
Belize	61,40%	3,35
Benin	61,90%	5,79
Bielorrússia	51,60%	1,24
Bolívia	62,50%	3,96
Bósnia-Herzegovina	49,10%	1,28
Botsuana	64,10%	3,18
Brasil	56,00%	2,25
Brunei	60,90%	2,28
Bulgária	47,50%	1,25
Burkina Fasso	62,10%	6,14
Burundi	62,30%	5,41
Butão	59,80%	3,38
Cabo Verde	59,90%	3,39
Camarões	62,80%	4,92
Camboja	62,70%	3,41
Canadá	52,60%	1,52
Catar	66,20%	2,92
Cazaquistão	58,60%	2,01
Chade	61,40%	6,54
Chile	54,80%	2,00
China	53,70%	1,77

Chipre	54,10%	1,61
Cingapura	49,20%	1,36
Colômbia	58,50%	2,55
Congo	63,10%	4,78
Coréia do Norte	58,70%	1,92
Coréia do Sul	47,80%	1,22
Costa do Marfim	63,00%	5,05
Costa Rica	56,40%	2,28
Croácia	50,50%	1,36
Cuba	49,50%	1,63
Dinamarca	54,60%	1,76
Djibouti	63,50%	4,52
Egito	60,20%	3,16
El Salvador	60,70%	2,60
Emirados Árabes Unidos	68,50%	2,49
Equador	58,60%	2,82
Eritréia	62,70%	5,19
Eslováquia	50,40%	1,22
Eslovênia	48,70%	1,23
Espanha	47,70%	1,29
Estados Unidos da América	55,60%	2,04
Estônia	51,40%	1,39
Etiópia	64,10%	5,87
Fiji	61,30%	2,98
Filipinas	61,10%	3,34
Finlândia	52,30%	1,75
França	51,20%	1,88
Gabão	63,10%	3,78
Gâmbia	63,40%	5,46
Gana	61,40%	4,54
Geórgia	52,10%	1,58
Grécia	48,80%	1,28
Guatemala	64,10%	4,60
Guiana	57,30%	2,43
Guiné	62,10%	5,80
Guiné Equatorial	61,70%	5,64
Guiné-Bissau	61,60%	5,83
Haiti	61,70%	4,00
Holanda	52,90%	1,73
Honduras	62,80%	3,72
Hungria	52,20%	1,30

Iêmen	64,00%	5,90
Índia	51,10%	3,11
Indonésia	62,20%	2,38
Irã	57,70%	2,12
Iraque	54,80%	4,63
Irlanda	63,00%	1,96
Israel	51,70%	2,90
Itália	57,10%	1,26
Jamaica	47,40%	2,53
Japão	58,30%	1,30
Jordânia	44,60%	3,53
Kuwait	61,50%	2,30
Laos	58,10%	3,93
Lesoto	62,80%	3,79
Letônia	62,80%	1,25
Líbano	50,00%	2,09
Libéria	57,20%	5,61
Líbia	62,50%	3,03
Lituânia	57,90%	1,28
Luxemburgo	51,80%	1,65
Macedônia	46,10%	1,56
Madagascar	52,70%	5,28
Malásia	62,80%	2,85
Malaví	59,50%	6,03
Maldivas	62,40%	2,38
Mali	58,00%	5,59
Malta	62,00%	1,45
Marrocos	50,50%	2,52
Mauritânia	56,80%	4,90
México	63,40%	2,40
Moçambique	64,40%	5,25
Moldávia	62,80%	1,50
Mongólia	58,00%	2,06
Myanmar	54,50%	2,45
Namíbia	58,40%	3,81
Nepal	63,60%	3,61
Nicarágua	63,10%	3,00
Níger	60,20%	7,38
Nigéria	56,60%	5,67
Noruega	63,10%	1,80
Nova Zelândia	56,90%	1,95
Omã	54,30%	3,80

Panamá	62,60%	2,70
Papua Nova Guiné	58,70%	4,35
Paquistão	64,00%	4,44
Paraguai	62,00%	3,48
Peru	61,00%	2,90
Polônia	57,20%	1,25
Portugal	52,30%	1,44
Quênia	48,30%	5,00
Quirguízia	61,90%	2,50
Reino Unido	60,10%	1,70
República Centro-Africana	54,70%	5,30
República Democrática do Congo	63,20%	6,70
República Dominicana	63,50%	2,83
República Tcheca	59,10%	1,19
Romênia	57,90%	1,29
Ruanda	49,70%	5,81
Rússia	61,10%	1,30
Senegal	59,20%	5,35
Serra Leoa	63,60%	5,33
Sévia	62,50%	1,72
Síria	53,50%	3,64
Somália	61,20%	6,50
Sri Lanka	59,90%	2,33
Sudão	64,50%	4,82
Suécia	63,00%	1,67
Suíça	53,30%	1,42
Suriname	52,50%	2,60
Tadjiquistão	59,60%	3,81
Tailândia	63,80%	1,81
Tanzânia	56,40%	5,66
Togo	61,30%	4,83
Trinidad e Tobago	62,50%	1,61
Tunísia	52,90%	1,97
Turquemenistão	55,20%	2,76
Turquia	60,70%	2,23
Ucrânia	58,00%	1,15
Uganda	51,20%	6,70
Uruguai	61,60%	2,20
Uzbequistão	55,80%	2,55

Venezuela	62,30%	2,72
Vietnã	59,30%	2,25
Zâmbia	56,60%	6,10
Zimbábue	62,40%	3,74

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 6-10 e 35-39.

Anexo Q - Tabela 16 – Dados do gráfico 21:**Densidade Populacional de Cabul (2020-2050)**

	Homens:	Demais:
2005-2010	9.497	18.338
2010-2015	11.051	21.337
2015-2020	12.638	24.403
2020-2025	14.206	27.430
2025-2030	15.772	30.454
2030-2035	17.316	33.435
2035-2040	18.818	36.335
2040-2045	20.262	39.123
2045-2050	21.642	41.787

Fonte: BATSON, 2008: 24.

Anexo R - Tabela 17 - Dados do Gráfico 22:

Quantidade de homens (km²)	2009	2050
Batalhão Infantaria EUA	75,00	75,00
Afeganistão	21,78	69,77
Arábia Saudita	7,54	12,65
Catar	101,02	134,06
Egito	50,06	78,15
Emirados Árabes Unidos	43,40	67,62
Iêmen	23,40	65,08
Irã	28,90	33,95
Iraque	48,80	80,78
Israel	218,56	265,97
Jordânia	36,77	46,73
Kuwait	100,52	180,86
Líbano	259,13	241,97
Omã	8,26	12,47
Paquistão	127,55	285,39
Síria	71,66	106,64
Turquia	61,91	75,84

Fonte: UNITED NATIONS, 2009: 1-10 e 16-20.